

**Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ**  
**Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde**

**RENATA CARNEIRO**

**A RELAÇÃO ENTRE NATUREZA E SOCIEDADE NOS RELATOS DE VIAGEM DE  
AUGUSTE DE SAINT-HILAIRE SOBRE MINAS GERAIS E GOIÁS (1816-1822).**

**Rio de Janeiro**

**2023**

**RENATA CARNEIRO**

**A RELAÇÃO ENTRE NATUREZA E SOCIEDADE NOS RELATOS DE VIAGEM DE  
AUGUSTE DE SAINT-HILAIRE SOBRE MINAS GERAIS E GOIÁS (1816-1822).**

Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-FIOCRUZ, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração: História das Ciências.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Lorelai Brilhante Kury.

Rio de Janeiro

2023

**RENATA CARNEIRO**

**A RELAÇÃO ENTRE NATUREZA E SOCIEDADE NOS RELATOS DE VIAGEM DE  
AUGUSTE DE SAINT-HILAIRE SOBRE MINAS GERAIS E GOIÁS (1816-1822).**

Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-FIOCRUZ, como requisito para a obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração: História das Ciências.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profª. Dra. Lorelai Brilhante Kury (Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde/Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz)- Orientadora

---

Prof. Dr. Marcos Antonio de Menezes (Programa de Pós-Graduação em História- Universidade Federal de Goiás-UFG)

---

Prof. Dr. Robert Wegner (Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde/Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz)

**Suplentes:**

---

Prof. Dr. André Luis Lima Nogueira (Instituto Superior de Educação Professor Aldo Muylaert (Isepam/FAETEC)

---

Profª. Dra. Maria Rachel de Gomensoro Fróes da Fonseca (Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde/Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz)

Rio de Janeiro

2023

C289r Carneiro, Renata.

A relação entre natureza e sociedade nos relatos de viagem de Auguste de Saint-Hilaire sobre Minas Gerais e Goiás (1816-1822) / Renata Carneiro. – Rio de Janeiro, 2023. 170 f. ; il.

Orientadora: Lorelai Brilhante Kury.

Dissertação (Mestrado Acadêmico em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz.

Bibliografia: f. 159-169.

1. História Natural. 2. Expedições. 3. História do Século XIX. 4. Brasil.

CDD 508

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da Rede de Bibliotecas da Fiocruz com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Responsável pela elaboração da ficha catalográfica: Marise Terra - CRB6-

## **AGRADECIMENTOS**

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Agradeço, antes de tudo, a Deus que deu ânimo ao meu espírito nos dias difíceis.

Ao meu filho Thiago, que mesmo sem a obrigação de entender a falta de tempo que disponho, continua sendo o maior apoiador dos meus objetivos pessoais e profissionais, juntamente com a minha mãe Maria, minhas irmãs Fernanda e Jéssica e meu cunhado Felipe.

À minha orientadora Lorelai Kury, por todo o conhecimento disseminado ao longo dos anos e por cada orientação nessa pesquisa.

Aos membros da banca, Marcos Antonio de Menezes e Robert Wegner, pela leitura cuidadosa desta dissertação e por todas as contribuições na minha qualificação.

Aos professores Daiane Rossi, Gisele Sanglard e Luiz Otávio Ferreira, pelo acolhimento no programa, no período em que amargávamos a crise sanitária da COVID-19.

Aos membros da secretaria do Programa de Pós-graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz (PPGHCS/COC), pela eficiência no trabalho e no apoio ao discente.

Aos professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), por me permitir continuar aprendendo com eles, em especial, Eduardo Ferraz e Flaviano Isolan, juntamente com todos os amigos historiadores que se formaram comigo nessa instituição, em especial Beatriz Virgínia, com quem desenvolvo trabalhos ligados à História.

Ao Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (CEASM) e toda a equipe desse espaço, por ter me ajudado a desenvolver um espírito mais crítico, e pela construção coletiva do conhecimento.

*E quanto a mim, se souber que a minha débil voz pôde ser ouvida, que alguns dos conselhos que aqui sugiro timidamente lograram frutificar, não mais lamentarei de ter passado em desertos, no meio de privações constantes longe da família e da pátria, os mais belos dias da minha existência; [...] Resgatei a dívida da hospitalidade, e minha passagem na terra não foi inútil.*

Auguste de Saint-Hilaire (1847).

## RESUMO

Nesta dissertação de mestrado, busquei examinar as narrativas de viagem construídas pelo viajante-naturalista Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853) acerca das regiões de Minas Gerais e de Goiás, percorridas entre 1816-1822. O francês coletou materiais de botânica, de zoologia, de mineralogia, mas registrou também os variados costumes regionais, entre outros. A dissertação deu ênfase à comparação que o botânico fez entre essas localidades, a fim de entender quais elementos ele encontrou em Minas Gerais que fez com que a descrevesse como sendo mais “civilizada” e menos decadente do que Goiás. Nessas descrições identificamos que para o botânico havia uma relação íntima entre a configuração natural e o comportamento humano. Para compreender essa profunda conexão entre o mundo natural e a sociedade, analisei algumas das concepções de natureza no período das viagens de Saint-Hilaire e de alguns dos outros viajantes que também estiveram no Brasil. O naturalista nasceu em um contexto de renovação das teorias hipocráticas, cuja ideia-base era de que as doenças humanas seriam causadas pelo ambiente físico e pelo clima. Dessa forma, mesmo considerando a especificidade da sua forma de construir narrativas, ou seja, não só de observação e de descrição, mas também de se propor a explicar as coisas notáveis que encontrava, o viajante partilhava com seus contemporâneos a crença na determinação do ambiente sobre as populações. Apesar da principal função de Saint-Hilaire ser a Botânica, a forma minuciosa e a riqueza de detalhes dos seus relatos nos leva ao entendimento de que o francês esteve empenhado em ser um grande especialista tanto da flora do Brasil quanto de sua história e cultura. A partir da relação social e da pesquisa geográfica, objetivava que seus escritos fossem úteis aos europeus e brasileiros. Ao perceber que na historiografia e nos estudos biológicos acerca dos relatos de viagem de Saint-Hilaire, os aspectos naturais e as questões sociais são explorados de forma separada, acredito que essa pesquisa poderá ampliar os estudos que partam do entendimento dos processos históricos a partir dos componentes naturais e vice e versa.

Palavras-Chave: Saint-Hilaire-Minas Gerais-Goiás-Literatura de viagem-Hipócrates

## RÉSUMÉ

Dans ce mémoire de maîtrise, j'ai examiné les récits de voyage construits par le naturaliste-voyageur Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853) sur les régions de Minas Gerais et Goiás, voyagé entre les années 1816 et 1822. Les Français ont collecté des matériaux de botanique, zoologie, minéralogie, mais aussi enregistré les coutumes variées régionales, entre autres. Le mémoire met l'accent sur la comparaison que le botaniste fait entre ces régions, afin de comprendre quels éléments il a trouvés dans Minas Gerais qui l'ont amené à le décrire comme étant plus "civilisé" et moins décadent que Goiás. Dans ces descriptions nous avons identifié que selon le botaniste il y avait une relation intime entre le milieu naturel et le comportement humain. Pour comprendre le lien entre le monde naturel et la société, j'ai analysé les conceptions de la nature lors des voyages de Saint-Hilaire et de quelques autres voyageurs qui étaient aussi au Brésil. Le naturaliste est né dans un contexte de renouveau des théories hippocratiques, dont l'idée-base était que les maladies humaines seraient causées par l'environnement physique et le climat. Ainsi, même en tenant compte de la spécificité de sa manière de construire des récits, c'est-à-dire non seulement l'observation et la description, mais proposant également d'expliquer les choses remarquables qu'ils ont trouvées, le voyageur a partagé avec ses contemporains la croyance en la détermination du milieu sur les populations. Bien que la fonction première de Saint-Hilaire soit la botanique, la forme soignée et la richesse des détails de ses rapports nous amènent à comprendre que le français était engagé à être un grand connaisseur de la flore du Brésil et de son histoire et culture. À partir de la relation sociale et de la recherche géographique, il visait que ses écrits ont été utiles aux européens et aux brésiliens. Sachant que dans l'historiographie et dans les études biologiques sur les récits de voyage de Saint-Hilaire, les questions sociales sont explorées séparément, je crois que cette recherche peut élargir les études qui partent de la compréhension des processus historiques de la composante naturels et vice-versa.

Mots-clés : Saint-Hilaire; Minas Gerais; Goiás; Littérature de Voyage; Hippocrate



## LISTA DE QUADROS

|                      |            |
|----------------------|------------|
| <b>Quadro 1.....</b> | <b>129</b> |
| <b>Quadro 2.....</b> | <b>132</b> |

## **LISTA DE SIGLAS**

**UERJ** - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

**IHGB** - Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

**HGCB** - História Geral da Civilização Brasileira

## SUMÁRIO

|  |         |
|--|---------|
| <b>Introdução</b> .....  | 13-34   |
| <b>Capítulo 1- O conhecimento sobre o Brasil a partir dos viajantes do século XIX</b> .....                                | 35-49   |
| 1.1 Apresentação do capítulo .....   | 35      |
| 1.2 Os relatos de viagem: “um olhar de fora” .....   | 35-37   |
| 1.3 O lugar do relato como literatura de viagem.....   | 37-40   |
| 1.3.1 A ciência romântica das viagens.....   | 40-43   |
| 1.3.2 A subjetividade nos relatos de viagem .....  | 43-46   |
| 1.4 A relação entre viagem e história natural .....  | 46-49   |
| <b>Capítulo 2- Natureza e sociedade em Saint-Hilaire e nas narrativas de viagem da primeira metade do século XIX</b> ..... | 50-79   |
| 2.1 Apresentação do capítulo .....   | 50      |
| 2.2 A cronologia das viagens pré-iluministas .....   | 50-52   |
| 2.3 A cronologia das viagens da primeira metade do século XIX.....   | 53-60   |
| 2.4 As concepções pré-iluministas sobre a natureza.....  | 60-65   |
| 2.5 A concepção de natureza no Oitocentos .....  | 66-67   |
| 2.6 Os viajantes contemporâneos de Saint-Hilaire: uma revisão bibliográfica .....  | 67-74   |
| 2.7 Natureza e sociedade em Saint-Hilaire .....  | 74-76   |
| 2.8 A questão racial: uma das variantes da história natural .....  | 76-79   |
| <b>Capítulo 3- Auguste de Saint-Hilaire: comparação entre os relatos sobre Minas Gerais e Goiás</b> .....                  | 80-153  |
| 3.1 Apresentação do capítulo .....   | 80-82   |
| 3.2. As descrições de Minas Gerais e Goiás feitas por Saint-Hilaire.....   | 82-153  |
| 3.2.1 A história de Minas .....  | 82-83   |
| 3.2.2 A história de Goiás .....  | 83-88   |
| 3.2.3 O meio ambiente de Minas .....   | 88-95   |
| 3.2.4 O meio ambiente de Goiás.....  | 95-98   |
| 3.2.5 A sociedade de Minas .....   | 99-106  |
| 3.2.5.1 Os indígenas de Minas .....  | 107-113 |

|  |                |
|--|----------------|
| 3.2.5.1.1 Malalis, Penhames, Coxopós e Monoxós ..... | 107-108        |
| 3.2.5.1.2 Os “Botocudos” .....                       | 108-113        |
| 3.2.6 A sociedade de Goiás .....                     | 113-122        |
| 3.2.6.1 Os indígenas de Goiás .....                  | 119-122        |
| 3.2.6.1.1 Os Cayapós .....                           | 119-122        |
| 3.2.7 A cultura de Minas .....                       | 122-144        |
| 3.2.7.1 Religião e instrução .....                   | 125-126        |
| 3.2.7.2 As práticas de cura .....                    | 127-136        |
| 3.2.8 A cultura de Goiás .....                       | 136-140        |
| 3.2.8.1 Religião e instrução .....                   | 136-139        |
| 3.2.8.2 As práticas de cura .....                    | 140            |
| 3.2.9 A economia de Minas .....                      | 141-144        |
| 3.2.9.1 A atividade de mineração .....               | 141-144        |
| 3.2.9.2 A atividade agrícola .....                   | 144-147        |
| 3.2.10 A economia de Goiás .....                     | 147-150        |
| 3.2.10.1 A atividade de mineração .....              | 147-148        |
| 3.2.10.2 A atividade agrícola .....                  | 149-150        |
| 3.2.11 A ordem judiciária em Minas .....             | 150-151        |
| 3.2.12 A ordem judiciária em Goiás .....             | 152-153        |
| <b>Considerações finais</b> .....                    | <b>154-158</b> |
| <b>Referências</b> .....                             | <b>159-169</b> |
| <b>Anexos</b> .....                                  | <b>170</b>     |

## Introdução

### Quem foi Auguste de Saint-Hilaire?

Durante as aulas de Historiografia II ministrada no curso de História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, tive a oportunidade de conhecer parte da produção historiográfica sobre o Brasil que havia sido produzida na primeira metade do século XIX, e que se baseava nos relatos de viagem como fonte e interpretação sobre o país. Entre os viajantes que li naquele período, um naturalista francês me chamou atenção pela forma de registrar minuciosamente os múltiplos aspectos do país, ultrapassando o campo das ciências naturais. O viajante era o botânico Auguste de Saint-Hilaire.

O objeto de estudo desta pesquisa são os relatos produzidos pelo viajante Auguste de Saint-Hilaire acerca das províncias<sup>1</sup> de Minas Gerais e de Goiás entre 1816 e 1822. Auguste François César Prouvençal de Saint-Hilaire nasceu na cidade de Orléans, França, no dia 4 de outubro de 1779. Seu pai pertencia a uma “nobreza de função”, tendo relações importantes com a sociedade de letrados e de clérigos das diversas instituições em Orléans. O ramo materno possuía uma das mais importantes refinarias de açúcar orleanense. Esses mesmos grupos de empresários e de proprietários de terra participavam da criação de novas instituições científicas e filosóficas no fim do século XVIII, entre elas, a Academia de Ciências daquela cidade. Vittu (2021) destacou que foi nesse quadro geográfico, social e cultural que Saint-Hilaire recebeu sua formação geral, após se iniciar na Botânica, que reconheceria como sua “verdadeira vocação”. Na juventude ele tinha ido à Alemanha aprender técnicas de refino. Ainda segundo o autor, o aprofundamento na prática do alemão lhe permitiu familiarizar-se com as obras de Alexander von Humboldt<sup>2</sup> e com as teorias de Goethe sobre as plantas<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> Quando Saint-Hilaire esteve no país as regiões percorridas por ele se chamavam capitâneas, que foram as subdivisões territoriais formadas desde o início da colonização. Após 1821 a maioria dessas capitâneas tornou-se províncias. Por isso, quando começou a publicar os relatos, em 1830, se referiu aos territórios visitados como províncias.

<sup>2</sup> Alexander von Humboldt (1769-1859) foi um explorador alemão que percorreu a América do Sul, desde Caracas até as fontes do rio Oniroco, e desde Bogotá a Quito pela região Andina, e as colônias espanholas do México. Na obra “Cosmos” comunicou a excitação intelectual e a necessidade prática da investigação científica. Demonstrou que não poderia haver conhecimento científico sem experimentação verificável. Extraído de <http://www.revistahcsm.coc.fiocruz.br/1859-morre-na-alemanha-alexander-von-humboldt/>

<sup>3</sup> IN VITTU, Jean Pierre. O inspirador Saint-Hilaire. IN: SANTOS JR., Amador dos (Org.). *Minas gerais e Orleans: olhares no Caminho Saint-Hilaire*. Belo Horizonte: Ramallete, 2021. 215 p.: il, p&b. color.

Apesar de ser conhecido no Brasil como um dos principais intérpretes da natureza e da sociedade do país, Saint-Hilaire não é tão conhecido na França, pois foi sobre o Brasil que produziu, em grande parte de sua vida, copiosas narrativas. Além disso, o botânico construiu um rico herbário com a coleção que formou durante sua estada no país. Mesmo que não tivesse tido um aprendizado formal de história natural, a posição social de Saint-Hilaire e a rede de homens de ciência que o envolvia permitiu com que ele fosse percebido como um naturalista.<sup>4</sup> Kury (2021) ressalta que pouco se sabe sobre a infância de Saint-Hilaire. Acerca de sua formação, durante os anos iniciais de sua vida, o botânico escreveu em sua obra sobre o Distrito dos Diamantes que foi aluno no Colégio real e militar em Pontlevoy<sup>5</sup>.

Em 1816, com trinta e seis anos, o botânico conseguiu permissão para estar na comitiva do Duque de Luxemburgo, que vinha ao Brasil para discutir o futuro da Guiana Francesa, ocupada por Portugal em 1809 no contexto das Guerras Napoleônicas<sup>6</sup>. No entanto, a comissão de Luxemburgo, visando sobretudo a negociação da devolução da Guiana, ficou apenas alguns meses no país. Já Saint-Hilaire, retornou a França somente em 1822.

Durante sua carreira Saint-Hilaire manteve correspondência com alguns personagens influentes que circulavam nas instituições ligadas à história natural. Kury (2021) ressalta que o botânico era correspondente de Augustin de Candolle (1778-1841) e que possivelmente conhecia Antoine-Laurent de Jussieu (1748-1836), René Desfontaines (1750-1833) e André Thouin (1747-1824), além de ser amigo de Joseph-Philippe François Deleuze (1753-1853). Nas correspondências com personalidades do mundo científico, Saint-Hilaire comunicava suas concepções, crenças, expunha conceitos e métodos de aplicação e aclimatação de espécies.

Quando esteve no Brasil, Saint-Hilaire já era botânico, e quando do seu retorno à França se dedicou a produzir obra bastante vasta acerca de sua passagem pelo Brasil, e que foi distribuída em quatro grandes viagens. Por causa de sua doença<sup>7</sup>, Saint-Hilaire passava temporadas em Montpellier, onde escreveu a sua “Voyages dans L’intérieur du Brasil”,

---

<sup>4</sup> Disponível em [Saint-Hilaire: o caminho percorrido pelo viajante-naturalista até o Brasil \(fiocruz.br\)](#)

<sup>5</sup> Viagem pelo Distrito dos Diamantes, 1941, p. 155.

<sup>6</sup> As Guerras napoleônicas (1803-1815) foi um conjunto de lutas que ocorreram sob o comando de Napoleão Bonaparte. Essa série de guerras é geralmente considerada uma consequência da gestação de ideais filosóficos e sociais concebidos durante a Revolução Francesa .

<sup>7</sup> Na obra sobre a viagem ao Rio Grande do Sul, Saint-Hilaire relatou que passando junto de uma colmeia, comeu mel (pouco menos de duas colheres) juntamente com seus acompanhantes, relatando passar muito mal após isso. Não se sabe ao certo se esse episódio corroborou para a sua doença após o retorno a França. IN SAINT-HILAIRE, Auguste de. Viagem ao Rio Grande do Sul. Brasília : Senado Federal, Conselho Editorial:2002, 575 p. -[Viagem ao Rio Grande do Sul \(senado.leg.br\)](#).

publicada a partir de 1830, totalizando oito livros. Houve ainda a publicação de uma obra póstuma em 1887<sup>8</sup>.

Passados mais de duzentos anos do início das viagens de Saint-Hilaire pelas províncias aqui estudadas – Minas Gerais e Goiás - percebemos que seus estudos ainda são revisitados e condicionam olhares de estudiosos de vários campos do conhecimento, sejam eles botânicos, historiadores, geógrafos, antropólogos, brasilianistas, entre outros. Em 2013 foi estruturado o projeto do site franco-brasileiro “Herbário Virtual A. De Saint-Hilaire”, disponibilizando informações históricas e científicas da sua coleção botânica e de seus espécimes da viagem ao Brasil. No ano de 2016 foi realizado o “Seminário franco-brasileiro” no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, em que reuniu botânicos e historiadores do Brasil e da França. Na ocasião, cientistas dos dois países abordaram o contexto político, social e científico do século XIX, quando não só Saint-Hilaire, mas também outros estrangeiros viajaram pelo país estudando a flora e a fauna brasileira.

A Biblioteca Nacional inaugurou uma exposição em nove de dezembro de 2016 sobre a trajetória percorrida por ele no Brasil. Sob o título “Saint-Hilaire e as paisagens brasileiras”, a exposição comemorava o 200º aniversário da chegada do naturalista ao Brasil, descrevendo o trajeto por ele palmilhado. Na mostra, as densas florestas e os campos gerais ganharam forma a partir de gravuras e de desenhos produzidos por artistas<sup>9</sup>. Podemos dizer que além de seus relatos, o botânico deixou material *stricto sensu*, o que é muito rico. O naturalista é atual, ainda que passados mais de 200 anos de sua partida. Construiu fisionomias das regiões percorridas e que foram se perdendo com o passar do tempo. Percebemos que estudos recentes ainda vêm incorporando as narrativas de Saint-Hilaire como uma das formas de acessar o Brasil do Oitocentos.

Por causa de suas obras de botânica, Auguste de Saint Hilaire foi nomeado Cavaleiro da Legião de Honra em 1826. Trata-se de uma condecoração honorífica francesa instituída em 20 de maio de 1802 por Napoleão Bonaparte, e que recompensa méritos eminentes militares ou civis à nação. Em 1830 Saint-Hilaire tornou-se membro da Academia de Ciências de Paris e quatro anos depois, professor de Botânica na Faculdade de Ciências também nessa cidade <sup>10</sup>.

---

<sup>8</sup> *Voyage à Rio Grande do Sul*, editada em Orleans, reuniu dois outros relatos de roteiros percorridos entre 1820 e 1822.

<sup>9</sup> [Saint Hilaire e as paisagens brasileiras | Biblioteca Nacional \(bn.gov.br\)](https://bn.gov.br)

<sup>10</sup>Extraído de <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/dossiê-antigo/matriz-nacionais/figuras-de-viajantes-as-viagens-de-auguste-de-saint-hilaire>

Na obra “Viagem à província de Santa Catarina” consta da primeira página que Saint-Hilaire foi membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro<sup>11</sup>. No prefácio dessa mesma obra, publicada pela Companhia Editora Nacional, Carlos da Costa Pereira<sup>12</sup> fez referência ao busto da homenagem a Saint-Hilaire no ano de 1928 no Museu Nacional. Melquíades Paiva (2012) sinalizou que o botânico ingressou no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em 19 de janeiro de 1839 como sócio honorário estrangeiro<sup>13</sup>.

Entre 1780 e 1850, período em que decorreu a vida de Saint-Hilaire, surgiam as ciências que entendemos hoje como Física, Química, Geologia, Botânica e Anatomia. Sarthou *et al.* (2016) sinalizam que as inovações que marcaram o Oitocentos progrediram graças aos conceitos que atravessam as disciplinas. Kury (2021) escreveu que Saint-Hilaire pertenceu à Academia das Ciências de Paris e foi professor da Faculdade de Ciências da Sorbonne, morrendo em 1853 em seu castelo de La Turpinière. Contudo, consideramos ainda viva sua contribuição para o estabelecimento de um conhecimento sobre a botânica e a etnografia do Brasil, fazendo com que seu trabalho científico e suas narrativas ofereçam, ainda em 2023, ano da defesa de esta dissertação, muitas possibilidades de pesquisa.

Saint-Hilaire chegou em 1º de junho de 1816 ao Brasil, acompanhado da missão extraordinária do duque de Luxemburgo, permanecendo aqui até agosto de 1822. Passado o período napoleônico, essa missão tinha por objetivo resolver o conflito que opunha Portugal e França quanto à posse da Guiana. Houve um apelo ao Museu de História Natural para a liberação de Saint-Hilaire nessa empreitada. No entanto, uma vez respaldado pelo parecer dos naturalistas dessa instituição, o botânico pôde partir na condição de viajante-naturalista, sendo-lhe concedida também uma soma em dinheiro. Sendo conhecedor de História Natural e de Botânica, o francês deveria enviar coletas da história nacional para o Museu de História Natural de Paris<sup>14</sup>.

O botânico percorreu as províncias do Rio de Janeiro, do Espírito Santo, de Minas Gerais, de Goiás, de São Paulo, do Paraná, de Santa Catarina, do Rio Grande do Sul e a

---

<sup>11</sup> Ver anexo 1

<sup>12</sup> Carlos da Costa Pereira (1890-1967), jornalista e historiador brasileiro.

<sup>13</sup> IN PAIVA, Melquíades Pinto. *Os naturalistas no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro: II – Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853)*. R. IHGB, Rio de Janeiro, a. 173(455): 227-242, abr./jun. 2012.

<sup>14</sup> IN KURY, Lorelai. Auguste de Saint-Hilaire, viajante exemplar. Revista Intellèctus. Rio de Janeiro, v.2, n.1, p.1-11, 2003. [www.arca.fiocruz.br](http://www.arca.fiocruz.br)



República da Cisplatina. Cabe lembrar, que apesar de voltar à França em agosto de 1822, o botânico só começou publicar sua narrativa de viagens sobre o Brasil, que foi dividida em quatro volumes e com dois tomos cada um, a partir de 1830<sup>15</sup>. Dessa forma, organizou seus relatos e deu resultados ao público das suas observações sobre o Brasil. Conforme já mencionado, Saint-Hilaire passou a residir parte do tempo em Montpellier (cidade no sul da França) para tratar de sua saúde, e foi em diferentes cidades do país que redigiu a obra *Voyages dans L'intérieur du Brasil* (Viagens ao interior do Brasil), em oito volumes, impressos em Paris. A publicação de *Voyages*, que tem como base o diário de viagem de Saint-Hilaire, foi espaçada no tempo (1830,1847,1848, 1851). Em 1887 a obra foi completada por uma publicação póstuma, editada em Orléans. A suspensão no trabalho de redação se deveu ao seu problema de saúde. Como salientou Claudia Damasceno “A organização da obra e a ordem de publicação de suas quatro partes correspondem, grosso modo, à cronologia dos diversos itinerários percorridos” (DAMASCENO FONSECA, 2016, p. 07).

Ainda como resultado de suas expedições pelo território brasileiro, Saint-Hilaire reuniu mais de 30 mil amostras, das quais 24 mil eram espécimes de plantas e 6 mil de animais, e muitas delas foram escritas pela primeira vez na história. As descrições de centenas de espécies podem ser encontradas nos três volumes da *Flora Brasiliae Meridionalis* (1825,1829 e 1832-1833)<sup>16</sup>.

A presença de Saint-Hilaire em algumas regiões do Brasil, além de ter ajudado a definir com precisão características físicas e suas riquezas inumeráveis, acabou fornecendo também copiosas anotações e registros sobre variados costumes regionais. Quando mergulhamos nas descrições do viajante, percebemos que além de catalogar montanhas, rios, pastagens, florestas e outros inúmeros recursos naturais, Saint-Hilaire quantificou e qualificou capelas, igrejas paroquiais, tesouraria, casa de espetáculos, hospitais, entre outros. Nessas descrições identificamos que para o botânico havia uma relação íntima entre a configuração natural e o comportamento humano.

Minas Gerais foi um dos centros de sua narrativa, pois grande parte de sua viagem foi dedicada a esse território. A região foi a primeira a ser percorrida por ele, após estada inicial no Rio de Janeiro, que foi o lugar de depósito de suas coleções de história natural. Santos Jr (2021)

---

<sup>15</sup> Antes disso, em 1823 Saint-Hilaire havia publicado o resumo “Aperçu d’un Voyage dans L’intérieur du Brésil: La Province Cisplatine Et Les Missions Dites Du Paraguay”- Paris, Impr. de A. Belin.

<sup>16</sup> É uma obra propriamente científica, dividida em três volumes, com 24 partes, escrita por Saint-Hilaire entre os anos de 1825 e 1832.

ressalta que foi aos mineiros que Saint Hilaire demonstrou maior afeição, em decorrência do grau de cultura e de hospitalidade que recebeu na região das minas<sup>17</sup>.

Ao descrever a província de Goiás, o viajante fez diversas comparações entre essa e a região mineira, apontando, na maioria das vezes, a falta de elementos da vida tida como “civilizada”, o atraso e pobreza de Goiás em relação a Minas Gerais, devido aos aspectos naturais da região e à ação humana. Portanto, achamos pertinente estudar a relação entre essas duas regiões nos relatos feitos pelo botânico

A distância enorme de Goiás às grandes cidades e aos portos de mar não permite aos colonos exportar artigos que, sob grande volume, tem pequeno valor. [...] A distância enorme da província de Goiás aos portos de mar é, sem dúvida, a principal fonte das suas misérias [...] calor excessivo do clima fez perder aos habitantes a sua rudeza primitiva; não se pode mesmo dizer que sejam grosseiros, mas com exceção dos fazendeiros abastados, que são pouco numerosos, adquiriram nenhum apuro no trato (SAINT-HILAIRE, 1944 [1847], p. 326; 334; 338).

A “decadência” da província de Goiás, segundo Saint-Hilaire, manifestava-se tanto no aspecto moral como em seus aspectos materiais. Para ele a penúria da província se devia a um erro inicial: a exploração mal orientada que não soube aproveitar a riqueza. Causou-lhe estranheza e indignação a destruição a qual a flora brasileira estava sendo submetida

O sistema de agricultura empregado em Goiás é o que, infelizmente, foi adotado em quase todo o Brasil. Queimam-se as florestas e semeia-se nas suas cinzas; depois de algumas colheitas, deixam-se brotar novos bosques, que se cortam por sua vez; continua-se assim até que a terra não produza mais que capim, e então abandonam-na (SAINT-HILAIRE, *ibidem*, p. 325).

Diferente de sua percepção sobre Goiás, quando escreveu sobre algumas regiões mineiras, o viajante parecia mais otimista, pois ele disse ter encontrado em Minas Gerais mais instrução do que em todo resto do Brasil. Para o botânico, os goianos eram menos educados e hospitaleiros do que os mineiros. Ao elaborar um quadro geral de cada uma dessas regiões, percebemos que por meio de uma espécie de “estatística descritiva”, ele organizava essas sociedades, construindo uma fisionomia histórica e natural delas. Segundo Kury (2007) a palavra “estatística” nessa época, não se relaciona necessariamente com um tratamento quantitativo ou matemático das informações. Esse aspecto tende a se tornar dominante apenas

---

<sup>17</sup> IN SANTOS JR, Luciano Amador dos. A idealização de um caminho e seu território. IN: SANTOS JR., Amador dos (Org.). *Minas Gerais e Orleans: olhares no Caminho Saint-Hilaire*. Belo Horizonte: Ramalhete, 2021. 215 p. : il, p&b. color.

em meados do século XIX. A abordagem descritiva consistia em expor objetos de forma metódica e positiva.

Além das suas próprias anotações, que incluíam testemunhos dos nativos que encontrava nas viagens, Saint-Hilaire utilizou outras fontes para construir sua narrativa, como por exemplo, outros relatos de viagens, periódicos de época, como “O Patriota” e “Correio Braziliense”, escritos de historiadores e estudiosos, entre outros. Ao que temos acesso são as narrativas que Saint-Hilaire construiu sobre os lugares que passou, a partir do que disse ter visto, de sua subjetividade, e que em parte foram construídas em período posterior às viagens. Por isso, compreendemos que os relatos de viagem não correspondem à viagem em si.

Seus relatos foram produzidos em conjunto com outros estudos sobre o Brasil durante aquele período. Quando escreveu sobre Vila Boa (antiga capital de Goiás), por exemplo, Saint-Hilaire destacou que Goiás tinha forma alongada e era dividida em duas partes quase iguais pelo pequeno curso d’água denominado “Rio Vermelho”. Em uma nota de rodapé o botânico explicou que a informação sobre o rio contida em sua obra foi extraída do doutor Pohl<sup>18</sup>.

As narrativas de viagem são fontes históricas e envolvem uma série de saberes. Ao longo do século XIX percebemos uma pretensão dos estudiosos em tratar de forma global as sociedades e os espaços visitados. Os relatos de viagem desse período são um gênero específico, baseado na experiência do deslocamento espacial do viajante, na classificação dos objetos de história natural e na descrição das populações encontradas. A produção de conhecimento sobre o mundo natural desenvolvida pelos viajantes naturalistas que percorreram o Brasil no início do século XIX espelhou-se em parte no naturalista Alexander von Humboldt, que percebia o globo como um sistema complexo, mas dinâmico, que combinava observação e sentido<sup>19</sup>.

Houve algumas expedições científicas e estudos acerca da natureza do Brasil, patrocinados pelas autoridades portuguesas. Saint-Hilaire teve acesso a algumas publicações que resultaram desses empreendimentos. O frei José Mariano da Conceição Veloso (1732-1811) realizou expedições botânicas no interior do Rio de Janeiro entre 1783 e 1790, dando origem à obra *Flora Fluminensis*, publicada ao longo do século XIX e que apresentava

---

<sup>18</sup> Johann Emanuel Pohl (1782-1834). Médico, geólogo, botânico e desenhista austríaco. Obra consultada por Saint-Hilaire “Reise im innern von brasilien: auf allerhochsten befehl selner majestat des kaisers von osterreich, Franz des Esten, in den jahren 1817-1821 unternommen und herausgegeben”, volume 01.

<sup>19</sup> IN LISBOA, Karen Macknow. *A nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na viagem pelo Brasil (1817-1820)*. EDITORA HUCITEC FAPESP: São Paulo, 1997.

descrições e figuras de vegetais. Conforme Kury (2015) “O botânico francês Auguste de Saint-Hilaire foi um dos que consultaram a obra de Veloso” (KURY, 2015, p. 261)<sup>20</sup>.

Acerca da historiografia brasileira, um dos autores consultados por Saint-Hilaire foi o padre português Manuel Aires de Casal (1754-1821), que viveu muitos anos no Brasil e se dedicou ao estudo da corografia<sup>21</sup> do país. O francês cita também o brasileiro Raimundo José da Cunha Matos (1776-1839), que além de ganhar notoriedade enquanto militar, redigiu obras que dizem respeito à história do Brasil, sobretudo da corografia de Minas Gerais. José de Souza Azevedo e Araújo Pizarro, o “Monsenhor Pizarro” (1753-1830) escreveu “As memórias históricas do Rio de Janeiro e das províncias anexas à jurisdição do Vice-Rei do Estado do Brasil”, dividida em dez volumes. A obra, que trata a história do Brasil no período colonial sob a ótica documental e descritiva, fez parte das consultas de Saint-Hilaire.

Entre os viajantes<sup>22</sup> que também estiveram no Brasil durante o século XIX estão: John Mawe (1764-1829), Wilhem Ludwig von Eschwege (1777-1855), George Heinrich von Langsdorff (1774-1852)<sup>23</sup>, Maximilian de Wied-Neuwied (1782-1867), Hercule Florence (1804-1879), Ferdinand Denis (1798-1890), o alemão George Wilhelm Freyreiss (1789-1825) e o prussiano Friedrich Sellow (1789-1831)<sup>24</sup>, fazendo esse último um trajeto muito parecido com o de Saint-Hilaire. O zoólogo Johann Baptist von Spix, o botânico Carl Friedrich Philipp von Martius e o austríaco Johann Baptist Emanuel Pohl (1782-1834) integraram a missão austríaca que acompanhou a princesa Leopoldina d’Áustria, que veio em 1817 ao Brasil para casar-se com dom Pedro. Pohl empreendeu uma viagem de quatro anos pelo interior do Brasil (Rio de Janeiro, Minas Gerais e Goiás). A partir de suas anotações originou-se a obra “Viagem

---

<sup>20</sup>IN KURY, Lorelai B. O naturalista Veloso. Rev. Hist (São Paulo), n°.172, p.243-277, jan.jun, 2015.<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.rh.2015.98752>

<sup>21</sup> “Corografia Brazilica” de padre Aires de Casal é uma espécie de descrição da relação histórico-geográfica do Brasil. Incluiu referências à história local, demográfica e antropológica da população.

<sup>22</sup> Nem todos eram apenas viajantes. O alemão barão de Eschwege, por exemplo, foi contratado pela coroa portuguesa para um estudo sobre o potencial mineiro do país, morando anos em Minas Gerais. Estudou assuntos bastante variados: direito, ciências naturais, arquitetura, ciência e economia política, economia florestal, mineralogia e paisagismo. Outro exemplo, acerca de estudiosos de temas variados e que estiveram no país, é von Martius, que era médico, botânico, antropólogo e um dos mais importantes pesquisadores alemães que estudaram o Brasil.

<sup>23</sup> O Barão de Langsdorff, nomeado em 1813, cônsul da Rússia junto ao governo português, foi um importante ponto de referência para os diversos naturalistas que puderam contar com sua hospitalidade, fazendo do Rio de Janeiro base para as suas expedições. Entre estes estavam Georg W. Freireyss e Friedrich Sellow (este contribuirá para a coleção do Museu Imperial). Retirado de: KURY, Lorelai Brilhante. *Ibidem*.

<sup>24</sup> O botânico Wilhelm Franz Herter (1884-1958) retomou as informações de Ignatz Urban (autor da biografia difundida de Sellow) e comparou o itinerário desses dois naturalistas. IN HERTER, Wilhelm. *Auf den Superen der Natuforscher Sellow und Saint-Hilaire*. Botanische Jahrbücher für Systematik, Leipzig, v.74, p.119-149, 1945. Disponível em [Saint-Hilaire - Herbário Virtual \(cria.org.br\)](http://Saint-Hilaire - Herbário Virtual (cria.org.br)).

ao Interior do Brasil”, que também figura entre as fontes utilizadas por Saint-Hilaire. Ele foi um dos poucos que foi à Goiás, o que chamou bastante atenção.

Além dos viajantes supracitados, o escritor inglês Robert Southey (1774-1843) também produziu narrativas importantes sobre o Brasil. Embora não tenha vindo para cá, em um esforço de sistematização, escreveu “History of Brazil”, publicado em 1810. Cabe lembrar que seu objetivo anterior era escrever uma história geral de Portugal, aproveitando-se das preciosas fontes primárias da história portuguesa pertencentes ao seu tio Herbert Hill<sup>25</sup>, que já havia feito estudos sobre o Brasil colonial, podendo assim orientá-lo. Esse o apresentou a homens que trabalhavam em arquivos em Lisboa, despertando assim, o interesse de Southey acerca da história do Brasil.

Nos relatos de viagens do início do XIX quase todos os autores estudaram com maior ou menor afinco a fauna e a flora, observaram a vida social, a vida rural, as relações de trabalho e de produção, a economia e as questões referentes à escravidão e aos indígenas. Os naturalistas em geral se aprofundaram nos temas da história natural: botânica, zoologia, geografia, mineralogia, paleontologia, astronomia, meteorologia<sup>26</sup>. Pode-se considerar que Saint-Hilaire se distinguia dos demais porque considerava a história um elemento importante para o estado moral e para a riqueza das províncias das regiões que visitou. Então, para ele os aspectos naturais e os não-naturais tinham relevância.

Nesta pesquisa analisei a ideia de natureza que alguns dos viajantes observadores no Novo Mundo tinham naquele período. O estudo da paisagem ainda continuou bastante privilegiado após o período das grandes navegações, e por isso, esse tema esteve indissociável da experiência dos viajantes oitocentistas. Os relatos de viagem de Saint-Hilaire constituem parte de uma bibliografia que ajuda a compreender o Brasil, entre o final do século XVIII e meados do XIX, em um contexto intelectual em que as narrativas sobre o país pareciam oscilar entre a constatação da sua exuberância e de seus aspectos negativos. Aqui busco compreender a concepção de natureza que vigorava naquele momento entre os viajantes, e ao mesmo tempo as representações dos aspectos humanos descritos por eles.

Precisamos analisar que tipo de trabalho Saint-Hilaire estava construindo em suas narrativas. Promoveu em geral um conhecimento da extensão territorial, e em particular da

---

<sup>25</sup> Herbert Hill era capelão da feitoria inglesa em Lisboa. Era colecionador de manuscritos e livros raros. In DIAS, Maria Odila da Silva. *O fardo do homem branco: Southey, historiador do Brasil*. Brasileira, Companhia Editora nacional: São Paulo, 1974, p.44.

<sup>26</sup> In LISBOA, *Op. Cit.*

administração, da população, do comércio, da indústria, da geografia física, das produções dos reinos animal, vegetal e mineral, do solo e da agricultura, entre outros. O botânico acabou por fornecer uma espécie de resumo histórico e estatístico das províncias visitadas. Contudo, apesar de fazer descrições de tudo o que vivenciava a partir de seus deslocamentos e das coisas notáveis que encontrava, e não só das plantas, sua principal preocupação é a botânica, já que ela justificava sua estada no Brasil.

A riqueza de detalhes e o compromisso em indicar de onde retirara as informações que ajudaram a criar uma fisionomia natural e histórica das regiões que percorreu no Brasil, na primeira metade do século XIX, parecem evidenciar o empenho de Saint-Hilaire em dar relevo ao aspecto utilitário da viagem, conforme ressaltou Lorelai Kury “Ser útil à pátria e à ciência é o objetivo autoproclamado de sua viagem” (KURY, 2003, p. 7). Identificamos ainda, que o naturalista esteve empenhado em se tornar um intérprete do Brasil, um estrangeiro especializado em temas referentes ao país. Assim como Martius, ele se tornou um importante interlocutor na Europa sobre temas referentes ao Brasil.

Este trabalho limitou-se ao tratamento específico da comparação entre as regiões de Minas Gerais e de Goiás evidenciada nos relatos de viagens feitas por Saint-Hilaire. Pois por meio de alguns aspectos naturais e sociais, a primeira região foi descrita como sendo mais “civilizada” e menos “decadente” do que a segunda. Apesar de a pesquisa não ter ênfase na questão racial, nos relatos de Saint-Hilaire esse tema aparece. Para ele a população brasileira apresentava um amálgama de americanos, de portugueses, de homens brancos e “homens de cor”, de homens livres, de negros forros e de escravizados. Essa falta de homogeneidade impedia o governo de conhecer os habitantes de forma profunda. Para o francês essa falta de uniformidade entre o povo brasileiro era um impeditivo à educação moral e política dos brasileiros. Saint-Hilaire (1941[1833]) destacou que os escravizados, que compunham dois terços do povo, possuíam características próprias, como a sua força física, mas eram moralmente inferiores. Saint-Hilaire fez duras críticas ao sistema colonial. Ele dizia que após a chegada da corte de Portugal ao Brasil “[...] o hábito da venalidade foi introduzido em todas as classes. Uma multidão de patriarcados aristocráticos, divididos entre si por intrigas, pueris vaidades e interesses mesquinhos foi espalhada pelo Brasil” (SAINT-HILAIRE, 1941[1833] p. 438). Isso, juntamente com a admissão da escravatura, contribuía para que o Brasil se mantivesse ignorante na visão do botânico.

A questão da raça para Saint-Hilaire era também a ideia de que cada grupo étnico tinha uma personalidade. Os indígenas eram frutos da terra e se relacionavam diretamente com o ambiente. Já os africanos e europeus que vieram para o Brasil, de certa forma se alteravam

conforme o clima e a escravidão. Dessa forma, compreende-se que Saint-Hilaire não dissociava os aspectos naturais dos aspectos humanos. Então, essa pesquisa orientar-se-á no sentido de compreender essa relação entre o mundo natural e humano trabalhada pelo botânico, e de que forma isso se revelou nas narrativas construídas por ele acerca das regiões de Minas Gerais e de Goiás durante o período em que esteve no Brasil, entre 1816 e 1822.

As principais fontes dessa pesquisa foram os registros feitos por Saint-Hilaire sobre as regiões de Minas e de Goiás e que foram publicados no Brasil por duas editoras, a Companhia Editora Nacional “Brasileira” e a Itatiaia Edusp. São elas: *Viagem pelas províncias de Rio de Janeiro e Minas Gerais*; *Viagem às nascentes do Rio São Francisco e pela Província de Goiás*-tomos primeiro e segundo; *Viagem pelo Distrito dos Diamantes e pelo litoral do Brasil*; *Segunda viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais*.

Ao perceber que na historiografia e nos estudos biológicos acerca dos relatos de viagem de Saint-Hilaire, os aspectos naturais e as questões históricas são explorados de forma separada, pretendo compreender a relação que ele estabelece entre a configuração natural e humana, e a comparação que fez entre essas regiões, em que privilegiou a província de Minas Gerais.

Entre as hipóteses para o desenvolvimento desse estudo está que Saint-Hilaire formou-se em um contexto intelectual que se baseava na determinação do clima sobre as sociedades, em um momento de revigoramento do neo-hipocratismo, uma das matrizes médicas e da história natural dos séculos XVIII e XIX. A ideia básica de Saint-Hilaire era de que o mundo humano seguia uma lógica climática, do meio ambiente de uma forma geral. Além desse determinismo ambiental existem outras variáveis em suas narrativas, como, por exemplo, a raça, apesar de não aparecer de forma abrangente em seus relatos.

Entre os argumentos para esse estudo estão o de que Saint-Hilaire parecia empenhado em não ser apenas um botânico, que fazia coletas e descrevia relatos pitorescos das regiões percorridas. A forma minuciosa e a riqueza de detalhes dos seus relatos nos levam ao entendimento de que o francês esteve empenhado em ser um grande especialista tanto da flora do Brasil quanto de sua sociedade. Essa percepção se deveu ao fato de que o viajante produziu uma extensa bibliografia sobre o país, tentando fazer da forma mais completa possível, como mostram os quadros estatísticos que fazia ao iniciar sua narrativa sobre as regiões, bem como as extensas notas de rodapés. Em cada registro ele assumiu a responsabilidade sobre cada informação ali trazida.

A metodologia utilizada nessa pesquisa foi a leitura dos relatos de viagem de Saint-Hilaire sobre Minas Gerais, identificando as passagens nas quais ele atribuiu algum tipo de determinação ao comportamento dos habitantes mineiros a partir de questões históricas e

sociais, comparando essas passagens com os relatos produzidos sobre Goiás. Busquei destacar ainda se existe algum conceito ou palavra-chave que ele utilizou para construir essa narrativa.

Entre os objetivos que nortearam essa pesquisa estão: a compreensão da relação entre os componentes naturais e sociais nos relatos feitos por Auguste de Saint-Hilaire sobre as províncias de Minas Gerais e de Goiás durante sua viagem ao Brasil (1816 e 1822); a análise dos relatos de Saint-Hilaire tendo em vista a presença de teorias que relacionassem o mundo físico e social, e em particular as de matriz hipocrática, e de outras, cujos pressupostos indicam a determinação do ambiente sobre as populações; a identificação dos elementos que Saint-Hilaire utilizou para descrever os aspectos naturais e sociais dessas províncias. Por fim, pretendo investigar os aspectos naturais e sociais de Minas Gerais e de Goiás que permitiram que uma região fosse descrita pelo viajante como sendo mais “civilizada” e menos decadente do que outra.

Esta dissertação está dividida em três capítulos. No primeiro, nomeado “O conhecimento sobre o Brasil a partir dos viajantes do século XIX”, abordo, as principais características e elementos que tornam os relatos desses viajantes um gênero literário específico. No segundo capítulo, “Natureza e sociedade em Saint-Hilaire e nas narrativas de viagem da primeira metade do século XIX”, analiso as concepções de natureza americana de Saint-Hilaire e de seus contemporâneos, que partilhavam a crença na determinação do ambiente sobre as populações. No terceiro capítulo, intitulado “Auguste de Saint-Hilaire: comparação entre os relatos sobre Minas Gerais e Goiás” busco perceber como ele construiu narrativas distintas para essas regiões, destacando ideias-chave e a relação que ele fazia entre o meio natural e a sociedade.

## **Revisão bibliográfica**

Nesta revisão bibliográfica levantei alguns dos estudos que se concentraram em viajantes de forma geral, aqueles que ajudam a entender o contexto intelectual desses viajantes, alguns sobre temas correlatos e outros específicos sobre o próprio Saint-Hilaire. Cabe mencionar, que nem toda a bibliografia levantada aparecerá citada no corpo desta pesquisa, contudo, serviu de arcabouço teórico para as reflexões aqui presentes.

Entre os autores de viés historiográfico mais tradicional, Olivério Mário de Oliveira Pinto, Cândido Firmino de Mello Leitão e Fernando de Azevedo aparecem como marco na tentativa de uma compilação da história das ciências no Brasil. Suas obras abrangem diversas disciplinas em que especialistas, a partir de suas respectivas áreas, tentam “traçar” a história do



Brasil. Nesse compilado, os viajantes estrangeiros que vieram para o Brasil são estudados a partir das “contribuições” científicas que trouxeram ao país. Cabe mencionar que até o final do século XX a história das ciências era majoritariamente feita por cientistas e não por historiadores. Dessa forma, essa historiografia tradicional foi fonte fundamental para os que identificavam nos conhecimentos gerados pelas atividades científicas a chave para o progresso do país, sobretudo do ponto de vista interno da botânica, da zoologia e da biologia. O estudo desses autores acabou abrindo caminho para perspectivas posteriores acerca da história das ciências.

Na obra “História das expedições científicas no Brasil” de Cândido Firmino de Mello Leitão (1866-1948)<sup>27</sup> publicada em 1941, o autor trouxe o estudo das expedições científicas que percorreram o Brasil desde o século XVI até o momento em que publicava a obra. Mello Leitão dividiu as expedições conforme as nacionalidades, considerando tanto as que foram organizadas pelo Brasil quanto as realizadas por outras instituições estrangeiras.

Ainda nessa historiografia mais tradicional, temos o médico e zoólogo Olivério Mário de Oliveira Pinto (1896-1981)<sup>28</sup>, nascido no interior de São Paulo e que ocupou entre outros cargos, o de Diretor do Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura de São Paulo (antiga Seção de Zoologia do Museu paulista) em 1939. Olivério Pinto dedicou-se mais aos estudos da ornitologia. Na “Súmula histórica e sistemática da ornitologia de Minas Gerais” de 1952, presente nos *Arquivos de Zoologia do Estado de São Paulo*, ele fez um amplo estudo da história das explorações ornitológicas nessa região, entre o início século XIX e primeira metade do XX. O zoólogo desenvolvia pesquisas voltadas para a taxonomia e para a distribuição geográfica das aves no Brasil, contribuindo para o estudo do comportamento e da conservação dessas espécies. Além de inúmeros trabalhos publicados no *Departamento de Zoologia*, em sua obra de grande destaque “Catálogo das Aves no Brasil” (1938 e 1944) catalogou com grande rigor científico as aves do país.

A obra “As ciências no Brasil” organizada e planejada por Fernando de Azevedo (1894-1974)<sup>29</sup>, editada em dois volumes entre 1955 e 1956 é um trabalho de abordagem direta da análise das ciências e um marco inicial da historiografia das ciências no Brasil. Fernando de Azevedo foi um conhecido intelectual brasileiro da primeira metade do século XX na área de

---

<sup>27</sup> O autor é conhecido como um eminente zoólogo do país e atuante na disciplina de História Natural da década de 1930.

<sup>29</sup> Intelectual brasileiro da 1ª metade do século XX na área de estudos sociológicos, com influente atuação política no campo educacional. Extraído de academia.edu/33646871/AS\_CIENCIAS\_NO\_BRASIL

estudos sociológicos e com atuação política na área da educação. Em 1952 foi convidado para coordenar, planejar a estrutura e a redação dessa coleção de obras sobre assuntos brasileiros. “As ciências no Brasil” foi a terceira obra desse projeto, trazendo uma coletânea de textos de diversos especialistas brasileiros dedicados ao estudo da história das ciências. O livro oferece a análise das origens da história das ciências no Brasil e das condições para o surgimento do pensamento científico no país. Os volumes foram organizados da seguinte maneira: Ciências Matemáticas, Geológicas e Geográficas (volume um) e Ciências Químicas, Biológicas, Psicológicas e Sociais (volume dois). No prefácio à segunda edição dessa obra, publicada em 1994 pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Antonio Candido diz que Fernando de Azevedo foi uma figura relevante em todo movimento de renovação cultural, desde as reformas da instituição pública elementar até a concepção e fundação das universidades.

Esses autores trouxeram contribuições às disciplinas científicas as quais estavam vinculados (biologia, botânica e zoologia). Eles acreditavam que a verdadeira ciência havia chegado ao país a partir desses viajantes estrangeiros. Analisaram as “contribuições” desses escritores como se o progresso das ciências fosse derivado exclusivamente de um acúmulo de informações. Porém, a ciência não é somente isso. A história não é linear, mas algo em constante transformação. “Durante muito tempo prevaleceu na historiografia a noção de autores como Azevedo, para os quais não existiam no Brasil até o século XIX atividades que pudessem ser consideradas científicas, é como se eles não encontrassem o ‘espírito científico’ aqui” (JUNGHANS, 2017, p. 90).

Desde os anos 1930 autores já chamavam a atenção para o ponto de vista da subjetividade nas crônicas de viajantes, entendendo que aquele olhar sobre o Brasil não deveria ser encarado como um retrato fidedigno do país. O escritor Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982) nas primeiras décadas do século XX, já fazia críticas aos relatos de viagem como documento fiel acerca do país. O ensaio “Raízes do Brasil” (1936) de sua autoria, inspirou novas formas de interpretar o país a partir do rompimento, em parte, com a história do Brasil essencialmente política e um mergulho na história social. Ainda que a produção historiográfica brasileira esteja vinculada à construção do Estado brasileiro, cada vez mais passou a ser objeto de críticas. O ensaio buarqueano pode ser compreendido como uma abertura de caminho para o entendimento do Brasil por meio do destaque que deu à cultura da colonização portuguesa no Brasil, adaptando-se e transferindo sua tradição para a colônia americana. Os elementos presentes nessa obra partiram da macro interpretação do processo de formação da sociedade brasileira.

Na obra “Visão do paraíso” (1958)<sup>30</sup>, Sérgio Buarque estudou de forma crítica as crônicas de viagem do século XVI, que segundo ele, ainda carregavam muito do antigo imaginário sobre a natureza do Novo Mundo. Ao reler cronistas e viajantes, o autor iniciou a análise das narrativas de viagens considerando que esse documento era uma escrita sobre o Brasil a partir do olhar fantasioso que os colonizadores portugueses e espanhóis possuíam “A visão simbólica da natureza, que nos primeiros séculos cristãos fora largamente representada não menos familiar aos homens da era dos grandes descobrimentos ou século XVII” (HOLANDA, 2000 [1958], p.241). Nesse trabalho, Holanda explica que esses mitos sobre o Brasil foram opiniões cultivadas na Idade Média que fascinavam as imaginações dos viajantes setecentistas.

A coletânea “História Geral da Civilização Brasileira” - HGCB, que teve sua primeira publicação em 1960, organizada por Sérgio Buarque de Holanda, Pedro Moacyr Campos e Boris Fausto foi dividida em três tomos, totalizando 11 volumes. A coleção analisa diversas temporalidades da formação do Brasil, desde o período colonial até a República. O período da Monarquia no país foi dividido em 5 livros, entre eles “O Brasil monárquico: o processo de emancipação”. A parte I da obra traz um capítulo escrito pelo historiador Carlos Oberacker. Nele o autor elencou parte da exploração científica na primeira metade do século XIX no território brasileiro a partir da vinda da corte portuguesa para o Brasil. O autor escreveu sobre as “contribuições” dos viajantes, naturalistas e artistas estrangeiros a partir da vinda de D. João e da sua administração para o Brasil em 1808, período em que, segundo esse autor, inaugura-se um ciclo de expedições científicas a serviço do conhecimento da flora, da fauna, da geografia, da população, entre outros. Dessa forma, Oberacker evidenciou o quanto as iniciativas de D. João foram uma espécie de mola propulsora de um movimento científico e artístico que ajudou a desenvolver as ciências no Brasil.

Nos anos de 1960 o autor norte americano George Basalla sistematizou um ponto de vista de que a ciência se formava na Europa e se difundia para o resto do mundo. Em “*The spread of western science*” ele tratou a ciência como uma essência, como sendo um caminho pré-estabelecido. Em perspectiva que pode ser classificada como difusionista, o conhecimento surge na Europa e se expande para as periferias não europeias. O difusionista não acredita que a circulação transforme substancialmente conhecimento. Basalla (1967) entende que a ciência não pode se desenvolver fora dos moldes nos quais se formou. Então, há uma adequação entre

---

<sup>30</sup> Defendida como tese como requisito necessário ao concurso da cátedra de História da Civilização Brasileira da USP (1958), publicada pela José Olympio.

a ideia de Azevedo e de Basalla, pois ambos acreditam que a ciência se difundia na Europa ao restante de mundo.

Entretanto, para alguns autores com estudos localizados na área da história das ciências, nesse período a ciência já se desenvolvia no Brasil. Maria Amélia Dantes em “Fases da implantação da ciência no Brasil” sinalizou que durante o período colonial houve uma limitação à difusão das ciências naturais, no entanto, com a crise desse sistema o governo português passou a estimular a modernização da economia a serviço do progresso material. A Universidade de Coimbra na segunda metade do século XVIII passou a formar naturalistas brasileiros com base em estudos científicos. Incentivados pela Coroa Portuguesa, esses passaram a fazer viagens exploratórias que resultaram em valorosas obras<sup>31</sup>. Kury (2011) ressaltou que isso contribuiu para o processo de racionalização da exploração da natureza brasileira, uma vez que a economia colonial foi afetada. O processo de racionalização da natureza no Brasil contou com conhecimentos da ciência utilitarista e que também que circulava fora do país. Rafael Marquese (2009) salientou que os manuais de cafeicultura<sup>32</sup>, por exemplo, foram utilizados como referência para a cultura do café no Brasil. Conforme Dantes (1988), fazendeiros faziam experiências nesse período com culturas não difundidas no país.

Dantes (1988) dividiu em dois momentos a implantação da ciência no Brasil: a fase Iluminista e naturalista, e a fase da introdução da ciência experimental no final do século XIX. A fisiocracia foi uma das linhas da economia política do século XVIII. Nessa linha a base da riqueza das nações se concentrava na produção agrícola. Dessa forma, a valorização da ciência se dava a partir do conhecimento útil que promoveria a modernização da economia sem ser por vias industriais. Essa modernização ancorava-se na racionalização do uso da terra, na obtenção de novos produtos e na quantificação das populações.

A aplicação das ideias “vindas de fora” deve ser avaliada conforme o próprio cenário brasileiro no final do XVIII e a crise do sistema vigente. No que diz respeito ao contexto na produção do conhecimento, Kury (2011) sinalizou que as Luzes no Império luso coincidiram

---

<sup>31</sup>Ela cita como exemplo a Flora Fluminense- Frei José Mariano da Conceição Veloso.

<sup>32</sup> A coleção “O fazendeiro do Brasil” editada entre 1798 e 1806 pelo botânico mineiro frei José Mariano da Conceição Veloso trouxe os trabalhos que representam, entre outras coisas, as técnicas agrônomas, o método de administração dos escravizados e sobre a produção e comércio do café. In MARQUESE, Rafael de Bivar. *A Ilustração luso-brasileira e a circulação dos saberes escravistas caribenhos: a montagem da cafeicultura brasileira em perspectiva comparada*. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.16, n.4, out.-dez.2009, p.855-880.

com o declínio das minas de ouro, a busca por outro tipo de produção e a efervescência na vida política nas Antilhas e na Europa.

O historiador das ciências Kapil Raj (2017)<sup>33</sup> buscou explorar, entre muitas estratégias das narrativas da “virada global”, a possibilidade de outra história da ciência, evidenciando que cientistas não europeus tinham uma compreensão das recentes descobertas europeias. Dessa forma, ele contesta a ideia de difusão da ciência e de centro e periferia no que se refere à ciência. Para ele o conhecimento científico não foi imposto pelos europeus e estadunidenses ao restante do mundo, mas forjado em um contexto global de circulação, de encontros e de interações. A produção do conhecimento é dialógica, portanto, a “difusão” não se sustenta.

Existe uma bibliografia extensa sobre viajantes. Ana Maria de Moraes Belluzzo fez uma síntese dos viajantes a partir de um olhar mais moderno, que além de utilizar documentação internacional, privilegia a história da arte e da estética. No Dossiê “Brasil dos viajantes”<sup>34</sup> ressaltou que “nas descrições do país encontrado tardiamente pelos europeus, não faltam ícones da “natureza” e é grande a frequência com que os viajantes fazem menção às “coisas da natureza” e se sentem atraídos pelos animais e vegetação estranha e exótica” (BELLUZZO, 1996, p.16). A autora sinalizou que no século XIX, as idealizações paradisíacas, as visões da floresta frequentada pelo homem “natural”, são novamente revividas por artistas românticos.

Entre os pesquisadores que estudam a história das expedições científicas em geral e tentam explicar as visões de mundo eurocêntricas dos viajantes, está a autora Karen Lisboa, que revisitou fontes, incluiu novos documentos de língua alemã que estavam fora do Brasil e construiu novas interpretações de obras de viajantes. Em “A Nova Atlântida de Spix e Martius”<sup>35</sup> analisou os relatos da expedição científica dos naturalistas Spix e Martius presentes em *Reise in Brasilien* (Viagem pelo Brasil), nos ajudando, entre outras coisas, no entendimento acerca das narrativas de viagens como um gênero literário específico. Como estudos mais

---

<sup>33</sup> Os trabalhos de Kapil Raj abordam a circulação e a construção de conhecimento entre a Ásia Meridional e a Europa Ocidental entre os séculos XVII e XX. O autor coloca em xeque a “ocidentalidade” da ciência dita “ocidental”. Procurou compreender isso a partir do seu país, a Índia, e as relações dela, entre os séculos XVII e XX, com a Grã-Bretanha e com a França. Disponível em [SBHC - Sociedade Brasileira de História da Ciência - Boletim - Boletim 9 - "Circulação não é fluidez"](#)

<sup>34</sup> O texto de Ana Maria Belluzzo publicado nesse dossiê da Revista USP, número 30, do ano de 1996, foi “A propósito D’ O Brasil dos viajantes”. A autora na década de 1990 se valeu da busca renovada de documentos, se interessando no reexame das contribuições dos viajantes que estiveram pelo Brasil e construíram narrativas sobre ele. Dessa forma seu trabalho acabou se tornando um marco tanto interpretativo quanto documental.

<sup>35</sup> LISBOA, Karen Macknow. *A nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na Viagem pelo Brasil (1817-1820)*. Editora HUCITEC: São Paulo, 1997.

recentes da autora destacamos o dos viajantes e imigrantes de língua alemã no Brasil<sup>36</sup>. Os autores Pablo Diener e Maria de Fátima Costa, que também se dedicam aos estudos de viajantes, a partir de documentação acessada na Academia de Ciências e na Biblioteca da Baviera, em Munique, publicaram “Martius”<sup>37</sup>, obra que celebrava os 200 anos da expedição desse cientista no Brasil e os 150 anos de sua morte. Os autores trabalham a trajetória do naturalista durante o período que esteve, ao lado de Spix, entre 1817 e 1820. Luiz Montez trabalhou o percurso do austríaco Johann Natterer<sup>38</sup> no Brasil, que junto com Spix e Martius, esteve na comissão austríaca em 1817. O naturalista ficou 18 anos no país recolhendo objetos de botânica, de zoologia e de mineralogia, e desenvolveu coleções na região do Mato Grosso e Rio Negro. Montez estudou os fragmentos de cartas, de relatórios e do diário de Natterer que estão no Museu de etnologia de Viena.

Luciana de Lima Martins em “O Rio de Janeiro dos viajantes”<sup>39</sup> analisou as representações do Rio de Janeiro feitas por viajantes ingleses na primeira metade do século XIX. A obra analisa os registros e impressões de intelectuais como Charles Darwin, William Burchell e William Havel sobre o Rio de Janeiro. A autora avalia, entre outras coisas, a iconografia britânica na construção das paisagens cariocas na primeira metade do século XIX.

Entre as autoras que trazem contribuições localizadas na área da história das ciências e no papel da divulgação científica estão Silvia F. Figuerôa e Maria Margaret Lopes, que desenvolveram, entre outras pesquisas, estudos sobre diversos viajantes que vieram ao Brasil sob o ponto de vista da geologia. Alda Heizer estuda as correspondências, as representações artísticas e científicas das práticas de campo, desenvolvendo pesquisas ligadas à institucionalização das ciências naturais e as viagens filosóficas<sup>40</sup> pelo território brasileiro em fins do século XIX e início do XX. Os autores Nelson Rodrigues Sanjad, Miriam Junghans e Anderson Antunes dedicam-se, principalmente, aos estudos acerca das carreiras científicas, de

---

<sup>36</sup> Ver LISBOA, Karen Macknow. *Imperialismo, missão e exotismo: narrativas de viajantes de língua alemã no Brasil nas primeiras décadas do século XX. história. questões e debates*, v. 58, p. 63-88, 2013.

<sup>37</sup> Ver DIENER, Pablo; COSTA, Maria de Fátima. *Martius*. Capivara Editora: Rio de Janeiro, 2018

<sup>37</sup> Ver MONTEZ, L. B. . No rastro de um colecionador incansável. Alguns problemas relacionados à pesquisa sobre Johann Natterer e sua expedição científica no Brasil. *Musas (IPHAN)* , v. 4, p. 60-80, 2011.

<sup>39</sup> Ver MARTINS, Luciana de Lima. *O Rio de Janeiro dos viajantes*. Jorge Zahar: Rio de Janeiro, 2015. 208 p.

<sup>40</sup> No último quartel do século XVIII as expedições além de motivações econômicas, políticas e ideológicas passaram a orientar-se também em busca de estudos científicos “as viagens filosóficas [...] eram [...] organizadas em função de interesses científicos e artísticos”. IN CORRÊA, Margarida Maria da Silva. A construção do olhar europeu sobre o Novo Mundo ao (RE) descobrimento do reino tropical. Goiânia, 1997. p. 77.

viajantes-naturalistas, de instituições de história natural como museus e jardins botânicos, a circulação do conhecimento e as redes de colaboradores dos viajantes.

A propósito de Saint-Hilaire, a autora Lorelai Kury, que orienta pesquisas acerca de viajantes, vem contribuindo, entre outras coisas, para a análise da especificidade do trabalho científico e das redes científicas e sociais desse naturalista. No texto “Saint-Hilaire, viajante exemplar”, a autora ressalta os objetivos da viagem do francês ao Brasil no contexto em que a utilidade era a justificativa para a realização das atividades científicas. Em “Saint-Hilaire: viagem e botânica filosófica”, Kury destaca como o francês decidiu empreender viagem científica ao Brasil e a inserção sociocultural dele como fator determinante para o distinguir entre os demais coletores, além dos apoios que obteve para garantir seu empreendimento.

Cláudia Damasceno Fonseca, autora que também estuda os relatos de Saint-Hilaire, em “*Viagens pelo interior do Brasil, observações históricas e geográficas de Auguste de Saint-Hilaire*”, apresentou algumas particularidades do processo de concepção dos textos e da visão do naturalista sobre as regiões que percorria. Cabe ressaltar que o texto faz parte da obra bilíngue *Saint-Hilaire (1779-1853), un botaniste français au Brésil*, publicada pelo *Museum National d’Histoire naturelle*, Paris. Damasceno Fonseca (2016) destacou a pluralidade de questões histórico-geográficas e a clareza nas explicações dadas pelo francês em suas narrativas, fazendo delas excepcionais. Para a autora o botânico queria convencer ao leitor da utilidade de sua obra. Damasceno Fonseca destaca a região de Minas Gerais como sendo a que mereceu mais espaço em seus relatos.

Dentre as obras que utilizei e que elucidaram meu entendimento acerca do contexto intelectual, o do determinismo climático, presente no meu tema de pesquisa está “O fardo do homem branco” de Maria Odila Leite da Silva Dias acerca do britânico Robert Southey (1774-1873), escritor citado por Saint-Hilaire em seus relatos. O estudo de alguns dos intelectuais que foram contemporâneos de Auguste de Saint-Hilaire e que também escreveram sobre o Brasil, nos ajuda a compreender o tipo de historiografia que esses fizeram e se apresentam semelhanças e divergências entre as concepções de sociedade descritas por Saint-Hilaire.

As descrições acerca do Brasil e do continente americano entre os séculos XVIII e XIX oscilaram entre a “inferioridade” e o paradisíaco. Na obra “*La disputa del Nuevo Mundo*”, Antonello Gerbi nos ajuda a compreender melhor o conceito de natureza que alguns naturalistas possuíam do Novo Mundo. Dentre algumas discussões presentes na obra está a ideia da América como continente imaturo, impotente e “inferior”. Podemos ainda identificar as teorias acerca da natureza e dos povos americanos que possam ter inspirado os viajantes oitocentistas.

Ludmilla Jordanova no ensaio “Earth science and environmental medicine: the synthesis of the late Enlightenment” explorou o determinismo ambiental do final do século XVIII e início do XIX. As ciências ambientais foram relacionadas com as ciências biomédicas e com as ciências humanas e sociais. O determinismo ambiental foi pensado como uma preocupação comum dessas áreas, havendo um interesse em entender como o ambiente físico ofereceu explicações diretas de como as condições externas afetavam os seres vivos. Esse interesse é percebido nas narrativas de viagens que propuseram explicar as formas de vida e o meio ambiente. Houve uma preocupação em detalhar as doenças que eram causadas em detrimento do ambiente. Jordanova (1995) destaca que havia uma dimensão antropológica para o determinismo ambiental que estava presente nas descrições e análises do estilo de vida, da saúde e das doenças. A autora analisa ainda o impacto das condições ambientais que se originaram na própria civilização.

Ainda ao que se refere a obras que ajudam a entender o determinismo climático, o autor David Arnold na obra “The problem of nature” propôs mostrar como o determinismo geográfico e biológico é parte importante da teoria e da explicação histórica. Jan Golinski na obra “*British Weather and the climate of Enlightenment*” explica que no século XVIII, sob os ideais iluministas, a suscetibilidade climática passou a ser vista como um índice de mudança cultural, pois a umidade poderia ter efeito deprimente sobre os “espíritos” da população. O autor discorre acerca do legado hipocrático, cuja ideia era de que as doenças humanas foram regularmente causadas pelo ambiente físico e pela mudança das estações.

Dentre as obras que trazem temas correlatos a minha pesquisa está o da autora Maria Helena Rouanet em “Eternamente em berço esplêndido” que traz sua interpretação acerca do viajante francês Ferdinand Denis (1798-1890). Ela reconhece a importância desse viajante na gênese da literatura brasileira, apontando o que o torna tão referenciado nesse campo literário. A obra é de suma importância para o estudo da especificidade desse estrangeiro que esteve no Brasil em 1816 e acabou se especializando em História do Brasil.

Entendendo como obras atuais e que objetivaram refazer o trajeto percorrido por Saint-Hilaire em Minas Gerais e em Goiás “Minas Gerais e Orleans” organizada por Santos Jr<sup>41</sup> e “Uma viagem pelo sertão” organizada por Lenora Barbo<sup>42</sup>. A obra “Uma viagem pelo sertão: 200 anos de Saint-Hilaire em Goiás”, conta com autores como Marc Pignal<sup>43</sup>, Lorelai Kury,

---

<sup>41</sup> Presidente do Instituto Auguste de Saint-Hilaire- MG

<sup>42</sup> Doutor e Mestre em Arquitetura e Urbanismo UnB.

<sup>43</sup> Engenheiro e curador do Museu Nacional de história natural em Paris. O autor trabalha a flora brasileira.



Marcos Antonio de Menezes<sup>44</sup>, entre outros. Nesse livro as regiões goianas que foram exploradas por Saint-Hilaire foram revisitadas, além da tentativa de refazer simbolicamente o trajeto percorrido por ele. Essa obra nos ajuda a ter uma visão mais completa sobre Goiás a partir dos relatos de Saint-Hilaire e sua intenção de registrar, sobretudo a vegetação que pareceu prever que não fosse existir atualmente.

A obra “Minas Gerais e Orleans: olhares no Caminho Saint-Hilaire”, organizada por Amador dos Santos Jr.<sup>45</sup> e que foi fruto do Seminário “Minas Gerais- Orléans: Olhares cruzados sobre Auguste de Saint-Hilaire” (organizado em Diamantina 2019), trouxe em um de seus textos as contribuições de Jean Pierre Vittu, que escreveu sobre parte da carreira de Saint-Hilaire em Orléans. Outros textos presentes nesse livro demonstram o caráter atual das descobertas dos relatos do botânico. Dessa forma, a obra fornece informações sobre as narrativas construídas pelo naturalista sobre a região mineira.

Ainda sobre os estudos mais específicos sobre Saint Hilaire, Fátima de Macedo Martins<sup>46</sup> em sua tese “Saint-Hilaire em Goiás: Ciência e Missão Civilizatória” traz a representação de Goiás construída por Saint-Hilaire, estabelecendo relações com a produção da história natural, em que destacou o projeto civilizatório e o confronto com o “outro”, construindo assim a imagem decadente para a região. Rafael Augusto Gomes<sup>47</sup> (2018) em sua dissertação “Humanidade, filantropia e civilização indígena em Auguste de Saint-Hilaire” destacou como o viajante-naturalista caracterizou os povos americanos e procurou incorporá-los às sociedades “civilizadas” no início do século XIX.

Muitos são os estudos tanto do trabalho de botânica quanto das narrativas de viagens deixados por Saint-Hilaire. Contudo, a pesquisa que tentei realizar acerca dos relatos desse viajante sobre Minas Gerais e Goiás foi uma leitura que não desassociasse os aspectos naturais e culturais, tendo em vista que alguns autores parecem preocupar-se ou com uma questão ou com outra.

Após a leitura de alguns trabalhos que analisam as narrativas de Saint-Hilaire, e percebendo que por muitos anos essas produções se concentraram no tema da alteridade, apesar de estar ciente de que algumas pesquisas trazem novas abordagens, como a questão da participação dos indígenas na história do Brasil, existe uma reflexão importante que não

---

<sup>44</sup> Pós-doutor em História. Professor do programa de pós-graduação em História (mestrado e doutorado) da Universidade Federal de Goiás e professor da graduação em história da Universidade Federal de Jataí.

<sup>45</sup> Presidente do Instituto Auguste de Saint-Hilaire- MG

<sup>46</sup> Tese defendida na Universidade de Brasília em 2017 e autorizada em [sucupira.capes.gov](http://sucupira.capes.gov).

<sup>47</sup> Mestre em História Cultural pela Universidade Federal São João del- rei.

identifiquei nessas obras: o estudo dos aspectos naturais e das questões humanas trabalhadas de forma conjunta. Desse modo, minha pesquisa poderá ser relevante no sentido de contribuir para o entendimento da narrativa desse autor que escreveu na primeira metade do século XIX, em uma época em que as configurações naturais e sociais eram essenciais tanto nas abordagens no mundo intelectual francês quanto brasileiro.

Na historiografia e nos estudos biológicos acerca dos relatos de viagem de Saint-Hilaire, os aspectos naturais e as questões sociais são explorados de forma separada. No entanto, para Saint-Hilaire, a compreensão do Brasil como um todo e da especificidade de cada região implica tanto em seu estado moral, quanto natural, econômico, entre outros.

## Capítulo 1: O conhecimento sobre o Brasil a partir dos viajantes do século XIX

### 1.1 Apresentação do capítulo

Dentre as principais fontes da historiografia brasileira estão as narrativas de viagens do século XIX. Além dos viajantes-naturalistas, diversos artistas, cronistas, diplomatas, militares e aventureiros estrangeiros também percorreram o continente americano, deixando um enorme legado iconográfico e relatos – baseados em suas concepções de mundo eurocêntricas - que nos permitiram acessar informações acerca da história do Brasil e das Américas.

Neste capítulo, pretendo abordar a especificidade dos relatos de viagem. Busquei identificar os elementos presentes nas narrativas da primeira metade do século XIX que tornam esse tipo de escrita um gênero literário específico.

### 1.2 Os relatos de viagem: “um olhar de fora”

Muitos são os historiadores que vêm contribuindo para que os relatos de viagem do século XIX e de tempos mais pretéritos sejam cada vez conhecidos e mais bem estudados. A partir da década de 1990 essas narrativas foram analisadas na chave do universo cultural no qual o viajante estava inserido, apesar de outros escritores e instituições, sobretudo após Brasil se tornar independente, iniciarem a difusão dessa literatura, considerando que os viajantes haviam escrito um retrato fiel do país e não como um “olhar de fora”.

No que se refere propriamente aos relatos de viagem, esses ganharam espaço na revista de divulgação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro ainda na primeira metade do século XIX<sup>48</sup>. No entanto, Junghans (2017) salienta que foi um grupo restrito que teve acesso a essas publicações. Ela destaca a Coleção Brasileira, publicada pela Companhia Editora Nacional a partir de 1931, como sendo a que teve maior alcance na propagação das viagens estrangeiras com os viajantes do século XIX, como Saint-Hilaire, Bates, o casal Agassiz<sup>49</sup> e outros.

---

<sup>48</sup> Em 1838 o IHGB realizou a tarefa de sistematizar uma produção historiográfica capaz de contribuir para o desenho dos contornos que se queria definir para a nação brasileira. IN GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. *Nação e Civilização nos Trópicos: O IHGB e Projeto de uma História Nacional*. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, n. 1, 1998. pp. 5-27.

<sup>49</sup> O naturalista Louis Agassiz (1807-1873) e sua esposa Elizabeth viajaram pelo Brasil entre 1865 e 1866. A expedição pela Amazônia acabou por legitimar suas teorias raciais. Ver MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. A ciência norte-americana visita a Amazônia: entre o criacionismo cristão e o poligenismo

Conforme mencionado anteriormente, Fernando de Azevedo (1894-1974) em 1952 foi convidado para coordenar, planejar a estrutura e a redação dessa coleção de obras sobre assuntos brasileiros. “As ciências no Brasil” foi a terceira obra desse projeto, trazendo uma coletânea de textos de diversos especialistas brasileiros dedicados ao estudo da história das ciências. O livro ofereceu a análise das origens da história das ciências no Brasil e das condições para o surgimento do pensamento científico no país. Fernando de Azevedo foi um dos intelectuais que iniciou a produção sobre a história das ciências e dos relatos sobre viajantes no Brasil. Ele está inserido na gama de autores que acreditavam que o lugar de produção de conhecimento científico se dava na Europa.

Para Fernando de Azevedo (1994 [1956]) o “espírito científico” escapou ao Brasil durante o período colonial e imperial. Para ele, isso se deve ao fato de que a herança cultural trasladada pelos portugueses e espanhóis às regiões por eles conquistadas foi a que predominou em seus países, cujos métodos científicos eram antigos, diferente da Europa, onde novas correntes de pensamento eram propagadas, salienta o autor. Fernando Azevedo (1994 [1956]) ressaltou que o único esforço no sentido de instituir estudos científicos no Brasil se deu por meio da botânica e foi iniciado pelo naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira (1756-1815) e por Frei José Mariano da Conceição Veloso (1742-1811), e continuada por Freire Alemão (1797-1874).

Na segunda metade do século XVIII a ciência começa a se mostrar como algo necessário ao progresso. Passou a ser evidenciado o valor das viagens para o conhecimento e bem do que se entendia como humanidade. As viagens do século XVIII serão uma espécie de modelo para as do século seguinte. As narrativas de viagem do século XIX englobarão aspectos científicos e oficiais. Acerca da organização das informações constantes nos relatos, Kury (2007) destaca que os textos que buscavam descrever as capitânias “[...] procedem ou na forma mais tradicional das corografias, relatos históricos e de história natural, ou podem ser empreendidos no âmbito da “estatística descritiva”, então em voga na Europa, principalmente na França” (KURY, 2007, p. 172).

Na Europa desde fins século XVIII e durante o XIX a “estatística descritiva” de época não se relaciona com o quantitativo dos dados, que será dominante apenas no século XIX. Kury

(2007) diz que a autora Marie-Noëlle Bourguet<sup>50</sup> em sua pesquisa acerca do período napoleônico aponta que progressivamente a “estatística descritiva” vai sendo substituída por uma concepção mais quantitativa do levantamento administrativo. Kury (2007) destaca as preocupações “estatísticas” presentes no Brasil a partir do modelo francês da virada do século XVIII para o XIX “[...] os inventários traçados são de teor espacial, profundamente marcado pela história natural” (KURY, 2007, p. 174).

Essa forma de sistematização realizada por esses viajantes nos ajuda a entender seu “métier” e o tipo de produção de escrita que estava em voga naquele período. Com a “popularização”<sup>51</sup> da ciência, entre o fim do Antigo Regime e a primeira década do século XIX, “as viagens ganharam valor de instrução, e a publicação de artigos desses viajantes nesses impressos acabou por legitimá-los no mundo científico” (CHAPPEY, 2004, p. 04).

O mercado desse tipo de publicação era mais específico, com vistas à legitimidade científica “a escrita literária da ciência é considerada o sinal óbvio do trabalho de “popularização”, [...]” (*idem*). Então, o relato de viagem atendeu ao estilo de produção literária daquele período, destinada sobretudo àqueles que podiam validar o conhecimento científico do escritor, que normalmente era um nobre.

### 1.3 O lugar do relato como literatura de viagem

As narrativas de viagem são uma das fontes de pesquisa de diversos campos de conhecimento. Os registros podem ser escritos ou imagéticos, feitos a partir das coisas notáveis que os viajantes encontram nas regiões por eles percorridas. Muitos desses relatos foram elaborados de forma sistematizada, feitos com rigor e critério estabelecido. Ainda assim, em muitas descrições parecia caber um pouco de tudo. Entretanto, em alguns momentos percebemos registros mais específicos e direcionados<sup>52</sup>. Apesar de existirem muitas crônicas

---

<sup>50</sup> Possui pesquisas sobre viagens científicas, especialmente nas práticas descritivas como anotações, cadernetas e jornais. Ver BOURGUET, M-N. *Déchiffrer la France: la statistique départementale à l'époque napoléonienne*. Paris: Édition des Archives Contemporaines, 1989.

<sup>51</sup> “Popularização” da ciência é o ato de divulgar a ciência para toda sociedade. No entanto, Chappey ressalta que o público amplo era escolhido e restrito aos ‘iluminados’. Então, a “popularização” acabou sendo a luta por legitimação. (*Ibidem*, p.04).

<sup>52</sup> As primeiras expedições científicas têm o século XVIII como um marco importante em relação ao que era realizado nas primeiras viagens do século XVI. Além de terem propósitos mais específicos que o da simples curiosidade e marcação de território, nutriam-se de cada vez mais sistematizar e trazer informações acerca das formas de vida e de organização da natureza e da sociedade das colônias. Essa sistematização parecia confirmar o caráter pragmático dessas empreitadas. O conhecimento mais preciso das terras poderia trazer benefícios ao país.

sobre o Brasil que remontam às viagens quinhentistas, é a partir do final do século XVIII que foram empreendidas as chamadas viagens filosóficas, baseadas na ciência ilustrada e com fins pragmáticos. Os viajantes desse período serão mais especializados e as expedições terão objetivos mais bem definidos. Desses empreendimentos renderam importantes textos e imagens não só sobre a fauna e a flora, mas também sobre os habitantes que se encontravam aqui. Se existe diversos tipos de viajantes e com distintas motivações para a viagem, o que faz as descrições resultantes dessas empreitadas se configurarem como um gênero literário específico?

Apesar de serem fontes de pesquisa comumente utilizadas por historiadores, para Mary Anne Junqueira (2011) os relatos de viagem são um documento que merece cuidado ao ser utilizado. Ao final do século XX, a historiografia passou a pensar as narrativas de viagem a partir do âmbito cultural do próprio viajante. Se antes eram consideradas retratos fiéis do Brasil, historiadores passaram a privilegiar o contexto dessas produções textuais e a natureza dos relatos produzidos: narrativas, memórias, cartas, diários de viagem, artigos de jornal e outros. Os relatos passaram a ser enxergados, sobretudo, como um “olhar de fora”.

Entre os pesquisadores que estudam a história das expedições científicas em geral e tentam explicar as visões de mundo eurocêntricas dos viajantes, está a autora Karen Lisboa, que revisitou fontes, incluiu novos documentos de língua alemã que estavam fora do Brasil e construiu novas interpretações de obras de viajantes. A propósito de Saint-Hilaire, Cláudia Damasceno Fonseca, autora que também estuda os relatos de Saint-Hilaire, em “*Viagens pelo interior do Brasil, observações históricas e geográficas de Auguste de Saint-Hilaire*”, apresentou algumas particularidades do processo de concepção dos textos e da visão do naturalista sobre as regiões que percorria.

Junqueira (2011) ressalta que entre os tipos de relatos estão os oficiais (governamentais), os científicos e os pessoais. No entanto, “[...] mesmo um relato de viagem oficial pode conter muito de pessoal e uma narrativa pessoal pode vir carregada de informações científicas” (JUNQUEIRA, 2011, p. 46). Além da compreensão desse universo cultural do viajante, Marcos Antonio de Menezes e Rodrigo Oliveira (2021) destacam que é essencial entender o contexto do local visitado, e em que momento da trajetória do viajante ocorreu a viagem. Eles ressaltam que ao escrever o relato, o viajante pode querer ser imparcial, conforme o viajante cientista Auguste de Saint-Hilaire, mas ainda assim seguirá padrões próprios da literatura de viagem.

Os viajantes utilizavam em seus relatos, além das suas próprias anotações, que muitas vezes incluíam testemunhos dos nativos que encontrava nas viagens, outros relatos de viagens, periódicos de época, entre outros. Ao que temos acesso são as narrativas que esses viajantes

construíram sobre os lugares que passaram, a partir do que disseram ter visto, de sua subjetividade, e que em parte são construídos em período posterior às viagens. Por isso, compreendemos que os relatos de viagem não correspondem à viagem em si. Dessa forma, devemos frisar que é esse o lugar do relato, uma literatura específica.

Junqueira (2011) destacou como característica central dos relatos de viagem, a de ser um corpo documental pouco definido e heterogêneo. Karen Lisboa (1997) elenca algumas características dos relatos, entre elas, a descrição precisa do lugar visitado e o deslocamento físico do autor por um período determinado. Viajantes brasileiros também percorreram diferentes regiões do país e produziram relatos. No contexto de valorização dos viajantes estrangeiros, o baiano Antônio Moniz de Souza (1782-1857), que se deslocou para diversas regiões do Brasil na primeira metade do século XIX, é “Personagem importante para entendermos a constituição da ciência no Brasil, [...] desempenhou o papel de observador da natureza e deixou registros relevantes” (SANTOS, 2008, p. 1035)<sup>53</sup>.

Os relatos parecem então se definir, em grande medida, a partir daquilo que o viajante observa. Os relatos de viagem apresentam a cronologia organizada a partir dos deslocamentos que os visitantes faziam e das coisas notáveis que encontravam. Dessa forma, ainda que os viajantes tivessem como principal função as descrições das regiões palmilhadas a partir de sua área de formação, acabam escrevendo sobre diversos aspectos observados. Contudo, “O estudioso criterioso constata rapidamente que o relato de viagem de um cientista é distinto do relato de um diplomata, que, por sua vez, é diferente da narrativa de uma mulher” (JUNQUEIRA, 2011, p. 46). Os viajantes, segundo Junghans (2017), ganham destaque quando publicam seus relatos. Dessa forma, aqueles que não publicavam as notas de suas viagens acabavam muitas vezes no anonimato.

As narrativas desses viajantes foram moldadas por sua visão de mundo, em obediência aos seus próprios interesses ou das instituições as quais estavam vinculados. Utilizavam como metodologia, a observação direta a fim de assegurar a verdade.

É curioso como, nesses relatos, o olhar que habitualmente se deseja imparcial, desapaixonado, à espera do que vier, do cientista e mesmo do viajante comum, se converte, desde o início das expedições, em observação interessada, com itinerário, objetivos e modos de ver sabidos de cor (SÜSSEKIND, 1990, p. 114).

---

<sup>53</sup> Disponível em: [ARTIGO 7 - LAURA CARVALHO.p65 \(scielo.br\)](#). Ver também: SOUZA, Antônio Moniz. de. *Máximas e pensamentos praticados por Antônio Moniz de Souza, o “homem da natureza” em suas viagens pelos sertões do Brasil desde 1812 até 1840* – publicados por um amigo. Niterói: s.n. 1843.

Outro elemento que precisamos levar em consideração ao estudarmos os relatos de viagem são as questões que esses viajantes costumavam tratar de forma geral. Percebemos que o século XIX se caracteriza pela busca do conhecimento acerca dos povos originários, mas sabemos também que o papel ocupado pela natureza nos relatos das viagens quinhentistas, perpassou os séculos. A historiadora da arte Ana Moraes Belluzzo (1996) destaca

[...] o tema indissociável da experiência do viajante do século XIX é a paisagem. Com a vinda da corte portuguesa para o Brasil, especialmente após a independência, chegam ao país artistas profissionais, diletantes com domínio do desenho. Ancoram no Rio de Janeiro passageiros de viagens turísticas pelo mundo. Possuem uma visão educada na estética do pitoresco e buscam desfrutar paisagens característica” (BELLUZZO, 1996, p. 18).

Houve um direcionamento para os estudos sobre a natureza e dos males tropicais. A compreensão acerca da utilidade dos recursos naturais seria em proveito da medicina. Não só os viajantes estrangeiros, mas os nativos procuravam soluções a fim de melhorar o meio tanto do seu país de origem quanto do país para qual se deslocara. Kury (2001) ressalta que “[...] o viajante romântico produzia por um lado ciência *in loco* e por outro acabou se especializando em registrar de forma precisa as sensações e fenômenos conforme a metodologia científica de época” (KURY, 2001, p. 863).

Saint-Hilaire se colocava na posição de pretender um relato global sobre o país. Portanto, precisamos entender a metodologia que ele usava para ler e utilizar as fontes que consultava, e ainda em quais textos ele se espelhou, pois apesar de querer que sua narrativa fosse um retrato fiel do que observou, em que medida ele conseguiu fazer isso?

### 1.3.1 A ciência romântica das viagens

Objetivando saber que modelo de conhecimento Saint-Hilaire queria construir, buscamos informações acerca do tipo de instrução e de ensinamento que ele possa ter tido ao longo de sua vida. Segundo o próprio botânico, Dom Alphonse-Jean-Baptiste Marquet (1745-1818) foi seu professor durante a infância no colégio de Pontlevoy<sup>54</sup>. O fato de ter sido aluno de Marquet pode ter influenciado na aprendizagem sobre valores cristãos. Na obra acerca da viagem pelo Distrito dos Diamantes, Saint-Hilaire salienta que esse professor era o beneditino da congregação de S. Maur e último superior do monastério e do colégio real e militar, atuando

---

<sup>54</sup> Viagem pelo Distrito dos Diamantes e litoral do Brasil, 1941[1833], p. 155.



anos como cura. O botânico demonstra em inúmeros trechos sua preocupação com valores cristãos “os que vivem em estado selvagem não têm ideia de Deus” (SAINT-HILAIRE, 1937[1848], p.124). Para ele, era como se esses ensinamentos fossem imprescindíveis para que a sociedade fosse “civilizada”.

Jean Pierre Vittu (2021) ressalta que o colégio real e militar de Pontlevoy oferecia uma formação muito variada, entre elas, o ensino de línguas modernas, como o alemão e o inglês. Vittu destaca ainda que na juventude, Saint-Hilaire viajou para Hamburgo para aprender técnicas de refino, e “familiarizando com obras de Humboldt e Goethe [...]” (VITTU, 2021, p.31). Dessa forma, procuramos perceber até que ponto as concepções desses estudiosos foram aproveitadas na narrativa de Sain-Hilaire.

Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832) foi um escritor de destaque na literatura romântica alemã, movimento que nasceu no final do século XVIII se contrapondo ao culto exacerbado da razão, que para esses românticos “impedia a ciência de comunicar uma imagem universal e confiável da natureza” (FETZ, 2017, p. 656). Além de atividades no teatro, o poeta se interessava pela botânica, misticismo, mitologia grega, entre outros.

Os intelectuais românticos alemães se valiam da razão e da objetividade para entender a natureza, no entanto, Margarida Maria da Silva Corrêa em sua dissertação de mestrado<sup>55</sup> diz que eles “Se revestiam de um caráter filosófico místico organizado em torno da visão romântica da valorização da estética da paisagem” (CORRÊA, 1997, p. 87). Nessa mentalidade, a estética possibilitava a apreensão do “real” e possibilitava alargar a imaginação do que seria possível.

Cabe recuperar o contexto histórico em que se deu esse movimento romântico alemão, ocorrido entre o final do Setecentos e as primeiras décadas do século seguinte. A Alemanha ainda não havia sido elevada a Estado-nação. A reação contra a ortodoxia católica, o mundo regido por leis invioláveis, mesmo encontrando resistência, fez intelectuais alemães a buscar por saídas. Corrêa (1997) ressalta que o movimento romântico alemão ganha nexos na noção de organicidade. Para os românticos tanto a natureza quanto o homem eram organismos vivos que desenvolviam suas potencialidades. Nessa nova mentalidade “as paisagens naturais da Terra iriam deixar de ser simplesmente vistas como o “entono”, mas como reflexo em movimento das sociedades e como esforço voluntário dos homens em construir e organizar o mundo” (CORRÊA, 1997, p. 80). Podemos dizer o movimento supracitado foi resultado de uma ordem social em mudança.

---

<sup>55</sup> “A construção do olhar europeu sobre o Novo Mundo ao (Re)descobrimento do reino tropical”. Goiânia, 1997.

Nas viagens filosóficas observamos que a imaginação foi utilizada para fins científicos nos relatos que delas derivaram. Era uma forma que esses viajantes tinham naquele momento não só de compreender e sentir a realidade observada, mas de transportá-la a quem não pôde observar com seus próprios olhos. Conforme Vittu (2021), as obras de Goethe chegaram até Saint-Hilaire, mas não sabemos o peso que ela pode ter exercido sobre sua narrativa e sua concepção de natureza<sup>56</sup>.

Conforme Sarthou *et al.* (2016) Saint-Hilaire teve acesso às ideias de Goethe propagando-as pela França. Então, se o viajante acessou essas obras - ainda que pretendesse descrever um retrato fiel do que observava e de sua visão de mundo estar ancorada no universalismo das Luzes - pode ter se sensibilizado quanto da relação entre o homem e o místico, elementos presentes na literatura alemã, que contagiou a escrita do período e estiveram presentes nas obras de Goethe.

Está ainda entre os personagens que marcaram a ciência moderna Alexander von Humboldt. Sarthou *et al.* (2016) ressaltam que Saint-Hilaire encontrou o alemão em Paris e em Montpellier, polos da vida científica no período. Kury (2016) sinalizou que a abordagem de Humboldt integrava descrições conforme a sensibilidade romântica da época. Em “Quadros da natureza”<sup>57</sup> por exemplo, o viajante dizia que os animais festejavam a lua cheia “As representações de paisagens na obra de Humboldt retratam impressões de viagem por meio de imagens, pelo sentido da visão e de descrições textuais que fazem apelo a “imaginação” e a “sensibilidade” dos leitores (KURY, 2016, p. 165). As narrativas de Humboldt foram importantes para outras literaturas que vieram depois. Kury (2016) destaca que a paisagem para ele englobava a configuração vegetal da região relacionada à cultura humana ali desenvolvida. Então, Saint-Hilaire se baseou também em algum grau nessa forma de construir narrativa humboldtiana.

A metodologia adotada pelo viajante parecia refletir o contexto de disputas pessoais e científicas daquela época. Lorelai Kury em “Auguste de Saint-Hilaire: La Botanique et L’experience du Voyage” salienta que nos anos seguintes ao retorno do francês ao seu país, sua estratégia era lidar com os grupos de plantas que ele conhecia melhor, a fim de garantir prioridade na descrição e na classificação desses gêneros e espécies, uma vez que outros

---

<sup>56</sup> Ver GOETHE, Johann Wolfgang von. *A metamorfose das plantas*, publicado em 1790.

<sup>57</sup> HUMBOLDT, Alexander von. *Quadros da natureza*. Editor Gaspar, 1876[1808]. Obra em que Humboldt imprime sua emoção na descrição da paisagem natural.

naturalistas já estavam começando esse tipo de publicação sobre o Brasil<sup>58</sup>. Kury (2022) destaca que a prioridade da descrição constituía ainda uma porta de acesso a determinados cargos e instituições, além da notoriedade que o autor alcançava.

Nas viagens o leitor era transportado para o lugar. A descrição dos exemplares não é necessariamente feita pela pessoa que esteve no lugar. Nos relatos desses naturalistas o registro parecia variar conforme o olhar de cada um. Pretendiam passar a informação para quem não estava no lugar. Esse parecia um dos estilos literários europeus do período. Saint-Hilaire comparava os sons captados na natureza com aqueles que tinha conhecimento no seu país, pois quando viajou para o Brasil não existiam ainda instrumentos que pudessem gravar os sons percebidos nas paisagens. Portanto, além da descrição havia um apelo à imaginação do leitor acerca do lugar visitado a partir dessa metodologia que era possível época.

Nos relatos de viagem de Saint-Hilaire é concebível sua visão eurocêntrica, uma vez que só podia analisar as regiões visitadas tendo em vista as concepções culturais do seu lugar de origem. No entanto, identificamos aspectos da abordagem científica de época como as discussões sobre raça, que será tratada de forma breve no capítulo seguinte, e sobre a influência climática, concepção que aparece de forma majoritária em seus relatos, e por isso aparecerá de forma mais abrangente nesta dissertação.

Em suma, mesmo imbuído da ideia de ser útil a partir das descrições sobre o que viu e sentiu, a realidade poderia oferecer muitas possibilidades e elaborações de mundo. Saint-Hilaire com sua interpretação produziu um tipo de ciência no lugar visitado, tentou relatos precisos, que não são essencialmente subjetivos. Portanto, faz-se necessário compreender os recursos disponíveis que esse viajante utilizou, como reunir condições para distinguir uma região da outra e publicar os resultados. Ao narrar sua experiência a partir dos relatos, esse tipo de escrita ao mesmo instante que despertava interesse no público, contribuía para a sua legitimidade enquanto cientista.

### **1.3.2 A subjetividade nos relatos de viagem**

As narrativas de viagem contêm registros interdisciplinares, combinando descrição da flora, da fauna, a organização e o costume dos habitantes, religião. Por apresentar um caráter interdisciplinar, os relatos são entendidos por muitos estudiosos como um gênero híbrido,

---

<sup>58</sup> Como exemplo dessa concorrência, os integrantes da chamada Missão Austríaca, como Pohl, Mikan e Martius.

portanto, apresentam diferenças. Junqueira (2011) sinaliza que o crítico literário Jam Borm discute se o relato de viagem é um gênero literário. A autora aponta que para Borm, o relato é um gênero híbrido que se nutre de outros discursos como ficção, romances, novelas, contos, autobiografias e textos científicos. Junqueira (2011) afirma que o pesquisador envolvido com a análise do discurso provavelmente sentirá necessidade dos referenciais metodológicos da biografia, da epistemologia e da escrita em si, para compreender o relato e os recursos que o viajante utiliza para narrar a sua experiência.

Menezes e Oliveira (2021) ressaltam “ainda que se pretenda neutro, o relato de viagem é um gênero que obedece a convenções, a padrões estéticos e literários” (MENEZES; OLIVEIRA, 2021, p. 96). Ou seja, apresenta uma forma específica. O relato de viagem pressupõe um leitor, porém, Mary Anne Junqueira (2011) ressalta que esse leitor pode ser o próprio escritor, quando relata sua experiência em um diário pessoal. Para ela cabe ao historiador inteirar-se de quando o texto foi escrito para ver o que essa fonte revela em determinados momentos.

Kury (2001) ressalta que Alexander von Humboldt “defende que impressões estéticas fazem parte da própria atividade científica experimentada pelo viajante [...] e não podem ser substituídas por descrições ou amostras destacadas dos lugares onde foram coletadas” (KURY, 2001, p. 865). A autora ressalta ainda que no século XXI para não cometermos anacronismos interpretativos “é preciso compreender que, para os naturalistas do século XIX, a ciência devia descrever a totalidade de elementos que atuavam em um fenômeno local” (*ibidem*, p. 870). Apesar de os relatos serem pessoais e íntimos, Kury (2001) salienta que essas descrições não devem confundir-se como totalmente subjetivas.

Mesmo os relatos que foram construídos a partir das primeiras viagens pelo Brasil se mantêm vivos no presente, pois sempre nascem diferentes questões e se apresentam a eles. Os relatos de viagem devem ser considerados documentos que integram os estudos de diversos pesquisadores. No entanto, precisam ser analisados de forma cuidadosa, tendo em vista todas as características encontradas neles. Nesse tipo de documento, o que temos acesso são as narrativas construídas pelos viajantes sobre os lugares visitados, a partir do que eles disseram ter visto e de sua subjetividade. Os relatos de viagem são artefatos. Entre as anotações e a publicação, muitas coisas acontecem e dados podem ser acrescentados a partir de uma bibliografia correspondente. Portanto, não é um retrato fiel do que aconteceu e devem ser compreendidos também a partir dos recursos que o viajante utilizou na escrita.

Os relatos de viagem da época desses naturalistas parecem não ser um gênero híbrido, mas sim uma literatura que tratava o mundo em diferentes esferas, em que era comum entre os

viajantes a busca pelo entendimento acerca dos padrões de vida social e natural e suas regras de funcionamento. Saint-Hilaire era um viajante sensível à dimensão temporal. Ele se interessava pelas transformações do mundo vegetal com o passar do tempo, e isso aparecia em suas observações. A explicação natural e social das regiões percorridas por ele aparece todo o tempo em seus relatos. Em diversos momentos lamenta a destruição da paisagem a partir de ações humanas, o que para ele impedia o aproveitamento de espécies úteis à arte e à medicina. Jean-Marc Drouin (2016) salienta que o botânico se engajou no caminho aberto por Humboldt, identificando e reconstruindo a fisionomia da vegetação.

A objetividade no momento de sua viagem se dava de forma distinta da ciência que veio posterior, pois se relacionará aos experimentos científicos possíveis de se executar. Então, que tipo de objetividade era aquela? Em seu artigo “Resposta às críticas que as pessoas mundanas fazem ao estudo da botânica” (1811), Saint-Hilaire indagava acerca das emoções que um botânico teria diante da natureza. Então, a ciência daquela época comportava em algum grau algum tipo de sentimento, que surge quando o viajante se depara com a natureza e é despertado a fazer novas descobertas científicas.

Em muitas passagens dos relatos de Saint-Hilaire acerca de Minas Gerais, percebemos alguns sentimentos que os mineiros despertaram nele. “Em toda a província de Minas encontrei homens de costumes delicados, cheios de afabilidade e hospedeiros [...]” (SAINT-HILAIRE, 1974, p. 33)<sup>59</sup>. Ao caracterizar o povo mineiro como afável, Saint-Hilaire quis descrever traços da personalidade da sociedade de Minas Gerais para entender o local como um todo. Essa forma profunda na descrição do caráter percebido daquelas pessoas não deve ser encarada como unicamente subjetiva por envolver sentimentos, mas como uma maneira de dar movimento às descrições. Entretanto, os relatos de viagem feitos por Saint-Hilaire não estiveram imunes à subjetividade, pois em sua observação e descrição ele teve como parâmetro os valores da cultura europeia. Mas a intenção em tornar sua narrativa precisa era tipicamente o espírito objetivo das ciências modernas, embora não pudesse garantir que dados e informações ali elencados estivessem sempre corretos, Saint-Hilaire equivocou-se. “Garimpeiro não significa contrabandista de diamantes, e sim o minerador que trabalha nos garimpos, ou catas de diamantes, revolvendo as areias dos rios à procura das preciosas gemas” (SAINT-HILAIRE, N. do T. 1944[1847], p. 256).

---

<sup>59</sup> Viagem pelo Distrito dos Diamantes e Litoral do Brasil. Tradução Leonam Azevedo Penna. Itatiaia, belo Horizonte: Editora da Universidade de São Paulo. 1974, 233p.

O trecho supracitado demonstra o empenho de Saint-Hilaire em se tornar um intérprete mais preciso possível não só da fauna e flora do Brasil, mas também de sua cultura. Ao perceber que havia equívocos em informações em obras de períodos anterior, tanto de sua autoria quanto da autoria dos demais escritores, Saint-Hilaire assumia os erros em extensas notas explicativas. Por isso, muitos elementos foram circunscritos por meio da sua visão e a partir dela foi feita uma sistematização que buscava ser coerente. Porém, outras informações foram conseguidas mediante consultas a outras fontes em período posterior.

“É curioso como, nesses relatos, o olhar que habitualmente se deseja imparcial, desapassionado, à espera do que vier, do cientista e mesmo do viajante comum, se converte, desde o início das expedições, em observação interessada, com itinerário, objetivos e modos de ver sabidos de cor” (SUSSEKIND, 1990, p. 114). Pode-se dizer que é “observação interessada” porque desde que organiza a viagem, o viajante já sabe o que quer perseguir, ainda que não tenha a dimensão de todas as coisas notáveis que poderá encontrar. Sabe desde o início que sua empreitada envolverá a observação dos aspectos naturais e do comportamento humano em diversos ambientes, devendo registrar de forma sistemática seu funcionamento e ações. Para compreender tanto os aspectos da natureza quanto humanos, Saint-Hilaire estudava a relação entre eles, uma vez que para ele o ambiente natural constituía a personalidade dos habitantes e os seres vivos se moldavam aos aspectos físicos de cada região.

#### **1.4 A relação entre viagem e história natural**

Buscando entender o relevo que o estudo da história natural ganhou a partir das viagens de exploração iniciadas no final do século XVIII, percebemos que tem relação com o período das Guerras Napoleônicas<sup>60</sup>. Kury em “Botany in war and peace” estuda o papel da botânica a partir das últimas décadas do século XVIII e a influência da França na cultura científica do Brasil. Em tempos de guerra entre Portugal e França, o conhecimento das plantas passou a ser central. Plantas exóticas, medicinais e alimentícias endêmicas passaram a ser cultivadas.

Acerca da relação Portugal e França, Maria da Silva Corrêa (1997) destaca que quando d. João chegou ao Brasil decretou invasão a Guiana Francesa, transferindo de lá as espécies do Jardim Botânico de Caiena para os jardins de Belém, de Pernambuco e de Salvador. Além disso,

---

<sup>60</sup> As Guerras Napoleônicas, que tiveram início em 1803 e duraram cerca de 12 anos, foram um conjunto de conflitos ocorridos entre revolucionários franceses e a monarquia europeia. Esse período bélico é, portanto, um dos mais importantes da história e teve como nome principal o líder político Napoleão Bonaparte (1769-1821).

substituiu a cana crioula<sup>61</sup> pela trazida de Caiena. Houve nessa época um incentivo à agricultura. “A história natural e a medicina durante o Iluminismo foram em parte alimentadas por um sentimento generalizado de que a própria natureza abrigava as curas para as doenças que afligiam a humanidade: remédios para os doentes, comida para os necessitados e soluções para as indústrias” (KURY, 2017, p. 14). O botânico Auguste de Saint-Hilaire fez vários embarques de sementes, de plantas úteis e do herbário do Brasil para França. Kury (2017) salienta que o conhecimento empírico útil passou a ser central para o mundo das ciências. As viagens permitiriam com que os naturalistas pudessem se basear na experiência e na observação de quem estava no local.

Objetivando compreender a relação entre viagem e história natural foi necessário buscar pela trajetória dessa empreitada científica. Luzia Amelia Castañeda (1995) sinalizou três aspectos conceituais acerca do percurso da história natural: a taxonomia (nomeação e classificação dos seres), o mecanicismo (compreensão do entrosamento dos organismos) e a inadequação do método (antes da análise dos fenômenos era necessário decompô-los). A autora salienta que no primeiro momento do percurso da história natural, a filosofia mecanicista florescia. Na filosofia mecanicista admitia-se a existência de um criador, mas sem intervenções. No século XVIII a natureza era objeto de descrição e de classificação dos naturalistas. Georges-Louis Leclerc (1707-1788), o conde de Buffon, partilhava a ideia de que o processo criativo existia por uma virtude divina.

Já Charles Bonnet (1720-1793) entendia o método mecanicista para a interpretação da vida como inadequado. Opondo-se às teorias de Buffon, quis traçar as causalidades que levava a uma nova forma. O que corroborou para o abalo da filosofia mecanicista e sua acusação como método inadequado foi a percepção de que a vida se expressava de modo universal e que a reprodução dava ao ser vivo um novo *status*. “Instaura-se, assim, a possibilidade de um pensamento voltado para as questões da hereditariedade, garantindo a permanência das formas de vida.” (CASTAÑEDA, 1995). Essa nova fase da busca pelo entendimento do funcionamento do processo da natureza fará com que as viagens de cunho filosófico sejam intensificadas.

Kury (2001) destaca “A viagem é em geral considerada pela história natural como uma das etapas necessárias para a transformação da natureza em ciência” (KURY, 2001, p. 865). O conhecimento empírico, o conhecimento acerca do mundo a partir do estudo passou a fazer parte

---

<sup>61</sup> No Brasil, até o século XIX, a cana-de-açúcar foi utilizada para fabricar rapadura era a Crioula. Depois, veio a Caiena, que é mais resistente a pragas, e, posteriormente, surgiram inúmeras outras variedades, como a Cana Rosa, Fita, Bambu, Carangola, Cabocla, Preta, entre outras.

do mundo das ciências. Após as Guerras Napoleônicas, em 1815 o Brasil pôde receber naturalistas estrangeiros que estudariam a flora brasileira, pois já não havia mais tantos perigos para eles e suas coletas de botânica.

A relação entre história natural e viagem tem um exemplo claro no legado científico do naturalista Alexander von Humboldt (1769-1859). As formas de construção de seus relatos acabaram espelhando parte dos viajantes do século XIX. As narrativas pessoais de Humboldt, o tipo de descrição das paisagens e a adoção da classificação também foram modelos para outros estudiosos. Observamos que os viajantes que ficaram mais conhecidos foram os que publicaram seus relatos, como Humboldt, Martius, Pohl e Saint-Hilaire, por exemplo. Esses conseguiram relatar tudo que conseguiram observar e a exatidão marcou suas narrativas. Essas são outras características do relato de viagem, que tinha também como objetivo passar veracidade ao leitor. A minuciosidade na descrição era uma forma de fazer com que o leitor pudesse experienciar as sensações vividas por esses viajantes. O produto dessas viagens era composto por descrições textuais, iconográficas e coleções de diversos espécimes.

Junghans (2017) salienta "Na história natural, o aumento exponencial das coleções, ocasionado pelas viagens de exploração do século XVIII, foi um dos fatores que impulsionou a busca por formas mais precisas de análise e classificação dos "três reinos da natureza"<sup>62</sup> (JUNGHANS, 2017, p. 13-14). Kury (2001) destaca que os viajantes-naturalistas que vieram para o Brasil haviam feito a opção de "ver com os próprios olhos", ouvir e sentir os fenômenos. A autora diz que a história natural considera a viagem uma das etapas necessárias para que a natureza seja transformada em ciência. Mas ressalta que o coletor e o sistematizador não são a mesma pessoa, por isso, na história natural realizada pelas instituições da Europa, "ver com os próprios olhos" não se fazia necessário. Dessa forma, os desenhistas, os pintores e os coletores com especialização em história natural, que acompanhavam os naturalistas, eram personagens importantes nessa empreitada.

Jean-Marc Drouin (2016) ressalta que a viagem ao Brasil foi uma oportunidade de Saint-Hilaire apresentar sua concepção de botânica. O que permitiu destacar-se foi as relações que estabeleceu com pessoas influentes e ainda com os habitantes que encontrava nas regiões. A viagem, o deslocamento acabou se tornando uma forma desse naturalista desenvolver melhor seus estudos acerca das descrições que pode observar na viagem e ainda das obras que consultou

---

<sup>62</sup> A botânica, a zoologia e a mineralogia.



no momento posterior a viagem, o que culminou em ricas publicações sobre o Brasil e a propagação dessa escrita ao público mais amplo.

### **Considerações do capítulo**

Neste capítulo, analisei quais características fazem os relatos de viagem serem um gênero literário específico. Percebemos que houve progresso das ciências naturais a partir das viagens filosóficas e das narrativas que foram construídas pelos viajantes. Sabe-se que esse tipo de escrita, ao longo do século XIX, objetivava tratar de forma global as sociedades e os espaços visitados. Nela, parecia caber um pouco de cada assunto, conforme o deslocamento do viajante.

É preciso atentar-se sobre quem é o escritor e o que ele pretende com aquele tipo de publicação. Muitos viajantes, entre eles Saint-Hilaire, além de terem viajado até a região a ser observada, escolheram interlocutores para escrever seus relatos. Dessa maneira, entendemos que a narrativa não correspondia a viagem em si, pois o texto poderia ser escrito durante, logo após ou muito depois da viagem. Faz-se necessário ainda, entender que apesar da concepção de mundo europeia desses viajantes, eles utilizaram em seus relatos os recursos que dispunham na época, como a erudição e o método de classificação, além de analogias para fazer o leitor sentir o que não puderam ver com seus próprios olhos. Contudo, apesar de as narrativas de viagem não corresponderem à viagem em si, não podem ser caracterizadas exclusivamente como subjetivas.

## **Capítulo 2: Natureza e sociedade em Saint-Hilaire e nas narrativas de viagem da primeira metade do século XIX**

### **2.1 Apresentação do capítulo**

Estudando algumas narrativas de viagem, percebi que as fronteiras entre a explicação social e natural presentes nesses relatos são tênues. Nos relatos de viagem de Saint-Hilaire as questões naturais e sociais foram exploradas de forma conjunta. Para o botânico a história específica de cada região influenciava o seu estado moral, natural, econômico, entre outros. Assim como os aspectos naturais específicos influenciam todos os outros. Neste capítulo, analiso de que maneira Saint-Hilaire e alguns dos outros viajantes que aqui estiveram partilhavam a crença na determinação do ambiente sobre as populações e teorias que relacionam o mundo físico e social.

No primeiro momento, utilizei autores que fizeram a cronologia dos viajantes que estiveram no Brasil na primeira metade do século XIX. Busquei ainda, a partir da historiografia sobre os viajantes do mesmo contexto de Saint-Hilaire, entender a especificidade do estudo realizado por eles. As narrativas desses outros viajantes serviram como parâmetro para compreendermos a relação entre natureza e sociedade presente na maioria desses relatos, e, ainda, a especificidade do trabalho de Saint-Hilaire em relação aos seus contemporâneos.

Cabe enfatizar, que a utilização da historiografia de viés tradicional foi usada para resgatar a cronologia das viagens desde as grandes navegações até as viagens filosóficas, no intuito de perceber as principais diferenças entre elas. A bibliografia sobre os viajantes feita por autores com estudos localizados na história das ciências auxiliou no entendimento da mudança ocorrida na historiografia no final do século passado, que passou a estudar a literatura de viagem, tendo em vista se tratar do olhar europeu sobre o “outro”.

### **2.2 A cronologia das viagens pré-iluministas**

Neste capítulo, enfatizaremos a cronologia das viagens ocorridas no Brasil na primeira metade do século XIX. Contudo, coube recuperar parte das expedições anteriores a esse período, a fim de destacarmos que desde o início as viagens apresentavam objetivos diversificados, porém a natureza sempre foi objeto de estudo privilegiado. As viagens pelo Oceano Atlântico, conhecida como expansão marítima europeia, e protagonizadas, sobretudo, por Portugal e Espanha, no século XVI objetivavam a ampliação da área de atuação comercial

de seus países. Ao longo dos séculos os interesses dos viajantes europeus sobre o continente serão diferentes. No contexto das Luzes orientar-se-ão outras motivações e finalidades para as viagens ao continente americano, entre elas, a de tornar a vida da “humanidade” mais racional e a busca pelo conhecimento científico.

No contexto das invasões de nações europeias ao Brasil os franceses fundaram no ano de 1555 a colônia “França Antártica” na baía de Guanabara. São oriundos da colonização francesa no Rio de Janeiro, o franciscano André Thevet (1502-1590) e o calvinista Jean de Léry (1536-1613)<sup>63</sup>. A experiência da colonização francesa no Brasil permitiu a esses escritores construir relatos sobre os país, evidenciando que devemos nos ater às diferenças entre as motivações dessas viagens.

A expedição do Príncipe João Maurício de Nassau-Siegen (1604-1679), trouxe o médico e naturalista holandês Willem Piso (Guilherme Piso) e o naturalista e cartógrafo George Marcgrave, que estudaram deliberadamente a flora do Brasil. Os relatos dessas expedições estão na obra “*Historia Naturalis Brasiliae*”<sup>64</sup>. “[...] os trabalhos de Marcgrave e de Piso constituem primeira contribuição importante para os estudos florísticos do Nordeste. [...] Este autor herborizou no Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Ceará e Maranhão” (FERRI, 1994, p. 180). A parte de autoria de Marcgrave abrange os “três reinos da natureza”, as plantas e animais da região nordestina. Se a maior parte dos viajantes e de seus contemporâneos nesse período parecia atraída pelo desconhecido e escreveu sobre o que encontrou, uma vez que já estava aqui, os fatores que contribuíram para que eles viessem ao país podem ter sido bastantes diferentes. Guilherme Piso viajou para o Brasil para ser médico de Nassau, no contexto da colonização holandesa no país, e aqui viveu por oito anos. Construiu a partir dessa experiência relatos detalhados sobre as doenças, sobre as plantas medicinais e

---

<sup>63</sup> Olivério Pinto (1994) destaca as obras “*Les singularités de la France Antarctique*” do explorador franciscano André Thevet (1502-1590) que trata sobre animais da baía de Guanabara que havia conhecido. E “*Histoire d’un Voyage fait en la terre du Brésil, autrement dite Amerique*” do escritor calvinista Jean de Léry (1536-1613) contendo abundantes informações de história natural e dos tupinambás

<sup>64</sup> “*Historia Naturalis Brasiliae*”, de autoria de Willem Piso (1610-1678) e Georg Marcgraf (1610-1644). Publicada pela oficina Elsevier, de Amsterdam, em 1648, tornou-se a principal referência sobre a fauna e flora brasileiras até o século XIX. Em 1638, o médico holandês Willem Piso e o naturalista, astrônomo e cartógrafo alemão Georg Marcgraf, partiram para o Brasil como convidados da Companhia das Índias Ocidentais. Integraram a já instalada expedição holandesa de Johan Maurits van Nassau-Siegen (1604-1679) – o Conde de Nassau – no Novo Mundo. “*A Historia Naturalis Brasiliae*” é composta por 12 livros. A primeira parte, de autoria de Willem Piso, discorre sobre doenças e tratamentos, venenos e antídotos, composta por quatro livros. A segunda, de autoria de Georg Marcgraf, contém sua pesquisa em zoologia, botânica, astronomia, cartografia, comentários sobre etnografia, além de materiais de outros autores e viajantes. Apenas um exemplar encontra-se em território brasileiro, parte da coleção Brasileira Itaú. Disponível em [Artigos | Brasileira Iconográfica \(brasileianaiconografica.art.br\)](http://Artigos|BrasileianaIconografica(brasileianaiconografica.art.br))

outros aspectos da história natural brasileira. Se antes os religiosos das expedições que trouxeram Thevet e Léry almejavam propagar a fé cristã entre os indígenas do Brasil, a tônica foi mudando. A sociedade como um todo também começou a ser estudada.

Os viajantes seiscentistas escreveram memórias fundamentais sobre o país. Ao utilizar o recurso das imagens em seus relatos sobre as Américas, acabaram alimentando a curiosidade dos viajantes que vieram após esse período. As narrativas imagéticas sobre a natureza e cultura dos trópicos oriundas dessas viagens abriram caminho para o estudo do “outro” a partir de suas concepções de mundo europeu. Por isso, apesar de as motivações dessas primeiras expedições ser, sobretudo a garantia do monopólio comercial, não devem ser encaradas puramente sob esse prisma.

As coleções de história natural derivadas dessas primeiras expedições permitiram a construção de herbários, jardins e museus, que nos séculos seguintes servirão para afirmar identidades, reforçando por meio disso, a diferença cultural entre os povos. Desta maneira, entendemos que o estudo dos recursos naturais dos trópicos que foram coletados e organizados ocupam papel de destaque também no estudo da população e cultura nesse momento. O cultivo de determinadas plantas na colônia como as “drogas do sertão”, por exemplo, incidiu sobre a qualidade de vida dos que dela se aproveitavam.

A obra do baiano Sebastião da Rocha Pitta (1660-1738) “História da América portuguesa”, editada em Lisboa em 1730 trata especialmente das plantas de cultura, como a cana, e descreve a manufatura do açúcar e da aguardente. Pitta escreveu sobre a maneira de preparar a farinha de mandioca, a produção do arroz no Brasil. Menciona o feijão, o milho, o trigo etc. Trata ainda das ervas comestíveis, cheirosas e medicinais.

Até a primeira metade do século XVIII as viagens foram memórias científicas e de descrições de lugares. A partir da segunda metade desse século, se iniciou um período áureo de grandes exposições em torno do mundo. A ciência passou a ser algo necessário ao progresso da humanidade e estava “acima das nações”<sup>65</sup>. Essas viagens filosóficas foram um modelo para as do século XIX, que cada vez mais se despiam da ideia apenas de permitir ao viajante a curiosidade e a admiração da natureza tropical, mas despertava o desejo por descobertas científicas úteis ao que consideravam o progresso da humanidade.

---

<sup>65</sup> A ciência passou a ser algo necessário ao progresso da humanidade e estava acima das nações. IN KURY, Lorelai. Auguste de Saint-Hilaire, viajante exemplar. Revista Intellèctus. Rio de Janeiro, v.2, n.1, p1-11, 2003. [www.arca.fiocruz.br](http://www.arca.fiocruz.br)

### 2.3 A cronologia das viagens da primeira metade do século XIX

Pode-se dizer que é com a vinda da Corte portuguesa para o Brasil que percebemos de forma mais concreta o desenvolvimento das atividades científicas no país. Olivério Pinto (1994) sinaliza que foi a fase pioneira das expedições naturalísticas estrangeiras. Carlos Oberacker (2003) destacou que nesse momento inaugurou-se um ciclo de viagens e de expedições científicas. “Especialistas eminentes de várias partes do mundo põem seu saber a serviço do conhecimento da flora, da fauna, da geografia, da geologia, da paleontologia e da etnologia dessa porção do Novo Continente” (OBERACKER, 2003, p. 137). Esses viajantes vieram de várias partes do mundo, como França, Portugal, Alemanha, Inglaterra, e outras regiões, a fim de explorar de forma científica a América portuguesa. Lorelai Kury (2021) ressalta que “Com o fim das guerras napoleônicas em 1815 diminuiu fortemente o risco de os homens de ciências serem presos ou terem suas coleções confiscadas” (KURY, 2021, p.19).

As viagens filosóficas que se iniciaram no final do século XVIII representaram o início das tentativas de sistematização do conhecimento sobre fauna e flora do Brasil, tornando sólida essas informações em proveito dos benefícios que o país alcançaria a partir delas. Nas crônicas de viagens do período das grandes navegações (séculos XV e XVI) já percebíamos as observações acerca da natureza, no entanto, eram motivadas por finalidades econômicas, políticas e expansionistas.

Nas viagens do último quartel do século XVIII os estudos sobre a natureza começaram a ter um caminho mais claramente delineado. Baseados na proposta de racionalização europeia, do uso dos recursos agrícolas e de origem animal que fossem úteis, começou-se o mapeamento dos recursos dos chamados “três reinos da natureza”. Cabe lembrar, que o ciclo da exploração aurífera havia declinado, por isso, buscava-se por outro tipo de produção que pudesse ser colocado no mercado. Naquele momento o conhecimento sobre a utilidade dos recursos naturais e um estudo mais organizado da natureza era uma das formas do país atingir um elevado nível civilizacional e de prosperidade.

Busquei nessa parte entender como se deu o estudo da natureza feito pelos viajantes que aqui estiveram na primeira metade do século XIX, que acabaram desenvolvendo vastos estudos acerca da etnografia do país. Na conjuntura da Ilustração lusa e brasileira, em que vigoravam projetos da exploração racional da natureza no país, várias expedições científicas foram enviadas às possessões portuguesas. Mello Leitão (1941) ressaltou que o Ministro Martinho de Melo e Castro (1716-1795) juntamente com D. Maria I enviou expedições, que partiram de Lisboa ao continente africano e ao Brasil, para que estudassem tanto a natureza e o clima quanto

o estado dos vários núcleos de povoações e culturas. Em busca do conhecimento das riquezas naturais e da satisfação dos interesses do governo, para a exploração do Brasil foi designado o jovem Alexandre Rodrigues Ferreira (1756-1815) para chefiar essa expedição. Olivério Pinto (1994) ressalta que os cursos de filosofia da Universidade de Coimbra fizeram ele se aprofundar no conhecimento das ciências físicas e naturais. O naturalista explorou as capitanias do Pará, do Rio Negro (Amazonas) e de Cuiabá.

Com o declínio da mineração houve um renascimento da produção agrícola. Os estudos dos recursos naturais passaram a ser mais metódicos e organizados, diferente do estudo das viagens pré-ilustração, que visaram, sobretudo, salvaguardar seus territórios coloniais. No entanto, observamos que já desde o século XVIII houve um incentivo ao estudo da história natural, a fim de se obter uma ampla compreensão sobre os aspectos físicos e dos espaços geográficos do mundo. Para Mello Leitão (1941), a primeira expedição científica estrangeira destinada ao Brasil só aconteceu em 1815, pois a expedição de Rodrigues Ferreira foi uma organização portuguesa para o estudo de sua colônia.

Conforme Corrêa (1997) “É consenso na bibliografia consultada que a expedição de Rodrigues Ferreira, sob a ótica oficial tinha mais em comum com as operações político-militares do período pombalino do que com as viagens de cunho científico realizadas posteriormente por naturalistas estrangeiros” (CORRÊA, 1997, p. 73-74). Contudo, na viagem de Rodrigues Ferreira já se percebe sinais da cultura ilustrada, que fez com que as viagens fossem mudando de tônica, indo cada vez mais para além apenas da demarcação de fronteiras.

Ferri (1994) destaca o trabalho de Freire Alemão (1797-1874) que se forma no Brasil e segue para a Europa para estudar medicina, completando esse estudo em 1831. Foi professor na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e em 1841 médico da Casa Imperial. Chefiou expedição científica em 1861 que redeu um rico herbário. No entanto, mesmo diante desse esforço nacional no fim do século XVIII e durante o XIX que pretendeu desenvolver no Brasil o estudo da botânica, Ferri (1994) salienta “Nem tal esforço, nem o trabalho dos naturalistas estrangeiros que nos visitaram nesse século, conseguiram instalar no país uma atmosfera de grande interesse pela ciência” (FERRI, 1994, p. 184-185). Para o autor, os brasileiros não se iniciaram com facilidade na vida científica. Esse movimento era, na maioria dos casos, das comissões científicas estrangeiras, ao passo que no Brasil as pessoas ainda ignoravam esse tipo de estudo.

Entretanto, ressaltamos que com vinda da Corte ao Brasil a vida científica foi se desenvolvendo cada vez mais. Dom João preocupado com o ensino “técnico” na colônia permite em 1816 que uma missão francesa organize a educação de artes e ofícios no Brasil.

Essa empreitada contou com o pintor de paisagem Nicolas Antonie Taunay (1768-1824), com o pintor de história Jean Baptist Debret (1768-1848), com o arquiteto Auguste Henri Victor Grandjean de Montigny (1776-1850), entre outros. A admissão de artistas nessas empreitadas era uma forma de difundir a narrativa imagética, por meio do método que era possível para se fixar a paisagem e a vida humana, de forma que fosse inteligível ao leitor. Carlos Oberacker (2003) destacou como grandes artistas que contribuíram na difusão das noções acerca do país, além de Johann Moritz Rugendas, o pintor Jean Baptist Debret (1768-1848), e Thomas Ender (1793-1875). A arte então parecia corroborar para a difusão da ciência. Com o auxílio das imagens, os textos ficavam mais didáticos e poderiam instruir de forma mais eficaz.

A missão austríaca que acompanhou a princesa Leopoldina em 1817 contou com o botânico e entomólogo Johann Christof Mikan (1769-1844), com o médico, mineralogista e botânico Johann Emanuel Pohl (1782-1834), com o pintor de plantas Johann Burchberger (1767-1835), com o pintor Thomas Ender (1795-1875) e com o naturalista Guiseppe Raddi (1770-1829). Além do zoólogo Johann Baptist von Spix (1781-1826) e do botânico Karl Friedrich Philipp von Martius (1794-1868). Segundo Karen Lisboa, os relatos de viagem deveriam convergir para a descrição do Brasil, mas nessas expedições o trabalho dos naturalistas se diversificava. A autora destacou que Spix se empenhou nas questões que se relacionavam aos homens, aos indígenas, os imigrados ao clima, hábitos e geografia. Já Martius pesquisou a flora brasileira. No entanto, Lisboa (1997) afirma que ambos almejavam um saber universal.

Em 1821 o barão Georg Langsdorff (1774-1852) buscou apoio para empreender a expedição científica russa, ficando aqui até 1829. Nessa expedição percorreu as províncias do Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, Mato Grosso e Pará. Langsdorff veio para Brasil pela primeira vez em 1803 e depois retornou ao país em 1813 na qualidade de cônsul-geral da Rússia no Rio de Janeiro. Em 1813, quando voltou ao Brasil, estava em companhia do naturalista-colecionador Wilhelm Freyreiss (1789-1825). Já em Minas Gerais, na companhia do barão Wilhelm Ludwig von Eschwege (1777-1855)- mineralogista e metalurgista que atuou no Brasil a serviço do governo português- construiu narrativas zoológicas da região, voltando à Europa em 1820.

Langsdorff “Em 1825, após uma expedição aos Montes Urais, resolveu ele atravessar o Brasil Central e convidou para acompanhá-lo o botânico Luís Riedel, o zoólogo Hesse, o astrônomo Rubzoff, o desenhista Hércules Florence e o pintor Maurício Rugendas e outros” (OBERACKER, 2003, p. 139). Olivério Pinto (1994) destaca que Eugène Ménétrières (1798-

1863) trazido por Langsdorff em 1821 desligou-se dele em 1825, mas reuniu no Museu de São Petersburgo suas coletas. Já Hasse morreu pouco antes de iniciar viagem fluvial.

O mineralogista John Mawe (1764-1829) recebeu o convite de Dom João para visitar o país. Entre 1809 e 1810 esteve em Minas Gerais. Retornou a Londres em 1811 publicando “Travels in the Interior of Brazil, particularly in the Gold and Diamond District of that Country”, obra muito referenciada por Saint-Hilaire. O interesse na mineralogia se deve também às preocupações no período das Luzes com o conhecimento considerado útil. Kury (2007) destaca que no periódico “O Patriota” publicado no Rio de Janeiro em 1813 e 1814, as obras meteorológicas foram inseridas no título mineralogia, pois precisar as variações de estado atmosférico podiam ajudar na compreensão do cotidiano dos habitantes.

Percebemos que os viajantes que faziam parte da nobreza e não dependiam dessas viagens para se manter, muitas vezes financiaram suas próprias viagens e poderiam desempenhar por anos a ciência. Não só Saint-Hilaire, Ferdinand Denis, o príncipe Neuwied, Ludwig von Eschwege e o barão de Langsdorff, mas tantos outros que vieram ao Brasil utilizaram seus próprios recursos. O *gentleman* realizava uma viagem “desinteressada”, não trabalhava para agradar alguém. Isso lembra a forma direta de trabalho desses viajantes que foram elencados aqui, a da busca por estudos científicos e pelo conhecimento para o bem da humanidade, típica da cultura ilustrada.

O Príncipe Maximilian von Wied-Neuwied (1782-1867), conhecido pelo seu pseudônimo Max von Braunsberg, percorreu entre 1815 e 1817 os atuais estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo e Bahia. Conforme Olivério Pinto (1952) em sua viagem pelo Brasil tomou parte das coletas zoológicas e botânicas na companhia dos naturalistas Friedrich Sellow (1789-1831) e Georg Wilhelm Freyreiss (1789-1825).

Olivério Pinto (1952) fez uma compilação “avifaunística” das diferentes regiões de Minas Gerais “nosso primeiro cuidado foi inventariar as espécies ornitológicas de cuja ocorrência em Minas Gerais tem-se prova através dos exemplares ao nosso alcance [...]” (1952, p. 1). O autor ressalta que o primeiro naturalista a percorrer o território de Minas Gerais voltando-se a avifauna parece ter sido Georg Wilhelm Freireyss, que em 1814 aceitou o convite do barão de Eschwege para a excursão por essa capitania. Segundo Olivério Pinto (1952) o relatório de Freyreiss está cheio de observações sobre as aves.

O estudo das aves foi imprescindível ao entendimento da cultura de algumas regiões. Entendendo os sons da natureza parecia ser possível apreender a dinâmica da vida local. Os habitantes poderiam saber a partir dos sons emitidos pelas aves quando da chegada de animais maiores, por exemplo. Além da busca pela apreensão do caráter próprio de cada localidade, os



observadores eram sensíveis às questões temporais. Muitos relatos e estudos salientavam a falta de cuidado com a fauna e flora brasileira e as consequências disso no futuro.

Ferri (1994) destaca que em 1813 Friedrich Sellow conheceu Langsdorff e conseguiu financiamento para vir ao Brasil. Chegou no Rio de Janeiro em 1814. Em 1815 com título de naturalista subvencionado do Museu Nacional, título que lhe conferia o próprio imperador, viajou pelo Espírito Santo e Bahia, viagem em parte realizada na companhia de Freyreiss e do Príncipe Wied-Neuwied. Ferri (1994) ressalta que em 1818 na companhia do naturalista Ignaz von Olfers (1793-1871) viajou por São Paulo e Minas Gerais. Mais tarde, Sellow coletou material botânico no sul do Brasil e visitou também para o Mato Grosso. Essas viagens de 1814 a 1831 em que percorreu parte do território brasileiro e a província Cisplatina renderam muitos materiais zoológicos, botânicos e etnológicos. Algumas dessas excursões foram feitas com auxílio financeiro da Alemanha e outra de fundo adiantado por Langsdorff.

O naturalista austríaco Johann Natterer (1787-1843) veio para o Brasil em 1817, assim como Martius, Spix e Pohl, acompanhando a Princesa Leopoldina. Olivério Pinto (1952) destaca o pioneirismo do naturalista nas explorações zoológicas no Brasil. Entre 1817 e 1835 Natterer passou por Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Minas Gerais, Mato Grosso e Vale do Amazonas, formando uma grande coleção ornitológica e zoológica. Olivério Pinto (1994) destaca que Natterer voltou-se especialmente aos mamíferos e para as aves, alimentando atividades de diversos especialistas na Europa.

Na comitiva de Leopoldina, o zoólogo Giuseppe Raddi (1770-1829) foi incorporado pelo governo da Toscana. Conforme Olivério Pinto (1994) ele ficou aqui dois anos ocupando-se de coletas zoobotânicas. Ferri (1994) destaca que Raddi representando a Itália ficou apenas um ano, mas organizou um rico estudo da flora brasileira. Ferri aponta que o botânico francês Charles Gaudichaud Beaupré (1789-1854) visitou o Brasil pela primeira vez em 1817 quando aqui chegou na corveta francesa Uranie, chefiada por Claude-Louis de Saulces Freycinet, cujo objetivo era pesquisar a natureza e desvendar a forma do globo. Beaupré ficou no Rio de Janeiro dois meses coletando material botânico. Mesmo naufragando nas vizinhanças das Maldivas, o herbário do Rio foi salvo. Voltou ao Rio de Janeiro em 1820 onde novamente herborizou. Sua terceira visita ao Rio foi em 1832 tendo se dedicado especialmente ao estudo das plantas medicinais.

Uma expedição que não foi destinada especialmente ao Brasil, é a do Beagle<sup>66</sup>. Nesse empreendimento estava presente o naturalista Charles Darwin (1809-1882)<sup>67</sup> que seguia a bordo como coletor da expedição. De suas anotações saiu o livro “Viagem de um naturalista ao redor do mundo”. “Há nesse livro grande número de notas curiosas sobre a nossa fauna [...]” (MELLO LEITÃO, 1941, p. 270). Thales Martins (1994) salienta que boa parte dos materiais no cruzeiro do Beagle pelo Brasil e países vizinhos inspirou outros naturalistas.

Olivério Pinto (1952) destacou que o dinamarquês Wilhelm Lund (1801-1880) aportou no Rio de Janeiro em fins de 1825. Chegou ao Rio Paraíba em 1828, mas não chegou a transpor a fronteira de Minas Gerais. Retornando a Europa em 1829, acrescentando as suas coleções um número crescente de espécimes. O professor Johannes Theodor Reinhardt (1816-1882) veio ao Brasil em 1847. Olivério Pinto salientou que ele veio continuar o trabalho de Lund. Passou por Juiz de Fora, chegando a Lagoa Santa. Rotulou espécimes e seguiu as instruções de Lund. “Algumas peças atestam a permanência de Reinhardt na localidade em questão durante os dois primeiros meses de dezoito, mas a partir daí instala-se novo hiato, corresponde com toda probabilidade de uma nova ida para Europa” (PINTO, 1952, p. 8). Olivério Pinto (1994) destaca que os trabalhos de Lund permitiram Reinhardt escrever sobre a avifauna dos nossos chamados campos gerais. Ferri (1994) destaca que Lagoa Santa tornou-se conhecida pelas descobertas dele, no entanto, ressalta que nós conhecemos o lugar pelas obras de Eugennius Warming (1841-1924), traduzida para o nosso idioma. “Lund foi o primeiro a aventurar a hipótese de que as extensas e contínuas queimadas que se praticam desde tempos imemoriais, quando o Brasil ainda não era habitado pelos europeus” (FERRI, 1994, p. 194).

Ferri (1994) sinaliza que William John Burchell (1781-1863), naturalista inglês, veio em 1825, demorando-se um tempo nas excursões de Rio de Janeiro e Minas Gerais. Viveu dois meses em Cubatão, na capital e nos arredores de São Paulo, totalizando sete meses observando e coletando. Seguiu para Goiás, onde permaneceu nove meses estudando a flora e a fauna local. Em 1829 foi ao Pará e de lá regressou para Europa. Fez uma coleção de mais de 50 mil exemplares incorporada ao herbário de Kew<sup>68</sup>. Outro viajante citado por Ferri foi Eduard

---

<sup>66</sup> Expedição de levantamento topográfico do navio HMS Beagle, que partiu da Inglaterra em dezembro de 1831 e objetivava fazer o levantamento cartográfico das costas sulista da América do Sul. Passou pela Ilha da madeira, Tenerife, Arquipélagos do Cabo Verde, de São Pedro e São Paulo e de Fernando de Noronha. Chegando a Salvador em fevereiro de 1832.

<sup>68</sup> Kew Garden (Jardim Botânico Real). Possui coleção de plantas diversificadas e um dos mais extensos jardins botânicos do mundo.

Friedrich Poepping (1798-1868), que cuidou especialmente da Floresta Amazônica nos anos de 1831 e 1832, e segundo o autor, quis completar as observações fitogeográficas de Martius.

Olivério Pinto (1994) destaca a expedição enviada pela França em 1836, cujo chefe foi o naturalista francês Alcides d'Orbigny (1802-1857), muito importante para a zoologia do Brasil centro-ocidental. Fernando de Azevedo cita a obra "L'homme américain" cuja edição ocorreu em 1839 em Paris. Outra expedição importante foi a de Francis de Castelnau (1810-1880), ocorrida entre 1843 e 1847. Enviado pelo governo francês para estudar a geografia física do Brasil Central e Ocidental, com vista particular para a bacia Amazônica e suas relações com o Paraguai. A viagem conjunta de Alfred Russel Wallace (1823-1913) e Henry Walter Bates (1825-1892) acarretaram grandes consequências para as ciências naturais e conhecimento das regiões percorridas. Chegaram a Belém em maio de 1848, explorando esse território. Depois rumaram para Tocantins, explorando o baixo Amazonas e regiões adjacentes. Wallace, voltando para a Inglaterra em meados de 1852, teve suas coleções incendiadas no navio. Thales Martins (1994) sinaliza que ele e outros náufragos ficaram vários dias à deriva em botes, mas foram recolhidos e puderam voltar à Europa. Já Bates permaneceu onze anos na exploração do Amazonas. Martins (1994) aponta que Wallace e Bates tentaram convencer sobre a realidade da evolução das espécies e das concepções de Darwin. O naturalista alemão Johann Friedrich Theodor Müller (1822-1897) veio para Brasil em 1852 e não mais retornou ao seu país. Reforçou e apoiou a concepção darwiniana de seleção natural. Estudou a embriologia de várias classes zoológicas e ecológicas e etnológicos. Martins (1994) cita ainda os trabalhos do português radicado na Bahia, Otto Wucherer (1820-1874). Educado na Alemanha, Martins salienta que esse tinha "fortes pendores pela História Natural". Em 1863 publicou ensaio sobre a fauna brasileira.

Ferri (1994) aponta que o botânico inglês George Gardner (1810-1849) chegou ao Rio de Janeiro em 1837. Explorou as matas da Tijuca e a Serra dos Órgãos. Coletou material botânico em Pernambuco, Bahia, Alagoas, Ceará, Piauí, Goiás e Minas. Regressou em 1841 levando um herbário de mais de seis mil espécies. Contribuiu na publicação de "Flora brasiliensis" com novas observações sobre distribuição geográfica. O botânico sueco Anders Fredrik Regnell, nascido na Suécia em 1807, procurou um clima mais favorável à sua saúde, pois tinha problema pulmonar. Por isso veio ao Brasil em 1840. Continuou seus estudos de medicina no Rio de Janeiro e estabeleceu domicílio em Caldas, Minas Gerais, vivendo lá de 1841 a 1884. Explorou botanicamente Minas Gerais e São Paulo, além de subvencionar a vinda de diversos outros botânicos. Nascido na Silésia (Alemanha), Theodor Peckolt (1822-1912) veio para Brasil em 1847. Em 1851 abriu uma farmácia em Cantagalo. Analisou vegetais e

obteve título de farmacêutico no Rio. Coletou material botânico em Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro. O inglês Richard Spruce (1817-1893) veio em 1849 ao Brasil onde dedicou-se aos estudos da Flora e do Pará e Amazonas. Tinha predileção pelos musgos e pelas plantas superiores, descrevendo espécies e gêneros novos. O alemão Hermann Burmeister (1807-1892) teve uma breve permanência ao Brasil (1850-1852). Ferri destaca que a ele devemos a nossa zoologia relativa a mamíferos e às aves da fauna indígena, muitos dos quais teve a oportunidade de observar em seu ambiente próprio ao percorrer estados Rio de Janeiro e de Minas Gerais, conforme relatou em sua “Reise nach Brasilien” (Berlim 1853).

Com isso, temos um esboço das principais expedições ocorridas no Brasil entre o final do século XVIII e primeira metade do século XIX. Percebemos que na busca pela descrição dos recursos naturais das diversas regiões do país, esses viajantes acabaram fazendo ainda ricos estudos etnográficos sobre o Brasil. Para entendermos o país nesse momento, em seus aspectos econômicos, políticos e ideológicos, não devemos estudar esses elementos de forma separada, uma vez que para esses viajantes a explicação natural e social das regiões por eles percorridas possuía uma íntima relação.

Nessas viagens vemos a presença de médicos, meteorologistas, desenhistas e outros. Os desenhistas e pintores incluídos nessas empreitadas revelam a preocupação na ilustração da natureza e do cotidiano do país, a fim de aperfeiçoar as publicações científicas, deixando-as mais didáticas aos leitores. A coleta botânica acumulada dessas viagens, exposta mais tarde nos museus etnográficos, serviria para ainda apresentar regiões ainda desconhecidas e demarcar as diferenças entre as nações.

## **2. 4 As concepções pré-iluministas sobre a natureza**

Ao fazer a leitura dos relatos de viagem de Saint-Hilaire sobre Minas Gerais e Goiás percebi que era recorrente em sua narrativa a ideia da influência do determinismo climático sobre as sociedades humanas. Desde meados do século XVIII, teóricos voltaram a ser impulsionados pela admissão de uma predisposição do subjugamento dos países de clima quente pelos países frios. No entanto, o estudo da natureza como sendo central na explicação da história humana ganhou suas primeiras formulações ainda na Grécia Clássica<sup>69</sup> com

---

<sup>69</sup> O período clássico grego é marcado pela ascensão das cidades-Estado e o desenvolvimento de grandes conflitos. Compreendido entre os séculos V e IV a.C., o período clássico é entendido como uma das fases mais significativas da história grega para a civilização ocidental.

Hipócrates<sup>70</sup>. No entanto a compreensão de natureza deve ser pensada em conformidade com as diferentes épocas em que surgiram formulações sobre esse estudo.

David Arnold em “The problem of nature” salienta que a palavra “natureza” é a mais equívoca do vocabulário dos europeus, e que não há consenso entre os historiadores acerca de seu significado. O autor destaca que há duzentos anos o termo se referia ao conhecimento dos perigos da natureza e a necessidade do bem da saúde. “A tríade clima, saúde e medicina- são expressões mais generalizantes da ideia ambientalista” (ARNOLD, 2000[1996], p. 18). A relação entre saúde e ambiente perpassou muitas épocas. O tratado “Ares, águas e lugares” atribuído ao médico Hipócrates (século V) tinha como objetivo ajudar o médico a entender as enfermidades e assim orientar os pacientes. O grego supunha que os seres humanos em essência eram iguais, mas o ambiente, os ares, as águas e os lugares os quais eram expostos os tornavam diferentes.

Henrique F. Cairus em “Textos hipocráticos” salienta que a produção de “Ares, águas e lugares” se deu em um momento peculiar na história do Ocidente, em que as ideias médicas que circulavam iam ao encontro das ideias de secularização da pólis. A relação entre a questão racial e a enfermidade também aparece nesse texto hipocrático. Cairus (2005) destacou que Hipócrates estudou os costumes dos povos asiáticos e a partir de suas peculiaridades considerou a doença a partir dos seus *nómoi* (costumes), de suas *phýseis* e o entorno. “Através do *nómos*, o médico pode tanger, ainda que limitadamente a natureza do indivíduo (CAIRUS, 2005, p. 93). Então, entendia-se que as raças diferentes mostravam características particulares, e que esse chamou de debilidade da raça asiática era explicada a partir de fatores ambientais.

Jan Golinski (2007) destacou que nas primeiras décadas do século XVIII, a suscetibilidade climática começou a ser vista como problema social, e a qualidade do ar foi entendida como predominante no efeito entre os espíritos da população. Isso é um elemento do Iluminismo, a percepção de que o ar ruim desafiava medidas sistemáticas de reforma esclarecida. Golinski (2007) destaca que os principais reformadores estavam defendendo novos

---

<sup>70</sup> Hipócrates (460 a.C.-377 a.C.) foi um médico grego, considerado o “pai da Medicina”. O “Corpus Hippocraticus”, é compêndio de obras ligadas à medicina, que contém as autorias do grego. Entre os escritos atribuídos a ele, estão os seguintes: *Tratado Sobre o Mal Sagrado, Dos Ares, Águas e Lugares, Do Prognóstico, Epidemias, A Medicina Antiga, Aforismos, Da Cirurgia, Das Fraturas, Das Articulações, Das Úlceras e o Juramento*

modos de tratamento médico e melhorias no meio ambiente, centrais no programa de reforma social.

Ludmilla Jordanova no ensaio “Earth science and environmental medicine” explorou o ambientalismo do final do século XVIII e início do XIX e a forma como as ciências da terra foram usadas para explicar as doenças. A autora buscou entender as tentativas de domínio das leis da relação organismo-meio ambiente, expressadas na literatura científica e médica no final do século XVIII. Entre as faces dessa literatura estava a de que o ambiente físico afetava os seres vivos. Outra faceta era que os lugares insalubres emanavam substâncias. Já a dimensão antropológica para o ambientalismo enfatizava a variação de doenças em diferentes culturas. Por último, analisou-se os impactos causados pela própria civilização, como os poluentes das fábricas e de instituições.

Apesar de sua herança filosófica natural, a literatura sobre as causas ambientais das doenças era de orientação empírica” [...] Escritores sobre o assunto revelaram sua consciência de si mesmos como guardiões do povo, os protetores bem- informados que possuem conhecimento especializado para formular regras para beneficiar a comunidade como um todo (JORDANOVA, 1995, 129).

Portanto, a aprendizagem sobre a natureza se fez necessário naquele momento. A perspectiva naturalista em voga era de que tanto as explicações físicas como mentais tinham suas raízes na natureza. David Arnold (2000[1996]) salienta que havia um consenso de que o ambiente determinava se uma sociedade seria ou não capaz de alcançar a civilização ou ficaria confinada à barbárie. Percebe-se que os médicos foram muito influentes na escrita ambientalista desde Hipócrates até o século XIX. Estudos sistemáticos do tempo ganharam lugar. Golinski (2007) ressalta que esses estudos foram recomendados para corrigir uma espécie de imprecisão casual da atmosfera sobre os organismos. Os médicos anexavam notas às doenças indicando a “diferença de operação na medicina de acordo com o tempo e as estações” (GOLINSKI, 2007, p. 143). Isso prova o encorajamento das teorias hipocráticas no século XVIII.

Houve um encorajamento às pessoas a serem mais sensíveis ao seu entorno. As pessoas deveriam ter a capacidade de reconhecer a beleza quando a encontrassem. Esses eram sentimentos naturais, mas que deveriam ser cultivados a fim de identificar o que era “bom”. Golinski (2007) ressalta que escritores médicos estavam preocupados com “cultura da sensibilidade” e com o refinamento dos sentidos. No entanto, Golinski salienta que para o médico escocês George Cheyne (1671-1743) a sensibilidade poderia ser um atributo intelectual, mas poderia virar uma disposição para debilidade.

Com o renascimento hipocrático, seu legado de que as doenças eram causadas pelo ambiente físico e pela mudança das estações também renasceram. O conhecimento médico sobre o clima e lugar parecia a solução viável. Para David Arnold (2000[1996]) o tratado “Ares, água e lugares” apresentou a primeira formulação da ideia ambiental em que o clima modelou as sociedades humanas e foi um dos primeiros estudos de etnografia comparada.

No contexto do Iluminismo houve um momento muito específico da produção cultural e fundamental na história europeia. Charles Secondat – Barão de Montesquieu (1689-1755) propôs uma pauta comum nas leis que regulavam a sociedade. Em “L’esprit des lois” (1748) relacionou o clima às formações sociais. O que comprova a forte influência da teoria hipocrática com o passar dos séculos. Antonello Gerbi (1967) ressaltou que Montesquieu destacava a dificuldade de estabelecer ou de manter instituições livres em climas quentes, pois tornam-se preguiçosos. Com isso, fixou determinismos entre natureza e leis políticas.

David Arnold (2000[1996]) enfatizou que as ideias ambientalistas têm servido em várias épocas para explicar as diferenças percebidas entre os povos supostamente “civilizados” e selvagens entre as zonas tropicais. Percebemos que desde o século XVIII representações negativas dos trópicos apareciam nos relatos de viagem e na escrita ficcional. O romance do escritor inglês Daniel Defoe (1690-1731) “Robinson Crusoé” é um exemplo dos escritos de época que alertavam acerca dos perigos do clima dos trópicos. Nesse romance, o personagem europeu após naufragar passou 28 anos em uma ilha caribenha. O romance detalha bem a questão geográfica e todas as adversidades que Crusoé teve que enfrentar em um clima hostil, ao mesmo tempo em que destaca a superioridade dele em comparação aos nativos que encontra. A ideia de dominação de uma raça sobre a outra é perceptível nesse romance.

Outro exemplo de escrita utilizada para justificar a sobreposição de um grupo sobre outro é “lenda de Atlântida”, que é brevemente explicada por Karen Lisboa em sua “A nova Atlântida de Spix e Martius”. Atlântis ou Atlântida era uma ilha que se localizaria para além das colunas de Hércules e que cujas pessoas descendiam de Atlas, filho de Poisêidon. A degeneração de seus costumes fez com a ilha submergisse em um maremoto. Após a conquista da América por europeus, alguns autores acreditavam que seus habitantes eram descendentes de Atlântida.

Lorelai Kury em “No calor da pátria” diz que no bojo da instituição das atividades científicas “a própria situação física e geográfica da América portuguesa era vista como empecilho para as atividades do “espírito”. A autora destaca ainda que teóricos como Georg Wilhem Friedrich Hegel (1770-1831) reforçava a ideia de que era impossível haver história em um ambiente em condições “adversas” do meio geográfico e biológico” (KURY, 2006, p. 86).

Gerbi (1967) destaca que Hegel considerava o continente americano inferior ao Velho Mundo. Montesquieu<sup>71</sup> era referência nesse período ao que se refere o caráter dos povos desses climas quentes. David Arnold parafraseando Montesquieu “na Europa ‘as dimensões naturais da geografia’ favoreciam a criação de estados [...] cuja sobrevivência dependia do império da lei” (ARNOLD, 1996, p. 27). Para Montesquieu o Império do clima era o mais poderoso. Kury (2006) salienta que não havia discordância quanto ao império do clima sobre a arte, a beleza, o caráter, os costumes e aptidões dos homens e animais.

Antonello Gerbi salientou que o filósofo e polímata da Grécia Antiga, Aristóteles em sua “Política”<sup>72</sup> se esforçou em demonstrar a existência de pessoas que deveriam ser escravizadas por natureza. “as terras recém-descobertas apareciam desprezadas por uma inferioridade essencial, por uma capacidade intrínseca de engendrar homens livres para justificar com textos a servidão” (GERBI, 1967, 87;97). O autor ressalta que a teoria da cadeia dos seres estava sendo renovada. Nessa concepção de universo de Aristóteles, havia uma hierarquia dos seres, do mais perfeito para o mais imperfeito e vice-versa. As variedades de uma espécie se explicavam como degenerações de um protótipo, salvo espécies maiores como o homem, o elefante, o hipopótamo, e outros.

Conforme já mencionado Georges- Louis Leclerc, o conde de Buffon (1707-1788) também foi um naturalista do século das Luzes e um dos principais críticos da natureza das Américas. Antonello Gerbi destacou que entre as questões que impulsionavam Buffon estava a qualidade dinâmica e historicizante do conceito de natureza e de que a Europa havia chegado a uma consciência de si. Cabe mencionar que o historicismo é um termo polissêmico que pode designar o historismo - que é o respeito pela singularidade histórica e que se relaciona com os sentimentos do período aqui tratado- e as filosofias da história- cuja ideia é de que algo caminha para o seu *telos*. A filosofia da história admitia a racionalidade das ações humanas, mas buscava sua explicação no trabalho de recuperação teleológica dos agentes sociais, e, esses dois, podem ser compatíveis. Cada período tem sua particularidade. Para Hegel em cada época são colocados problemas que só ela própria pode resolver e que a história do Novo Mundo não levava a lugar

---

<sup>71</sup> Teoria das fibras: O ar frio contrai as extremidades das fibras exteriores do corpo, o que as diminui e aumenta sua força e elasticidade. O ar quente relaxa as extremidades das fibras e as alonga, diminuindo sua força e elasticidade. No clima frio o coração é mais potente. No calor da pátria. p. 86.

<sup>72</sup> É um texto do filósofo grego antigo Aristóteles( 384 a.C. – Atenas, 322 a.C.), composto por oito livros (I: 1252a - 1260b, II: 1261a - 1274b, III: 1275a - 1288b, IV: 1289a - 1301b, V: 1301b - 1316b, VI: 1317a - 1323a, VII: 1323b - 1337a, VIII: 1337b - 1342b) O objetivo de Aristóteles com sua Política era justamente investigar as formas de governo e as instituições capazes de assegurar uma vida feliz ao cidadão. Por isso mesmo, a política situa-se no âmbito das ciências práticas, ou seja, as ciências que buscam o conhecimento como meio para ação.



algum, pois os povos ali apenas existiam e não tinham história. Para ele a natureza se desenvolvia no tempo e o homem deveria chegar ao saber absoluto.

Buffon considerava o ambiente americano hostil ao desenvolvimento dos animais “Al paralelo puramente geográfico sucede um critério genético” (GERBI, 1960, p. 09). O homem não conseguia dominar a natureza hostil se tornando assim um elemento passivo dela. Em sua transcrição e descrição acerca da natureza do Novo Mundo, Buffon pode ter sido influenciado por crenças fortemente difundidas acerca desse lugar.

A propósito do conhecimento e da explicação no campo das ciências naturais do continente americano, conde de Buffon tem grande destaque, apesar de não ter viajado para o Novo Mundo. Em sua “tese da debilidade dos animais e dos seres humanos” que viviam no continente americano, traz suas concepções acerca da determinação do ambiente natural que contribuía para a degeneração dos seres, que acabou sendo espelho para as teorias evolucionistas que vieram depois, como as de Darwin. Antonelo Gerbi (1960) destaca que para Buffon os indígenas do Novo Mundo não puderam dominar a natureza hostil, nem sabem vencê-la e subjugar suas forças, “la naturaliza americana es débil porque el hombre no la ha dominado [...]” (GERBI, 1960, p. 14). Buffon analisou as espécies de acordo com o ambiente. Gerbi (1960) destacou que para Buffon os animais grandes são “melhores”, mas a América é insalubre tanto para povos civilizados quanto para os animais superiores.

No entanto, sobre a fauna do sul da América, Gerbi (1960) salientou que para Darwin não se poderia saber sobre as condições de existência de cada animal, pois há na natureza freios que impedem a propagação ilimitada das espécies. Uma mesma espécie pode ser encontrada de forma abundante em determinada zona e escassa em outra. Nessa revisão, na tese de buffoniana Darwin diz que nem a catástrofe, nem o clima podem ter feito desaparecer as espécies, mas “[...] causas geralmente imperceptíveis determinam a abundância ou a escassez de uma espécie [...]” (GERBI, 1960, p. 574).

Neste subcapítulo, resgatei algumas teorias acerca da natureza americana que foram amplamente difundidas entre os intelectuais iluministas. Sabemos que essas abordagens foram sofrendo revisões com o passar dos anos. Contudo, ainda causaram grande influência nas descrições acerca da natureza dos escritores que vieram depois. No próximo subcapítulo veremos em que medida esses estudos estiveram presentes nas concepções dos escritores que produziram estudos sobre essa temática.

## 2.5 A concepção de natureza no Oitocentos

Nas expedições ocorridas no século XVI e XVII os viajantes se valeram dos recursos imagéticos para descrever a natureza das Américas. Diante da diversidade do mundo natural e humano, o europeu construiu uma ideia de inferioridade do Novo Mundo. No entanto, sobretudo no final do século XIX e nas primeiras décadas do Oitocentos, “A Europa das Luzes toma consciência de si própria como civilização nova com missão universal de enquadrar aquele mundo – em seu esquema- que parecia oferecer futuro esplêndido” (CORRÊA, 1997, p. 78). É nesse contexto que foi enfraquecida a antítese Velho e Novo Mundo.

Alexander von Humboldt na companhia do botânico Aimé Bonpland viajou entre 1799 e 1804 pelas Américas. Deixando importante obra acerca dos estudos da natureza das Américas. Karen Lisboa (1997) ressalta que o pensamento de Humboldt serviu para romper com a visão difamadora da natureza e do homem americano feita por Buffon e Hegel. Para Humboldt a descrição física do globo era seu grande problema. Karen Lisboa destaca que os textos que resultaram da viagem de Humboldt pela América guardavam as “emoções das descobertas”.

Para Humboldt a capacidade de sentir a natureza era essencial para a compreensão do mundo natural. Lisboa explica que diferente dos naturalistas do século XVIII, que espalham as imagens da inferioridade natural do continente americano, os estudiosos do início do século XIX saem de seus gabinetes naturalistas para analisar com os próprios olhos a totalidade dos fenômenos naturais. Por meio da empiria refutar teorias anteriores concebidas.

Kury (2016) destaca que Humboldt foi um dos sistematizadores dos estudos das paisagens e suas descrições abarcavam sensibilidade romântica da época. “A educação do sentido é que seria capaz de desvendar a dinâmica da natureza por trás da aparência imediata” (KURY, 2016, p. 163). De acordo com Junghans “A produção de conhecimento sobre o mundo natural desenvolvida pelos viajantes naturalistas que percorreram o Brasil no início do século XIX pode ser entendida a partir do conceito cunhado pela historiadora das ciências Susan Cannon no final da década de 1970, como “ciência humboldtiana” (JUNGHANS, 2017, p. 14).

A característica desse tipo de produção era a ênfase na objetividade, na compilação de uma imensa massa de dados que permitiria a sistematização e compreensão dos fenômenos naturais e culturais de forma integrada. Diferente da ciência “baconiana”: objetivo de levantar quantitativo de informações sobre o mundo natural.

Nessa nova perspectiva acerca da natureza, a visão fixista, baseada no sistema de Carolus Linnaeus (1707-1778) em que a natureza estaria parada pronta a ser descrita e classificada, é derrubada aos poucos pela busca de seu funcionamento. Para que essa concepção

surgisse, a antiga história natural, que pregava a imutabilidade dos seres vivos teve que surgir. E a partir desse momento é que houve a possibilidade da reelaboração da ideia que se tinha de Brasil.

A questão ambiental parece crucial para a renovada de concepção acerca da natureza. Em muitos momentos veremos o paradigma ambientalista mobilizado para explicar as vidas humanas nos estudos de muitos intelectuais do século XIX.

## **2.6 Os viajantes contemporâneos de Saint-Hilaire: uma revisão bibliográfica**

Na mesma época que Saint-Hilaire esteve no país, outros europeus também viajaram para cá. Antes disso, a principal referência sobre o Brasil na Europa, eram os estudos de Piso e Marcgraff. Com as viagens feitas por Saint-Hilaire e seus contemporâneos a narração pitoresca da natureza deu lugar à busca por descobertas de cunho mais científicos. A partir da observação sobre as coisas notáveis que se encontrava, eles fizeram o estudo e a sistematização dos aspectos naturais e culturais. Segundo Corrêa (1997), Humboldt é considerado o primeiro organizador sistemático da natureza e dos costumes observados, ainda que sua ênfase tenha sido no estudo daquela. Portanto, é possível que seu método tenha inspirado posteriormente Saint-Hilaire e seus contemporâneos.

Neste subcapítulo, busco a especificidade dos relatos de Saint-Hilaire em relação a alguns dos viajantes que estiveram no Brasil praticamente no mesmo período que ele. Isso foi feito, sobretudo a partir da bibliografia interpretativa sobre esses viajantes, embora eu também tenha cotejado trechos de suas narrativas em si.

Entre os viajantes que estiveram no Brasil no início do século XIX está naturalista prussiano Friedrich Sellow (1789-1831), empreendendo de forma independente, mas financiado posteriormente pelos governos brasileiro e prussiano, viagem em parte do território brasileiro e a então província Cisplatina, entre os anos de 1814 e 1831. O botânico alemão Wilhelm Franz Herter (1884-1958) elencou os itinerários percorridos por Sellow e por Saint Hilaire. "Herter elaborou um quadro detalhando em ordem cronológica as localidades visitadas pelos dois naturalistas e os números das coletas, além de buscar corrigir a grafia das localidades mencionadas na Flora [...]" (JUNGHANS, 2017, p. 32). A autora salienta que o viajante pode ser considerado um dos que se inspirou no projeto humboldtiano.

Miriam Junghans (2017) ressalta que na parte histórica de *Flora Brasiliensis*<sup>73</sup>, cuja edição se estendeu de 1840 a 1906, constam dados biográficos e itinerários percorridos pelos colecionadores e colaboradores da obra. O trajeto de Sellow foi elaborado por Urban (1848-1931)<sup>74</sup>. Apesar desse esboço biográfico feito por Urban ter ajudado na difusão dos trabalhos de Sellow, Junghans (2017) diz que o naturalista ainda é pouco estudado. Para ela isso se deve ao fato de ele não ter publicado seus relatos e de seus documentos e coleções terem ficado sob a guarda de instituições estrangeiras. Já Saint-Hilaire, Kury (2017) aponta que o botânico teve seu acesso permitido a muitas capitâneas brasileiras por meio das relações estabelecidas com membros da elite do país e com literatos locais. Chegando à França se torna membro da Academia de Ciências. Em contrapartida, Herter ressalta que pelo fato de Sellow ter morrido afogado nas águas do Rio Doce e com essa morte prematura, suas coleções foram passando de mão em mão.

Herter (1945) comparou o percurso de Sellow com o de Saint-Hilaire. Entre 1814 e 1831, com exceção de Goiás, Sellow percorreu as mesmas províncias brasileiras que Saint-Hilaire. Herter (1945) sinaliza que Urban fez um esforço para dar uma série de recursos aos pontos de coleta de ambos os naturalistas. Em relação a Minas Gerais, Saint-Hilaire percorreu seu interior de forma mais profunda que Sellow, no entanto, conforme Herter, Sellow pesquisou o Uruguai por muito mais tempo e com muito mais cuidado que Saint-Hilaire. Mas, efetivamente que tipo de estudo fez Sellow sobre os lugares que visitou?

De maneira geral, os que se dedicavam aos estudos de história natural se especializavam em um dos “três reinos” da natureza, a botânica, a zoologia e a mineralogia, e muitos estudavam especialmente algum aspecto do mundo natural de determinada região ou país (Kury, 2008, p.323 apud JUNGHANS, 2017).

Sellow era botânico, e essa especialidade parecia se diferenciar de outras áreas das ciências naturais. Junghans cita Kury (2001b, p.92), ao dizer que

é a botânica que mais se aproxima da realização do ideal enciclopédico buscado na época, de reunir as artes e as ciências. Sua utilidade mais imediata, quando comparada aos estudos das outras disciplinas desse campo, suas aplicações na agricultura, por exemplo, faziam com que fosse favorecida pelos poderes públicos, que proporcionavam financiamentos para expedições de coleta, cultivos, experimentos e divulgação dos conhecimentos assim obtidos. As plantas eram coletadas para se estudarem suas possíveis propriedades medicinais e seus usos na alimentação humana e animal, além de servirem para o embelezamento de áreas públicas, jardins e residências. Em termos de

---

<sup>73</sup> Obra editada por Martius, Wilhelm Eichler e Ignatz Urban

<sup>74</sup> Ignatz Urban (1848-1931) botânico alemão, especialista na flora da América tropical.

práticas de história natural, a busca por exemplares botânicos, em excursões para herborização, por exemplo, ocasionava, muitas vezes, a captura de espécimes zoológicos e a obtenção de amostras de minerais e rochas. A ampla propagação espacial das plantas, e a relativa facilidade de obtenção, preparação, transporte e preservação dos espécimes, quando comparados aos da zoologia e da mineralogia, também contribuía para isso. (JUNGHANS, 2017, 110;119).

Mesmo que tenha dado grandes contribuições científicas, esse naturalista é pouco conhecido. Já Saint-Hilaire deixou claro as suas pretensões botânicas na viagem ao Brasil. Kury em “Botany in war and peace” destaca que o francês em carta sem destinatário em janeiro de 1815 informou a utilidade de sua viagem na missão do Duque de Luxemburgo. A transferência das plantas brasileiras à França colaborou para que se estabelecesse um tipo de conhecimento botânico. Ao que concerne às estratégias para o reconhecimento de Saint-Hilaire no ramo da botânica, ela se iniciou antes dele viajar. Conforme Vittu (2021) ele assistiu as aulas de Jussieu<sup>75</sup> e já no início da década de 1810 ministrou palestras diante da sociedade letrada e publicou memórias científicas. Além disso, pode-se considerar, que frequentar os polos da vida científica na França, se relacionar bem com os principais personagens da ciência e se lançar em viagem ao Brasil, foram outras estratégias para que ele fosse reconhecido como botânico.

O austríaco Johan Emanuel Pohl (1782-1834), conforme já mencionado anteriormente, compôs a comitiva que veio ao Brasil para o casamento de Maria Leopoldina da Áustria e dom Pedro. Assim como Saint-Hilaire, o naturalista esteve no Rio de Janeiro, lugar de seu desembarque, Minas Gerais e Goiás. Como fruto de suas observações do período em que esteve aqui, entre 1817 e 1821, publicou a obra “Viagem no Interior do Brasil”, dividida em duas partes. Acerca de seus estudos propriamente botânicos, escreveu “Ícones e descrições de plantas do Brasil até agora inéditos”.

Conforme Frederico de Oliveira Rosenthal (2010), Pohl fez descrições dos festejos, das questões sanitárias, do posicionamento geográfico, do clima, entre outras, da região de Goiás. Assim como nas narrativas de Saint-Hilaire, as condições climáticas eram imprescindíveis na explicação sanitária dada por Pohl para a capitania de Goiás “o cronista preocupou-se com a descrição do clima da região, o que ele considerava fundamental para se compreender as condições de saúde da população” (ROSENTHAL, 2010, p. 58). Para ele a qualidade da água e do ar causava enfermidades nas populações nativas e nos estrangeiros que viajavam até Goiás.

---

<sup>75</sup> Antoine Laurent de Jussieu (1748- 1836), médico e botânico.

Buscando a especificidade do trabalho de Saint-Hilaire, frente ao de Pohl, Rosenthal (2010) destaca que o olhar de médico desse fez com ele se debruçasse de forma mais acentuada no estudo das práticas de curas usuais. Pohl considerava ineficaz a medicina popular, já Saint-Hilaire, tentava observar se esses métodos locais eram possíveis. Ambos os naturalistas consideravam o posicionamento geográfico goiano, isolado e distante do litoral, um impedimento ao avanço medicinal e econômico.

Destacando alguns trechos das narrativas de Saint-Hilaire sobre Goiás, percebemos que sua inclinação é mais ao estudo de botânica. Sua busca se concentrou em muitos momentos em observar as plantas usadas para curar enfermidades e na tentativa de impor limites às propriedades desses recursos naturais, comparando-os com os da Europa. Tanto Pohl quanto Saint-Hilaire, não se recusaram em fazer uma descrição aprofundada sobre os distintos aspectos das regiões que percorreram. Contudo, percebemos, assim como outros contemporâneos de Saint-Hilaire aqui elencados, que Pohl possuía um olhar mais cuidadoso para uma área específica, que era a medicina.

Outro viajante contemporâneo de Saint-Hilaire é Jean-Ferdinand Denis (1798-1890), que não era um naturalista. No intuito de tornar sua narrativa mais explicativa possível, Saint-Hilaire cita entre o material consultado os do francês Jean-Ferdinand Denis (1798-1890). Michel Riaudel em “Ferdinand Denis et le Brésil: Ir partage des savoirs” ressalta que pouco se sabe de Ferdinand Denis, mas ele desembarcou no Brasil no final de 1816, empreendendo viagem pelo país. Desembarcando no Rio de Janeiro, onde estabeleceu contato com Nicolas-Antoine Taunay (1755-1830)<sup>76</sup>. Denis foi um grande divulgador dos estudos brasileiros na França. Segundo Lucia Maria Paschoal Guimarães (1991)<sup>77</sup>, depois de mudar-se para Salvador e trabalhar ao lado de comerciantes franceses regressou à França em 1819. Editou em 1824 “Scènes de la Nature sous les Tropiques et de Leur influence sur la Poésie” e em 1826 “Résumé de l’Histoire Littéraire du Brésil”. Maria Helena Rouanet (1991) analisa o papel de Ferdinand Denis para a formação da literatura e da crítica literária no Brasil no século XIX. Entre outras questões, Rouanet apresenta que Denis refletia sobre até que ponto pode-se estabelecer a “civilização” na América. Ferdinand Denis está inserido no contexto intelectual do

---

<sup>76</sup> O primeiro barão de Taunay fez parte da Missão artística francesa (1816) e foi professor da Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios (futura Academia Imperial de Belas Artes). Disponível em [http://bndigital.bn.br/francebr/ferdinand\\_denis\\_port.htm](http://bndigital.bn.br/francebr/ferdinand_denis_port.htm)

<sup>77</sup> GUIMARÃES, L. M. P. *Eternamente em berço esplêndido: a fundação de literatura nacional*. Revista de História, [S. l.], n. 123-124, p. 199-201, 1991. DOI: 10.11606/issn.2316-9141.v0i123-124p199-201. Disponível em [Vista do Eternamente em berço esplêndido: a fundação de literatura nacional \(usp.br\)](http://www.vista.do.eternamenteembercoexplendido.org.br)

determinismo climático sobre a população, então em suas contribuições literárias deve-se perceber o papel do meio ambiente natural que ajuda a definir as características de uma literatura brasileira, pois as descrições da singularidade da natureza brasileira parecem ter contribuído no esforço de uma escrita na história de um país independente, aponta Lúcia Guimarães. Portanto, grande papel teve Ferdinand Denis nesse esforço.

Michel Riaudel (2022) ressalta o francês como sendo um dos divulgadores da história do Brasil para os franceses “essa viagem, no entanto, fertilizaria o resto de sua longa vida 1798-1890 e o tornaria a figura tutelar dos estudos brasileiros na França” (RIAUDEL, 2022, p. 167). Em suas observações, ele escreveu acerca da seca e da falta de interesse dos habitantes em explorar os recursos naturais brasileiros. Riaudel (2022) ressaltou que era aprendiz de naturalista e etólogo, mas conseguiu diversos tipos de informações sobre a expedição comercial no vale do Jequitinhonha, nas fronteiras da Bahia e de Minas.

Claudia Damasceno *et. al* em “De la présence brésilienne dans la construction européenne du monde” comparam a jornada de Saint-Hilaire e Denis. Apesar de ambos serem franceses, apresentam muitas distinções tanto no que diz respeito à vida pessoal quanto profissional. Saint-Hilaire não viajou pelo dinheiro, já Denis, segundo Claudia *et. al* (2022), passava por situação financeira precária quando da sua estada no Brasil. Aparentemente, Denis não tinha um objetivo definido para sua viagem, diferente de Saint-Hilaire, que havia avaliado em carta em 1815, sua utilidade, como por exemplo, descobrir plantas que pudesse tingir o algodão (KURY, 2017, p. 14).

Assim que retornou a França Saint-Hilaire viu os frutos de seu trabalho no Brasil. Foi eleito membro da Academia de Ciências em 1830, ano que também começou a publicar seus relatos de viagem. Já Denis, se tornou administrador da Bibliothèque Sainte-Geneviève somente em 1865.

Karen Macknow Lisboa na obra “A nova Atlântida de Spix e Martius” analisou os relatos da expedição científica desses naturalistas presentes em *Reise in Brasilien* (Viagem pelo Brasil), cujas consciências em serem europeus e “civilizados” contrastaram com a “selvageria americana”. Lisboa demonstrou que a relação de Spix e Martius com a natureza ia além da classificação. O “sentimento” era considerado superior à razão e tornou-se pré-requisito para que as ideais e o mundo racional adquiram sentido. Dessa maneira, os naturalistas acabaram, segundo a autora, perfazendo o estilo estético-científico de Humboldt. A experiência de prazer dos viajantes na natureza dos trópicos advém do “sentimento da natureza”, que para esses estrangeiros eram fundamentais para investigar os objetos da história natural em sua totalidade.

Nesses naturalistas o “sentimento” foi fortemente utilizado para a busca pelo funcionamento da natureza e dos homens. Um bom observador seria sensível ao ponto de identificar o caráter por meio das características físicas. A partir dessa bibliografia interpretativa percebemos ainda que para a maioria desses intelectuais, natureza e sociedade estavam imbricadas, assim como para Saint-Hilaire. Em alguns casos, o que distinguiu esse último foi ter viajado, visto com seus próprios olhos a região que descreveu, diferente de Southey, que não veio ao país, ou Spix e Martius que construíram narrativas sobre Goiás, mas não estiveram lá.

Cabe recuperar, que objetivo desse subcapítulo era elencar alguns dos viajantes que estiveram no Brasil no mesmo período em que Saint-Hilaire, a fim de destacar a sua especificidade diante desses contemporâneos. Porém, apesar de Southey não ter sido naturalista e nem ter viajado para o Brasil, produziu um rico estudo sobre o país, e por isso, foi utilizado aqui também como parâmetro dos estudos sobre o Brasil a partir de um “olhar de fora”.

O escritor Robert Southey (1774-1843) acessou o acervo de livros e manuscritos sobre assuntos luso-brasileiros pertencentes ao seu tio materno<sup>78</sup>, e por isso, construiu vasta bibliografia sobre o país. Sérgio Buarque de Holanda no Prefácio de “O fardo do homem branco” de Maria Odila da Silva Dias ressalta que ao escrever aos brasileiros, o poeta inglês “não queria abarcar o processo histórico através de generalizações e abstrações, mas procurava captá-lo em seu movimento natural, de sorte que o leitor também o revivesse” (DIAS, 1974, p. XXI).

A autora salienta que é conhecida a participação dos românticos nas lutas políticas de seu tempo e que Southey era atraído pelos fenômenos fantásticos do inconsciente e do sobrenatural. Destaca como ponto crucial para entender o contexto de conceituação da história do Brasil de Southey: a relação homem-natureza. A natureza deveria ser transformada pelo homem.

Buscando entender a escrita da “História do Brasil” feita pelo poeta inglês, à luz do contexto histórico em que a produziu, é preciso destacar que Southey viveu a Revolução Francesa (1789-1799) e por isso vislumbrava perspectivas de reforma e de regeneração para o seu país, que era ameaçado pela exploração comercial a partir da Revolução Industrial. Maria Odila da Silva Dias (1974) destaca que ele era um homem profundamente preocupado com as questões políticas e sociais. Essa consciência social foi “despertada na Revolução Francesa e

---

<sup>78</sup> Em 1799 decidiu ir a Lisboa estudar literatura espanhola e portuguesa e visitar o seu tio, que lhe abriu caminhos para publicações na Real Academia de Lisboa (p. 44).



aguçada no processo de industrialização em sua terra” (DIAS, 1974, p. 28) Dessa forma, se voltou ao estudo das colônias portuguesas. E é aí que o estudo na natureza ganha fôlego. A mentalidade modernizadora “procurava instrumentos para transformar a natureza e o melhor aproveitamento da produtividade do trabalho e da terra” (DIAS, 1974, p. 25).

Dias destaca que a mesma preocupação com as questões sociais de Southey o levaria ainda a uma visão dinâmica do homem, da natureza e da sociedade. Entre os poetas românticos permanecia a ideia da luta do bem contra o mal, inerente à natureza humana. A busca pelo movimento e funcionamento da natureza está presente na obra de Southey, uma vez que aguçado pelos ecos da revolução, que segundo Dias (1974) impactou na sua fé e na forma de pensar e sentir historicamente o mundo e sociedade.

Percebemos a relação entre ambiente e cultura na interpretação do inglês. Dias (1974) destaca que para o autor, os potentados rurais e o isolamento no meio inóspito dos trópicos impediam a comunicação do litoral com o interior, e isso implicava na modernização. Assim como Saint-Hilaire, a matriz dessa modernização era europeia “acreditava que a paz somente seria consolidada, através da afirmação do predomínio inglês no mundo” (DIAS, 1974, p. 15). Então, como vimos, na visão desses dois escritores, Saint-Hilaire e Southey, quem faria o país rumar à civilização era a Europa. Southey apresentou uma escrita de menor valor científico do que os viajantes, pois era escritor e não naturalista .

Nesta parte da dissertação recuperei alguns dos viajantes que estiveram no país no período de Saint-Hilaire como uma espécie de parâmetro para entender a especificidade da sua narrativa de viagem e de seu trabalho como botânico. Parece que a maioria dos viajantes buscou descrever diversos assuntos sobre o país, porém, direcionando um olhar mais cuidadoso de acordo com sua função específica, seja a botânica, a zoológica, a mineralogia, e outras. Conseguir permissão para viajar para as regiões do interior do país, como Goiás, em uma época em que era praticamente desconhecida, fez alguns desses viajantes se destacarem, como Saint-Hilaire e Pohl. Enfatizo a relação intensa que Saint-Hilaire desenvolveu com as personalidades locais como fator relevante para ter um conhecimento mais aprofundado sobre a realidade local, ainda que outros viajantes também tenham feito isso. Muitos naturalistas construíram imagens acerca das observações que fizeram, o que possibilitava o aprendizado junto com a leitura dos textos. Martius desenhava, já Saint-Hilaire, não. Por isso as associações entre elementos conhecidos da Europa com os daqui eram constantes nos relatos do francês, pois era o método de inteligibilidade que estava ao seu alcance para dar movimento aos seus escritos.

De forma geral, o desejo de instruir, a minuciosidade e a intensidade na construção de uma vasta bibliografia, não só acerca da paisagem, mas dos costumes, e a possibilidade de

publicá-la, fez Saint-Hilaire se destacar entre os principais intérpretes acerca da história do Brasil.

## **2.7 Natureza e sociedade em Saint-Hilaire**

Neste subcapítulo, pretendo abordar algumas das teorias difundidas pela história natural que podem ter influenciado Saint-Hilaire em seus estudos sobre as regiões de Minas Gerais e de Goiás. Percebemos que era comum em seus relatos as associações entre a paisagem natural e a paisagem social. Para o botânico, o componente mais importante para se entender as regiões era o determinismo ambiental. Cientistas estrangeiros dessa época buscavam a especificidade cultural do seu lugar de origem, medindo assim, o grau de civilidade das sociedades não-europeias. Ao construir seus relatos sobre Minas e Goiás, Saint-Hilaire considerou que a primeira reuniu mais características para uma vida tida como “civilizada” do que a segunda, devido ao seu grau de instrução e de hospitalidade. Segundo Saint-Hilaire, o posicionamento geográfico era um dos fatores que impedia a sociedade goiana de polir-se.

Sabemos que o francês viveu sob os reflexos da renovação das teorias hipocráticas, ocorrida entre os séculos XVIII e XIX. Para Hipócrates, o clima, a alimentação, os hábitos e os costumes, entre eles, o passado da região, conformavam o povo. Percebemos que Saint-Hilaire também compartilhava dessa perspectiva, pois para ele, as questões naturais e culturais estavam imbricadas. Algumas pesquisas acerca dos relatos de viagem e do trabalho de botânica, em alguma medida, apontam essa relação íntima entre a explicação natural e cultural feita pelo viajante. Contudo, precisamos demonstrar de forma mais abrangente, como Saint-Hilaire fazia essa associação, que parece se basear nas teorias de história natural e médicas de sua época.

No próximo capítulo, trataremos de forma mais aprofundada as comparações que ele fez entre Minas e Goiás a partir dessa profunda relação entre natureza e sociedade. Entretanto, já podemos dizer que ambas as regiões apresentam similitudes em sua conformação geográfica, como as volumosas montanhas, as imensas pastagens, os planaltos, os sertões, as serras, as grandes nascentes e bacias, os córregos e cachoeiras, e outras. Além disso, para o viajante a formação espacial dessas capitânicas esteve ligada à exploração aurífera. Contudo, apesar dessas semelhanças destacadas, o botânico construiu narrativas distintas para essas localidades, comparando-as em inúmeros momentos. Para Saint-Hilaire, a explicação social não só tinha resposta nos aspectos climáticos, mas ainda nos hábitos dessas sociedades

O calor moderado que faz em Tijuco torna raros a lepra e a elefantíases, enquanto a inconstância da temperatura multiplica as gripes e bronquites.

Outras afecções mórbidas são comuns no Distrito dos Diamantes; mas não é ao clima que devemos atribuí-las; elas são oriundas dos vícios e costumes dos moradores da região. [...] A hidropisia- frequente entre as pessoas de cor, é resultado da sua paixão pela aguardente de cana. Os prazeres do amor e uma vida sedentária são as principais causas das moléstias nervosas que, muito frequentemente atingem homens livres. O grande número de doenças venéreas- explica-se pela libertinagem a que toda a sociedade se entrega exageradamente (SAINT-HILAIRE, 1938 [1833], p. 42-44).

Um dos principais temas científicos da história natural ao longo do Oitocentos foi o determinismo climático, que se deveu em grande medida ao renascimento do hipocratismo, em meados do século XVIII. Na teoria hipocrática, as enfermidades advinham do desequilíbrio dos humores dos organismos e dos acontecimentos externos sofridos por eles. Quando Saint-Hilaire destacou na passagem acima que tanto o clima quanto o hábito de consumirem aguardente causavam doenças na população diamantina, percebemos nessa explicação a influência do neo-hipocratismo, pois para Hipócrates, a temperatura e a alimentação exerciam influência imediata sobre os corpos.

Ricardo Cabral de Freitas e André Nogueira advertem “A noção de clima na tradição hipocrática era bastante ampla, tendo como aspectos primordiais a observação qualitativa da temperatura [...] e dos aspectos topográficos das áreas em que atuavam os médicos” (FREITAS; NOGUEIRA, 2022, p. 3381). Com base nessa teoria, o estudo da meteorologia e das variações atmosféricas poderiam ajudar no diagnóstico das doenças. Se o ar, por exemplo, se misturasse com os miasmas contagiosos, poderia ser favorável às doenças. Entendemos que, baseado nas teorias da época das Luzes, Saint-Hilaire antes de buscar saber sobre as características dos mineiros e dos goianos teve que fazer primeiro a descrição dessas regiões como um todo, uma vez que para ele, as três variáveis (ambiente, alimento e costume) conformavam àquelas populações.

Além das variáveis supracitadas, a história da localidade também era um fator a ser observado, pois para o botânico, o que pôde ver no momento de sua viagem era reflexo do seu passado. Cairus (2005) destaca que viajantes e epidemiologistas se serviram do tratado *Ares, águas e lugares*<sup>79</sup> para compreender a história das regiões e das sociedades estudadas. Para Saint-Hilaire, a história da colonização dividiu o Brasil. O patriarcado e a aristocracia não tinham objetivos unificados, pois cada indivíduo tinha seus próprios interesses. Essa divisão era ruim na visão do francês, pois se estivessem reunidos em um objetivo comum à pátria, poderiam reprimir a ociosidade, que para ele era um dos impeditivos ao desenvolvimento do

---

<sup>79</sup> Influência desse tratado sobre o Espírito das Leis de Montesquieu (1748).

país. Outro problema destacado pelo viajante era a imprevidência, que fazia com que as pessoas não aproveitassem de forma correta os recursos naturais do país, além de não se preocuparem com o futuro.

Devemos então, pensar como fruto do contexto em que viveu Saint-Hilaire, o estudo do clima, da alimentação, dos hábitos e da história das regiões visitadas, ainda que a medicina comporte atualmente algumas dessas ideias, como a relação entre hábitos alimentares e certos tipos de doença. No próximo tópico, falaremos da questão racial em Saint-Hilaire, embora ele tenha utilizado de forma mais recorrente o determinismo climático para explicar diversos aspectos de Minas e de Goiás.

## **2.8 A questão racial: uma das variantes da história natural**

Nesta pesquisa dei ênfase aos aspectos históricos, sobretudo os elementos culturais, políticos e institucionais das sociedades estudadas por Saint-Hilaire. Pelo fato de a questão racial também aparecer nas narrativas dele, ainda que de forma menos intensa, tratarei de forma breve o tema. O argumento apresentado para o desenvolvimento dessa dissertação foi que Saint-Hilaire formou-se em um contexto intelectual que se baseava na determinação do clima sobre as sociedades. Ainda que o estudo da questão racial, não esteja dissociado da minha investigação, não seria possível um estudo mais aprofundado dessa abordagem no tempo permitido para esta pesquisa.

Desde o início do século XIX escritores buscavam explicações que justificassem a superioridade de uma raça sobre a outra. No Oitocentos, no bojo da consolidação do Estado nacional as elites intelectuais se indagavam: seria possível construir um Estado civilizado, tendo em vista a escravidão e a mestiçagem? Nesse período, a falta de precisão acerca do conceito de raça fez emergir uma seleção arbitrária sobre as características de classificação dos seres

No século XIX, a Antropologia (ciência das raças) foi definida como o ramo da História Natural que trata do homem e das raças humanas, tendo por objetivo descobrir as características permanentes que permitissem distingui-las enquanto "tipos" biológicos. Mas é através do uso de estereótipos, principalmente de natureza moral, que as classificações e hierarquias são realizadas, presumindo que qualidades e vícios de cada raça considerada inferior (inclusive os mestiços) são biologicamente determinados. Não basta estabelecer os ditames da inferioridade através de traços fenotípicos, ele é mais eficaz quando pode pressupor determinados comportamentos. O uso sistemático de estereótipos e a associação entre raça e ocupação neste discurso racista, na verdade, serve para dividir e localizar os indivíduos na sociedade — já que o princípio que rege as classificações sociais é o da desigualdade

biológica e cultural entre os diferentes grupos humanos refletida, em última instância, na estratificação social. (SEYFERTH, 1995, p. 175-76;184;190)<sup>80</sup>

Esse trecho mostra que alguns paradigmas da história natural fomentaram a ideia de que existia diferentes “tipos” de pessoas. Quando a ideia de nação se tornou uma meta política no Ocidente, a extensão desses ideais se transformou no único fundamento válido de uma sociedade global<sup>81</sup>. Quando da sua estada ao Brasil, Saint-Hilaire constatou que cada grupo étnico teria personalidade própria. Os homens negros eram mais fortes e aptos ao trabalho braçal. Apesar de criticar a escravidão, achava que era necessária e deveria ser dissolvida paulatinamente

A escravidão traz consigo, indubitavelmente, muitos males; mas talvez fossem esses, maiores ainda se emancipassem bruscamente os escravos, como o pedem em altos brados os filantropos, animados, sem dúvida, de boas intenções, mas que ignoram completamente o que são os negros e a América. Os laços que prendem os escravos devem ser relaxados pouco a pouco (SAINT-HILAIRE, 1944[1847]), p. 106).

Com base nessa passagem pode-se dizer que as narrativas de viagem de Saint-Hilaire e as da mesma natureza que a sua, ajudaram a abrir o caminho a novos paradigmas científicos que fundamentaram a história natural. Percebe-se que apesar de tecer críticas à escravidão, achava que por terem vivido sob o jugo por muito tempo e sem ter ideia de liberdade, os escravizados deveriam ser incorporados à “civilização” gradativamente.

No século XIX houve disputa entre dois grupos. Os monogenistas e poligenistas. Os defensores do primeiro grupo acreditavam que a humanidade tinha diferentes origens. O segundo se baseava na tradição cristã de apenas uma origem da humanidade. Martius em “Como se deve escrever a História do Brasil” ressalta que

ao escrever a história do Brasil deve-se atentar aos elementos que concorreram para o desenvolvimento do homem, que são elementos de natureza muito diversa convergindo as raças de cor cobre ou americana, branca ou caucasiana; preta ou etíope. [...] cada uma vive e se desenvolve, um momento histórico característico e particular” (MARTIUS, 1845, p. 87).

Na perspectiva desse naturalista havia distinção física e moral entre as pessoas mediante o lugar em que vivia. No entanto, privilegiava aquilo que dava um caráter geral ao Brasil.

---

70 SEYFERTH, Giralda. *A invenção da raça e o poder discricionário dos estereótipos*. anuário antropológico/93 Rio de Janeiro: tempo brasileiro, 1995.

<sup>81</sup> Ciência Hoje. 1993. editorial. ciência hoje 15 (87).

Tanto para Saint-Hilaire quanto para Martius a história seria conduzida pelas raças que consideravam superiores (branca europeia). “Brasileiros da geração que agora se está educando [...] Verão o quanto devem ser gratos principalmente ao príncipe generoso que identificou seus interesses com os de seu povo [...]” (SAINT-HILAIRE, 1830[1938], p. 16). A “civilização” era um caminho necessário, e para ele o Brasil não possuía o “acúmulo civilizador”.

Muitos naturalistas poderiam defender seus argumentos, a fim de se legitimar enquanto cientistas, mas podiam ter posicionamentos contrários a ele. Em um outro contexto depois de Saint-Hilaire e Martius, na segunda metade do século XIX, o suíço Louis Agassiz (1807-1873) esteve no país em 1865 como organizador da expedição Thayer<sup>82</sup>. Segundo SOUSA (2008), Agassiz professava uma posição poligenista, defendendo que a mistura entre as raças degenerava o ser humano. A questão ambiental parecia implicar no comportamento dos “tipos” humanos argumentados por Agassiz “os negros puros tenderiam naturalmente a buscar após a liberdade, regiões mais quentes para ali se fixarem, movidos por um tipo de “afinidade irresistível” (SOUSA, 2008, p. 57). Isso, alteraria o “tipo” humano que se estabeleceria em determinadas regiões “Com tal mudança, formar-se-ia no Sul alguns estados negros, o que faria com que o Norte se tornasse cada vez mais branco (*idem*).

Entre os personagens que forjaram más previsões sobre o país, em um contexto posterior a Saint-Hilaire, na segunda metade do século XIX, está o Conde de Gobineau (1816-82), responsável por um vasto estudo das grandes civilizações. Para ele a questão étnica norteava a história. Chegou ao país em 1869, designado como Ministro da França na capital do império, onde ficou pouco mais de um ano, e “professava uma posição monogenista” (SOUSA, 2008, p. 111).

“O Brasil, onde o intercuro entre as diferentes “raças” produzira um elemento predominantemente mestiço, aos olhos do Conde era um lugar de gente degenerada e fadada a um fim próximo (RAEDERS, 1988 *apud* SOUSA, 2008, p.40). Tanto a posição de Agassiz quanto a de Gobineau ajudaram na definição, a partir da segunda metade do século XIX, de um padrão genético superior para a “raça” humana. Nesses estudos, o homem branco europeu tinha as melhores características na esfera civilizacional em comparação aos asiáticos, indígenas e africanos. Essa distinção não servia para a integração dos povos, mas para a distinção e justificativa de dominação de uma raça sobre a outra.

---

<sup>82</sup> Thayer foi uma expedição ao Brasil que foi liderada pelo zoólogo suíço Louis Agassiz, realizada entre 1865 e 1866, que consistia no registro em série de tipos raciais brasileiros do Rio de Janeiro e da Amazônia.

Neste subcapítulo, tratei brevemente da questão racial no século XIX. A literatura de viagem ao longo do Oitocentos trouxe forte caráter racial em seus argumentos. Contudo, diferente das narrativas de Agassiz e de Gobineau, em Saint-Hilaire percebemos uma tentativa de incorporar a sociedade brasileira à “civilização”, o que não ocorre nas narrativas desses teóricos da segunda metade do Oitocentos, que foram marcos do racismo científico, de base poligenista.

### **Considerações do capítulo**

Neste capítulo, tratei das diferentes motivações das viagens ao continente americano ao longo dos séculos. Tanto nas expedições de exploração, entre os séculos XVI e XVII, quanto nas viagens posteriores, a natureza tropical foi objeto privilegiado de estudo. No contexto das Luzes no Brasil, que coincide com o período do declínio das minas, os estudos da natureza foram mais organizados, pois acreditava-se que somente com um conhecimento preciso dos recursos dos “três reinos da natureza” se poderia saber sobre sua utilidade.

Nas primeiras décadas do século XIX muitos viajantes, sobretudo naturalistas, vieram ao Brasil, a fim de observar, descrever e classificar as coisas notáveis que encontravam. Encontramos nas descrições feitas por eles a influência das teorias hipocráticas, que havia ressurgido na segunda metade do século XVIII. Esses naturalistas buscavam no mundo natural a resposta para a explicação social. Quando comparamos os estudos de Saint-Hilaire com os de seus contemporâneos, destacamos como sua especificidade, o rigor e a minúcia na escrita e nas explicações acerca dos processos observados.

## Capítulo 3- Auguste de Saint-Hilaire: comparação entre os relatos sobre Minas Gerais e Goiás

### 3.1. Apresentação do capítulo

O primeiro livro dos relatos de viagem de Saint-Hilaire, *Voyage dans les Provinces de Rio de Janeiro et Minas Gerais* (1830), narrou a passagem do viajante-naturalista desde sua chegada ao Rio de Janeiro em 1º de junho de 1816, local de depósito de suas coleções de história natural, até suas viagens a diversas regiões de Minas e chegada ao Distrito Diamantino em 1817. No segundo volume de sua narrativa de viagem, *Voyage dans le District des Diamants et littoral du Brésil* (1833), o botânico relatou tudo o que observou desse distrito, um dos mais elevados da Província de Minas. Na sua *Voyage aux sources du Rio São Francisco et dans la Province de Goyaz* (1847-1848), o autor descreveu o seu embarque na baía do Rio em Janeiro de 1819 e os preparativos para a viagem a Goiás, onde passou por Meiaponte (Pirenópolis), Bom Fim (Silvânia), Santa Cruz, entre outras localidades.

Cabe destacar, que a ideia inicial de Saint-Hilaire era sair do Rio de Janeiro, ir para o Sul e depois ir para o Centro-Oeste. Segundo ele, assim seria melhor para o seu organismo se acostumar aos poucos com o clima dos trópicos, visto que a região sul era mais fria e permitiria a ele ir se aclimatando paulatinamente. Apesar de as regiões de Minas e de Goiás apresentarem semelhanças, como a própria conformação geográfica e a intensa atividade de exploração aurífera, central na formação socioespacial dessas capitânicas, Saint-Hilaire ressaltou a decadência e a falta de elementos para uma vida minimamente “civilizada” em Goiás se comparado a Minas. As comparações ocorrem constantemente nos relatos do viajante. Comparando tanto os aspectos naturais quanto sociais de Goiás com os de Minas Gerais, mas também com o Rio de Janeiro e a Europa.

Os objetivos deste capítulo são: perceber a forma como ele construiu narrativas distintas para essas regiões a partir da comparação presentes nos relatos sobre Minas e Goiás, utilizando as traduções em português, embora confronte em alguns momentos com detalhes das edições em francês, e identificar se o autor destacou alguma concepção-chave para caracterizar essas regiões. Nesse capítulo busca-se também identificar como Saint-Hilaire estabeleceu padrões que relacionam o meio natural com a sociedade dessas regiões.

No início de cada volume, Saint-Hilaire elaborava um quadro geral em que descrevia, sobretudo, os tipos de habitação e prédios públicos, as populações, os costumes, as riquezas naturais e a economia de cada uma das regiões percorridas por ele. Ainda que sua principal



preocupação fosse a botânica, o viajante construía uma cronologia de tudo a partir de seus deslocamentos e das coisas notáveis que encontrava. Percebemos que por meio de uma espécie de “estatística descritiva” ele organizava essas sociedades, construindo uma fisionomia dos aspectos culturais e naturais delas. Lorelai Kury (2007), baseada nos trabalhos de Marie-Noëlle Bourguet<sup>83</sup>, ressalta que nessa época na abordagem descritiva se fazia a exposição dos objetos de forma metódica e positiva. Dessa maneira, Saint Hilaire objetivava uma narrativa fiel e exata do que encontrava.

Cabe lembrar, que o quadro construído pelo naturalista, em que sistematiza, sobretudo as informações sobre “história da região”, “geografia”, “sociedade”, “cultura” e “economia” começou a ser elaborado após o seu retorno à França em 1822. As publicações começaram a partir de 1830, e além das suas próprias anotações, que incluíam principalmente consultas a fontes locais, tanto dos povos originários, quanto dos letrados brasileiros e portugueses, Saint-Hilaire utilizou relatos de viagens, periódicos de época, entre outros. Todas as fontes utilizadas por ele são destacadas em suas extensas notas de rodapé.

É preciso convir, porém que o viajante não pode ver tudo com seus próprios olhos. Passa quando se está semeando; já estará longe quando se fizer a colheita; é, portanto, obrigado a basear-se nas informações de outrem, e, por conseguinte, está sujeito a enganar-se. É possível que mais de uma vez, talvez, me tenha acontecido assim, mas será somente nesses casos que terei induzido em erro os que lerem esse livro (SAINT-HILAIRE, 2019[1830] p. 04).

Saint-Hilaire (2019[1830]) escreveu que partiu do Rio de Janeiro na companhia de Langsdorff, diplomata germânico a serviço da Rússia, em 07 de dezembro de 1816, acompanhado de seu criado, um indígena “botocudo” que servia ao barão de Langsdorff, de um negro, e um “mulato” que conduziam os burros, pertencentes a Ildefonso Gomes<sup>84</sup>, entrando enfim na estrada da Província de Minas. O naturalista empreendeu uma longa viagem percorrendo diversas regiões mineiras até maio de 1817. Encaminhou-se então, para o Distrito Diamantino, e, em outubro de 1817, passando por algumas regiões mineiras, alcança em março de 1818 o Rio de Janeiro. Iniciou outra viagem a Minas Gerais em janeiro de 1819. Após visitar as nascentes do Rio São Francisco, se dirigiu em maio para a Província de Goiás, saindo de lá no final de agosto em direção a São Paulo. Cruzou a divisa com Minas no dia 05 de setembro de 1819.

---

<sup>83</sup> Ver BOURGUET, M-N. *Déchiffrer la France: la statistique départementale à l'époque napoléonienne*. Paris: Édition des Archives Contemporaines, 1989.

<sup>84</sup> Antônio Ildefonso Gomes (1794-1859) médico e estudioso de Botânica.

Antes de regressar à Europa, em agosto de 1822, Saint-Hilaire empreendeu outra viagem a Minas, percorrendo por três meses parte do trajeto que havia feito cinco anos antes, a fim de refazer as coleções botânicas que haviam sido danificadas. Dessa maneira, Minas Gerais acabou sendo um dos centros de sua narrativa, pois grande parte de sua viagem foi dedicada a esse território. Saint-Hilaire também é considerado uma pessoa importante para a historiografia de Goiás<sup>85</sup>. Para a compreensão de sua narrativa deve-se levar em consideração o contexto intelectual do século XIX e dos estudiosos que partilhavam a crença na adequação entre o clima e as formas de vida de um determinado lugar. Para a compreensão do pensamento científico de Saint-Hilaire é necessário investigar ainda suas orientações teóricas.

### **3.2. As descrições de Minas Gerais e Goiás feitas por Saint-Hilaire**

#### **3.2.1 A história de Minas**

O resumo histórico dado por Saint-Hilaire para a Província de Minas, em que procurou descrever como era a região, em seus diversos aspectos, desde o momento de sua fundação, está baseado nas descrições de Southey e de Pizarro<sup>86</sup>, escritores que, segundo ele, mereciam sua confiança. De forma geral, o naturalista narrou que os paulistas fundaram o local. O botânico exaltava a participação dos bandeirantes no descobrimento do ouro, no povoamento, na diversificação das atividades econômicas e na expansão territorial do Brasil colonial. Saint-Hilaire (2019[1830]) escreveu que foram fundadas quase que no mesmo tempo, Vila Rica, as vilas de Mariana, Sabará, Caeté, S. João del Rei, S. José; e pela mesma época se descobriram as minas do Serro Frio<sup>87</sup>. No entanto, o botânico destacou que a constante chegada de aventureiros introduziu também a desordem na região, protagonizada pelos paulistas e estrangeiros, que foram chamados de “emboabas”<sup>88</sup> por aqueles.

---

<sup>85</sup> Entre os autores que também estudam os relatos de Saint-Hilaire sobre Goiás estão Marcos Antonio de Menezes, Rodrigo Martins dos Santos e Fátima de Macedo Martins.

<sup>86</sup> As obras desses autores consultadas por Saint-Hilaire foram “History of Brazil (1806-1819)” do escritor britânico Robert Southey e “Memórias históricas do Rio de Janeiro e das províncias anexas à jurisdição do Vice-Rei do Estado do Brasil, dedicadas a El-Rei Nosso Senhor D. João VI (1820)” de José de Sousa Azevedo Pizarro e Araujo.

<sup>87</sup> <sup>87</sup> Por vila entende-se uma unidade político-administrativa autônoma equivalente a município, trazida de Portugal para o Brasil no início da Colonização In FÁVERO, 2004 apud MENEZES; OLIVEIRA, 2021, p. 99).

<sup>88</sup> A palavra “emboaba” tem origem indígena e significa “estrangeiro”, “forasteiro”. Durante o período colonial, emboaba era a denominação dada às pessoas que chegaram à região das minas, onde os paulistas haviam encontrado ouro.

Saint-Hilaire destacou (2019[1830]) que devido à dificuldade em administrar um território tão vasto e que protagonizava disputas entre diferentes grupos em meio à corrida do ouro, foi decretado em 1721 que Minas Gerais se tornaria uma capitania independente, pois antes, assim como São Paulo, pertencia à capitania do Rio de Janeiro. Sua capital era Vila Rica (atual Ouro Preto). Após a transformação das capitanias<sup>89</sup> em províncias ultramarinas pelas Cortes Gerais e Extraordinárias da Nação Portuguesa, em 28 de fevereiro de 1821, Minas também se tornou uma província, e, após a Proclamação da República, se tornou o estado de Minas Gerais.

### **A história do Distrito Diamantino**

Saint-Hilaire fez um estudo separado acerca do Distrito dos Diamantes. Isso porque, segundo ele, a região estava submetida a uma administração particular e “forma como que um estado à parte no meio do vasto Império do Brasil” (SAINT-HILAIRE, 1941[1833], p.01). Saint-Hilaire destacou que as relações sociais dessa região com resto do mundo foram rompidas, sendo a exclusividade sobre os diamantes assegurada à Coroa. Por isso, nessa pesquisa, essa localidade também será tratada de forma separada das regiões mineiras.

Esse Distrito estava localizado ao nordeste de Minas Gerais, e era composto por diversos arraiais e povoados: Tejuco, Gouveia, Milho Verde, São Gonçalo, Chapada, Rio Manso, Picada e Pé do Morro. Saint-Hilaire (1941[1833]) sinalizou que no Decreto de 8 de fevereiro de 1730 os diamantes foram declarados propriedade real, e foi proibida a exportação desses para a Europa. O viajante-naturalista destacou que a história de Diamantina, Serro e Conceição do Mato Dentro teve sua origem ligada às atividades de exploração do ouro e de pedras preciosas, e dessa maneira, adquire relevância na história nacional e internacional.

### **3.2.2 A história de Goiás**

Quando construiu o relato sobre a província de Goiás, assim como o de Minas, Saint-Hilaire destacou a coragem dos aventureiros paulistas nas últimas décadas do Seiscentos, que saíram para explorar a riqueza mineral que existia naquela região<sup>90</sup>. “[...] e é celebre na história

---

<sup>89</sup> Primeira divisão administrativa e territorial implantada pelos portugueses durante a colonização no século XVI.

<sup>90</sup> Sobre a relação de São Paulo com a história de Goiás, Saint-Hilaire destacou que um dos primeiros paulistas a entrar em Goiás foi Manoel Correa no ano de 1670, tendo um papel de destaque na descoberta do ouro. Sérgio Buarque de Holanda ressaltou que em 1722 ao serem descobertas minas de ouro em Goiás, muitos africanos que foram escravizados para trabalhar naquelas minas passaram por São Paulo e suas redondezas “a frequência e

de Goyaz, porque os paulistas que descobriram a região, fundaram nesse local o seu primeiro estabelecimento (1937[1848] p. 74). O botânico salientou que a fama das riquezas de Goiás, que segundo ele, permitiu a fundação de diversas povoações, de igual modo, fez se espalhar os crimes, pois como as riquezas atraíam grande número de pessoas, essas espalharam a desordem. Cabe mencionar que até o ano de 1749 Goiás fazia parte da capitania de São Paulo, e após essa data se tornou independente. “O governo sentiu, por fim, que a autoridade dos capitães-generais desta província tinha os efeitos paralisados pelo afastamento em que ficavam dos seus administrados, e Goiás tornou-se uma capitania” (SAINT-HILAIRE, 1944 [1847], p. 288). Para construir essa narrativa, o viajante escreveu ter utilizado, sobretudo, a obra do Padre Aires de Casal “Corografia Brazilica”, a de Pizarro “Memórias Históricas” e a de Pohl “Reise Im Innern von Brasilien” (I).

Por meio dos relatos de Saint-Hilaire percebemos que em inúmeros momentos os exploradores europeus impuseram regimes de governos sobre os nativos, e em alguns trechos, o francês teceu críticas àquele tipo de governo que não fazia valer as leis vigentes no momento que esteve ali “o francês remarcou diversas vezes a inaplicabilidade das leis brasileiras e a criminalidade que assolava os sertões” (SANTOS, 2021, p. 251). Ao atribuir comportamentos que seriam típicos da região sertaneja, Saint-Hilaire demonstra mais uma vez o peso das leis, da história e da cultura na conformação dos povos. Ainda que procurasse estabelecer uma relação de caráter baseado no ambiente natural, algumas particularidades pareciam, na visão dele, não estar associadas à natureza.

Saint-Hilaire (1937[848]) deu versões diferentes sobre a fundação de algumas das povoações de Goiás, como Meia Ponte (Pirenópolis). Seguindo o trabalho de Pizarro, o francês escreveu sobre uma ponte que teve uma de suas duas toras de madeira carregada pela água, e por isso, o nome do lugar se chamava Meia Ponte. O botânico sinalizou que para Cunha Matos o nome dessa região fazia referência a uma pedra que ali existiu e que representava a metade de um arco. O francês também escreveu a versão dada por Luiz d’Alincourt (1787-1839)<sup>91</sup>, que

---

gravidade dos surtos epidêmicos ocorridos em São Paulo ao propiciar a terceira década do Setecentos [...] serve para revelar decisivamente a correlação íntima entre entradas em massa de escravos negros na capitania” In HOLANDA, S. B. “Fatores de dispersão demográfica”.

Esta breve informação foi trazida aqui para que possamos entender a partir do passado, outros aspectos como sociedade, economia, administração e outros.

<sup>91</sup> Bandeirante paulista, foi um militar, escritor, ensaísta, memorialista, pensador, ativista, intelectual e pesquisador português, radicado no Brasil. Obra publicada: *Memória sobre a Viagem do Porto de Santos à Cidade de Cuiabá* (1818).

disse que Bartholomeu Bueno da Silva<sup>92</sup> não conseguindo atravessar o rio por causa da correnteza, lançou sobre uma pedra grande e achatada, uma ponte que ia somente até o meio das águas, originando-se daí o nome dessa região. Saint-Hilaire (1937 [1848]) escreveu não poder afirmar qual dessas versões seria a correta, e se alguma dessas era verdadeira. No entanto, descreveu que os primeiros a se estabelecerem ali foram os exploradores de ouro.

Assim como em Minas, Saint-Hilaire destacou a extração do ouro como fator determinante na fundação de Goiás. Além da descoberta desse metal pelos bandeirantes, salientou que alguns dos escravizados também encontraram ouro em córregos, como as minas descobertas em Jaraguá, que no momento de sua viagem, em 1819, já estavam, segundo ele, inteiramente esgotadas. Em relação a Vila Boa, na época capital de Goiás, “Apenas a presença do ouro pôde determinar a fundação de Villa Boa [...]” (SAINT-HILAIRE, 1937[1848], p. 78).

Em Saint-Hilaire a mineração parece ser um dos eixos centrais para entender não só a economia de Goiás, mas também sua própria fundação e decadência. Os arraiais e vilas foram se constituindo à medida em que o ouro foi sendo descoberto, porém, no início do século XIX o período áureo do dessa força produtiva já havia acontecido, o que para Saint-Hilaire explica o abandono da região.

Fátima de Macedo Martins (2017) escreveu que a decadência da exploração do ouro foi o recurso adotado pelos governadores e cronistas ao longo do Oitocentos para explicar os sérios problemas que atravessava a administração. A escrita da história de Goiás de princípios do século XX até a primeira metade da década 1990 foi tributária dos relatos feitos por viajantes e naturalistas europeus, que imprimiram uma imagem decadente para essa região após o esgotamento do ouro. Eles consideravam que a história dessa região nasceu e acabou com o ouro. A partir de meados do Novecentos o estigma de decadência de Goiás passou a ser relativizado. Martins (2017) ressaltou que para o historiador Nasr Chaul<sup>93</sup>, essas representações sobre Goiás teriam origem no “isolamento da província, na visão europeizante dos estrangeiros que vieram a Goiás” e na ilusão daquilo que pensaram ter existido na sociedade mineradora. Para esse autor a constatação de esplendor não tinha de fato existido. Conforme Martins (2017),

---

<sup>92</sup> “Descobriu a província de Goyaz e lançou os primeiros alicerces da capital” (SAINT-HILAIRE, 1937[1848], p.76).

<sup>93</sup> Ver CHAUL, Nasr. Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade. Goiânia: Editora UFG, 2010, pp. 44/4.

Chaul se vale disso para constar que a fase agropecuária posterior apresentou pouca diferença em relação à sociedade mineradora<sup>94</sup>.

A decadência, segundo Chaul, parece ter existido somente na visão dos outros, enquanto para os trabalhadores goianos do século XIX, sua realidade era satisfatória, pois bastava para suprir necessidades básicas<sup>95</sup>. No entanto, os estudos dos homens de ciência<sup>96</sup> do final do século XVIII e início do XIX, foram marcados pela preocupação sobre o que superaria os problemas econômicos causados pelo declínio do ciclo do ouro. “O pensamento dos naturalistas viajantes comporta o humanismo, a filantropia e o utilitarismo, mas não deixa de se voltar para as vantagens econômicas que poderiam advir da “civilização” (MARTINS, 2017, p.193).

Compreende-se então, que o tipo de relato construído por Saint-Hilaire acerca da história de Goiás refletia a mentalidade típica da Ilustração, imbuída de identificar e eliminar qualquer impedimento ao desenvolvimento e crescimento do país.

Deusa Maria Rodrigues Boaventura (2007) ressalta que em consequência de problemas econômicos ligados ao açúcar, a metrópole repensou sua estratégia de ocupação do Brasil, incentivando a exploração de novas áreas.

Esse é o momento em que se pode encontrar as raízes do urbanismo colonial brasileiro, [...] É, portanto, sob essa perspectiva que se pode entender as formações urbanas de Goiás, pois elas são resultado de sínteses de diferentes modelos de cidades, reproduzidos ora por ações dos bandeirantes, ora por governadores como Luiz Mascarenhas; José de Almeida e Cunha Menezes (BOAVENTURA, 2007, p. 26).

A ocupação de Goiás se deu de distintas formas. A maioria dos arraiais surgiu em razão da exploração do ouro, e esse tipo de moradia foi se adaptando à medida em que o ouro surgia. Segundo Menezes e Oliveira (2021) nem sempre essa região era favorável à urbanização, pois a topografia não era compatível à criação de um sítio urbano. Já a aldeia foi um tipo de moradia

---

<sup>94</sup> O historiador Rogério Chaves da Silva dividiu a escrita da história de Goiás assim: a que foi produzida por pessoas de diversas formações, desde o início do século XX até os anos de 1960 e que buscou desfocalizar a imagem de decadente da região, tendo em vista o projeto de memória e de identidade regional (Americano Brasil, Colemar Natal e Silva e Zoroastro Artiaga; a historiografia acadêmica da década de 1970 que buscou sedimentar o conceito de decadência como representação definidora da história de Goiás (Luiz Palacin Gomez); a historiografia acadêmica sobretudo em meados de 1990 que trouxe forte crítica historiográfica acerca das narrativas de Goiás (Nasr Chaul e Paulo Bertran). IN SILVA, Rogério Chaves da Revista Expedições, Morrinhos/GO, v. 11, Fluxo Contínuo, jan./dez. 2020 – ISSN 2179-6386.

<sup>95</sup> De Macedo Martins (2016, p. 33) disse que isso foi interpretado por Paulo Bertran como economia da abastância, que ficaria entre a economia de subsistência e a de exploração. Ver BERTRAN, Paulo. Uma introdução à história econômica do Centro-Oeste do Brasil. Brasília: Codeplan; Goiânia: Ed. UCG, 1988. p. 43.

<sup>96</sup> O homem de ciência do século XVIII era basicamente um funcionário do Estado, cujas atividades eram financiadas pelo monarca. IN: VARELA, A.G.:LOPES, M.M. E FONSECA, M. R. F. da. *Naturalista e homem público*: a trajetória do ilustrado José Bonifácio de Andrada e Silva em sua fase portuguesa (1780-1819). Anais do Museu paulista: História e Cultura material (2005) p. 210.

planejada. Rodrigo Martins dos Santos (2021) ressalta “Os aldeamentos foram locais construídos para concentrar e reduzir os povos indígenas em seu próprio território original” (SANTOS, 2021, p. 256). O autor cita Santos e Curi (2012) que escreveram que os aldeamentos foram ainda uma estratégia adotada pela Coroa e pela Igreja para dominar e controlar os povos indígenas e seus territórios sem a necessidade do uso massivo de guerras “oferecendo um lugar para que pudessem viver sob o olhar dos luso-brasileiros” (*idem*). Os arraiais foram formados às margens dos garimpos pelos bandeirantes. Os aldeamentos foram erguidos inicialmente pelos jesuítas, e depois por governantes ligados à Coroa portuguesa. Com base nessa informação, quando analisamos trechos que descrevem essas construções nas publicações de Saint-Hilaire, precisamos salientar que as formas de ocupação de Goiás obedeceram aos anseios da colonização. Com o declínio do ouro os goianos passaram a movimentar-se conforme as possibilidades.

Com o declínio da exploração aurífera e a ausência de outra atividade econômica de destaque, viajantes construíram narrativas negativas acerca da região de Goiás. No entanto, Boaventura (2007) destaca que essa historiografia não considerou a ocupação desse território no século XVIII a partir do controle do governo português. Tampouco houve uma política central a fim de instituir nova atividade econômica que impedisse os habitantes de Goiás de saírem de lá. Boaventura fez um estudo com o objetivo de desconsiderar puramente a decadência ou aceitação de formações urbanas como puramente espontâneas.

Para a autora, o processo de urbanização em Goiás no século XVIII deve ser analisado não só por meio das riquezas auríferas, mas pela posse e controle de terras coloniais; por outras formas e estratégias de ocupação adotadas pela coroa (apropriação do território); pela captura de indígenas (mão de obra e para formação de aldeamentos) e pela forma de os portugueses fazerem cidades.

Apresentamos aqui, parte da narrativa produzida por Saint-Hilaire sobre a história de Minas e Goiás. Para compreender o tipo de escrita construído por ele sobre a ocupação dessas regiões, precisamos saber que os relatos foram construídos de acordo com sua visão de mundo. O parâmetro que tinha para entender a formação socioespacial era o do modelo de urbanização europeu. Além disso, para compreender o porquê de o botânico destacar as irregularidades na formação urbana de Goiás, devemos buscar quais os agentes que participaram desse processo de ocupação e qual era a finalidade.

Conforme o exposto, na visão do botânico, tanto a história de Minas Gerais quanto a de Goiás tem origem com a chegada dos bandeirantes, se relacionando assim, diretamente com descoberta do ouro. É por esse motivo que para ele, quando ocorre a estagnação da exploração

aurífera, há também a “decadência” de algumas regiões mineiras e da capitania de Goiás como um todo. No tocante à região goiana, apesar de ser consenso entre os estudiosos que nas últimas décadas do século XVIII a exploração aurífera declinara de forma acentuada, para o entendimento social e econômico dessa localidade no período em que Saint-Hilaire esteve, é necessário atentarmos a algumas especificidades que corroboraram para o esvaziamento da região com o declínio da mineração, entre elas, a especificidade geográfica e a falta de uma política que disponibilizasse recursos econômicos para que outra atividade fosse desenvolvida, conforme veremos mais adiante.

### 3.2.3 O meio ambiente de Minas

No resumo histórico que Saint-Hilaire fazia de cada região visitada, narrava diversos aspectos locais. Entre esses aspectos estava a descrição da sua corografia<sup>97</sup>. Para a província de Minas, o botânico sinalizou que tomou como base os estudos de Pizarro em “Memórias Históricas”. Apontou que a região é limitada ao Norte pelas províncias de Pernambuco e da Bahia, a Leste pelo Espírito Santo, ao Sul pelo Rio de Janeiro e São Paulo e, Oeste, por Goiás. Escreveu que a região apresenta a forma de um quadrilátero, dividida em porções desiguais por uma longa cadeia de montanhas que se estendia do sul ao norte, e as matas cobriam o lado oriental, e as pastagens a parte ocidental. Essa última era quase toda dividida pelo Rio São Francisco.

Saint-Hilaire (2019[1830]) enfatizou que a Província das Minas possuía outras riquezas além dos metais preciosos, pois apresentava gordas pastagens, belas florestas e fértil território. “Se existe alguma região que possa dispensar o resto do mundo, será certamente a Província das Minas, quando seus inúmeros recursos forem explorados por uma população mais densa” (SAINT-HILAIRE, 2019 [1830], p. 46).

Quando mergulhamos nesses relatos percebemos que para Saint-Hilaire, os limites entre a explicação social e natural eram tênues, conforme escreve Cláudia Damasceno<sup>98</sup>:

Um dos aspectos da geografia humana que detiveram a maior atenção do viajante foi a organização do poder civil e religioso e das divisões territoriais: as observações se referem ao tamanho das circunscrições, e a análise do caráter mais ou menos «natural» e «racional» de seus limites ocupa várias

---

<sup>97</sup> Estudo geográfico de um país ou de suas regiões. Descrição das características, ou parte importante de um território.

<sup>98</sup> Disponível em [Auguste de Saint-Hilaire \(1779-1853\) - Viagens pelo interior do Brasil - Publications scientifiques du Muséum \(openedition.org\)](https://www.openedition.org/).



páginas dos relatos. Ao analisar as comarcas (circunscrições judiciárias), Saint-Hilaire sugere modificações a serem feitas em seus limites para responder a dois objetivos. Por um lado, os limites das comarcas poderiam se tornar mais «naturais», isto é, materializados por acidentes geográficos marcantes, como a grande cadeia de montanhas que atravessava a província (Espinhaço). Por outro lado, estas pequenas modificações poderiam conferir unidade e homogeneidade a cada uma das circunscrições no que se refere ao meio natural e às particularidades dos habitantes (DAMASCENO FONSECA, 2016, p. 265).

A divisão territorial da Província de Minas parece ter sido organizada em conformidade aos anseios dos portugueses durante a busca pelo ouro. Saint-Hilaire (2019 [1830])<sup>99</sup> escreveu que no caminho da Província do Rio de Janeiro até a de Minas Gerais, havia uma imensa extensão de terra, e a população ali era escassa. O motivo disso era porque o objetivo dos portugueses não consistia fazer assentamentos rurais, e sim ir para o interior buscando fazer fortuna.

Saint-Hilaire descreveu que a Província de Minas foi dividida em cinco comarcas, que por sua vez foram subdivididas em termos, que tinham o nome de vilas. “[...] ao sul de Rio das Mortes e de Vila Rica, e leste a do Serro do Frio, ao meio a de Sabará, e, a oeste, a de Paracatu” (2019[1830], p. 47). O francês ressaltou que os limites naturais dessas regiões poderiam ser ainda maiores, caso fossem acrescidas a algumas comarcas, porções de terras de outras localidades, o que para ele alteraria a fisionomia natural e da sociedade, pois com mais pastagens descobertas, os homens poderiam se dedicar mais ao cultivo da terra do que com a exploração aurífera. Para ele a jurisdição política poderia adequar a configuração natural do território.

Saint-Hilaire pretendia ir além da história natural, da botânica e da zoologia. Por isso se concentrou também na descrição da história e dos costumes das regiões. Quantificou as populações, as suas atividades, listou lugares adequados ao progresso econômico. Sua concepção de história natural englobava esse tipo de descrição do mundo humano. Isso se torna importante para entendermos as características dos relatos desse viajante. O levantamento de forma precisa dessas informações acerca de cada região brasileira era uma oportunidade de organizar o conhecimento acerca da biodiversidade do país, para melhor utilizá-la. O método da organização desses dados foi a “estatística descritiva”, usada na Europa desde fins do século XVIII e durante o século XIX. “Marie-Noëlle Bourguet, em sua pesquisa sobre o período

---

<sup>99</sup> Nesse parágrafo usei a versão em francês *Voyage dans les provinces de Rio de Janeiro, tomo primeiro*. Disponível em [Portal da Câmara dos Deputados \(camara.leg.br\)](http://Portal da Câmara dos Deputados (camara.leg.br))

napoleônico, identifica a presença majoritária da “estatística descritiva”, progressivamente substituída por uma “concepção mais restrita e pragmática do levantamento administrativo” (Bourguet, 1989, p. 53 *apud* Kury, 2006, p. 169).

Saint-Hilaire tentava explicar os processos das coisas notáveis com as quais se deparava. Todas as suas descrições foram importantes, pois na lógica geral do botânico, havia uma relação entre o comportamento dos habitantes e a conformação física do espaço. Chegando à Serra da Mantiqueira, Saint-Hilaire (2019[1830]) narrou que a atmosfera era seca e ardente. No mês de abril era frio, os termômetros desciam abaixo de zero. Destacou que a diferença de clima daquele local não influía menos sobre os indivíduos do que sobre as produções vegetais. As explicações do francês acerca dos aspectos naturais e da sociedade pareciam sempre imbricadas. O clima de alguma maneira conformava as pessoas, os animais e as plantas. Existia uma adequação entre o clima e as formas de vida de um determinado lugar. Isso é percebido desde o primeiro volume de sua obra acerca da viagem.

Conforme já mencionado, as comparações ocorrem constantemente nos relatos do viajante. Comparava tanto os aspectos naturais quanto sociais de Minas com o Rio de Janeiro e a Europa. Ao avistar a Vila de Barbacena, o botânico disse ter se surpreendido, e segundo ele, essa região “[...] pode rivalizar com todas as da França de igual população” (2019, [1830], p. 61). Esse trecho reforça mais uma vez que o medidor do viajante era o espelho europeu.

Saint-Hilaire (2019[1830]) ressaltou que a povoação de Itabira se achava numa fase de esplendor. No entanto, as minas se esgotariam como as de Vila Rica. As igrejas eram pequenas para a população e faltavam médicos, cirurgiões e farmacêuticos. Ele destacou que na passagem do tempo seco para o das chuvas, as moléstias como as pleurisias e a peripneumonia atacavam, sobretudo os operários das minas, frequentemente expostos a alternativas de frio e de calor. Ele destacou ainda que durante a estiagem em janeiro ocorriam as febres intermitentes e malignas, além de desinterias.

O botânico explicou que toda a região que se estendia até a Vila do Príncipe era montanhosa e que as florestas deram lugar a imensas pastagens de capim gordura. “Não se vislumbrava o menor sinal de cultura; por toda a parte tem-se sob os olhos o aspecto do deserto, e muitas vezes o do abandono” (SAINT-HILAIRE, 2019[1830], p. 130).

Há uma concordância entre intelectuais dos séculos XVIII e XIX quanto à influência do clima sobre o caráter e os costumes das pessoas e dos animais. Lorelai Kury (2006) destacou que Montesquieu<sup>100</sup> é a principal referência desses autores

Segundo ele, o ar frio contrai as extremidades das fibras exteriores do corpo, o que as diminui e aumenta sua força e elasticidade. Isso favorecia o retorno do sangue ao coração. O ar quente, relaxa as extremidades das fibras exteriores do corpo, o que as diminui e aumenta sua força e elasticidade. Isso favorecia o retorno do sangue das extremidades para o coração. O ar quente, ao contrário, relaxa as extremidades das fibras e as alonga, diminuindo sua força e elasticidade. [...] Nos países quentes reinaria, assim, a busca pelo prazer sensorial e sexual, em detrimento da moral. (KURY, 2006, p. 86).

A questão climática era tão presente em seus relatos que aparece nas descrições acerca das atividades econômicas desses habitantes. Percebendo que até começos de 1818 eram poucas as quantidades de ferro fundido enviadas ao Tijuco<sup>101</sup>, Saint-Hilaire relaciona a falta de interesse pessoal nessa atividade ao clima e ao sistema colonial “Em uma região em que o calor convida à preguiça, em que o homem tem poucas necessidades, onde o trabalho, de certo modo é considerado uma vergonha, e parece dever ser somente coisa de escravos, nada é tão difícil como radicar operários livres” (2019[1830], p.133-134). Saint-Hilaire diz ainda que o calor do clima, além de excitar a ociosidade, excitava as “mulatas” a se prostituírem, argumento semelhante ao de Montesquieu. Dessa maneira, identificamos a influência do determinismo ambiental em suas descrições.

Apesar de ter construído em grande parte uma narrativa positiva acerca de Minas Gerais, os aspectos ambientais percebidos pelo francês em algumas regiões mineiras fizeram com que ele descrevesse de forma negativa certas regiões, que é caso do Jequitinhonha (atualmente é município em Minas). Saint-Hilaire manifestou o desejo de navegar por essa localidade. Dizia que a nascente estava a pequena distância de Tijuco, e que segundo ele, “era bordado por imensas matas virgens que avançam até o seu leito”. Entretanto, o botânico ressaltou que nas matas virgens do Jequitinhonha havia encontrado insetos, por causa de umidade e frescura. Diante de algumas localidades o viajante parecia oscilar entre a animação e o tédio

No interior da América reinam o silêncio e a uniformidade. O naturalista encontra, sem dúvida, grande variedade nas minúcias; mas o viajante que se contente em observar o conjunto, sucumbiria em breve ao peso do tédio. A vista de uma mata virgem o transportaria, a princípio, de admiração; mas se fosse obrigado a passar vinte dias em uma floresta, amaldiçoaria essas árvores

---

<sup>100</sup> Ver De l' Esprit des Lois (1748).

<sup>101</sup> Saint-Hilaire (2019[1830], p. 141) destacou que Vila de Tijuco era a mais importante da província de Minas depois de Vila Rica.

gigantescas, e suspiraria por nossos campos cuja vegetação é, na verdade, tão mesquinha, mas que são tão risonhas e animadas (*ibid.*, p. 294).

Mesmo tendo gostado de viajar por Minas, Saint-Hilaire passou por inconvenientes também em determinadas áreas de lá “Calor irritante, poeira, sede, de um lado; silêncio, vegetação cerrada, uniformidade, de outro: não faltam registros de desconforto e irritação nas “viagens” de Saint-Hilaire (SUSSEKIND, 1990, p. 108-109). No entanto, o francês sabia que sua estada do Brasil era uma missão científica, e diante disso, enfrentou esses grandes inconvenientes.

Acerca do Sertão nas Minas, o botânico disse que esse nome se designava principalmente pela escassez da população. “Então, *désert* ou “sertão”, para Saint-Hilaire, não se refere somente às grandes extensões abertas do planalto central, mas indica áreas não ocupadas ou que não apresentam sinais de ocupação [...]” (MARTINS, 2017, 155). No que diz respeito ao ambiente natural do sertão das Minas, o botânico escreveu:

O sertão nas minas compreende a bacia do Rio São Francisco e dos seus afluentes e se estende desde a cadeia que continua a Serra da Mantiqueira ou, pelo menos, quase a partir dessa cadeia até os limites ocidentais da província. [...] um calor irritante abate o viajante; uma poeira incômoda ergue-se debaixo de seus passos, e algumas vezes mesmo, nem sequer encontra água para aplacar a sede (2019[1830], p. 307-308).

No Sertão das Minas, Saint-Hilaire se deparou com uma escassez de cultura humana, seja com a falta de construções, do cultivo de terras ou de outro dinamismo. O sertão é descrito em grande parte das literaturas de viagem como “deserto”, em oposição à civilização. Os *experts* europeus, os homens de ciência, que viajaram para as Américas nas primeiras décadas do século XIX, identificavam os sertanejos como “não civilizados” e pensavam que eles deveriam civilizar-se. Entender o conceito de filantropia, que começa no Iluminismo e se estende até o século XIX, torna-se importante para compreender a “missão científica” de Saint-Hilaire. “Filantropia é a laicização do sentimento da caridade” (KURY, 2003, p. 02). Nessa perspectiva filantrópica, o francês ajudaria o “outro” a rumar ao “processo civilizador”<sup>102</sup>, para o bem da sociedade. Além disso, a “missão civilizatória” podia ser a cristianização em prol da

---

<sup>102</sup> Civilização é um dos conceitos-chave para a compreensão do pensamento do sociólogo Norbert Elias (1897-1990), entendida como um processo e constituída a partir de uma rede de interdependência funcional. O convívio social e a educação formal são um longo processo histórico de formulação de normas reguladoras que são construídas culturalmente e reafirmadas na prática cotidiana da vida em sociedade. IN ELIAS, Norbert. O processo civilizador, v 1, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994b.

civilização, pois a preocupação de Saint-Hilaire com que os habitantes mantivessem ideias de religião e de moral sempre apareceu em seus relatos.

Saint-Hilaire escreveu ter encontrado na parte setentrional de Minas, a hospitalidade mais acolhedora de todas. Deixou em 29 de agosto de 1817 a região para dirigir-se ao Distrito Diamantino. “[...] o calor era insuportável, e lastimava continuamente ter empreendido essa viagem pelo deserto em uma estação em que fatigava horrivelmente, sem que tivesse a compensação de abundantes colheitas, e tinha que suportar o mau humor de meus empregados, cujos nervos estavam, como os meus, irritados pela sede e ardor do sol” (2019[1830], p. 351). Apesar dessas intempéries, a hospitalidade percebida, de certa forma despertava o sentimento de que sua presença trazia benesses aos anfitriões. Os anfitriões ofereciam jantar, casa para repousar, entre outras gentilezas com muita amabilidade.

Como herborizar era seu objetivo principal, e durante o curso do Rio São Francisco, rio que rega a Província de Minas, não encontrou muitas plantas, Saint-Hilaire não ficou muito tempo ali, conduzindo-se para o Tijuco (atual Diamantina). Apesar de lastimar o calor daquela estação, ficou feliz com a acolhida das pessoas dessa região, que mesmo entre as mais pobres do país, se colocavam à disposição do viajante.

### **O meio ambiente do Distrito dos Diamantes**

Quando esteve na capital do Distrito dos Diamantes, Saint-Hilaire (1941[1833]) disse ter se despedido das descrições de alguns dos escritores estrangeiros acerca do lugar, pois procurou esboçar de modo fiel as coisas que pôde observar com seus próprios olhos. O francês escreveu que apesar de ter encontrado lá paisagens semelhantes às montanhas na Europa, casas intercaladas por bananeiras, o aspecto desse distrito era singular, devido à cor dos rochedos, sua posição, que se elevavam ao riacho, e à natureza dos vegetais.

Danielle Piuzana Mucida em “Minas Gerais e Orleans: olhares no Caminho Saint-Hilaire” sinalizou que Saint-Hilaire procurou conhecer detalhes da região Diamantina. Entre seus estudos observamos informações acerca do cerrado<sup>103</sup>. A autora explicou que esse bioma, em seu sentido restrito, é

---

<sup>103</sup> O cerrado é considerado o segundo maior bioma do Brasil e ocupa aproximadamente 21% do território nacional, além de abrigar aproximadamente 33% da diversidade biológica brasileira. Extraído de SANTOS JR., Amador dos (Org.). Minas Gerais e Orleans: olhares no Caminho Saint-Hilaire. Belo Horizonte: Ramallete, 2021. 215 p. : il, p&b. color, p. 61.

Vegetação caracterizada pela presença de árvores de pequeno porte e arbustos distribuídos de forma espaçada, que em geral se apresentam com folhas rígidas e/ou coriáceas, troncos inclinados e/ou tortuosos, com bifurcações irregulares e retorcidas e cascas tipo cortiça espessa. A presença de espécies periféricas, ou seja, oriundas de outras formações vegetacionais, especialmente de formações florestais, são frequentes na composição da flora do cerrado sentido restrito. Por esta razão, na sua flora são registradas espécies de ampla distribuição, como *Curatella americana* L.” (MUCIDA, 2021, p. x).

Os naturalistas no século XIX, ao registrarem o que viam e ao tentarem entender a natureza do cerrado, contribuíram para o conhecimento acerca das bases do que sabemos hoje desse bioma brasileiro. A pluralidade das espécies encontradas nessa região por Saint-Hilaire parece ter sido degradada e fragmentada ao longo do tempo, sobretudo pela má exploração de seus recursos.

Maria das Graças Lins Brandão (2016) salientou que o cerrado durante anos foi considerado inferior, até estudos confirmarem sua diversidade biológica. Saint-Hilaire fez o registro, em sua “*Plantes Usuelles des Brésiliens*” (1824)<sup>104</sup>, das plantas úteis dos cerrados, o que pode contribuir para a conservação dessa região que ainda sofre com a devastação de sua vegetação.

No que concerne ao clima da capital do Distrito dos Diamantes

O calor moderado que faz em Tijuco torna raros a lepra e a elefantíasis, enquanto a inconstância da temperatura multiplica as gripes e bronquites. Outras afecções mórbidas são comuns no Distrito dos Diamantes; mas não é ao clima que devemos atribuí-las; elas são oriundas dos vícios e costumes dos moradores da região (SAINT-HILAIRE, 1941[1833], p. 42).

Nas concepções mais gerais de Saint-Hilaire, o clima tinha um papel importante, porém ele atribuía outros elementos que não se referiam ao aspecto climático. Ele citou a paixão pela aguardente de cana, a vida sedentária e a libertinagem, como as causas de algumas doenças nervosas e venéreas presentes no Distrito dos Diamantes. Apesar de considerar que o choque climático poderia ser prejudicial à saúde, a alimentação e os costumes dos habitantes também causavam doenças.

Observou que as paisagens eram semelhantes às da Europa. Percebeu que o clima temperado da capital do Distrito dos Diamantes era propício às produções europeias e várias plantas dos seus países. O botânico tentou identificar a utilidade dos recursos ali encontrados

---

<sup>104</sup> Ver Saint-Hilaire (Auguste de), *Plantas Usuais dos Brasileiros* [organizado Brandão Maria G. Lins & Pignal Marc; trad. Mourão Cleonice Paes Barreto & Santiago Consuelo Fortes], Belo Horizonte: DATAPLAMT, 2009, 392 p.

também para outros países, uma vez que sua atuação se centrava em prol da ciência de forma geral, estando acima dos interesses das regiões visitadas.

Os autores Marcos Guião, Cristiane Graef e Danielle Mucida (2021) escreveram sobre a paisagem observada por Saint-Hilaire em 1817, e segundo eles, alguns desses lugares descritos se encontram hoje intactos. Eles ressaltaram que depois de coletar o material, Saint-Hilaire estudava a sua serventia e utilização pelos seres humanos.

Quando estive na Serra da Piedade “Esperava encontrar grande número de plantas, mas fui decepcionado em minhas esperanças; as espécies que ali aparecem são das mesmas que colhi na serra do Caraça, com a diferença que esta última apresenta uma quantidade de vegetais bem mais considerável que a Serra da Piedade, visto ser mais úmida” (1941[1833], p. 114). A preocupação de Saint-Hilaire com o potencial da flora brasileira se estendia às possibilidades de seu aproveitamento econômico. O naturalista tinha sempre o cuidado de perguntar aos habitantes quais eram as plantas mais utilizadas na região, além de se basear em estudos de intelectuais do mundo científico daquela época, como Antonie Laurent de Jussieu (1748-1836), Jean Baptiste Lamarck (1744-1829), Augustin-Pyramus de Candolle (1778-1841), Alexander von Humboldt (1769-1859) e Georges Cuvier (1769-1832)<sup>105</sup>.

### 3.2.4 O meio ambiente de Goiás

Acerca da extensão, dos limites e da superfície de Goiás, Saint-Hilaire (1944[1847]) escreveu que a província está localizada no centro do país e afastada de 200 a 300 léguas do mar. Para ele essa distância entre Goiás e o litoral impedia a comunicação entre essas regiões, e ainda servia para explicar a pouca quantidade de pessoas brancas em relação a Minas. A parte meridional era montanhosa e, assim como o centro de Minas, possuía águas abundantes. A porção que se estendia ao norte da Serra do Corumbá e do Tocantins era mais árida. As matas elevadas eram menos comuns do que em Minas. Saint-Hilaire buscava os elementos prejudiciais ao progresso da população. Por isso, destacou que a distância entre Goiás e o litoral, local da colonização europeia, era um entrave à civilidade, uma vez que esse fator impedia o contato com parte da sociedade que morava no centro e que ao se instruir na Europa, havia adquirido, como dizia ele, “apuro no trato”, tornando-se pessoas cultas.

---

<sup>105</sup> Ver SARTHOU, Corinne; PIGNAL, Sergio Romaniuc-Neto & LAMY, Denis. Auguste de Saint-Hilaire, o botânico através de sua correspondência IN

Outro elemento destacado por Saint-Hilaire como fator de empecilho ao progresso de Goiás foi o clima “tórrido” daquela região. Para ele, isso ocasionava a ociosidade e algumas doenças, como a sífilis, a hidropisia e a morfeia (espécie de elefantíase). Para ele o clima favorecia ainda a concubinação. Nota-se então que para o viajante os aspectos naturais refletiam também na questão moral.

A partir do estudo estatístico publicado por Cunha Matos, Saint-Hilaire (1944 [1847]) salientou que entre os anos de 1804 e 1809 houve mais progresso entre os “homens de cor”, que segundo ele eram mais beneficiados com o clima tropical, do que as pessoas brancas. “A palavra “clima”, na época designava um conjunto de fatores muito mais extenso que a significação atual, mais próximo do que entendemos hoje por “meio ambiente” (CANGUILHEM, 1981 *apud* KURY, 2012, p. 98).<sup>106</sup> Entre as consequências da influência climática sofrida pelos europeus está a questão sanitária “As doenças provocadas sob o regime de clima e ambientes hostis eram especialmente implacáveis com os recém-chegados do Velho Mundo” (DAZILLE, 1801, p. 17 *apud* NOGUEIRA, 2012, p. 185). Nogueira ressaltou que para Luiz Antonio Oliveira Mendes os povos africanos quando estavam em países de sua habitação eram menos atacados do que em qualquer outra parte.

Saint-Hilaire (1937-1848) descreveu que a cidade de Goiás tem forma alongada e é dividida em duas partes quase iguais pelo pequeno Rio vermelho, que, tendo nascido nas montanhas vizinhas à povoação de Ouro Fino, corre de leste a oeste e vai lançar-se no Araguaia. Narrou ainda que a cidade é edificada em uma depressão onde o ar não circula como nas montanhas e na planície, as águas são pouco salubres e o calor é às vezes excessivo durante a seca. Ele salientou que a umidade na estação das chuvas não poderia ser favorável aos homens de sua raça. Dessa maneira, os brancos dali estavam longe de possuir aspectos de pessoas sadias e vigorosas. Percebe-se o legado de Hipócrates na narrativa de Saint-Hilaire, pois nesse trecho, ele relaciona os aspectos geográficos da região como determinante na salubridade da sociedade que ali existia. No ideário hipocrático, os corpos eram forjados conforme a natureza na qual estavam inseridos.

Quando passou pela segunda vez por Vila Boa (de 20 a 27 de julho de 1819) o botânico escreveu que o período da manhã era fresco e as tardes eram agradáveis. Mas pelo meio-dia o calor tornava-se insuportável. Para ele, os morros que a rodeiam constituem obstáculo à ventilação e reflete, convergindo sobre ela, os raios solares. Pode-se comparar a situação de

---

<sup>106</sup> Ver CANGUILHEM, Georges. *Le vivant et son milieu*. La connaissance de la vie. Paris: Vrin, 1985.



Vila Boa à do Rio de Janeiro. Kury (2012a) destacou que quase todos os autores de tratados médicos daquela época acreditavam que a posição dos morros do Rio de Janeiro dificultava a circulação do ar e dos ventos. Nogueira (2012) sinalizou que essa crença na disposição dos morros como impeditivo à circulação do ar, somou-se a noção de que os miasmas (emanações provenientes de pântanos, água estagnada e seres em decomposição) também acarretava males à população. Pois, nessa concepção, os morros impediam a circulação dos ventos, esses por sua vez, impediriam a formação dos miasmas.

Saint-Hilaire escreveu que em Ouro Fino<sup>107</sup> o clima era mais ameno e as águas cristalinas, e que o ouro retirado das águas dali era de qualidade. O declínio desse arraial não se explica somente pelo declínio na atividade aurífera, mas “quando da mudança da estrada real para um novo caminho seguindo para Goyaz e, por fim, com a mudança da capital do estado para Goiânia [...]” (MENEZES; OLIVEIRA, 2021, p. 108). Saint-Hilaire pensava que seus relatos lançariam luz sobre os problemas que impediam Goiás de se desenvolver. Ele salientou que a navegação precisava ser aprimorada, pois somente as estradas não melhorariam a comunicação com outros lugares, que poderia alavancar o comércio e a educação dos goianos.

Para uma melhor compreensão da formação urbana de Goiás, Marcos Antonio de Menezes e Rodrigo Martins de Oliveira (2021) ressaltam a importância de se relacionar a história urbana portuguesa e brasileira, além da relação entre a organização dos espaços e dos agentes sociais e a política de ocupação e urbanismo. Os arraiais iam se adaptando à medida em que a atividade mineradora surgia, e eram elevados à categoria de vila por meio de decreto.

Segundo Fátima de Macedo Martins (2017) “A carência de uma vida urbana, nos moldes pretendidos por Saint-Hilaire, apontaria para uma suposta falta de elementos da vida tida como civilizada pelo conforto, pela educação e pelos padrões de urbanidade” (MARTINS, 2017, p. 203). O modelo de civilidade que o botânico considerava ideal aos brasileiros era o encontrado na Europa. No entanto, algumas transformações em Goiás tiveram que obedecer às especificidades da região, como a urbanização por exemplo, que levou em consideração a

---

<sup>107</sup> O Arraial de Ouro Fino teve grande importância para a economia da capitania de Goiás. Localizava-se na estrada real, ou parte da estrada do geral do sertão, caminho único para se atingir Goiás. Começou a definir com a queda da ponte do Rio Uru e por fim, com a mudança da capital do estado para a Goiânia. IN: MENEZES, Marcos Antonio de; OLIVEIRA, Rodrigo Martins. Narrativas de Saint-Hilaire sobre as cidades de Goyaz no século XIX. IN BARBO, Lenora de Castro (organizadora). *Uma viagem pelo sertão: 200 anos de Saint-Hilaire em Goiás*. Jundiaí-SP: Paco Editorial, 2021, p. 108.

Atualmente as Ruínas do Antigo Arraial de Ouro Fino são cuidadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), com supervisão do Estado de Goiás. Disponível em [Conheça as Ruínas do Antigo Arraial de Ouro Fino, em Goiás - Curta Mais](#)

topografia do local. Por isso, certos padrões de progresso pretendidos por Saint-Hilaire para o Brasil de forma geral não se aplicavam.

Tendo em vista que a divisão territorial das províncias de Minas e Goiás foi organizada conforme os anseios de expansão, de legitimação do território e de exploração de novos recursos por parte dos portugueses, a política de urbanização adotada para essas localidades obedeceu a esses preceitos. Se o padrão de urbanização pretendido por Saint-Hilaire era o mesmo do qual tinha conhecimento na Europa, seria impossível que esse fosse estabelecido em Minas e em Goiás, uma vez que a geografia dessas regiões era diferente e as motivações para tipo de formação urbana do Brasil não eram iguais. No entanto, para ele a jurisdição política poderia adequar a configuração natural.

Com base em seus estudos, Saint-Hilaire pôde perceber que o poder central era quem havia feito a divisão territorial dessas províncias. Por isso, na sua visão poderia acrescentar terras de outros lugares a fim de que as regiões aumentassem. Conforme o viajante, isso alteraria a configuração natural e a formação da sociedade, que poderia se dedicar de maneira mais intensa às atividades desenvolvidas nessas novas terras, como a agropastoril por exemplo, que já acontecia em paralelo à mineração. Diante disso, uma das causas apresentadas para a estagnação da região é a falta de ações políticas dos governantes.

Saint-Hilaire não indica uma única causa para a decadência dessas regiões pós declínio da exploração aurífera. Além da falta de uma política central eficiente, o clima dos sertões de Minas e Goiás interferia nas formas de vida dessas regiões. Como era sensível à passagem do tempo, percebeu que algumas moléstias apareceram em determinadas épocas do ano, o que também acreditava impedir a “civilização” nessas localidades.

Percebemos que ao mesmo instante em que busca na história das regiões argumentos que expliquem seu desenvolvimento social, econômico e cultural, o botânico dá um peso também nos aspectos naturais como o clima, que fazia as pessoas não se interessarem pela adoção de outra atividade econômica, uma vez que os deixavam preguiçosos. Por isso, ainda que pelos relatos de Saint-Hilaire acessemos inúmeras informações acerca de Minas e Goiás, para analisarmos seus textos não podemos esquecer que ele lia o mundo a partir de seus referenciais europeus, o que ficou bem evidente quando ele faz correspondências entre os aspectos naturais e culturais na intenção de compreender a região como em todo e os fatores que poderiam impedir seu progresso. Em Minas, a “escassez de civilização” foi minimizada sobretudo pela hospitalidade por ele encontrada em boa parte da sociedade, é o que veremos adiante.

### 3.2.5 A sociedade de Minas

No que concerne à descrição sobre a população mineira, Saint-Hilaire (2019[1830]) disse ter seguido as proporções do barão de Eschwege. O viajante-naturalista informou que entre 1817 e 1818, a Província de Minas Gerais não possuía mais do que 500.000 indivíduos, e que segundo ele, metade desses eram escravizados. O grupo que ele chamou de “mulatos” ou privados de liberdades, equivalia a quase um terço; os negros livres ou escravizados, cerca de dois quintos; os brancos, pouco menos da quarta parte.

Saint-Hilaire (2019[1830]) descreveu que após atravessar de balsa o rio Paraibuna, chegou no rancho de Simão Pereira. Destacou que no passado apenas compreendia um pequeno número de casas, mas após a vinda de Dom João ao Rio de Janeiro a população foi acrescida de homens livres e de escravizados.

Após chegar em Ribeirão, Saint-Hilaire escreveu que quando foi herborizar nas matas, observou que havia um negro sentado no chão e que comia tatu assado. Então, iniciaram uma conversa

-Você é da costa da África; não sente algumas vezes saudade de sua terra? - Não: isto aqui é melhor; não tinha ainda barba quando vim para cá; habituei-me com a vida que passo.- mas aqui você é escravo; não pode jamais fazer o que quer.-Isso é desagradável, é verdade; mas o meu senhor é bom, me dá bastante de comer: ainda não me bateu seis vezes desde que me comprou, e me deixa tratar da minha roça. [...] A conversação que acabei de relatar, e da qual não modifiquei uma única palavra, prova que os negros não são sempre tão infelizes como se diz. A escravidão não é para eles o que seria para nós, porque se preocupam pouco com o futuro, e, quando o presente é suportável, não precisam de mais (SAINT-HILAIRE, 2019[1830], p. 53).

Saint-Hilaire destacou que para alguns escravizados que estavam com senhores bons e cristãos era melhor do que viver em África, sobretudo porque a fome e a miséria não os ameaçavam naquele momento. No entanto, o botânico ressaltou que os senhores desumanos eram mais numerosos do que os bons, e por isso o escravizado tinha maiores chances de miséria do que de felicidade. Apesar de ser crítico à escravidão, Saint-Hilaire relativizava as diversas situações em que se encontravam os escravizados em Minas. Conforme mostra a passagem acima, o escravizado parecia satisfeito com a vida que levava, pois para Saint-Hilaire, o que

vivia aquele indivíduo no presente era o que lhe importava, pois não se preocupava com o futuro<sup>108</sup>.

Outro grupo social observado por Saint-Hilaire foram os habitantes de Vila Rica<sup>109</sup>. Ele narrou que contou em Vila Rica dual mil casas, e a medida em que o metal foi se tornando raro, os habitantes foram pouco a pouco tentar fortuna em outros lugares. A população do local estava resumida a oito mil pessoas, e segundo o viajante, a vila estaria mais deserta se não fosse a capital da Província de Minas.

Saint-Hilaire destacou que os homens que habitavam o centro da província, sobretudo os fazendeiros das zonas auríferas, eram as pessoas que possuíam clareza na linguagem. O viajante destacou que durante a passagem dele por Itabira, percebeu que alguns dos habitantes compreendiam bem a língua francesa e possuíam conhecimento por sua literatura, ainda com meios escassos de se aprender. Além disso, o botânico notou a inteligência dessas pessoas

Poder-se-ia ainda citar, como um exemplo da inteligência natural dos mineiros, a criação da fábrica de espingardas que forjava o ferro em pó, e fabricava o carvão por ele empregado; imaginara e mandara construir máquinas hidráulicas para insuflar o ar nos fornos e bater o ferro; e ele próprio instruíra os negros e mulatos que fabricavam as diferentes peças de suas armas (SAINT-HILAIRE, 2019[1830], p. 127).

O grau de instrução das sociedades que Saint-Hilaire ia conhecendo era uma observação constante nos relatos do viajante. “Saint-Hilaire sempre teve o olhar voltado para a França”, e sentia uma grande emoção não só quando alguém falava o seu idioma, mas também “quando se encontrava em regiões do Brasil cujo clima era semelhante ao da Europa” e, quando ele “reconhecia as plantas de seu país” (KURY, 2005, p.176 *apud* DAMASCENO FONCECA, 2016, p. 262). Prova disso, está no trecho em que relatava sua passagem pelos bosques de Chapada “O sol estava em declínio; o calor diminuira; nenhuma aragem se fazia sentir, e o céu não oferecia mais que tintas esmaecidas. Ter-me-ia acreditado estar em França por uma bela tarde de outono [...]” (SAINT-HILAIRE, 2019[1830], p. 227).

As comparações que fazia entre as regiões do Brasil e as europeias, sobretudo a França, nos faz perceber que para além desse olhar enviesado da cultura europeia, que maculava sua observação e escrita, também era a metodologia utilizada para ser o mais explícito possível àqueles que fossem lê-lo e quisessem entender os detalhes dessas terras tão distantes. O

---

<sup>108</sup> Embora Saint-Hilaire achasse que o Brasil devesse instituir outras formas de trabalho, ele acreditava que a escravidão deveria ser abolida aos poucos. Pois para ele, o escravizado não conhecia a liberdade, e por isso, deveria ser introduzido à civilização paulatinamente.

<sup>109</sup> O viajante escreveu que chegou com seu grupo em 26 de dezembro de 1816 à casa do Barão de Eschwege em Vila Rica, ficando lá por dezoito dias.

botânico não desenhava, então se valia dos recursos que estavam ao seu alcance para tornar esses relatos precisos, por isso fazia comparações a partir do que conhecia em sua cultura. Portanto, a comparação não significa apenas que estava arraigado de seus valores e percepções, mas sua busca em ser compreendido.

Acerca da população das povoações, escreveu que era composta quase toda de homens de “cor”, taberneiros e artesãos, esse distinguiu “Esses homens [...] podem, sem nenhum inconveniente entregar-se a essa indolência tão natural nas regiões situadas entre os trópicos” (ibid., p.137). Nessa passagem Saint-Hilaire parece mais uma vez defender que a natureza física de determinada região influenciava a sensibilidade de seus habitantes.

Saint-Hilaire disse ter encontrado em Vila do Príncipe e Passanha maior quantidade de europeus do que até então vira até aquele momento. “Chega um momento em que aquele que errou pelo mundo, como contínuo brinquedo de suas esperanças, acaba por sentir a necessidade do repouso e da solidão; [...] renuncia a seus ambiciosos projetos, e o perigoso aventureiro, fixando-se ao solo, torna-se um cidadão útil” (ibid., p. 173). Esses europeus que Saint-Hilaire encontrou eram sobretudo nascidos no Porto, e após percorrem muitos lugares do mundo, vieram parar no Brasil.

Ao chegar no povoado de Rio Vermelho contou uma população de 4.000 indivíduos, dois quais 2.200 tinha acima de sete anos. A população branca era rara e predominava os “mulatos”. O autor em mais uma nota de rodapé cita a obra “Memórias históricas”, o que nos faz identificar que os dados quantitativos trazidos em seus relatos se apoiam fortemente nos estudos de Pizarro. Isso reforça a ideia de que, apesar de pretender ser testemunha ocular das características da sociedade brasileira, por se apoiar em inúmeros momentos em outros documentos e fontes para compor sua narrativa, a experiência local não era um impeditivo para a produção do conhecimento.

As extensas notas explicativas nos relatos de Saint-Hilaire, que informam com riqueza de detalhes também características das sociedades observadas, ainda que fosse consultado outros livros e fontes, nos leva ao entendimento de que o francês, além de estar empenhado em ser um grande especialista da flora do Brasil, se empenhou de igual modo em obter conhecimento acerca da história e cultura do país, em um período em que se buscava medir o grau de “civilização” dos não europeus e sua contribuição para o fortalecimento do país<sup>110</sup>.

---

<sup>110</sup> Entre o fim do século XVIII e início XIX, as formas de interação entre as sociedades europeias e regiões periféricas do globo estavam sendo redefinidas. A Independência dos EUA- despertou uma onda de interesse no Novo Mundo, reforçada pelas independências na América Latina. Os cientistas e letrados ilustrados buscavam

O botânico sinalizou que entrou no sertão de Minas em 25 de julho de 1817. Escreveu que os primitivos habitantes do Sertão oriental de Minas foram os paulistas, que encontrando ali os indígenas, exterminam suas áreas. Saint-Hilaire narrou que nessa parte da província em determinado momento, se encontravam os criminosos foragidos da justiça. Segundo o naturalista, o clima do sertão propiciava ainda mais os costumes dessa sociedade

o calor do clima, porém, e principalmente o abatimento que acarreta, abrandam os costumes, [...] Aliás, o calor do clima convida bastante os homens dessa gleba a entregarem-se a ociosidade. A criação de gado, [...] favorece sua tendência à moleza, e má alimentação que quase sempre ingerem, contribui ainda mais para tirar-lhes a energia (2019[1830], p. 308-309).

Com essa passagem percebemos que além da influência do clima sobre o caráter e os costumes dos habitantes, nesse trecho percebemos que Saint-Hilaire cita ainda outro determinante, a alimentação. A falta de ocupação atribuída aos sertanejos de Minas não deve ser entendida como característica nata dessas pessoas, pois como Saint-Hilaire (2019[1830]) explica, em determinada época do ano o único alimento possível era o leite misturado à mandioca, pois era o período em que as vacas davam suas crias. Sem a ingestão da carne as pessoas ficavam desnutridas e sem energia. Dessa forma, as características culturais de determinadas áreas devem ser analisadas a partir da disposição da natureza e não como predisposição de seus habitantes.

O botânico dizia que os habitantes do sertão de Minas viviam em situação de pobreza por causa da preguiça ocasionada pelo calor do clima. Saint-Hilaire fez um quadro geral de diversos lugares do sertão da Província de Minas, e para isso utilizou os relatos de Spix e de Martius em “Reise in Brasilien (parte I)”. Para esses viajantes, faltavam aos sertanejos ocupações intelectuais, diferente das pessoas de Vila Rica, que apresentam polidez e sociabilidade. Quando Saint-Hilaire traz em seus relatos notas explicativas com as percepções de outros viajantes sobre as mesmas regiões que ele visitou, percebemos que as imagens enunciadas por esses outros europeus, quase nunca questionadas, pareciam influenciar sua escrita, por mais que ele estivesse no lugar e visse tudo com os seus próprios olhos. Dessa

---

medir o grau de civilização e compreender o papel das sociedades não-europeias nesse processo histórico. IN GOMES, Rafael Augusto. Humanidade, filantropia e civilização indígena em Auguste de Saint-Hilaire. São João Del –Rei, 2018, p.11.

forma, sua narrativa acerca dos habitantes do sertão pode ser a fusão de suas percepções e a outras leituras.

Quando Saint-Hilaire esteve em São João d'El Rei, comarca de Rio das Mortes, o botânico disse que os primeiros habitantes dali foram os mineradores. No entanto, depois da independência do país eles renunciaram essa atividade e a vila acabou se tornando um centro de comércio. Saint-Hilaire (1941[1833]) destacou que a população comercial da Vila era renovada por jovens vindos de Portugal e que não haviam recebido nenhum tipo de educação.

Ao passar pela comarca do Rio das Mortes, Saint-Hilaire assinalou a diferença entre seus habitantes e o de outras comarcas

Não há a mesma necessidade de introduzir negros escravos numa região onde se dedica sobretudo ao negócio e à criação do gado, como naquelas em que se extrai o ouro ou se cultiva a terra. Além disso, como o Rio das Mortes é mais vizinho do Rio de Janeiro que as outras partes da província de Minas, os emigrados europeus receam menos estabelecerem-se aí; ademais eles têm melhores oportunidade de fazer alguma fortuna, no meio de um povo dado ao comércio e à agricultura, que nas zonas auríferas, onde não se pode esperar um verdadeiro sucesso senão com auxílio de um capital já adquirido (SAINT-HILAIRE, 1941[1833], p. 195).

Para o botânico a conformação geográfica dessa comarca tendia a aumentar o número de habitantes dali que por sua vez, eram aqueles que haviam migrado de Portugal e que segundo ele, não tiveram educação, nem instrução, nem polidez, e eram menos hospitaleiros do que outros habitantes da Província de Minas. Eram inferiores aos habitantes de Sabará e de Serro Frio, por exemplo, “Os costumes grosseiros favorecidos ainda pelos hábitos rurais, perpetuam-se nas famílias” (*ibid.*, p.196). Os costumes dos habitantes percebidos por Saint-Hilaire na comarca do Rio das Mortes são diferentes aos das pessoas de outras partes da província, que aproveitaram os ganhos da exploração aurífera e se instruíram, sobretudo na Europa.

A hospitalidade foi algo que sempre apareceu nos textos de Saint-Hilaire. Isso porque, segundo o viajante, a hospitalidade a que havia se habituado em outras partes da província o ajudava a suportar a fadiga da viagem, visto que já estava há quatorze meses viajando por aquela província. “Diamantina, Serro e Conceição do Mato Dentro constitui território que mantém nos dias de hoje a hospitalidade de sua gente, como descrito por Saint-Hilaire” (SANTOS JR, 2021, p. 47).

No que diz respeito ao abandono e decadência, Saint-Hilaire também fez comparações entre as próprias regiões mineiras. Ele disse que excetuando a região de Itambé, nenhuma outra apresentava tantos sinais de decadência e de miséria como a povoação de Conceição do Mato Dentro. Saint-Hilaire (2019[1830]) disse que viajou de Vila do Príncipe até Tijuco um intervalo

de cinco meses através de desertos. Porém, destacou que recebeu de forma muito amável, hospitalidade e a atenção dos colonos e dos habitantes da Vila do Príncipe. O viajante destacou que deixando esse local, o Guarda-mor Antônio Feliciano, o acolheu em sua fazenda “Meu hospedeiro mostrou-se sua destilaria, onde adotara meios excelentes para diminuir a mão de obra, introduzindo, com muita inteligência, condutos destinados ao escoamento dos líquidos” (SAINT-HILAIRE, 2019[1830] p. 166).

Dentre as características da parte da sociedade mineira composta de habitantes notáveis, Saint-Hilaire destacou a aparência física, a caridade com seus escravizados, seus valores cristãos e os planos inteligentes para diminuir a mão-de-obra utilizada em suas propriedades a partir da introdução de procedimentos mais racionais. A caridade, os valores cristãos e a racionalização da economia são ideários típicos da cultura ilustrada e se davam em prol da civilização. Ele identificou esses ideais em Minas Gerais mais do que em qualquer outra região em que esteve. Portanto, ele acreditava a sociedade mineira seria o padrão para outras localidades rumarem ao progresso.

### **A sociedade do Distrito dos Diamantes**

Acerca dos habitantes da região dos Diamantes, Saint-Hilaire descreveu seu grau de civilidade

Encontrei nesta localidade mais instrução que em todo o resto do Brasil, mais gosto pela literatura e um desejo mais vivo de se instruir. Vários moços aprenderam o francês, sem terem mestres; conhecem nossos melhores autores e alguns mesmo, praticando muito entre si, chegaram a falar nossa língua de modo inteligível. Os habitantes de Tijuco são principalmente notáveis pela arte caligráfica e podem a esse respeito rivalizar com os mais hábeis ingleses. (SAINT-HILAIRE, 1941[1833], p. 47-48).

Dentre as pessoas notáveis com as quais se deparou em Tijuco, o botânico destacou que os soldados do destacamento da cavalaria tinham polidez. Saint-Hilaire (1941[1833]) citou Da Câmara, que segundo ele, havia viajado por oito anos aos principais lugares da Europa e possuía vastos conhecimentos sobre administração e política. “Distinguia-se por uma probidade rara entre os mineiros e poucos homens poderiam ser tão úteis como eles à sua bela pátria” (1941[1833], p. 65). Saint-Hilaire citou ainda Julião, um dos principais proprietários de Rio Manso; Barros, o melhor cirurgião de Tijuco; o Dr. Couto, médico que percorrera toda Europa, dotado de vasta cultura; Amável Teixeira, médico de Tijuco; José Paulo Dias Pires, poeta, instruído, e que tinha um conhecimento perfeito da região. “Durante minha estada no Distrito



dos Diamantes dêles recebi todas as delicadezas imagináveis.; enquanto estive doente fui tratado como se estivesse na minha casa paterna, tantas foram as provas de carinho e amizade que recebi”(SAINT-HILAIRE,1941[1833], p. 65).

Além das características notáveis que Saint-Hilaire percebeu entre os habitantes de Tijuco, para o francês, a ideia de previdência parecia também ajudar a medir o grau de civilidade desses. No entanto, ele destacou que até aos habitantes de Tijuco não faltavam “esse caráter de imprevidência”, que ele creditava aos brasileiros de uma forma geral.

Passando na povoação de Itajurú de Santa Bárbara, disse o botânico disse que Montlevade, um engenheiro de Minas Gerais, estabeleceu fundições para prestar serviços ao país. Em Capanema, destacou as qualidades do sargento-mor Domingos Pinto, “homem bem-educado e modos distintos” (SAINT-HILAIRE, 1941[1833], p. 106). Estando na Serra da Piedade, escreveu ter encontrado poucos eremitas<sup>111</sup> ocupando uma espécie de monastério da Serra da Piedade “[...] poder-se-ia pensar que os eremitas cuidam da fazenda e que, a exemplo dos antigos anacoretas eles se dedicavam ao cultivo da terra; mas tal não acontece; eles acham muito mais cômodo recorrer à caridade pública e a fazenda não é para eles mais que um abrigo, quando regressando de esmolar, não querem subir logo à montanha” (*ibid.*, p. 115-16).

Em relação aos moradores de Sabará, Saint-Hilaire destacou a polidez, a distinção dos modos, a boa aparência e a raridade dos que não tiveram instrução. No entanto, disse que eram menos afetuosos do que os habitantes de Tijuco “ Os homens de uma certa classe são bem trajados e asseados. Cada cabeça da comarca deveria ter um professor de latim pago pelo governo. O professor de Sabará era um homem bem-educado formado em Coimbra, além disso, lecionava filosofia racional e moral e era pago pelos alunos (*ibid.*, p.136).

Dentre outras pessoas notáveis que Saint-Hilaire encontrou em Sabará, está o Juiz de Fora e Intendente da capital da comarca do Rio das Velhas. O inspetor havia o hospedado e segundo ele, era de boa reputação, rico e de semblante agradável. A primeira vez que Saint-Hilaire esteve em Vila Rica, Eschwege o havia acolhido. No entanto, na segunda vez ele estava em viagem ao Rio de Janeiro, e por isso, o botânico se apresentou à casa do governador da província. Quando chegou em Mariana

Um dos que se achavam presentes dirigiu-me a palavra em francês, e falava tão bem essa língua que não pude deixar de lhe perguntar se havia viajado pela França; respondeu-me que não. Supus então que êsse homem podia ter sido educado em um colégio fundado em Portugal por D. MARQUET, antigo superior do colégio de Pontlevoy; [...] Eu havia passado em Pontlevoy os

---

<sup>111</sup> Pessoa que vive no ermo com intuítos contemplativos ou religiosos.

primeiros anos de minha infância e tivera D. Marquet por professor. Encontrar um de seus alunos tão longe de França era para mim como se encontrasse um velho companheiro. Quando a gente corre por terras estranhas e longínquas, tudo o que pode despertar lembranças da pátria e da infância é avidamente apreendido; uma planta, um inseto mesmo que lembre os da terra natal, não podemos vê-los sem alguma emoção (ibid., p. 154-155).

No trecho supracitado, mais uma vez percebemos que o viajante ficava feliz quando se deparava com algo que o fizesse lembrar da França. Então, se ele considerava a região de Minas mais “civilizada” do que todas as outras do Brasil, isso se devia em grande parte por ter encontrado traços de personalidade em alguns habitantes mineiros que lhes remetesse à França.

Descrevendo a região de Congonhas a S. João d’El Rei, Saint-Hilaire ressaltou que o convívio dos comerciantes com os tropeiros acabou tornando aquele grupo desonesto. Segundo ele, conservaram a grosseria de seus costumes, a ignorância e a falta de civilização se perpetuaram em São João d’El Rei.

Conforme mencionado anteriormente, entre os conceitos que figuram constantemente nas narrativas de Saint-Hilaire é o de previdência. O botânico compara o hábito dos europeus com o dos brasileiros “[...] se os habitantes não tivessem excessivo gosto pelas demandas e não gastassem em processos todo o dinheiro que possuem. [...] os brasileiros dissipam negligentemente tudo quanto possuem, os europeus economizam sôldo a sôldo, passando por tôdas as privações a fim de conseguir fortuna” (SAINT-HILAIRE, 1941[1833], p. 188-189;212).

Saint-Hilaire destacou que até os que pertenciam às primeiras classes da sociedade, e que podiam ter qualidades comparadas as de outras pessoas em países europeus, ainda assim eram imprevidentes, não se preocupando com eventuais crises, não poupavam o dinheiro, gastando todas as entradas. A falta de precaução da população fragilizava a economia do país, comprometendo seu progresso.

O conceito de imprevidência aparece em inúmeros momentos quando Saint-Hilaire descreve tanto os habitantes de Minas quanto os de Goiás. Para o botânico, eles não deveriam gastar todo o dinheiro que possuíam sem considerar o futuro. Sem fazer economias, as minas esgotando-se por completo, esses ficariam “entregues à própria sorte”. Não buscavam por outras fontes para poder prosperar novamente. Saint-Hilaire creditou a falta de previdência também aos indígenas que pôde conhecer. Trataremos desse grupo no subcapítulo a seguir.

### 3.2.5.1 Os indígenas de Minas

#### 3.2.5.1.1 Malalis, Penhames, Coxopós e Monoxós

Saint-Hilaire sinalizou que os primeiros habitantes da povoação de Passanha<sup>112</sup> participaram da busca pelo ouro. Depois, o governo enviou um destacamento para a região, a fim de capturar indígenas que indicassem minas de ouro. Ressaltou que os “botocudos”, que durante muito resistiram à presença dos portugueses ali, passaram a ser perseguidos e mortos em suas florestas. Cabe ressaltar, que esse foi o nome dado pelos portugueses aos indígenas de diversas regiões por usarem botoques labiais e auriculares como adorno.

Na época em que os primeiros portugueses chegaram nessa região, ela era habitada pelos indígenas Malalis, que segundo Saint-Hilaire, eram mais mansos do que os “botocudos”. “[...] com a aproximação dos portugueses, os Malalis a princípio debandaram; mas, tendo sido perseguidos pelos Botocudos, seus inimigos vieram procurar asilo junto aos novos habitantes, com os quais pouco a pouco se familiarizaram” (SAINT-HILAIRE, 2019[1830], p. 176).

Saint-Hilaire ressaltou que outros grupos indígenas que fugiam da perseguição dos “botocudos” juntaram-se aos Malalis, formando a povoação de Porto de Santa Cruz: os Penhames, os Copoxós, os Macunis e os Monoxós. Entretanto, o viajante destacou que no ano de 1814 uma doença epidêmica ceifou a vida de grande parte desses habitantes. “Essa doença parece atribuir-se aos miasmas pestilenciais que, em seguida a uma seca, se exalaram dos vastos pântanos que o Suçuí atravessa, antes de chegar ao lugar em que a povoação estava situada” (*idem*).

O botânico escreveu que os indígenas foram menos poupados dessa doença endêmica que os portugueses. Somente a povoação de Passanha, que segundo Saint-Hilaire, situava-se numa elevação em que a atmosfera pura circulava livremente, não sofreu com essa epidemia. Nessa explicação, identificamos a influência da teoria hipocrática na narrativa de Saint-Hilaire. No ideário de Hipócrates, o ar tinha influência sobre a saúde. Com base nessas teorias de história natural, o botânico pode ter chegado ao entendimento de que a posição geográfica de Passanha, mais elevada e onde o ar podia circular, barrava os miasmas, que era favorável à epidemia.

---

<sup>112</sup> Saint-Hilaire (p. 176) explicou que Passanha deriva das palavras em guarani “payé” (feiticeiro) e “caná” (coisa que se move).

Na aldeia de S. Antônio<sup>113</sup> em 1817 habitavam os índios Malalis, que após a epidemia de 1814 escolheram ali para refugiar-se

A estatura dos Malalis é pequena; seu peito e suas espáduas são largas, as coxas e pernas miúdas; tem o pescoço pouco alongado, a cabeça grande e redonda, os cabelos negros, lisos e bastos, os olhos grandes, o osso das faces saliente, o nariz achatado, a boca grande, as mandíbulas proeminentes. Observei, todavia em alguns desses índios diferenças individuais que me impressionaram. Um dentre eles, [...] tinha a parte do rosto sensivelmente mais estreita que a superior a face muito mais alongada que a dos Coroados, a cabeça menor e o nariz menos achatado; finalmente parecia muito com dois Coyapós ou Cayapós da província de Goiás (SAINT-HILAIRE, 2019[1830], p. 180).

Saint-Hilaire disse compartilhar da opinião do Barão Eschwege quanto à cor desses indígenas, que acreditava não ser natural. “A cor cobreada dos indígenas de Passanha era resultado da imundície, do ardor do sol e de todas as intempéries a que estavam expostos” (*ibid.*, p. 181). No que concerne ao idioma, o botânico destacou que percebia entre os caracteres gerais matrizes peculiares. “Assim os Malalis têm bastante som que vem do nariz, [...] A língua dos Monoxós tem uma pronúncia ainda mais surda que a dos Malalis” (*ibid.*)

Muitas informações acerca da descendência dos Malalis, Saint-Hilaire escreveu ter obtido com os próprios indígenas, como as do trecho abaixo

[...] os Monoxós, originalmente denominados Munuchus, começaram a guerra que desde então nunca cessou entre os Botocudos e as diversas nações de origem comum. As mulheres dos Monoxós não davam à luz senão crianças do sexo masculino. Para impedir a extinção de sua tribo, esses selvagens raptaram as mulheres dos Botocudos, essa é a origem do ódio que desde então sempre existiu entre esses últimos e os Monoxós, Malalis etc. (*ibid.*, p. 182).

Diante do exposto, entendemos que assim como as alianças entre os diferentes povos indígenas, as guerras e os conflitos também eram constantes entre eles, pois não guerreavam apenas com os portugueses. Entre os motivos desses embates entre os povos indígenas está a diversidade desses grupos étnicos, que disputavam interesses distintos, não só ligados à ocupação de territórios, mas a própria manutenção de seus grupos, como o rapto de mulheres com fins de procriação, conforme o trecho acima descrito por Saint-Hilaire. Essa passagem demonstra que o botânico esteve atento a esses detalhes.

---

<sup>113</sup> Entende-se por aldeia ou aldeamento uma pequena povoação que não dispõe de jurisdição, dependendo administrativamente da vila ou cidade In FÁVERO, 2004 *apud* MENEZES; OLIVEIRA, 2021, p. 99.

### 3.2.5.1.2 Os “Botocudos”

Passando pelo povoado de São Miguel, construído à margem direita do Jequitinhonha, e situado na extremidade do termo de Minas Novas, Saint-Hilaire sinalizou que alguns “botocudos” se encontravam na região. Ele destacou que no ano de 1811, quando o alferes Julião Fernandes Leão deu o nome de São Miguel ao local, apaziguaram-se as disputas, e após vários meses esses indígenas chegaram. Saint-Hilaire explicou (2019[1830]) que a origem do nome “botocudo”, e que foi adotado em diversas localidades de Minas, deveu-se à semelhança de seus ornatos com os batuques de tonéis.

Destacando as características físicas dos “botocudos”, escreveu que tinham as coxas e pernas finas, pés pequenos, peito e ombros largos, o pescoço curto e nariz achatado, olhos salientes. As espáduas e o tórax dos botocudos tinham maior largura dos demais indígenas da província. “A civilização dos Botocudos do Jequitinhonha está longe de haver atingido o grau da dos Malalis etc. Como o disse, os primeiros ainda não se habituaram a cultivar o solo; vivem da caça e da pesca, das raízes e frutos que encontram nas matas e nas montanhas” (SAINT-HILAIRE, 2019[1830], p. 254-255).

Sabemos que antes da chegada dos europeus os indígenas já cultivavam o milho e a mandioca. No entanto, Saint-Hilaire considerava que muitas plantas não haviam passado por um processo de domesticação, tornando-as mais úteis ao homem. Para ele, os brasileiros ainda não haviam explorados todas as possibilidades de usos desses recursos. Para o francês, a agricultura praticada pelos indígenas não se sustentaria sem o sistema adotado pelos europeus.

Saint-Hilaire disse que na Província de Minas afirmavam que os “botocudos” eram antropófagos, ou seja, se alimentavam de carne humana. No entanto, seu criado Firmiano<sup>114</sup>, um indígena “botocudo” que lhe dava muita informação sobre diversas coisas, discordava dessa afirmação “[...] o Botocudo que me seguiu durante vários anos, repelia a acusação de antropofagia como mentira inventada pelos portugueses, a fim de terem um pretexto para fazer a sua nação; mas, ao mesmo tempo, acrescentava que poderia ter dado ensejo a essa calúnia o hábito que tinham seus compatriotas de cortar em pedaços o corpo dos inimigos já privados de vida” (*Ibid.*, p. 185).

---

<sup>114</sup> Saint-Hilaire (p. 280) informou que o comandante da 7ª divisão ordenou a um homem chamado Raimundo Ferreira para arranjar um indígena Botocudo. Firmiano, filho de chefe chamado Capitão Branco, tinha entre 15 e 16 anos. Quando chegaram ao Rio de Janeiro o botânico perguntou se esse botocudo queria ir à Europa com ele, mas ele respondeu que não. Depois disso Saint-Hilaire providenciou seu retorno a Minas Novas.

De tempos em tempos, Saint-Hilaire falava sobre Firmiano em seus relatos. O botânico dizia que seu criado estava se acostumando à sua maneira de viver, mostrando-se dócil, alegre, mas era muito preguiçoso e glutão. O francês destacou que quando da sua passagem no povoado de Congonhas do Campo, situado em uma das estradas que vão de Vila Rica a São João D’El Rei, Firmiano havia sumido. Depois muito tempo sem notícias, Saint-Hilaire disse ter localizado o “botocudo” em um velho engenho pertencente a Francisco da Costa. “O pobre selvagem havia fugido como uma criança travêssa se esconde quando se lhe ralha. Os índios agem quase sempre irrefletidamente, por instinto, não calculando as consequências de seus atos (SAINT-HILAIRE, 1941[1833], p. 178). Esse relato parece revelar que para Saint-Hilaire, o indígena exprimia candura, inocência e pureza, e isso estava em conformidade com a percepção dos europeus sobre os indígenas das Américas desde o início da colonização como “puros”, inocentes, que precisavam ser “civilizados” aos moldes eurocêntricos.

Saint-Hilaire (2019[1830]) destacou que segundo o Príncipe de Neuwied <sup>115</sup> existiam diferenças entre os próprios “botocudos”. Existiam os do Jequitinhonha, que eram antropófagos e que travavam guerra contra os portugueses. Já os “botocudos” de outras partes da Província consideram bons alguns portugueses que eles conheciam, e os de outras divisões, maus. Saint-Hilaire escreveu que os botocudos do bando de Tijicaráma, inteiramente familiarizados com os portugueses, haviam os recebidos muito bem. Após percorrer juntamente com Julião, quatorze léguas sobre o Jequitinhonha, o botânico relatou que regressaram a São Miguel, de onde partiram em 15 de julho de 1817.

Saint-Hilaire, buscando mais informações a acerca da formação socioespacial dessa região mineira, escreveu que Raimundo Ferreira de Souza, soldado da sétima divisão, ao cometer uma falta, refugiou-se no meio dos “botocudos”, tornando-se capitão daquele grupo,

---

<sup>115</sup>O Príncipe Maximilian von Wied-Neuwied (1782-1867), conhecido pelo seu pseudônimo Max von Braunsberg, percorreu entre 1815 e 1817 os atuais estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo e Bahia. Sua viagem pelo Brasil não abrangeu o território mineiro, mas se aproximou muito de sua fronteira setentrional. Tomou parte das coletas zoológicas e botânicas na companhia dos naturalistas Friedrich Sellow (1789-1831) e Georg Wilhelm Freyreiss (1789-1825). Extraído de PINTO, Olivério Mário de. *Súmula histórica e sistemática da ornitologia de Minas Gerais*. Arq. Zool. Est. S. Paulo, volume VIII (1), Melhoramentos, 1952.

O Príncipe Maximilian era discípulo de Blumenbach<sup>115</sup> e realizou diversas pesquisas relativas aos indígenas do Rio de Janeiro, do Espírito Santo e do Sul da Bahia, além de colecionar plantas, animais, insetos e objetos etnográficos. Publicou “Reise nach Brasilien” em duas edições entre 1820 e 1821 e “Beitraege zur Naturgeschichte von Brasilien” entre 1820 e 1833, cujo estudo centrou-se nos animais, na descrição dos indígenas botocudos, coroados e Koropos. Extraído de: HOLANDA, Sérgio Buarque de (organizador). *O Brasil Monárquico*, tomo II: o processo de emancipação. BARRETO, Célia de Barros [et al.]. História Geral da Civilização Brasileira- 9ª ed.-Rio de Janeiro: Bertrand Brasil Ltda, 2003.478p.:il

sendo permitido a ele que vivesse entre os indígenas com o objetivo de civilizá-los. “Dirigidos por ele, seus Botocudos construíram casas; homens habituaram-se a cultivar a terra, e as mulheres a fiar; a maioria deixou de usar batoques nas orelhas e lábio inferior; sabem todos um pouco de português, e alguns moços não querem mesmo falar mais a língua materna” (SAINT-HILAIRE, 2019[1830], p. 281).

Essa passagem demonstra que os indígenas Botocudos iam aos poucos perdendo traços de sua cultura. Essa transformação fazia parte do projeto de colonização europeia que impôs aos nativos costumes diferentes aos seus como forma de “civilizar” aos moldes eurocêtricos. O que contribuiu também para o sucesso do sistema escravista no Brasil. Quando o indígena é instruído conforme os ensinamentos do colonizador, aprende seu idioma, facilitando o convívio entre eles, o estabelecimento de ordens, além de impedir algum tipo resistência.

O viajante destacou que os “botocudos” tinham traços da raça mongol

Não seria possível que tivessem vindo do planalto da Ásia, enquanto outras tribos devam a origem a alguns dos ramos menos nobres da raça caucásia, tal como o fenício, ramo que se alteraria na América pela influência do clima e mestiçamento com os índios de raça mais caracteristicamente mongólica? O que parece quase certo é que a raça africana tende a se aperfeiçoar nas partes da América que percorri, e a raça caucásia a se inferiorizar (*ibid.*).

Os africanos e europeus que vieram para o Brasil, segundo Saint-Hilaire, se alteravam conforme a escravidão e o clima. Identificamos que além da concepção geral de Saint-Hilaire, a do determinismo ambiental, outras variáveis apareciam nas suas explicações, como a questão racial, ainda que não figurasse de forma majoritária. Apesar de o clima e da raça terem influência, não são exclusivos em suas explicações.

Escrevendo mais sobre o “botocudo” Firmiano, quando esteve em Itajurú de Santa Bárbara, Saint-Hilaire disse que o mesmo, queria ficar na região “Eu temia torná-lo infeliz, tirando-o das florestas, mas até então esse temor não se justificara.[...] Gozando o dia de hoje e entregue à sua imprevidência, êle não considerava o futuro senão como a continuação da felicidade que usufruia” (SAIN-HILARE, *ibid.*, p. 98). Essa citação reforça a ideia de que para o botânico, a imprevidência era uma característica marcante das sociedades que observou no Brasil. Anteriormente, destaquei uma passagem em que Saint-Hilaire escreveu que um escravizado estava somente preocupado com o presente. No trecho sobre Firmiano, o indígena “botocudo”, o francês também enfatizou que esse também era imprevidente<sup>116</sup>.

---

<sup>116</sup> Durante a passagem por Serra Dourada, Saint-Hilaire perguntou a Firmiano se este gostaria de ir com ele para a França, mas esse preferiu voltar para sua terra. Ele soube que morreu de sarampo em Contendas.

Entre os grupos de contato de Saint-Hilaire, parece que ele não se relacionava ou tinha pouca convivência com os escravizados. No entanto, o francês também escreveu acerca desse grupo. Baseando-se nos dados do barão de Eschwege, Saint-Hilaire escreveu que no ano de 1808 eram 433.049 indivíduos em Minas Gerais, sendo metade dessa população composta de escravizados.

Quando esteve próximo a Simão Pereira, no registro de Matias Barbosa, que fazia parte da jurisdição de Sapucaí, Saint-Hilaire sinalizou que ali se pagava a soma de 7\$800 réis por cada “negro” importado, fazendo com que a renda desse lugar, sujeito aos mais elevados de toda a província, constituísse parte significativa na receita de Minas. O comércio de escravizados nessa região de Minas pareceu contribuir para destacar a riqueza da província entre as demais. Ao buscarmos os elementos que Saint-Hilaire aponta para que os mineiros fossem em geral o modelo de civilização a ser seguido, devemos levar em conta as formas que essa região tinha de prosperar, que para além da extração do ouro, comercializava negros africanos.

Durante sua estada no Distrito Diamantino, Saint-Hilaire observou o cotidiano dos escravizados da região

Todos os escravos ocupados nos diversos serviços pertencem a particulares que os alugam à administração. Cada semana os negros recebem para sua alimentação um quarto de alqueire de fubá. Os negros comem três vezes ao dia, o meio-dia e à tarde. Como dispõem de muito pouco tempo durante o dia, são obrigados a cozinhar seus alimentos à noite e às vezes não dispõem de outro combustível além de ervas secas. Seu trabalho é contínuo e penoso. O dinheiro que eles conseguem pelo furto de diamantes da esperança que nutrem de conseguir alforria se encontrarem pedras de grande valor, são sem dúvida as causas principais dessa preferência; mas há ainda outras. Reunidos com grande número êsses infelizes se divertem com seus trabalhos; cantam em côro canções de suas terras, e enquanto nas casas de seus donos êles são submetidos a todos os seus caprichos, aquêles obedecem a uma regra fixa e desde que se adaptem não tem que temer os castigos (SAINT-HILAIRE, 1941[1833], p. 9-10).

Quando falamos anteriormente que a questão da escravidão era relativizada pelo botânico, foi devido a passagens como essa, que destaca o tipo de tratamento dado a cada escravizado, de acordo com a região. Em outra ocasião, o escravizado em Simão Pereira relatou ao francês que era feliz pelo fato de quase não ser castigado e comer várias vezes ao dia. Já nessa região dos diamantes, os escravizados que pôde observar não tinham tempo nem para

---



alimentar-se de forma adequada. Contudo, o botânico salientou que os que se adaptavam conseguiam viver sem os castigos.

Durante as excursões nos arredores de Tijuco, Saint-Hilaire pôde observar que as casas da população negra eram menores que a dos fiscais. Reparou que possuíam roupas diferenciadas para o trabalho de lavagem de ouro. Dessa maneira, observamos que Saint-Hilaire se empenhou em observar e narrar cuidadosamente, todo e qualquer tipo de distinção entre a população negra e os demais grupos étnicos, como suas moradias e vestuários. A hierarquização das raças já existia há séculos. Mas, no Oitocentos, emergiu o racionalismo científico, uma forma de justificar por meio da ciência daquela época, a ideia de que existiam seres humanos superiores e inferiores. Nos relatos de viagem de Saint-Hilaire percebemos que ele ao fazer críticas ao sistema de escravidão, acabava também reforçando o modelo de sociedade que considerava “civilizado” e que deveria ser seguido, ou seja, o europeu.

### 3.2.6 A sociedade de Goiás

De uma forma geral, Saint-Hilaire destacou que negros e “mulatos” constituíam a maior parte da população de Goiás. Quando escreveu sobre os habitantes de Vila Boa, Saint-Hilaire (1944[1847]) destacou certo grau de inteligência em comparação a outras regiões goianas. Narrou que as pessoas brancas encontradas nessa região eram de origem portuguesa, mas aventureiras, fugitivas e sem ocupação. Marcos Antonio de Menezes e Rodrigo Oliveira (2021) destacam a predominância da população negra e mestiça em relação à branca, que foi percebida pelos viajantes que estiveram em Goiás, uma vez que homens brancos iam para as regiões auríferas e com isso, ocorria a miscigenação entre os indígenas e a população negra.

Saint-Hilaire sinalizou que a região de Goiás era deserta e pouco “civilizada”. Utilizou os dados de Cunha Matos, antigo governador das armas da província, para montar uma espécie de estatística da população. No entanto, ressaltou que os dados desse estudioso estavam incompletos, pois não fazia referência acerca das diferenças de sexo e idade, nem menção sobre as crianças. Assim como em Minas, o viajante-naturalista ressaltou que a população diminuiu assim que as jazidas começaram a se esgotar.

Acerca do número de escravizados em Goiás e empregados na exploração aurífera, o botânico disse que em meados do século XVIII chegou a ser até 34.500<sup>117</sup>. Entre os anos de

---

<sup>117</sup> SAINT-HILAIRE, Auguste. Viagem às nascentes do Rio São Francisco e pela província de Goiás. Tomo primeiro. Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1944. p.300.

1809 e 1824 o número diminuiu pela metade. Com base nas particularidades estatísticas de Cunha Mattos, escreveu que em 1824 o número de pessoas brancas correspondia cerca da sexta parte da população total de Goiás. Alguns indígenas viviam nas matas e nos lugares mais desertos. Já em Minas havia nesse mesmo período, quase um quarto de pessoas brancas, o que para ele se explicava pela distância de Goiás com o litoral. Já o número de escravizados diminuiu pela metade entre 1809 e 1824 e na ocasião da viagem de Saint-Hilaire, Goiás era a região que mais possuía indígenas.

Saint-Hilaire (1937-1848) escreveu que em Santa Luzia (Luziânia) havia, pois, mais união e boa-fé do que nas outras partes da província de Goiás. A concubinação ali era menos frequente. Acerca de um homem notável, João Teixeira Alves, narrou que entendia latim, francês, italiano e espanhol, possuía uma biblioteca seleta, o que, era grande raridade no Brasil. “[...] estava compenetrado do verdadeiro espírito dos seus deveres” (SAINT-HILAIRE *ibid*, p. 25).

Em nota, registrou que o general Cunha Mattos disse que quando visitou Santa Luzia em 1823 para fazer inspeção, achou os seus habitantes muito mais “civilizados” do que em Barbacena, atribuindo essa diferença características percebidas em um pastor. Durante a passagem de Saint-Hilaire pelas regiões os habitantes ofereciam materiais que pudessem usar na construção de seus relatos, como papel, alimentação, companhia e guia de trajetos, além de animais e plantas.

Conforme já mencionado, a questão racial não era o que predominava em sua narrativa, mas aparecia. Ao encontrar um capelão em Jaraguá ele escreveu que esse mostrou-se humilde, uma vez que era “mulato”. No entanto, para Saint-Hilaire esse sentimento de inferioridade não existia caso possuíssem inteligência.

Sobre Meia Ponte, Saint-Hilaire escreveu que os “mulatos” dali tinham maior “vivacidade de espírito” e mais facilidade em aprender do que os homens de raça caucásica. No entanto, na visão dele, eles compartilham da falta de caráter inerente à raça africana. Seus filhos ou netos de escravos, possuíam sentimentos menos elevados do que os brancos, apesar de ele ressaltar que esses também adquiriam vícios da escravidão. (SAINT-HILAIRE, 1937[1848], p. 65).

---

Entre a metodologia adotada nessa dissertação para analisar os relatos do botânico está a identificação de palavras usadas por ele para caracterizar e informar os dados das regiões percorridas. A palavra “espírito” aparece constantemente nos relatos de Saint-Hilaire. Para os filósofos, o “espírito” é definido pelo conjunto total das faculdades intelectuais. Na concepção de Saint-Hilaire o “espírito” dos habitantes das sociedades que visitou era correspondente ao ambiente e cultura que regia o lugar, como o grau de instrução, os tipos de leis e outras características. A expressão *Avoir de l'esprit*<sup>118</sup> é muito usada na língua francesa.

Para o botânico, filósofos estrangeiros exerciam influência positiva sobre os brasileiros. Segundo ele “passam ainda entre eles por força de espírito” (SAINT-HILAIRE, 1944[1847], p. 342). O naturalista enfatizava o espírito que formou os pensadores europeus da ciência moderna se devia às contribuições dos intelectuais franceses do passado. Apesar de rejeitado, em muitos casos, “entre os brasileiros, na visão de espíritos elevados conhecem toda a verdade e sabem prestar-lhes dignas homenagens” (*idem*). Com essa passagem identificamos que na visão de St. Hilaire, a instrução de que precisavam os brasileiros, rumo à civilização seria estabelecida a partir de um intelectual estrangeiro, sobretudo da França. Sobre alguns habitantes, o botânico percebeu “se os Botocudos não têm ideia de Deus, possuem pelo menos, alguma noção dos espíritos” (SAINT-HILAIRE, 1937[1848], p. 163. Esses trechos demonstram a preocupação constante de Saint-Hilaire sobre o desenvolvimento do espírito e dos valores cristãos das sociedades visitadas.

Se Saint-Hilaire não construiu para toda as regiões de Minas narrativas positivas, também não o fez para todos os grupos sociais de lá “[...] fiquei admirado em ver um grupo de mulheres entre os curiosos. Todas, brancas ou mulatas, tinham maneiras péssimas; chegaram sem fazer o menor cumprimento, e foram da mesma maneira. Os homens eram muito mais cortes [..] Em geral, todavia, encontrei muito mais bondade e cortesia entre os habitantes da província de Goyaz, do que em toda parte ocidental da de Minas, tão diferente da vizinhança de Tijuco e Villa Rica (Diamantina, Ouro Preto)” (SAINT-HILAIRE, 1937[1848], p. 69).

Na região, Goyabeira (MG) Saint-Hilaire escreveu acerca do arriero José Mariano, que o acompanhou durante essa viagem, mas que aos poucos passou a tratá-lo com desrespeito. O viajante destacou que os brasileiros não se prendiam ao seu amo por muito tempo, ele ressaltou que na maioria dos casos eram mestiços e possuíam características como as dos negros e indígenas, acostumados a vida nômade, não se prendiam ao patrão por muito tempo. Para o

---

<sup>118</sup> Avoir (ter; alcançar; possuir); L'esprit (on espírito); Avoir de l'esprit (ser espirituoso, inteligente). Disponível em- “[Dictionnaire Français-Anglais](#)”

botânico, isso acontecia porque o superior poderia lembrá-lo constantemente de seus deveres. Nota-se que o botânico reforça as características que considera negativa nas sociedades que observou. A preguiça era uma delas. Para ele, o nomadismo dos habitantes se dava pelo fato de que as pessoas não queriam trabalhar, e não por querer talvez viver em liberdade.

Acerca das mulheres goianas, escreveu que seus traços não tinham nenhuma delicadeza, seus movimentos eram desgraciosos, a voz não tinha doçura e não possuíam instrução. O francês mais uma vez fez descrição acerca do que pôde ver tendo como base o reflexo europeu. Quando descreveu tanto as mulheres de Minas quanto as de Goiás ele pareceu ancorar-se nos traços das damas que conhecia na França. Relatou que em algumas regiões de Goiás elas se mostravam mais do que as de Minas, como as da comarca de São João. Contudo, o viajante salientou que “se exibiam aos tropeiros” (SAINT-HILAIRE, 1944[1847], p. 152). Para o naturalista, as mulheres brasileiras ficavam dentro de casa e não eram sociáveis como as mulheres, sobretudo, da aristocracia francesa, que naquele período, já gozavam de alguma liberdade, como frequentar espaços públicos e de sociabilidade.

Ainda acerca da sociedade de Goiás, Saint-Hilaire destacou que os habitantes de Vila Boa consumiam aguardente, o que para ele impedia esses habitantes de sentir a monotonia. A influência da alimentação na conformação do povo goiano esteve presente nos relatos de Saint-Hilaire. Conforme abordado no capítulo dois, a associação entre alimentação e organismo foi muito utilizada pelos naturalistas e epidemiologistas na explicação de determinados fatos sociais. O que as pessoas consumiam foi usado como critério para entender o seu modo de viver.

Em nota, Saint-Hilaire escreveu que para Luiz d’Alincourt, os goianos eram pouco industriais, mas não pela falta de faculdades naturais, mas pela preguiça que fazia eles se entregarem sem moderação aos prazeres. Assim como a imprevidência, o ócio foi um conceito muito utilizado por Saint-Hilaire na explicação dos males de Goiás. Para o francês, o que levava à ociosidade era o clima “tórrido” do sertão. O ócio por sua vez levava à libertinagem. Para Saint-Hilaire, a pré-disposição à preguiça seria minimizada em parte pela existência de um clero que impusesse disciplina naquela localidade. Entretanto, os sacerdotes das regiões, quando muito tempo afastado de seus superiores, acabaram esquecendo os valores cristãos e não seriam mais aptos a instruir.

Entretanto, Saint-Hilaire escreveu também sobre habitantes instruídos de Goiás. Escreveu que ficou instalado na casa do comandante de Meia Ponte, Joaquim Alves de Oliveira, onde recebera excelente acolhida. Destacou que esse homem era o melhor agricultor do Brasil, dele extraindo muitas informações sobre a cultura do algodão daquela região. Escreveu que o

comandante havia sido educado por um jesuíta e que se distinguia dos outros habitantes. Renunciou quase que por completo às atividades comerciais, dedicando-se à agricultura. “De todos os brasileiros que conheci era ele, talvez aquele em que encontrei maior ódio pela ociosidade [...]” (SAINT-HILAIRE, 1937[1848], p. 182). Ele usava a charrua, adubava a terra com o bagaço da cana e por isso não precisava incendiar as matas. Plantava perto de casa para poder vigiar melhor os escravizados e ainda poupava o tempo desses. O amor que percebeu que demonstrava pela religião pode tê-lo ajudado a distinguir-se. Escreveu que a Fazenda dele estava “em harmonia com a que reina na natureza nesses climas felizes”( *idem*, p. 183).

Quando Saint-Hilaire escreve que a instrução recebida pelo comandante foi de um jesuíta, mais uma vez ele reforça que a matriz do progresso não se achava entre os brasileiros. Saint-Hilaire destacou que a estratégia de Joaquim Alves para evitar alguma atitude violenta e a desordem entre os escravizados foi a de alimentá-los de maneira farta, vesti-los adequadamente, cuidar deles quando ficassem enfermos e não os deixar na ociosidade. Percebemos nesse trecho, mais uma vez o ócio para caracterizar Goiás. Quando Saint-Hilaire escreve que o comandante alimentava seus escravizados, que era uma das estratégias para não despertar nesses a ira, ele parece confirmar sua teoria que os escravizados se contentavam com o mínimo possível, sem projetar vantagens futuras.

O comandante estabeleceu em sua própria casa uma venda em que o pagamento era feito com o algodão. Com isso os escravizados não seriam tentados ao roubo e ao mesmo tempo adquiriam o hábito do cultivo, “tornava-os apegados à terra e ao senhor, e, ao mesmo tempo, aumentava os produtos do solo [...]” (*ibidem*, p. 184). Essa política adotada pelo comandante foi destacada por Saint-Hilaire para demonstrar como a ociosidade, na visão dele, era um fator que explicava a falta de desenvolvimento de Goiás. A forma de tratamento dada pelo comandante aos escravizados parecia se justificar em nome do progresso da região.

Além do ócio, para Saint-Hilaire a miséria ali instalada se devia à extração de ouro que havia sido má administrada. Em nota, Saint-Hilaire escreveu que Luiz Antonio da Silva e Souza<sup>119</sup> explicava que a decadência seria detida criando uma moeda provincial. No entanto, Saint-Hilaire (1937[1848] afirmou que o ouro alterado de Goiás já podia ser considerado uma moeda provincial, e quando exportada, tinha reduzido o seu valor.

---

<sup>119</sup> Silva e Souza, nasceu em 1764 em Serro Frio da capitania de Minas Ferais foi considerado uma figura importante dentro da capitania e da província de Goiás. Exerceu importantes cargos na Igreja e na administração em Goiás. Escreveu “Memória sobre o descobrimento, população e cousas mais notáveis da capitania de Goyaz” (1812).

Outro grupo observado por Saint-Hilaire foram os ciganos. O botânico escreveu que nas montanhas vizinhas de Meia Ponte viu um grupo de homens que “à primeira vista, me pareceram pertencer a outra sub-raça que não a dos descendentes de Portugueses”. Usavam cabelos longos, seu rosto era mais redondo, e matriz amarelo que se nota nos mulatos. Sotaque arrastado e nasal, frases de polidez servil, eram ciganos (SAINT-HILAIRE, 1937[1848], p. 180). O botânico disse que eles roubavam galinhas, porcos e burros, e ainda enganavam as pessoas. Porém, alguns deles conseguiam se fixar e cultivar a terra (*ibidem*, p.181)

O botânico cita Freycinet<sup>120</sup> que em sua “*Voyage autour du monde fait par ordre du Roi sur les corvettes de S. M. l’Uranie et la Physicienne*” chamou esse grupo de “peste pública”. Saint-Hilaire disse que a administração francesa não repelia os ciganos, que há muitos anos, existia em Montpellier. “Devem-se fazer esforços para incorporar esses homens à sociedade cristã, e puni-los quando violam as leis; porém, uma vez que existem, tem que viver em algum lugar, e porque não os tolerar como aos judeus” (*ibidem*, p. 181). Apesar de relatar o “mau” comportamento dos ciganos, Saint-Hilaire desejava que fossem também incorporados à civilização.

Nesse subcapítulo, falamos da sociedade de Goiás. Assim como no sertão de Minas, Saint-Hilaire achava que o clima de Goiás abrandava os costumes. Mais uma vez percebemos nas explicações de Saint-Hilaire, que a natureza implicava na moralidade. Para o naturalista, a falta de instrução também era um fator de decadência, pois como as pessoas que possuíam alguma disciplina se concentravam, sobretudo no litoral, o desenvolvimento intelectual das pessoas que viviam em regiões interioranas ficava comprometido, que é o caso de Goiás.

### 3.2.6.1 Os indígenas de Goiás

Acerca dos povos indígenas em Goiás, Saint-Hilaire disse que no momento de sua viagem (1819) eram em maior quantidade do que os portugueses. O naturalista destacou que alguns indígenas viviam nas matas e nos desertos, pois no decreto de Conde de Linhares havia se renovado a permissão para a caça, escravização e comércio desses indígenas. Em Goiás o

---

<sup>120</sup> Louis Claude de Saulces de Freycinet (7 August 1779 – 18 August 1841). foi um oficial da Marinha Francesa. Em 1817, ele recebeu o comando da corveta Uranie, para uma nova viagem de exploração. Uranie carregou vários membros da equipe científica da Marinha, notavelmente o hidrólogo marinho Louis Isidore Duperrey, o artista Jacques Arago e seu desenhista júnior Adrien Taunay, o Jovem. Os resultados desta viagem foram publicados sob a supervisão de Freycinet, com o título de *Voyage autour du monde fait par ordre du Roi sur les corvettes de S. M. l’Uranie et la Physicienne*, pendant les années 1817, 1818, 1819 et 1820, em 13 volumes com alguns mapas.

grupo mais estudado por Saint-Hilaire foram os Cayapós<sup>121</sup>. Além desses, os povos Xacriabá (encontrados desde os desertos do Paraná até as margens do Rio São Francisco) - os povos Xavantes (encontrados nas terras setentrionais da antiga capitania), os povos Boróro e Pareci (do alto curso do Rio Araguaia) - também se encontram entre os registros do viajante-naturalista.

### 3.2.6.1.1 Os Cayapós

Saint-Hilaire escreveu que eram ocupantes há muitos séculos, do sudoeste da província, uma vasta região quase desconhecida na época. Os Cayapós, habitavam pequenas aldeias. Saint-Hilaire escreveu que eles viviam de caça, de pesca, do cultivo do milho, da mandioca, do mel e de frutas, sendo as mulheres Cayapós quem transportavam os fardos, os enormes feixes de lenha ou jucurus cheias de mandubis. O cultivo da terra feito pelos Cayapós, conforme Santos (2021) foi por volta do ano 1000 d. C. Esse dado revela que esses indígenas foram os primeiros a desenvolver atividades agrícolas em Goiás. Os bandeirantes paulistas chegaram massivamente séculos depois

No século XVIII, na região nordeste do atual estado de São Paulo, esse grupo étnico teve seu primeiro contato com as populações de origem europeia. Bandeirantes que eram liderados por Bartolomeu Bueno da Silva - o Anhanguera - buscavam por ouro, pedras preciosas e indígenas para serem comercializados com escravos. Saint-Hilaire criticava essa forma de tratá-los. Desde os primeiros tempos da descoberta de Goyaz, os aventureiros, que espalharam pela região, exerceram sobre indígenas as mais horríveis crueldades, e estes se vingaram, mais uma vez, com represálias não menos terríveis. O governo português, quase sempre generoso para com os índios, tomou-os sob a sua proteção; ordenou que fossem tratados com brandura, que os jesuítas se encarregassem de torná-los cristãos, e civilizados (SAINT-HILAIRE, 1937[1848], p.102).

Diante do exposto acima, percebemos que assim que se formou a capitania de Goiás, começou também o embate entre os bandeirantes paulistas e os indígenas Cayapós, cuja hostilidade parece ter perdurado por muito tempo. Entre os impactos causados pelos portugueses aos Cayapós está a imposição de dogmas cristãos a fim de “civilizá-los. Outro impacto foi a transmissão de moléstias. Como esses não estavam acostumados com aquele tipo de enfermidade, foram atacados pelo que não conheciam, como a varíola, o sarampo, a febre amarela e a gripe, o que fez sucumbir muitos indígenas.

---

<sup>121</sup> Atualmente são conhecidos como Kren-Akarore, Panará, Cayapó do Sul ou meridionais.

Em 01 de julho de 1819, Saint-Hilaire escreveu que tinha o projeto de subir a Serra Dourada e visitar a Aldeia de São José (Mossâmedes), que era habitada pelos indígenas Cayapós. A fim de descrever a maior quantidade de características dos habitantes das regiões que percorria, Saint-Hilaire organizava um roteiro que permitiria isso a ele. Como foi a subida da Serra Dourada propositalmente, cujo objetivo era passar por regiões habitadas pelos Cayapós e poder realizar estudos sobre eles.

A falta de providência tanto dos povos mineiros quanto dos goianos já tratados aqui, foi também atribuída aos Cayapós. Quando da passagem de Saint-Hilaire por São José, esses povos estavam sob a tutela de um deslocamento militar, composto por um cabo, que segundo o viajante tinha o título de comandante. Para o francês, a falta de providência fez com que eles fossem incapazes de se governar. O botânico tenta explicar, que além deles não conseguem se governar, as leis não eram aplicadas de forma correta, pois os militares que os tutelavam não poderiam dar os mesmos resultados que os missionários, que para o botânico eram mais instruídos. Saint-Hilaire escreveu que esses homens eram a maioria “mulatos”, e desprezados por seus superiores, exploravam os Cayapós. Percebemos que na visão de Saint-Hilaire, não só os indígenas, mas ainda outros grupos sociais, como os militares, não haviam sido ainda incorporados aos moldes de “civilização” necessária ao progresso do país.

Saint-Hilaire destaca que o fato de se apegar ao presente tornava os indígenas imprevidentes, pois não pensavam no futuro, não economizavam e qualquer coisa podia satisfazê-los, como a aguardente e o tabaco. Ao enfatizar a sedução dos Cayapós por coisas que considerava simples, o viajante reforça a candura que acreditava ser própria desses povos, e que para ele também os impedia de serem “civilizados”.

#### Acerca das características físicas dos Cayapós

Encontraram-se nesses índios todos os traços característicos da raça americana. Cabeça grande, enterrada nos ombros, cabelos lisos, negros, duros e bastos, tórax largo, pelle parda pernas finas, alta estatura, pouca diferença entre os olhos e a cor carregada da pele. Coyapós falavam com a garganta e a boca quase fechadas, seu idioma não parece ter relações com as línguas das populações que já visitara (SAINT-HILAIRE, 1937[1848], p 114).

Para que pudesse observar de forma tão completa e criar analogias para explicar o idioma dos povos Cayapós, é certo que Saint-Hilaire teve que conviver com esses indígenas, que se apresentaram e informaram muitos dados a ele. Rodrigo Martins dos Santos em “Indígenas de Goiás na visão de Saint-Hilaire” analisou os registros de Saint-Hilaire acerca dos indígenas de Goiás. O autor destaca que ao estudar a língua dos Cayapós, Saint-Hilaire contribuiu para que soubéssemos a relação linguística entre os povos originários de Goiás e os



atuais, os Panará (do norte do Mato Grosso). Isso torna seu relato indispensável para as pesquisas acerca dos indígenas do Brasil.

Em nota, Saint-Hilaire escreveu que Cunha Mattos ressaltou o risco de ataque dos Cayapós de S. José, que eram selvagens. Para Saint-Hilaire, esse relato construído por Cunha Mattos pode ser uma dessas narrativas inventadas pelo desprezo aos Cayapós.

A preocupação com os valores cristãos era constante nos relatos de Saint-Hilaire. Ele descreve que os Cayapós não tinham ideia de divindade. Quando esteve em Minas, no povoado de São Miguel, assim como em Goiás, Saint-Hilaire buscou saber se os indígenas que habitavam ali tinham alguma ideia de “um ser supremo”. O francês sinalizou que esses cultuavam o sol, e que a este astro solicitam seus pedidos. Saint-Hilaire visitou Dona Damiana, que confirmou que os Cayapós que viviam em estado selvagem não tinham ideia de Deus. Esse trecho mostra que para o naturalista, os valores aceitos na condução de um povo rumo à “civilização” eram os cristãos europeus. Dessa forma, o que se observava acerca dos aspectos religiosos desses indígenas, não se enquadravam aos moldes civilizacionais pretendidos por ele.

A autora Fátima de Macedo Martins (2017) resalta que Saint-Hilaire concluiu que os Cayapós tinham sim, noções de cristianismo, as que haviam recebido dos portugueses. Para ele esse conhecimento os colocava bastante acima de outros povos indígenas que apesar de serem mais livres, não tinham ideia de Deus. Isso reforça que para Saint-Hilaire, toda espécie de instrução e conhecimento, incluindo noções de Deus, seria promovida pelos europeus.

Conforme já mencionado, outros povos indígenas foram descritos por Saint-Hilaire. Os Cayapós de Goiás e os Coroados no Rio de Janeiro (Rio Bonito) foram estudados por ele de forma mais abrangente. Para comparação dessa pesquisa, utilizei, sobretudo, as descrições sobre os Cayapós de Goiás e os Botocudos em Minas. Assim como na região mineira, um destacamento foi enviado a Goiás para capturar e controlar os indígenas na época da exploração aurífera. Nessas duas regiões, as epidemias, majoritariamente, causadas pelo contato com europeus, contribuíram para a dizimação desses grupos. Muitas informações sobre os povos originários de Minas, o botânico conseguiu por meio do contato direto que teve com eles, assim como em Goiás.

Por fim, Saint-Hilaire caracterizando-os fisicamente, reforçou a distinção étnica. Para ele, “Botocudos” e Cayapós possuíam características ocasionadas pela mestiçagem, quando em contato com os europeus e escravizados. Contudo, para o viajante, a exposição aos raios solares também era uma das causas para a cor desses ameríndios, juntamente com a coloração artificial que utilizavam. Dessa maneira, percebemos que apesar do determinismo ambiental aparecer de

forma mais consistente em suas descrições, essas estiveram aliadas à questão racial na explicação da sociedade goiana.

De um modo geral e do ponto de vista das “influências”, ou seja, do clima, não há diferenças entre a sociedade de Goiás e de Minas Gerais. A distância civilizacional que os separa, do seu ponto de vista, se deve às diferentes histórias de cada capitania, principalmente no que diz respeito ao aproveitamento da riqueza advinda do ouro.

### 3.2.7 A cultura de Minas

Nessa parte, trataremos de alguns dos elementos da cultura mineira descritos por Saint-Hilaire, como algumas celebrações, formas de religiosidade, grau de instrução e as práticas de cura usuais. Com isso, objetivamos destacar se a narrativa construída sobre esses aspectos em Minas apresentou diferença dos que ele construiu sobre a cultura goiana.

Durante o período em que esteve no Brasil, Saint-Hilaire pôde participar de alguns festejos<sup>122</sup> que ocorreram em diversas regiões. Quando estava em Barbacena, por exemplo, o naturalista presenciou um dia de festa no local. Durante o evento observou as mulheres que ali estavam

As mais velhas, as menos ricas, e grande parte das negras tinham a cabeça coberta por um toucado que excedia a fronte à maneira de uma coifa, e, passando sob o queixo dessas damas, o cobria às vezes com uma parte da boca; outras senhoras mais elegantes tinham o chale arranjado como turbante, e as mais bem vestidas, enfim, não usavam coisa alguma à cabeça. Essa maneira de trajar se encontra, quase sem nenhuma diferença, nas diversas partes da Província de Minas (SAINT-HILAIRE, 2019[1830], p. 63).

Assim como o comportamento, a vestimenta das mulheres foi um elemento que o botânico observou, a fim de caracterizar com riqueza de detalhes os mínimos aspectos da cultura mineira. A referência que ele tinha de indumentária era as que conhecia na França, cujo clima temperado fazia com as pessoas se vestissem de acordo com aquela região. Cabe mencionar, que a França, e Paris em particular, eram modelos de elegância na Europa e nas cidades americanas europeizadas. Acerca do comportamento das mulheres, Saint-Hilaire narrou que durante o festejo, observou entre os tropeiros<sup>123</sup> algumas “mulatas” prostitutas, e que muitas

---

<sup>122</sup> De acordo com Saint-Hilaire, o nome do espetáculo observado naquela festa era denominado “Presépio”, cuja representação era por títeres, cenas retiradas da Sagrada Escritura. Os atores apresentavam um prato para que o dinheiro fosse depositado e o espetáculo fosse custeado.

<sup>123</sup> Os tropeiros foram figuras decisivas na formação de vilarejos e cidades do Brasil colonial. A palavra tropeiro vem de “tropa” que, no passado, se referia ao conjunto de homens que transportava gado e mercadoria. Por volta

dessas dançavam batuques nos albergues. O fato de considerar que as mulheres dessa região de Minas não se vestissem e nem se comportassem adequadamente, fez em muitos momentos Saint-Hilaire compará-las com as da Europa. Os batuques e danças que aconteciam durante aquele festejo também foi objeto de comparação entre as culturas americana e europeia. Para Saint-Hilaire, o ânimo para dançar e batucar, ainda que fosse naquele clima quente, não despertaria de igual modo, entusiasmo aos europeus, ao contrário disso, aquele clima os faria cair em profunda tristeza.

O botânico narrou que chegou com seu grupo em 26 de dezembro de 1816 à casa do Barão de Eschwege em Vila Rica (atual cidade de Ouro Preto) ficando lá por dezoito dias. Em Vila Rica, capital da província na época, contou entre quinze e dezesseis capelas e duas igrejas paroquiais, uma dedicada à Nossa Senhora do Pilar e outra sob invocação de Nossa Senhora da Conceição, chamada Igreja do Rio do Ouro Preto. Saint-Hilaire (2019[1830]) escreveu que em Vila Rica o edifício mais considerável era a residência do governador, e de frente, havia uma câmara municipal, e a pouca distância via-se uma igreja militar. O edifício que reunia a Junta da Fazenda onde estavam os cofres públicos e os documentos relativos às finanças ficava na repartição do tesouro (Casa da Fazenda). Saint-Hilaire sinalizou que não havia um passeio público, um café passável, nenhuma biblioteca, nenhum gabinete literário, nem uma hospedaria suportável. Ele escreveu que existia uma casa de espetáculos de aparência desprezível e que se apresentava comédia.

A falta de lugares adequados à divulgação do conhecimento e das artes era um problema na visão de Saint-Hilaire, isso porque no período em que esteve no país, ainda não havia universidades. Então, para ele, os lugares de circulação das ideias e de sociabilidade deveriam ser exatamente os espaços públicos. Porém, eles ainda não existiam em Vila Rica.

Acerca da cidade de Mariana, o viajante disse que constituía uma única paróquia, que se contavam nove igrejas, incluindo a catedral. Possuía chafarizes e as casas eram mais conservadas do que as de Vila Rica. O viajante enfatizou que Mariana era sede de uma circunscrição judiciária e de uma diocese, e segundo ele, isso não a deixava cair em decadência. Nota-se que para o francês, a presença de uma paróquia na região de Mariana era um elemento

---

do século XVIII, muita coisa era levada de um lugar a outro no lombo de mulas. O tropeirismo acabou associado à atividade mineradora, cujo auge foi a exploração de ouro em Minas Gerais e, mais tarde, em Goiás. A extração de pedras preciosas também atraiu grandes contingentes populacionais para as novas áreas e, por isso, era cada vez mais necessário dispor de alimentos e produtos básicos. Disponível em: <https://www.tribunadoplanalto.com.br>.

imprescindível ao seu progresso. Ao fundar uma paróquia em cada lugar, os habitantes teriam por perto algum tipo de instrução e de disciplina, sem ter que se deslocar grandes distâncias.

Ainda acerca das festas em Minas, ao presenciar outra celebração de época, a de Pentecostes, Saint-Hilaire (*ibid.*) descreveu o festejo durante a quaresma na Vila do Príncipe, capital da comarca de Serro Frio, salientando que a “Procissão das Almas” tinha por objetivo libertá-las do purgatório, acontecendo três vezes por semana. Na quinta e na sexta daquela semana, os artífices não trabalhavam. No chamado “Domingo de Ramos” uma procissão ocorria após o pôr do sol. A quinta-feira era considerada sagrada. Celebrava-se na igreja matriz de Vila do Príncipe, uma missa com música “Os músicos todos habitantes do local [...] Vários dos cantores tinham ótima voz, duvido que em qualquer cidade no norte da França, da população equivalente, se executassem uma missa musicada tão bem quanto essa o foi [...]” (SAINT-HILAIRE, 2019[1830], p. 150).

Saint-Hilaire chegou na povoação de São Domingos, e que segundo ele, foi fundada em 1728 pelos bandeirantes. No período em que esteve lá, celebrava-se as festividades de Pentecostes, que naquele ano havia adiado para o dia de São João. Saint-Hilaire também descreveu o evento que aconteceu no dia seguinte, um espetáculo chamado “Cavalhadas ou Torneio”, cujos habitantes ricos eram quem participavam, pois possuíam os melhores cavalos

Quando dois cavaleiros começavam a combater, cada qual estava armado de uma longa vara pintada que fazia às vezes de lança; cruzando-se, os adversários chocavam uma vez as lanças, depois continuavam a galopar, jogavam fora as varas, encontravam-se ainda uma vez, davam um tiro de pistola, e depois de usarem essa arma, serviam-se do sabre. Quando dois combatentes acabavam de representar assim, cediam o lugar a novos atores [...] (SAINT-HILAIRE, 2019[1830], p. 286).

Esses foram alguns dos festejos que Saint-Hilaire escreveu sobre a região mineira. Percebe-se que a grande maioria possuía relação com os aspectos religiosos. O viajante buscava entender que tipo de instrução aqueles eventos podiam proporcionar. Ter podido participar de algumas dessas comemorações permitiu ao naturalista escrever detalhes acerca da cultura de Minas daquele período, baseado em sua própria experiência no local.

O parâmetro utilizado por Saint-Hilaire para medir o grau de civilidade dos mineiros era, sobretudo, o espelho europeu. Se entre eles encontrasse traços da cultura europeia ficava feliz. Já o modelo que Saint-Hilaire mais se referiu para medir o grau de civilização dos goianos foi a cultura mineira, caso esta reunisse em alguma medida, características que lembrasse os habitantes da Europa. Isso demonstra que antes de ir a Goiás, pôde ter padrões de comparação que provinham do próprio Brasil.

### 3.2.7.1 Religião e instrução

Sobre os espaços de ordenamento e de disciplina, Saint-Hilaire destacou que não havia um convento em Minas. O governo era quem fazia as ordens religiosas serem respeitadas na região. Na Província das Minas o clero não possuía bens territoriais e os vigários<sup>124</sup> alugavam ou compravam as casas que ocupavam. Recebiam o dízimo de todos os produtos da terra. À exceção dos curas, os eclesiásticos que queriam exercer o ministério sacerdotal, recebiam anualmente três ou quatro provisões do bispo. O francês ressaltou que até poucos anos antes de sua estada ali, os cargos de curas eram preenchidos por concurso, e o exame se fazia em público. No entanto, destacou que o governo aos poucos foi deixando de nomear para os curatos os candidatos aprovados, e que os lugares de párocos passaram a ser preenchidos mediante a compra desse cargo. “Vê-se, após tudo o que acabei de expor que, se no Brasil a venalidade caracteriza os serventuários da justiça, a simonia<sup>125</sup> não é menos frequente entre os eclesiásticos da Província de Minas” (SAINT-HILAIRE, 2019[1830], p. 83).

Saint-Hilaire acreditava que esses costumes, que segundo ele, alteraram o cristianismo, foram trazidos pelos portugueses que colonizaram o país, que tinham segundo ele, uma ideia obscura e incompleta da religião cristã. “Deixavam a pátria para enriquecer, muitas vezes até, para fugir aos rigores da justiça, e é fácil de conceber que uma vida consagrada à avareza e crueldade, em uma região ainda bárbara, era pouco capaz de inspirar-lhes ideias religiosas” (SAINT-HILAIRE, 2019[1830], p. 85). Para Saint-Hilaire, o fato de o Brasil ter sido colonizado por portugueses e com isso houve a imposição de seu sistema político. Os grupos ligados ao poder não buscaram a unificação dos objetivos do país como um todo, mas lutaram apenas por superioridade e por interesses pessoais. Para o botânico, um país que tivesse seus interesses divididos não progrediria. Percebemos aqui, que nem todos os males se explicava pela determinação do ambiente físico. Para Saint-Hilaire, a colonização em muito colaborou para diversos problemas enfrentados pelos mineiros. Os cargos eclesiásticos quando vendidos, não seriam ocupados por pessoas aptas para ordenar e instruir os habitantes de forma ideal. No entanto, essa venalidade de cargos era conhecida entre a administração portuguesa há tempos.

---

<sup>124</sup> Sacerdote que o bispo diocesano nomeia para coadjuvar um pároco no exercício de seu ministério pastoral.

<sup>125</sup> Compra ou venda ilícita de coisas espirituais (como indulgências e sacramentos).

Os valores cristãos estavam corrompidos por aqueles que deveriam estar capacitados para propagá-los<sup>126</sup>.

Para o naturalista, os valores aceitos na condução de um povo rumo à “civilização” era o cristão europeu. Dessa forma, o que se observava acerca dos aspectos religiosos desses indígenas, não se enquadrava nos moldes civilizacionais pretendidos.

No caminho para a povoação de Chapada (hoje, subdistrito de Lavras Novas, Ouro Preto), Saint-Hilaire encontrou duas casas chamadas “bandeira Pequena” e outra “bandeira Grande”. “Quando os aventureiros paulistas iam à procura de ouro e se estranhavam pelas matas a fim de escravizar índios, reuniam-se em grupos mais ou menos numerosos, comandados por um deles, que tomava o título de capitão. Essas tropas tinham em português o nome de Bandeiras, e esse nome ficou aplicado aos lugares em que elas estacionavam” (*ibid.*, p.224).

Diante dessa explicação, percebe-se que o viajante estava atento também à conformação histórica da região. Saint-Hilaire estudou parte do passado brasileiro, como mostra a minúcia na descrição das “bandeiras”, movimento que partiu, sobretudo do atual estado de São Paulo, para explorar o interior do Brasil, no século XVIII. Para saber a origem do termo “bandeiras” Saint-Hilaire recorreu ainda ao “Dicionário Moraes”<sup>127</sup>.

Ainda em Chapada, Saint-Hilaire observou em uma praça triangular uma igreja paroquial. Ele explicou que além dessa, existia uma outra que pertencia à população negra, e que era dedicada à Nossa Senhora do Rosário, cuja imagem era de uma mulher negra. Disse existir em partes da província, casas onde mulheres se reuniam sob uma doutrina comum, usando o hábito das carmelitas e seguindo a regra de Santa Tereza, cantavam hinos durante a missa. “Dá-se o nome de freiras, que é das verdadeiras religiosas” (*ibid.*).

A descrição dos espaços de religiosidade em Minas nas narrativas de Saint-Hilaire demonstra que para ele esse era um aspecto que merecia atenção, visto que sua viagem tinha ainda o objetivo de incorporar os habitantes ao modelo de civilização, que em parte ocorreria por meio dos missionários estrangeiros. Mas o botânico destacou que o governo não designava para essa tarefa pessoas adequadas, o que comprometia o progresso dessas regiões mineiras.

---

<sup>126</sup> Na Vila do Fanado, capital do termo de Minas Novas, situada num território que foi descoberto em 1727 pelos paulistas, o francês ressaltou que existia uma irmandade da Ordem Terceira de S. Francisco.

<sup>127</sup> O Dicionário da Língua Portuguesa, do lexicólogo brasileiro António de Moraes Silva (1755-1824) referido como "Dicionário Moraes", com edição original, de 1789.

### 3.2.7.2 As práticas de cura

Nesse subcapítulo, apresento algumas das doenças e das práticas de cura observadas por Saint-Hilaire em Minas. No ideário iluminista, novas descobertas acerca do potencial da natureza poderiam ser úteis ao bem-estar e à saúde da população. A minúcia na descrição dos recursos locais utilizados para o tratamento de doenças em Minas Gerais, para Saint-Hilaire, poderia render descobertas científicas em nome do progresso da humanidade.

O viajante atestou a salubridade do interior da Província de Minas a partir dos exemplos de longevidade com os quais se deparou ali

O ar que se respira em Rio Vermelho é muito sadio, e os octogenários, centenário, mesmo, não são aí raros. Pouco tempo antes da minha chegada a essa povoação, tinham morrido dois esposos, dos quais um contava cento e vinte e oito anos, e outro cento e trinta e dois anos, deixando uma filha de noventa, que ainda trabalhava e cortava árvores a machado” (SAINT-HILAIRE, 2019[1830], p. 189).

Mais uma vez o determinante climático foi utilizado na explicação de algumas características da sociedade mineira. A qualidade do ar em Rio Vermelho foi destacada pelo francês como sendo o elemento que permitia com que os habitantes tivessem longevidade. Na visão de Saint-Hilaire, as pessoas expostas aos ventos mais frios eram mais saudáveis, já o ar quente era mais favorável às doenças.

Quando descreveu sobre as enfermidades observadas nessa região, Saint-Hilaire ressaltou que a doença mais comum ali era a hidropisia. Ele escreveu que as pessoas de Minas acreditavam que essa doença tinha como causa a ingestão da couve. No entanto, ele achava mais provável que o fator determinante fosse o abuso da aguardente de cana. Dessa maneira, além da qualidade do ar influenciando na saúde dos habitantes, a alimentação era um elemento de destaque nos estudos de Saint-Hilaire.

Conforme já mencionado no capítulo dois, essa relação entre fatores climáticos e alimentícios na saúde das populações fez parte das teorias médicas da época em que o botânico viveu. Por isso, ele buscava associar esses elementos quando desenvolvia estudos acerca da questão sanitária. Cairus (2005) destaca que na teoria hipocrática, o estudo da dieta das pessoas fazia parte das observações do modo de vida, e investigando isso, o viajante poderia compreender a natureza do indivíduo e seus costumes. Em Saint-Hilaire, percebemos que a relação da constituição física do indivíduo e os modos de vida, entre eles a alimentação, influenciava a saúde. Para Saint-Hilaire, a disposição para a embriaguez pela aguardente de cana, que causava hidropisia, era comum nas pessoas que moravam em lugares menos elevados,

pois para ele, nos lugares mais elevados e úmidos, as doenças mais agudas não conseguiam se proliferar.

No período em que o botânico esteve em Minas Gerais parece ter visto poucos médicos, pois a região contava mais com a presença de boticários, de cirurgiões e de outros práticos no atendimento das demandas dos doentes. Saint-Hilaire assinalou os usos que os habitantes faziam dos vegetais que tinham a sua disposição. Ele destacou que algumas plantas foram indicadas aos indígenas pelos portugueses “Os nomes vulgares das espécies empregadas como remédios podem, aliás, servir em grande parte para desvendar a história da descoberta de suas propriedades reais ou imaginárias” (SAINT-HILAIRE, 2019[1830], p. 228).

Conforme trecho acima, as práticas de cura no Brasil parecem resultar de trocas e apropriações de experiências entre europeus e indígenas. Porém, muitos dos saberes considerados “popular” sofriam constante discriminação por parte dos viajantes e médicos que tinham formação europeia. Saint-Hilaire criticava constantemente as práticas de curas baseadas em crenças locais, mas tentava avaliar as possibilidades e os limites das propriedades dos vegetais que eram usados no tratamento de doenças.

O viajante coletava e classificava as plantas encontradas nas regiões percorridas. No entanto, ressaltou que a constatação da utilidade ou do perigo de alguns dos medicamentos provenientes desses vegetais, deveriam ser feitos de maneira aprofundada e depois de muitos anos de investigação. O francês descreveu em “Plantes usuelles des Brasiiliens”, as plantas utilizadas no Brasil para o trato das doenças. Ele parecia tentar impor limites às propriedades delas, justamente porque muitas eram ainda desconhecidas pela ciência.

Saint-Hilaire utilizou ainda os textos resultantes da viagem de Spix e de Martius acerca do estudo da botânica e das espécies medicinais do Brasil. As informações extraídas desse estudo e de outros trabalhos de botânica<sup>128</sup>, além dos dados que conseguiu com os praticantes locais sobre o uso das plantas no tratamento de doenças, permitiu ao viajante organizar em cadernos, suas amostras que foram coletadas no país.

Acerca do Rio São Francisco, que banhava a Província das Minas, Saint-Hilaire tentou identificar algumas doenças que apareciam conforme os meses do ano, o que me permitiu elaborar esse quadro-síntese:

---

<sup>128</sup> No “Herbário Virtual de A. de Saint-Hilaire”- online é possível ter acesso as anotações de campo, mapas, ilustrações e imagens em alta resolução das amostras depositadas nos herbários do Muséum National d’Histoire Naturelle e de Clermont-Ferrand. Ajudam a na investigação acerca das descobertas e impressões de Saint-Hilaire sobre a flora brasileira (GONZAGA *et al.*, 2021, p.76).



**Quadro 1**

| <b>Período</b>   | <b>Fenômenos naturais</b>  |
|--|--|
| Final de junho<br>(início do inverno)  | As árvores e arbustos perdiam as folhagens, as ervas murchavam, e não se viam as flores, senão em algumas árvores.   |
| Entre agosto e setembro<br>(entre o inverno e o início da primavera)                     | Eram os meses mais quentes do ano. Um vapor avermelhado escurecia a atmosfera.   |
| Final de agosto e início de setembro<br>(entre o fim do inverno e o início da primavera) | Começavam as chuvas, os campos enverdeciam, as chuvas aconteciam com grandes intervalos.   |
| Entre fins de setembro e janeiro<br>(entre a primavera e o início do verão)              | Era a estação das chuvas e o rio engrossava.   |
| Final de dezembro<br>(início do verão)   | As enchentes atingiam um nível máximo. A terra ficava inundada durante um mês. As substâncias animais e vegetais corrompiam a atmosfera e começavam as doenças (febres que acometiam, sobretudo crianças e forasteiros). O remédio utilizado era um vomitório, e tomavam após cinco ou seis acessos. |

FONTE: Elaboração da autora

O quadro acima foi elaborado para que pudéssemos ter maior clareza dos fenômenos naturais ocorridos de acordo com meses específicos do ano a partir das descrições de Saint-Hilaire. Percebe-se que as mudanças que ocorriam conforme as estações, interferiam no desenvolvimento das plantas, na qualidade do ar e da água, e ainda na saúde dos indivíduos. O interesse pelo conhecimento sobre as condições físicas que afetavam os organismos foi comumente percebido no ideário tanto do século XVIII quanto do XIX. Os estudiosos da época que se dispuseram a investigar os impactos do meio ambiente sobre a população, além de

pretender, a partir dessas investigações, manipular os acontecimentos naturais, queriam que seus estudos ajudassem a formar um corpo de médicos cada vez mais confiante.

Na extensa narrativa de viagem de Saint-Hilaire sobre Minas Gerais, que me permitiu elaborar o quadro apresentado, percebemos o interesse do botânico em entender como as condições físicas da região mineira serviriam na explicação sobre a vida de sua população. Mesmo que percebamos a herança das teorias de Hipócrates, que relacionava detalhes fisiológicos e doenças, a experiência em estar em Minas e poder observar esses fenômenos permitiu a ele, antes de qualquer base filosófica, entender o desenvolvimento humano mediante as leis da natureza.

Para Saint-Hilaire, diferentes grupos de pessoas poderiam ter reações diferentes, quando submetidos às mesmas mudanças ocorridas da natureza. O viajante destacou que quando chegou em uma povoação às margens do Rio São Francisco, seu criado francês chamado Prégent teve náuseas, e seu “botocudo” Firmiano teve febre, pois segundo ele, estavam acostumados a florestas densas, marcada pela elevada precipitação, diferente do clima às margens do Rio São Francisco, onde as temperaturas eram bem elevadas. Portanto, esses seus ajudantes estavam sensíveis ao calor. Esse trecho corrobora com a ideia de que para Saint-Hilaire os organismos seguiam uma lógica climática e do meio ambiente de uma forma geral.

Para Saint-Hilaire, além de interferir na saúde das pessoas, as diferenças entre as regiões influenciavam nas características físicas das pessoas. O botânico utilizou os fenótipos dos habitantes para medir o grau de salubridade deles. Ao escrever sobre a população das margens do São Francisco, o botânico ressaltou que essa tinha uma coloração amarelada, diferente de outras partes das províncias. Para ele, as pessoas com a pele amarelada eram mais doentias. Já as de pele mais rosada eram mais saudáveis. Mesmo com as mudanças climáticas, parece que ele considerava que as características morfológicas e fisiológicas das pessoas tinham influência sobre o tipo de enfermidade que desenvolveriam, ainda que fossem submetidas ao mesmo clima.

Ainda na busca de entender as regras de saúde local, o viajante destacou que os habitantes de Passanha (interior de Minas) valorizavam a resina do Jatobá (grande árvore da família das fabáceas) para as moléstias do peito. Ele pôde fazer essa observação sobre a prática de cura daquele lugar a partir das relações que estabeleceu, que não se dava somente com os com os eruditos, mas também com os indígenas e demais grupos da localidade. Isso não significava necessariamente que ele acreditasse naqueles métodos observados. Não só para os viajantes, para os médicos a prática de cura também deveria ser confirmada pela observação, para a partir disso, ser um saber global.

## As práticas de cura no Distrito Diamantino

Nessa parte falaremos sobre algumas das plantas da região diamantina que foram utilizadas para tratar doenças e cujas propriedades foram descritas por Saint-Hilaire. Os autores Marcos Guião, Cristiane Grael e Danielle Mucida (2021)<sup>129</sup> ressaltam que na saída do arraial do Tijuco<sup>130</sup>, Saint-Hilaire e sua comitiva guardaram alguns dos materiais coletados. A partir desse material e da observação que fez sobre a utilização desses produtos, Saint-Hilaire pôde fazer um estudo das propriedades medicinais dessas plantas. Para uma melhor compreensão da utilidade desses recursos da região diamantina descritas pelo viajante, fiz outro quadro-síntese, baseado na pesquisa de Guião, Grael e Mucida:

---

<sup>129</sup> Ver a obra “Minas Gerais e Orleans: olhares no Caminho Saint-Hilaire”, trabalho colaborativo entre as prefeituras de Diamantina, do Serro e de Conceição do Mato Dentro, a UFVJM, a Universidade de Orléans e o Serviço de Cooperação e de Ação Cultural da Embaixada da França no Brasil.

<sup>130</sup> Entende-se por arraial uma povoação de caráter temporário, geralmente formada em função de certas atividades extrativas, como a lavra de mineração. In FÁVERO, 2004 *apud* MENEZES; OLIVEIRA, 2021, p. 99).

**Quadro 2-**

| <b>Recursos naturais</b>                      | <b>Utilidade</b>   |
|---|--|
| 1-Arnica (Lychnophora sp.)                    | Em caso de torções e contusões   |
| 2-Marcela do Campo (Achyrocline satureioides) | Usada no travesseiro dos recém-nascidos e das pessoas adultas, no cuidado com a gripe, para enjôo, fortificação dos dentes, para o nervosismo, e outros. |
| 3-Carqueja (Baccharis trimera)                | Para limpar o sangue, era indicada para barriga inchada de animais e o combate à indigestão e dor de garganta.   |
| 4-Pimenta de Macaco (Xylopia aromática)       | Contra inflamação  |
| 5-Quina de Remijo (Remijia Ferruginea)        | Para febre   |
| 6-Pau Santo (Kielmeyera Speciosa)             | Para o descanso do corpo   |
| 7-Canela de perdiz (Croton antisiphiliticus)  | Para curar mordidas de bichos e no tratamento da Sífilis   |
| 8- Chá de Pedestre (Lippia pseudothea)        | Bom para os pés  |

FONTE: Elaboração da autora, a partir do estudo dos autores supracitados.

Além do tratamento de doenças, Guião *et al* salientam que para Saint-Hilaire, se esses frutos apresentados no quadro acima fossem mais conhecidos, eles poderiam dar lugar a um novo ramo de comércio. No entanto, ele dizia que os brasileiros desdenhavam das vantagens que a natureza apresentava. Cabe mencionar, que mesmo após mais de duzentos anos da passagem de Saint-Hilaire pelo Brasil, o que a ciência sabe sobre a eficácia de muitos materiais coletados por ele ainda é passível de estudos, conforme citação abaixo

Ainda hoje, apesar dos atuais avanços tecnológico, científico e médico, a maioria dessas plantas de uso tradicional ainda carece de estudos que possam comprovar uma povoação de caráter temporário, geralmente formada em função de certas atividades sua atividade medicinal e verificar efeitos colaterais ou mesmo tóxicos advindos de seu uso. Há um extenso caminho que vincule o conhecimento tradicional aos científicos. Sabemos que ainda hoje, muitas plantas são utilizadas pelas pessoas, a maioria dessas plantas de uso tradicional ainda carece de estudos que possam comprovar sua atividade

medicinal e verificar efeitos colaterais ou mesmo tóxicos advindos de seu uso” (GUIÃO *et al.*, 2021, p. 116).

A preocupação de Saint-Hilaire em saber sobre os alcances e os limites das propriedades dos recursos naturais nas regiões descritas por ele continua sendo objeto de estudo no tempo presente. Ainda assim, destacamos seu esforço em catalogar e sistematizar esse material que ainda é muito útil na atualidade.

Passando da observação dos recursos usados para as enfermidades e buscando saber quem eram os praticantes, Saint-Hilaire (1941[1833] disse ter conhecido, durante o tempo em que esteve doente, os dois médicos que clinicavam em Tijuco. O Dr. Couto, que segundo ele, tinha percorrido toda a Europa e era dotado de uma vasta cultura, e o Sr. Teixeira, que mesmo sem ter viajado tanto, estudara muito e adquirira grande experiência

Perguntei-lhes o que pensavam dos numerosos vegetais a que os colonos em Minas atribuem a propriedade de curar radicalmente as moléstias venéreas e que quase sempre são violentos purgativos; fiz a mesma pergunta ao cirurgião Barros e todos três me responderam que os remédios antissifilíticos dos agricultores não produziam outro resultado que o de dar à moléstia um curso diferente, sem destruí-la (SAINT-HILAIRE, 1941[1833], p.64).

A passagem acima demonstra a preocupação de Saint-Hilaire em investigar a aplicabilidade dos recursos naturais no Distrito dos Diamantes. Ele não desconsiderava por completo a medicina popular. No entanto, a partir desses conhecimentos locais queria buscar respostas sobre o que seria possível e útil à ciência. Para o estudo das moléstias em Minas, o francês tomou como base alguns casos que pôde observar quando de sua estada na região, como os que atingiram aos membros de seu grupo, como o caso de Firmiano, de Prégent e de outras pessoas que conheceu lá.

Saint-Hilaire disse ter conhecido na Serra da Piedade a irmã Germana, uma beata nascida em Minas Gerais em 1782<sup>131</sup>. Ele escreveu que em 1808, Germana havia sido atacada por afecções históricas, acompanhadas de convulsões violentas. Na época em que esteve lá (1817), ela se encontrava no leito

Durante o curso de sua moléstia, sua devoção crescia dia a dia: queria jejuar completamente às sextas e sábados; a princípio sua mãe quis impedi-la, mas GERMANA declarou que durante êsses dois dias era-lhe inteiramente impossível tornar qualquer alimento e daí por diante ela passou-os sempre na mais completa abstinência. Para satisfazer sua devoção pela Virgem ela se fez transportar à serra da Piedade, cuja capela fôra erguida sob a invocação de N. S. da Piedade, e obteve permissão de morar nesse asilo. Lá, meditando um dia

---

<sup>131</sup> Ver ALGRANTI, L. M. Honradas e devotas: mulheres da colônia, condição feminina nos conventos e recolhimentos do sudeste do Brasil, 1750-1822. Rio de Janeiro: José Olympio, Brasília: EdUNB, 1993, p.90.

sobre os mistérios da paixão, ela entrou numa espécie de êxtase; seus braços endureceram e estenderam-se em forma de cruz; seus pés cruzaram-se igualmente e ela se manteve nessa atitude durante 48 horas. À época de minha viagem havia 4 anos que esse fenômeno se dera pela primeira vez e daí por diante êle se repetira semanalmente. A irmã Germana tomava essa atitude extática na noite de quinta para sexta-feira, conservando-se assim até à noite de sábado para domingo, sem fazer um movimento, sem proferir uma palavra, sem tomar qualquer alimento (ibid., p. 118-119).

Saint-Hilaire achava extremante necessário observar os mínimos detalhes com os quais se deparava. Ele descreveu que o fenômeno que ocorria com a beata Germana se espalhou rapidamente, e por isso, milhares de pessoas, testemunhando o que acreditavam ser um milagre, proclamaram-na como santa

[...] e dois cirurgiões dos arredores aumentaram ainda a veneração pública, declarando por escrito que o estado da doente era sobrenatural [...] Entretanto, um médico muito culto, o Dr. Gomide<sup>132</sup>, da Universidade de Edimburgo, achou-se no dever de refutar a declaração dos dois cirurgiões e, em 1814, fez imprimir no Rio de Janeiro, sem o nome do autor, uma pequena brochura, cheia de ciência e de lógica, onde prova, com uma multidão de autoridades, que os êxtases de Germana não eram senão o resultado de uma catalepsia<sup>133</sup> (SAINT-HILAIRE, 1941[1833], p. 119).

Saint-Hilaire escreveu que mesmo após o parecer do médico Antônio Gonçalves Gomide, dizendo que o caso de Germana era uma condição da catalepsia e não algo sobrenatural, as pessoas continuaram subindo ao alto da serra para contemplá-la. Conforme, Silva, Facchinetti e Kury (2011) “tanto o médico quanto o naturalista viram os episódios da irmã Germana como observadores externos, descreveram os êxtases da beata numa postura esperada dos homens da ilustração, seguindo o método da observação da experimentação, pilares do conhecimento científico do período” (SILVA *et al.*, 2011, p. 341). Percebemos que o botânico tinha muita preocupação com as crenças locais. Por isso, fazia uma espécie de separação entre o que considerava crença e o que achava que era possível. Ele escreveu que quando chegou ao alto da serra pediu para ver a irmã Germana. Assim, ele tentou experimentar nela a ação do magnetismo animal<sup>134</sup>

---

<sup>132</sup> Formado em Direito em Coimbra e Médico na Universidade de Edimburgo.

<sup>133</sup> Saint-Hilaire em nota informou o nome da brochura do Dr. Gomide e que foi impressa “Impugnação analítica ao exame feito pelos clínicos Antonio Pedro de Souza e Manuel Quintão da Silva em uma rapariga que julgaram santa na Capela da Nossa Senhora da Piedade da serra, próxima à Vila Nova da Rainha do Caeté etc.” Rio de Janeiro.

<sup>134</sup> As práticas mesmeristas se baseavam na teoria de Franz A. Mesmer, que acreditava ser possível restaurar a saúde através do restabelecimento do livre trânsito do fluido magnético no corpo. Mesmer promovia sessões terapêuticas nas quais os pacientes eram submetidos a “passes” e entravam em transe. Essas práticas também ficaram conhecidas como magnetismo animal. Extraído de: SILVA, Simone S. de Almeida; FACCHINETTI,

Antes de subir à serra, para ver GERMANA durante seus êxtases, pretendia experimentar nela a ação do magnetismo animal ; mas a presença de várias testemunhas impediu-me de fazê-lo com regularidade. Entretanto, sob pretexto de tomar o pulso da doente, coloquei minha mão esquerda sobre a sua e pús-me na disposição de espírito exigida pelos magnetizadores; nenhum resultado obtive, mas, para ser exato, devo confessar que minha atenção era desviada sem cessar pela presença de testemunhas e por suas conversas (SAINT-HILAIRE, 1941, p. 123).

Auguste de Saint-Hilaire escolheu um exame *in loco*, avaliando a pulsação da beata, observando seu estado geral e realizando algumas experiências sobre seu corpo, como o passe magnético. A orientação empírica fazia parte do projeto ilustrado do contexto de Saint-Hilaire, como uma tentativa consciente para explicar o mundo físico e humano. A diferença entre o parecer médico dado para a irmã Germana pelo Dr. Gomide e o feito por Saint-Hilaire e os cirurgiões, era que aqueles se basearam nos relatos que colheram de populares e na orientação de base ilustrada, e no caso de Saint-Hilaire, em sua própria experiência com a beata.

Cabe lembrar, que no século XIX houve a disputa entre a capacidade de cada grupo em se legitimar acerca do conhecimento médico. As pessoas passaram então, cada vez mais se especializar para poder “localizar” as doenças. Dr. Gomide, ao criticar o parecer dos práticos, mesmo não tendo ido ao local onde ocorreria o fenômeno, na Serra da Piedade, nos faz refletir sobre a forma de classificação das doenças naquele período. No século XIX, as moléstias passaram por uma espécie de “enquadramento”, objetivando com isso, a criação de um conhecimento específico para elas. No entanto, Charles Rosenberg em “Tyranny of diagnosis” ressaltou que “nem todos os médicos do início do século XIX acreditavam que valia a pena construir nosologias formais. O grau em que as doenças são modificadas pela constituição, estação do ano, clima e uma infinita variedade de circunstâncias acidentais, torna-se pelo menos duvidoso (TROTTER, 1804, p. 82-83 *apud* ROSENBERG, 2007, p. 07). Dessa maneira, o diagnóstico ao mesmo tempo que ajudava, parecia limitar, e as teorias médicas, que levavam em consideração os costumes, a natureza física, o entorno e a alimentação ainda estavam bem latentes.

Destacar esse trecho do estudo desenvolvido por Rosenberg nessa parte da dissertação teve por objetivo compreender o porquê das disputas de narrativas entre médicos formados em

---

Cristiana; KURY, Lorelai Brilhante. Os êxtases da irmã Germana: diferentes interpretações em torno das doenças nervosas no Brasil. Rev. Latinoam. Psicopat. Fund., São Paulo, v. 14, n. 2, p. 329-345, junho 2011, p. 337. Nas teorias do mesmerismo um fluido invisível “magnético” corria pelo corpo das pessoas. Isso foi utilizado no tratamento de doenças.

academias e outros praticantes, como foi o caso do Dr. Gomide e dos cirurgiões Antonio Pedro de Sousa e Manuel Quintão da Silva. Essa discussão acompanhou o contexto social da época, em que se buscava refinar cada vez mais as técnicas e a gestão dos indivíduos e grupos, por meio de um modelo de medicina amparada no projeto do Iluminismo.

A descrição das plantas úteis e das práticas de cura por Saint-Hilaire nos faz perceber a relação entre o trabalho científico e desenvolvimento da medicina, no início do século XIX. A reunião sistemática de todas as descobertas notáveis no ramo da ciência natural parecia ser o que era possível de se fazer naquele período. Mesmo que conseguissem confirmar o poder curativo ou não de algumas plantas, algumas análises ainda eram passíveis de dúvida<sup>135</sup>. Apesar do raso conhecimento dos praticantes populares sobre a propriedade das plantas constatado por Saint-Hilaire, ainda assim, ele não desconsiderou a importância daqueles saberes.

### **3.2.8 A cultura de Goiás**

#### **3.2.8.1 Religião e instrução**

Para escrever sobre aspectos culturais de algumas regiões de Goiás, Saint-Hilaire (1937[1843]) utilizou os trabalhos de Cunha Mattos e de Luiz Antônio da Silva e Souza. Além do clima da região, que segundo ele, corroborava para a apatia e para o incesto, a distância entre a paróquia e os habitantes impedia os goianos de manterem alguma ideia de religião, de moral e de uma vida “civilizada”. Além disso, os que puderam se instruir, acabavam optando por ficar, na maioria dos casos, no litoral ou na Europa. Isso dificultava a circulação desse conhecimento entre as demais pessoas de Goiás.

O botânico destacou que os escolásticos goianos eram os únicos que possuíam alguma instrução, e que se Clero instruisse as demais pessoas com seus conhecimentos, elas não seriam ociosas e sofreriam menos com a destruição causada pela má administração. Saint-Hilaire acreditava que os sacerdotes deveriam reprimir essa ociosidade, mas esses “esqueciam que pertenciam à comunidade cristã”, uma vez afastados de seu superior. As pessoas instruídas com valores cristãos, geralmente escolhiam viver no litoral. Esse afastamento entre Goiás e o centro era um dos seus males na visão do viajante.

---

<sup>135</sup> Cabe lembrar que no século XVIII a química fez descobertas significativas. O químico Antoine-Laurent de Lavoisier (1743-1794) por exemplo, contribuiu para a mudança de perspectiva dessa ciência de qualitativa para quantitativa. Isso ajudou na formulação de remédios para o tratamento de muitos males, por meio de regras mais objetivas. No entanto, essas conclusões na primeira metade do século XIX ainda careciam de mais estudos.



Saint-Hilaire escreveu que na época em que Goiás era próspero criou-se em Vila Boa (antiga capital e atual município a Leste de Goiás) uma cátedra de filosofia e de moral, uma de retórica e uma de gramática latina. No entanto, na época em que esteve naquela região não se via mais do que um professor de gramática em Meia Ponte (Pirenópolis), um em Vila Boa e um mestre-escola nas principais povoações. O viajante atribuiu à superstição, a infração das leis, a ignorância do povo e a vivência em um lugar longínquo. As crenças populares e as superstições foram bastantes criticadas pelo naturalista. Essa cultura se desenvolvia pelo fato de estarem afastados do litoral, onde tinham pessoas instruídas e melhores espaços de divulgação do conhecimento. Em mais um momento percebemos que na concepção do naturalista, a posição geográfica de Goiás implicava nos costumes da sociedade.

Saint-Hilaire destacou em inúmeras passagens que os goianos eram menos educados e hospitaleiros que os mineiros. A ignorância era percebida também a partir da falta de instrução religiosa, que levava à prática da concubinação e à crença em superstições. No entanto, para ele, outro determinante para a falta de instrução era o calor excessivo. Como vimos até aqui, a ociosidade pela falta de instrução eclesiástica, a crença em superstições, ocasionados pela distância entre a província e o litoral, e o calor da região que degenerava os costumes são alguns dos elementos que para ele explicam a falta de “civilização” em Goiás.

Uma solução apontada por Saint-Hilaire foi a divisão das paróquias e a exigência de pastores que fizessem doutrinação todos os domingos, catequizando as crianças. Ele destacou a presença do sacerdote estrangeiro Joseph, que segundo ele, deu aos goianos ensinamentos úteis acerca do cultivo das terras e outras exortações, consideradas pelo francês como “virtuosas”. Saint-Hilaire sugeriu que outros sacerdotes estrangeiros deveriam ir a Goiás, a fim de restituir e educar os habitantes dali na ciência e nos bons costumes. Ele achava que esses estrangeiros prestariam assistência à população pobre e ajudaria a torná-las civilizadas. Não só os eclesiásticos prestariam esse tipo de serviço aos habitantes de Goiás, mas o próprio Saint-Hilaire esperava que com os relatos que escrevera pudesse ser útil

E quanto a mim, se souber que a minha débil voz pôde ser ouvida, que alguns dos conselhos que aqui sugiro timidamente lograram frutificar, não mais me lamentarei de ter passado em desertos, no meio de privações constantes, longe da família e da pátria, os mais belos dias da minha existência; não chorarei mais a perda da saúde; poderei dizer de mim para mim: Resgatei a dívida da hospitalidade, e minha passagem na terra não foi inútil” (SAINT-HILAIRE, (1944[1847], p.343).

Diante disso, mais uma vez percebemos que para Saint-Hilaire a matriz civilizacional era estrangeira. Eles prestariam aos goianos, segundo o botânico, sábios serviços, e com isso, esses habitantes seriam mais civilizados e talvez até mais prósperos na visão do naturalista.

Para ele, em Minas Gerais os habitantes se mostravam mais bem dirigidos, e poderiam ser usados como referência para a região de Goiás .

Ainda no intuito de destacar os relatos feitos sobre a cultura de Goiás, busquei pelos festejos que o francês observou quando esteve na região. Assim como em Minas, ele pôde participar de alguns deles. Quando esteve em Santa Luzia

Estavam acabando de celebrar as festas de Pentecostes. [...] Durante este espetáculo assás monótono, eu conversava com o cura, e não tardei em verificar que ele reunia instrução a minha amabilidade. [...] Quando os exercícios terminaram, cada qual se retirou, as senhoras voltaram para suas casas. Sem uma circunstância extraordinária as brasileiras do interior não se animaram, certamente, a subir durante o dia, a não ser para ir à igreja. Assim como as de Minas, estas [...] mal levantando os pés, não olhando nem à direita, nem à esquerda, e respondendo, no máximo, por uma leve inclinação de cabeça às saudações que lhes eram dirigidas (SAINT-HILAIRE, 1937[1833], p. 24-25).

Para ele, o festejo que em essência deveria ser religioso, mesclava-se a divertimentos profanos. O viajante destacou, assim como em Minas, a conduta das mulheres goianas, que segundo ele, eram poucos sociáveis. Para o botânico as pessoas em geral não se interessavam em adquirir um conhecimento que pudesse agregar em suas faculdades intelectuais, e por isso não se preocupavam em ter uma vida pública. Diante disso, ele ressalta que as pessoas mais instruídas que viajavam para lá, não teria como praticar seu conhecimento, pois chegando lá, não teriam pessoas instruídas que pudesse compartilhar seus saberes, uma vez que elas não circulavam em espaços públicos .

Saint-Hilaire destacou que em 1819 havia em Meia Ponte um professor de gramática latina, pago pelo governo, no entanto, achava que não teria muitos alunos interessados nesse ensinamento

Se um homem instruído for arremessado a qualquer das povoações de Goyaz, não encontrará ninguém com quem possa cultivar os seus gostos e ocupações favoritas; se encontrar dificuldades, ninguém o poderá ajudar a vence-las, e jamais a emulação sustentará a sua coragem; perderá pouco a pouco o gosto pelos estudos que faziam a sua felicidade, abandonai-os-á completamente, e terminará passando uma existência tão vegetativa como a daqueles que o rodeiam” (SAINT-HILAIRE, 1937[1848]), p. 64).

Nessa passagem percebemos que as pessoas instruídas, uma vez que fossem para Goiás e lá se estabelecessem, na concepção de Saint-Hilaire, além de não poderem praticar o que aprenderam, pela falta de pessoas instruídas na região, também teriam suas faculdades intelectuais afetadas com o passar do tempo vivendo em Goiás. Isso demonstra que para ele a região em si já alteraria o “espírito” das pessoas.

Outro festejo observado em Goiás, se deu em Mandiga, a “Festa de São João”. Saint-Hilaire destaca como peculiar do Brasil, as modinhas, a alegria do povo, os tiros de pistolas e os tocadores de viola. O batuque e as danças foram considerados por ele como obscenos. Ele enfatizou que esse costume tinha por origem o continente africano. Com essa informação, mais uma vez estamos diante de uma explicação cuja variante era a questão racial. A mestiçagem ocasionada pela escravidão fez os goianos adquirirem os costumes advindos de povos africanos, e na concepção de Saint-Hilaire, a única vantagem da população vinda de África era a disposição para o trabalho braçal. Para ele, seus costumes não poderiam causar influências positivas. A falta de homogeneidade cultural era um problema para Saint-Hilaire, pois acreditava que para o progresso das nações, todos deveriam ser formados pelo mesmo “espírito”. Mas o sistema colonial fez o Brasil ser dividido entre americanos, estrangeiros, negros africanos, cujos interesses não poderiam unificar-se.

Apesar da população que o botânico considerava ser isenta de instrução, Saint-Hilaire encontrou alguns dos homens inteligentes e distintos, eram eles, Fernando Delgado, que governava Goiás, Raymundo Nonato Hyacinto, o escrivão da Junta da Fazenda Real, e o padre Luiz Antonio da Silva e Sousa, que escreveu “Memórias estatísticas” – que na época, governava a diocese de Goiás.

Em suma, as práticas religiosas, os festejos e outras formas de diversão que eram válidas para Saint-Hilaire, eram os que se assemelhavam aos da França. Para reforçar essa ideia, destaquei que uma festividade que chamou atenção dele. Ele descreveu a festa da Nossa Senhora da Abbadia durante sua estada em Santa Cruz. Segundo ele, se celebrava todos os anos com muita pompa em povoações distintas do Brasil. Menezes e Oliveira (2021) destacaram que esse festejo lhe chamou a atenção, uma vez que a devoção à santa teve origem na França.

Percebemos que mais uma vez o espelho europeu refletia nos parâmetros de religião, de formas de instrução, e dos demais aspectos culturais usados por Saint-Hilaire. Eram os elementos ligados à sua cultura que mais lhe chamaram a atenção, como exemplo da festa da Nossa Senhora da Abbadia. Nessa festa tinha ópera, cujos participantes eram os mais abastados da redondeza. Ele ressaltou que quase sempre uma história do velho romance de Carlos Magno e dos doze pares de França era representada. Dessa forma, entendemos que não faltavam elementos da cultura europeia nesse festejo, e por isso a festa despertou o interesse do botânico.

### 3.2.8.2 As práticas de cura

Acerca das práticas de cura e usuais em Goiás, Saint-Hilaire destacou que a falta de cultivo das faculdades intelectuais fazia com que os goianos, assim como muitos mineiros acreditassem em magias e simpatias para o tratamento de doenças. No entanto, observou algumas práticas que não eram puramente crenças. Saint-Hilaire (1937[1848]) escreveu ter visto que os habitantes de Meia Ponte se banhavam no Rio das Almas, a fim de manterem a saúde em bom estado. Ressaltou que a doença mais comum ali era a hidropisia. “Parece, pelo que diz o doutor Pohl, que, na estação das chuvas, a água do regato, suja, sem dúvida, pelo trabalho das lavagens, não é mais quase potável, o que indubitavelmente deve prejudicar a saúde dos habitantes” (SAINT-HILAIRE, 1947[1848], p. 63).

Na concepção de Saint-Hilaire e de seus contemporâneos, a qualidade da água contribuía para a saúde dos habitantes. Nas percepções de Pohl, o volume de chuvas alterava a qualidade da água do Rio das Almas, pois ele poderia contaminar o rio ao misturar suas águas com elementos tóxicos utilizados na atividade mineradora.

Como pudemos ver, mais uma vez em Saint-Hilaire, a compreensão do modo de vida dos habitantes não se dissociava do entendimento dos aspectos ligados ao meio ambiente. Se a estação das chuvas influenciava a qualidade de água dos rios e de vida da população, ele tentou discernir, quais os meses do ano que não haveria muita precipitação, sendo, portanto, menos insalubres.

As transformações dos fenômenos naturais na explicação da doença nessa região de Goiás dada por Saint-Hilaire está amparada nas teorias médicas utilizadas em sua época. No tratado “Ares, água e lugares”, Hipócrates escreve que a qualidade da água, serve em grande medida, no mapeamento tanto das doenças quanto da qualidade de vida dos habitantes. No ideário hipocrático, se a má qualidade da água provocava doenças, a água, quando apropriada, ajudaria o indivíduo a recobrar a sua saúde.

Apesar de ter explicado as transformações dos fenômenos naturais que acarretavam doenças a partir das referências médicas de sua época, cuja compreensão do modo de vida dos habitantes não se dissociava do entendimento dos aspectos ligados ao meio ambiente, isso não significa que ele tenha sido diretamente influenciado por Hipócrates. Como muitas pessoas se baseavam nessas ideias, ele pode ter usado o determinismo ambiental de uma forma mais geral, que tenha Hipócrates como pano de fundo.

### 3.2.9 A economia de Minas

Apesar de a mineração ser um dos eixos centrais para se entender a formação econômica de Minas Gerais, com a crise no desenvolvimento dessa força produtiva, percebemos que outras atividades se formaram na região. Nesse subcapítulo, procurei descrever parte dos relatos mais relevantes que Saint-Hilaire fez acerca da atividade de mineração, da atividade agrícola, de outras formas de economia, além da administração das regiões percorridas em Minas.

O botânico ressaltou que em Matias Barbosa (atualmente um município mineiro) não seria o local mais adequado para a aduana da Província de Minas, mas que há cerca de setenta anos essa função havia se deslocado para lá, e desde então, uma numerosa população se fixou ali. No que diz respeito à Vila Rica, o francês disse que existia uma fábrica de pólvora que estava localizada fora da vila, isolada no meio dos morros. Atestou ainda a existência de uma fábrica de louça, que havia se estabelecido há poucos anos a pequena distância de Vila Rica. O botânico escreveu que não existia nenhuma espécie de manufatura nessa região, sendo a atividade mineradora a mais importante da localidade.

#### 3.2.9.1 A atividade de mineração

O extrativismo mineral foi muito importante para a economia de Minas Gerais, desde o Brasil Colônia até a atualidade. Apesar de a passagem de Saint-Hilaire por essa região ter sido no início do século XIX, ele já ressaltava os impactos ambientais advindos dessa atividade econômica. O botânico escreveu que após ele e seu grupo atravessarem Mariana, nas montanhas chamadas Serra de Catas Altas, avistaram homens negros e “mulatos” no campo que estavam procurando por ouro. Ele ressaltou que houve um tempo em que esse metal precioso era encontrado de forma abundante em Vila Rica, em Sabará, na Vila do Príncipe, entre outras regiões mineiras. Aventureiros acreditando que as jazidas eram inesgotáveis, despendiam impreviavelmente todo o ouro. Na cultura da previdência se pensava de modo a poupar recursos para o futuro. No entanto, Saint-Hilaire destacou que os primeiros mineradores não conheciam maneiras de capitalizar. Compravam como meios de exploração, negros e burros, e à medida que o metal era extraído, iam para os comerciantes de Londres e de Lisboa. Porém, para Saint-Hilaire, não era só a falta de previdência que corroborava para o *status* decante atribuído pelo viajante à Vila Rica, mas outras variantes.

O viajante-naturalista destacou quatro causas determinantes para a decadência da Província de Minas, de forma geral. A primeira, foi o sistema agrícola, apontado por ele como

ruim. Ele escreveu que tanto os primeiros habitantes do Brasil quanto os da época em que ele esteve aqui, não se interessavam em conservar sua terra “Com exceção da Província do Rio Grande do Sul, da de Missões e da Província Cisplatina, não se fez uso, no Brasil meridional, nem do arado, nem de fertilizantes: todo o sistema de agricultura brasileira é baseado na destruição das florestas, e onde não há matas não existe lavoura” (SAINT-HILAIRE, 2019[1830, p. 90).

A segunda causa que julgava determinante para a decadência de Vila Rica foi a destruição das matas, que segundo ele, o próprio governo era quem deveria se opor e ensinar um processo de cultivo mais racional para as florestas que ainda restavam. “Uma reforma do sistema da agricultura empregado até agora remediaria todos esses males. Adotem os mineiros o uso do arado e dos fertilizantes, e não mais terão necessidade de destruir suas matas [...]” (SAINT-HILAIRE, 2019[1830, p. 92).

A terceira causa da decadência da Província de Minas apontada por Saint-Hilaire foram os desdobramentos da Inconfidência Mineira (1789-1792), cujo movimento consistiu nos princípios da Revolução Francesa, externando suas ideias. Para Saint-Hilaire, o temor a punições como a de Tiradentes, indivíduo do movimento que foi executado, afastou homens célebres e distintos da região, bem como os seus talentos.

A última causa indicada por Saint-Hilaire e que contribuiu para a decadência da Província de Minas Gerais foram os longos prazos para pagamento concedidos aos adquirentes de bens confiscados. A impossibilidade de os dizimeiros cumprirem com as cláusulas de contratos acarretou sucessivamente a apreensão pelo fisco de grande número de propriedades rurais

Eram vendidas em hasta pública, e concediam-se aos arrematantes prazos bastante longos para efetuar os pagamentos. Muita gente adquiria bens sem dinheiro e sem esperança de jamais possuí-la, gozavam dos rendimentos durante o prazo de crédito que lhes era concedido; mas não tomavam o menor cuidado com uma propriedade de que estavam certos de ser despejados, e as mais belas habitações, assim vendidas e revendidas várias vezes, acabaram por se deteriorar completamente (SAINT-HILAIRE, 2019[1830], p.95).

Essa passagem reforça a falta de previdência apontada como uma das características dos mineiros. Não poupavam créditos porque não tinham perspectiva em adquirir vantagens econômicas futuras. Essas pessoas consideradas pelo naturalista como imprevidentes, pela falta de educação ligada à economia, não poderiam contribuir para que a província prosperasse.

Saint-Hilaire ressaltou que as terras que não tinham proprietários pertenciam ao Rei. Caso alguém quisesse se tornar dono de um terreno livre teria que dirigir uma petição ao general da província, que remetia o pedido à Câmara do Distrito, a fim de saber se o terreno tinha dono.

Caso não tivesse, o juiz das sesmarias concedia as terras requeridas. No entanto, Saint-Hilaire ressaltou que a posse de uma sesmaria concedia apenas o direito de cultivá-la e não ser dono da mesma

É necessário um título especial para poder retirar o ouro da terra, e esse título é concedido pelo oficial ao qual se dá o nome de guarda-mor. Consegue-se o direito de procurar ouro em um terreno cultivado por outro, mas debaixo da obrigação de conceder uma indenização ao lavrador (SAINT-HILAIRE, 2019[1830]).

O sistema colonial promovia disputa entre forças no país. Os homens ligados à Coroa portuguesa gostavam de conservar sua superioridade diante da sociedade. Esse trecho destacado acima, acerca das propriedades, quando sem dono, eram do rei, exemplifica isso. A falta de compromisso em estabelecer uniformidade no reino perdurou ao longo do processo de colonização. A falta de união não seria apenas em proveito da economia, mas da educação, da moral e da política. Percebe-se que a história da colonização brasileira atravessa as explicações de Saint-Hilaire quando busca por explicações para o funcionamento da sociedade no momento de sua estada no Brasil.

Quando esteve em Vila do Príncipe, Saint-Hilaire disse ter visitado o lugar onde se fundia o ouro, a Casa de Fundição. O francês explicou o funcionamento do “quinto”, imposto cobrado pelo governo do Brasil durante o período colonial “Particulares podiam, mediante certas condições, extrair o ouro da terra; mas, ao mesmo tempo, eram obrigados a pagar ao governo a quinta parte do resultado desse trabalho” (*ibid.*, p.148). Para indicar a data que acredita ser a de início de funcionamento dessa repartição, o botânico utilizou as referências de Pizarro e de Southey, que informaram que a criação da Casa de Fundição do ouro datava entre os anos 1719 e 1720.

Muitas informações acerca das regiões que percorria, Saint-Hilaire obteve com os ilustrados dos lugares que percorreu, como D. Manoel de Castro e Portugal (governador da Província de Minas na época) e o Sr. João Carlos Augusto D'Oyenhhausen (governador da Província do Mato Grosso). Isso demonstra que as informações de outras pessoas sobre a região ajudaram Saint-Hilaire a elaborar seus relatos.

As narrativas construídas por Saint-Hilaire e por esses escritores utilizados por ele para escrever sobre as atividades econômicas, sobretudo as de mineração, parecem evidenciar que essas impressões contribuíram para reforçar o *status* de decadência de algumas regiões mineiras após o declínio do ouro. Muitos narradores não deram muita ênfase às estratégias dessa sociedade para contornar o esgotamento das jazidas. No início do século XIX, as atividades desenvolvidas por lavradores, fiandeiras, faiscaidores, ferreiros, administradores civis,

profissionais ligados ao transporte, entre outros, parecem não ter sido consideradas por esses escritores porque imprimiam sempre que podiam, um olhar preconceituoso em relação a forma de organização dessas sociedades.

### **A atividade de mineração no Distrito Diamantino**

Conforme já mencionado, muitos arraiais e vilas se constituíram à medida que o ouro ia sendo descoberto. No tocante ao extrativismo mineral da região diamantina, quando Saint-Hilaire esteve na cidade de Sabará, região que para ele também estava ligada à descoberta das minas, o viajante disse que à medida que o ouro desaparecia, a população desaparecia também, dirigindo-se às regiões agrícolas. Dessa maneira, na região diamantina o botânico também escreveu sobre a retração populacional em decorrência dos esgotamentos das jazidas

Na Aldeia de Santo Antônio, ele escreveu que apesar do número de casas em mau estado, aqueles arredores já haviam sido ricos em ouro. Na habitação de Ana de Sá, situada a poucas léguas de Vila Rica, disse haver terrenos nunca explorados, pois os habitantes não dispunham mais de capital e de pessoas para explorar suas minas. Na descrição de Saint-Hilaire sobre a atividade de mineração no Distrito dos Diamantes, também se identifica o estabelecimento de um condicionamento social a partir do progresso material.

Baseado nas descrições de Saint-Hilaire acerca da exploração aurífera em minas, percebemos que o seu período áureo já havia se findado quando ele visitou a região. Contudo, apesar do abandono destacado por ele, sobretudo em Vila Rica, por causa do declínio dessa atividade, muitos mineiros aproveitaram o período em que ainda era intensa a exploração aurífera, para usar os ganhos adquiridos com ela na instrução, sobretudo dos jovens. Essa questão pode ser uma das razões para que a região de Minas Gerais, de maneira geral, “aproveitando das Luzes das nações mais civilizadas”, tenha sido o lugar que o botânico encontraria mais elementos para se chegar ao progresso.

#### **3.2.9.2 A atividade agrícola**

Acerca da atividade agrícola mineira, o francês disse que se cultivava a cana de açúcar e os habitantes achavam mais lucro fazer o melaço do que a aguardente. Enfatizou que em geral, cultivava-se pouco o trigo na Província de Minas, pois as pragas chamadas ferrugens atacavam os terrenos. No entanto, ele escreve que se colhia trigo entre a Vila do Príncipe e de Passanha,



e nos arredores da Serra da Piedade, perto de Sabará. As pessoas vendiam esse trigo em Vila Rica e em Mariana. O viajante sinalizou que em geral, o algodão se cultivava com maior êxito. Em Vila Rica, mineradores buscaram constantemente pelo ouro. Logo, Saint-Hilaire enfatizou que mesmo a região sendo propícia à criação de gado, não havia muito tempo que praticavam essa atividade, em decorrência da corrida por pedras preciosas.

Saint-Hilaire disse ter explicado o uso de “mangoal”<sup>136</sup> e a operação do banho de cal aos proprietários dessa região para o trato das ferrugens que assolavam as plantas. O viajante-naturalista parecia feliz quando encontrava pessoas que se interessavam em suas instruções, como o “Sr. Martinho Teixeira [...] esse digno senhor era extremamente alegre, e divertia-se muito em ouvir falar uma língua que não era a de Rio Vermelho. Minhas plantas não o interessavam menos, e suas numerosas perguntas lhe demonstravam a curiosidade” (*ibid.*). Nessa citação percebemos que em Minas, Saint-Hilaire encontrou pessoas que tinham interesse em saber informações que pudessem ser úteis a eles. Buscaremos se em Goiás ele também encontrou pessoas que tinham interesse em aprender com ele, ou ainda de informar, como fizeram muitos mineiros, sobre a utilidade das plantas locais, das práticas de cura usuais e de outras informações que pudessem ser interessantes.

Saint-Hilaire possui um pensamento múltiplo para explicar os processos. O meio ambiente influenciaria a saúde, conforme já tratado aqui, mas era determinante ainda na economia da localidade. Ele destacou que a temperatura baixa da povoação de S. João e a terra vermelha da região dos Carrascos não admitiam a cultura do algodão. No entanto, admitiam a criação de gado.

Conforme analisamos, algumas atividades econômicas dependiam do meio natural para serem bem-sucedidas. Mais uma vez identificamos explicação social e natural trabalhada de forma conjunta nos relatos. “Nos lugares em que se colhe muito algodão, cria-se pouco gado, não só porque os bois são gulosos das folhas do algodoeiro, mas ainda porque podem facilmente jogar no chão os flocos passando perto dos pés dessa planta” (SAINT-HILAIRE, 2019[1830], p. 294). Com isso, Saint-Hilaire consegue estabelecer que o posicionamento geográfico de determinadas regiões mineiras seria mais favorável à agricultura do que outras.

Na região de Formiga, ele escreveu que se cultivava o trigo, mas que não se contentavam somente com isso. Também criavam porcos e os vendiam na Vila do Príncipe e em Tijuco. Isso demonstra que a cultura de determinadas regiões não estava diretamente relacionada ao ócio,

---

<sup>136</sup> Mangual ou malho, instrumento através do qual se malha cereais para debulhá-los.

característica que tanto destaca entre os brasileiros, mas dizia respeito à conformação geográfica do lugar.

### **A atividade agrícola do Distrito Diamantino**

Saint-Hilaire escreveu que as ruas de Tijuco eram largas e limpas, porém, mal calçadas. Cultivam-se couves, alfaces, chicória, batata, algumas ervas medicinais e flores. Saint-Hilaire (1941[1833]) observou que o sistema de agricultura introduzido em Tijuco foi o mesmo adotado em toda a região de Minas Gerais, e que essa forma destruiu as fazendas da parte menos deserta dessa província. Ele disse que os arredores de Tijuco apresentavam solo árido e não produziam nem os gêneros necessários à subsistência dos habitantes dali. Durante a estada nessa região, o francês também pôde observar que os aspectos climáticos afetavam o ciclo vegetativo. Ele explicou que a temperatura em Tijuco permitia a cultura do repolho, e a batata inglesa era plantada em todas as estações do ano. Mas uma vez percebemos que para St. Hilaire, o desenvolvimento de certas culturas, o tipo de meio ambiente seria o fator determinante. As transformações da natureza percebidas durante os meses e ocorridas nas mudanças de estações era um elemento de muito destaque no estudo do naturalista. Pode-se dizer que ter sido sensível à dimensão sazonal e pela oportunidade de ter viajado muitas vezes para a região das Minas permitiram a ele observar a essa região em detalhe, uma vez que esteve lá em diferentes épocas do ano.

Saint-Hilaire diz que em uma quinzena de dias em janeiro o tempo melhorava. A esse intervalo ele escreveu que davam o nome de veranico. “O veranico tem grande influência sobre a colheita observou-se que os grãos de milho se tornam maiores e mais farinhosos quando o veranico, sucedendo às longas chuvas, tem lugar após a floração das plantas, no momento que novos grãos tornam a nascer” (SAINT-HILAIRE, 1941[1833], p. 156). As estações do ano mais uma vez sendo descritas como determinantes para o desenvolvimento das atividades humanas. Isso reforça o argumento de que a relação entre as explicações de caráter cultural e as de caráter natural, se mostram presentes em todo o estudo do naturalista. Por isso, para realizar um estudo sobre botânica do francês, certamente o pesquisador deverá recorrer também aos seus estudos referentes aos elementos culturais e vice-versa.

Por fim, percorrendo a região entre Congonhas do Campo e S. João d’El Rei, o botânico disse que as vastas pastagens que se via eram aproveitadas para a criação de gado, e se fabricavam queijos para vender. Para ele o desenvolvimento da pecuária em Minas também tem correspondência no meio natural. Após o declínio da exploração aurífera e a disposição do solo

na criação bovina, a produção brasileira de queijos em Minas espalhou-se por diversas regiões do país. Isso fortalece a ideia acerca do dinamismo das atividades econômicas a partir da mineração.

O que foi apresentado sobre as descrições de Saint-Hilaire sobre a economia de Minas Gerais revela algumas das atividades que serviram para contornar a economia dessa região quando do esgotamento do ouro. Muitas atividades foram favorecidas pela qualidade do solo, como as regiões no Distrito dos Diamantes, para o desenvolvimento da agricultura, que acabou ainda por favorecer outros tipos de comércio, como o do queijo aqui apontado. No próximo subcapítulo trataremos da economia em Goiás. Com isso, poderemos medir se as regiões apresentavam, na visão de Saint-Hilaire, a mesma vantagem ao desenvolvimento da agricultura.

### **3.2.10 A economia de Goiás**

Assim como para as regiões mineiras, procurei entender as principais atividades econômicas observadas por Saint-Hilaire em Goiás. Busco perceber se o desenvolvimento econômico dessa região descrito pelo naturalista foi diferente do estudo que ele fez em Minas Gerais. Acerca do tipo de moeda utilizada na economia em Goiás “O emprego do ouro em pó, como moeda, tem um imenso inconveniente, o de que todo o mundo pode falsificá-la num instante [...]” (SAINT-HILAIRE, 1944[1833], p.333-34). O francês destacou que a província exportava pequena quantidade de mercadorias e o ouro em pó era o único valor representativo que circulava. Ele via como problema o recebimento do ouro em pó como moeda corrente, pois perdia-se com facilidade, fraudava-se seu peso, sofria contrabandos e o tempo consumido com a realização dessa atividade era muito grande. Cabe lembrar que, em Minas Gerais, até a vinda da Corte para o Brasil em 1808, o ouro em pó também circulava como moeda. A partir da chegada de D. João e de seu aparato burocrático, a circulação do ouro em pó como moeda foi proibida.

#### **3.2.10.1 A atividade de mineração**

Assim como em Minas, a produção aurífera foi intensa em Goiás. No entanto, a distância dessa última em relação ao Rio de Janeiro, parecia um entrave não só ao seu progresso econômico, mas também moral. Marcos Antonio de Menezes e Rodrigo de Oliveira (2021) ressaltam que esse afastamento provocava um atraso nas informações, nos decretos e nas proibições vindos da Coroa. As expedições científicas nessa localidade tiveram início em um

período de esgotamento das jazidas de ouro. A localização geográfica, o difícil acesso ao interior do país, a falta de estradas e a própria situação econômica de Goiás, que na visão dos viajantes estrangeiros, não apresentou novas possibilidades diante do declínio do ouro, fizeram com que essa região não fosse atraente para eles.

Acerca da atividade mineradora em Goiás, Saint-Hilaire ressaltou que os habitantes mais abastados de Vila Boa enviavam seus escravizados para procurar ouro no leito dos rios, quando a extração já não era mais rentável. Para ele, o governo despótico tinha dificuldade em entregar essa tarefa a homens competentes, e por isso, a exploração ficava com particulares, inaptos para dirigi-la. Já na província de Minas, Saint-Hilaire destacou que os acionistas eram livres para trabalhar onde parecia ser melhor para eles.

Mais uma vez o despotismo, esse sistema de governo europeu que veio para o Brasil juntamente com a colonização, foi apontado pelo viajante como entrave ao progresso da região. Isso reforça que em mais um momento, para a explicação do funcionamento da sociedade como um todo, ele recorreu aos elementos históricos. A arbitrariedade e a falta de liberdade dos exploradores em realizar suas atividades era um dos traços da economia percebida ali e que tinha raízes no passado.

Saint-Hilaire escreveu que os colonos retiraram da terra todo o ouro que puderam e sem previdência, sem pensar que esse se esgotaria. Ainda segundo ele, a descoberta das minas de ouro teve o inconveniente de lançar para longe das costas da capital um número expressivo de pessoas que caíram em indigência quando as minas se esgotaram.

Saint-Hilaire relacionou os aspectos morais ao desenvolvimento econômico dos habitantes de Goiás. É importante reforçar que quando do esgotamento das jazidas de ouro, o governo não pensou em imediato em outra produção que pudesse dar conta da substituição desses minérios, e nem promoveu o financiamento de outras atividades que permitissem com que as pessoas substituíssem imediatamente o garimpo por outra economia.

Apesar de estar em declínio no momento da viagem de Saint-Hilaire, ainda existiria produção aurífera, caso tivessem braços aptos a trabalhar nessa atividade sob a supervisão do governo. Mas, a falta de autonomia e de liberdade para se trabalhar, barrou cada vez mais essa possibilidade. Para Saint-Hilaire, somente o governo poderia ordenar essa ação, mas imbuído de seus próprios interesses, cujo comportamento tinha raízes seculares, a mineração estagnou.

### 3.2.10.2 A atividade agrícola

Sobre o sistema de agricultura empregado em Goiás, Saint-Hilaire destacou que foi o mesmo adotado em todo o país “Queimam-se as florestas e semeia-se nas suas cinzas; depois de algumas colheitas, deixam-se brotar novos bosques, que se cortam por sua vez; continua-se assim até que a terra não produza mais que capim, e então abandonam-na” (SAINT-HILAIRE, 1944[1847], p. 325). O botânico destacou que de acordo com a localidade, pode-se produzir com maior ou menor abundância milho, mandioca, arroz, açúcar, algodão e o café, que naquela época o cultivo desse último ainda era muito recente. Além do cultivo de plantas que segundo ele, possuem valores consideráveis, um país poderia enriquecer mediante trocas de artigos com outras regiões, a fim de obter produtos que não tem. No entanto, “A distância enorme de Goiás às grandes cidades e aos portos de mar não permite aos colonos exportar artigos que, sob grande volume, tem pequeno valor;” (*ibidem*, 326-327). Dessa maneira, em mais um momento, ele acaba atribuindo à distância entre a província de Goiás e o mar a causa da miséria dessa região.

Saint-Hilaire acreditava que a agricultura voltada para a exportação poderia ser vantajosa aos goianos. Cultivando o solo, poderiam produzir abundantes colheitas. Assim como na atividade de mineração, o francês acreditava ainda que a intervenção do governo, mandando construir fornos para a fundição e produção de ferro conveniente ao interior, livraria os goianos dos impostos pagos por eles aos fabricantes europeus. Em mais um momento Saint-Hilaire destacou que um governo que impusesse ordem às atividades de cultivo do solo, assim como acreditava que deveria ser na extração do ouro e no funcionamento das minas de ferros, fosse um dos caminhos para o desenvolvimento econômico de Goiás. Na visão do botânico, os meios para o progresso da economia deveriam ser fornecidos pelo governo.

A indolência percebida pelos lavradores em Goiás também se deu em razão da má administração por parte dos superiores. Para Saint-Hilaire, somente um governo provincial que não estivesse voltado aos seus interesses próprios podia dedicar-se ao país.

Saint-Hilaire (1937[1848]) escreveu que além das espécies usuais entre os brasileiros do interior, as plantas de origem caucasiana, como o trigo e o marmeleiro, eram favoráveis aos arredores de Santa Luzia. No entanto, em nota, destacou que para o viajante Pohl, não se cultivava trigo naquele lugar, mas sim na paróquia de Vila Boa. Alertou ainda que seria perda de tempo cultivar milho, feijão e arroz além do necessário ao sustento, uma vez que não haveria compradores para esse tipo de produto.

Na tentativa de elencar os males sofridos pela economia dessa região, Saint-Hilaire (1937 [1848]) apontou que a dificuldade dos proprietários em vender os produtos era a distância

entre suas terras e os mercadores. Diante disso, acabavam vendendo por qualquer valor nas povoações de Formiga e de Bambuí, província de Minas Gerais. Contudo, destacou que o principal motivo da miséria em Goiás era a preguiça de seus lavradores

Além desses fatores a indolência dos habitantes também foi apontada por Saint-Hilaire, o que também teria resposta na falta de exortação da administração em despertar o interesse desses trabalhadores em vantagens econômicas futuras. Para Saint-Hilaire, com os ganhos da agricultura, os vícios ruins de união ilegítima, os impostos exorbitantes, por exemplo, iriam desaparecer, pois não teriam mais motivos para agirem de má fé com o florescimento e ganhos da agricultura.

Em várias passagens específicas Saint-Hilaire destacou a extração do ouro como fator determinante na fundação de Minas e de Goiás. No entanto, percebemos que com a mineração, houve um maior dinamismo econômico, pois, a agricultura começa a florescer como atividade paralela aquela. Em outros trechos, o botânico destaca que a própria arquitetura e a conformação das cidades também se relacionariam com a exploração do ouro, que em Goiás foi fugaz, diferente de Minas, cuja atividade proporcionou o enriquecimento e surgimento de uma elite letrada.

### **3.2.11 A ordem judiciária em Minas Gerais**

Nessa parte, busco entender a forma de organização da administração civil mineira, seja na elaboração de textos e normas, seja na execução de suas leis, ou de outros fluxos da sociedade. Até o momento, a maior parte das explicações de Saint-Hilaire para a falta de “civilização” em algumas regiões de Minas e de Goiás, esteve relacionada ao determinismo geográfico. Como falaremos sobre a parte que cabe às ações das pessoas, que é o ordenamento judiciário e administrativo em Minas, destacaremos se a explicação dada por ele, foi associada, em alguma medida, ao ambiente físico.

Acerca da administração do Brasil e, em particular, da Província de Minas, Saint-Hilaire destacou que os capitães-generais estavam à frente do seu governo. Conforme o botânico, a maioria deles exerciam um poder arbitrário e não defendiam os interesses do povo. No entanto, Saint-Hilaire salientou que quando eram bem-intencionados, enfrentavam muitos obstáculos, pois a maioria dos brasileiros tinham objetivos próprios e iam se opor à unificação de interesses. O viajante destacou que quando a Corte de Portugal migrou para o Brasil em 1808, os capitães viram que existia um poder acima dos seus, o despotismo do patriarcado e da aristocracia. A falta de homogeneidade entre os brasileiros era um problema na visão de Saint-Hilaire, pois

impedia ao país elevar-se ao nível de desenvolvimento de nações europeias. Para ele a divisão do país era fruto da história de colonização portuguesa.

Saint-Hilaire destacou que entre os planos da colonização não havia a imposição de ordem por parte do governo aos que cometessem delitos. Acerca da forma de punição aos crimes ocorridos em Minas, Saint-Hilaire escreveu que havia uma prisão em cada vila ou termo. Apesar de ressaltar que em Minas os homicídios, segundo ele, eram menos frequentes do que em outras províncias, o número de criminosos era grande. “Compreende-se que em uma região em que a população é tão escassa, e onde as montanhas oferecem tantos asilos garantidos, deve muito fácil escapar à justiça, exercida, talvez, com excessiva negligência” (SAINT-HILAIRE, 2019[1830], p. 158). Dessa maneira, identificamos mais vez em seus relatos a associação entre mundo natural e humano, pois segundo ele a conformação geográfica de determinada região de Minas permitia aos criminosos escapar à justiça.

As zonas pouco povoadas ou isoladas parecem ter sido apontadas como lugares que favoreciam a perda da moralidade dos que nela habitavam. A disposição dos morros era encarada como um facilitador para a ocorrência de crimes. Contudo, a questão do passado histórico do Brasil, de colonização, foi um dos fatores apontados por ele para a falta de ordenamento e de repressão aos maus costumes da sociedade. Para o botânico, o que observou no momento de sua viagem tinha raiz muito mais profunda, que nesse caso era o sistema colonial brasileiro, a história do Brasil.

A história específica de cada região percorrida por Saint-Hilaire implicava, segundo ele, no estado moral e das riquezas naturais de cada localidade. Dessa maneira, identificamos que no estudo promovido pelo francês, as determinações ambientais foram aliadas à história do lugar.

Conforme já mencionado em outros subcapítulos, o afastamento de Goiás em relação ao centro foi comumente apontado por Saint-Hilaire como causa de sua falta de civilização, uma vez que o francês considerava que no litoral estariam as pessoas mais instruídas. Contudo, a história do sistema colonial brasileiro é outro elemento que ele usa para explicar o funcionamento da sociedade. Quando ressaltou sobre os crimes serem facilitados pela conformação natural da região, ele relaciona que para além disso, não havia repressão das autoridades provinciais, uma vez que buscavam constituir-se a si próprio e não se preocupavam com interesses acima dos individuais.

### 3.2.12 A ordem judiciária em Goiás

Saint-Hilaire escreveu que a província de Goiás foi dividida em duas comarcas, e que antes de dom João chegar ao Rio de Janeiro, assim como em Minas, os capitães-generais gozavam de autoridade absoluta. “Um dos maiores inconvenientes que experimentaram os brasileiros depois da chegada do rei ao seu meio foi o de serem governados por homens que totalmente desconheciam a América” (SAINT-HILAIRE, 1944 [1847], p. 306). Para Saint-Hilaire era um erro os ministros aplicarem no Brasil os processos que utilizavam na Europa, uma vez que era um continente demasiadamente diferente, seja em características naturais, seja em características culturais.

O viajante-naturalista sinalizou que o esplendor de Goiás acabou muito rápido. “Algumas cifras colhidas na obra do Dr. Pohl mostram com que rapidez este país, tão rico durante alguns anos, decaiu do seu primitivo esplendor, à medida que o ouro foi ficando mais raro, ou de extração mais difícil. [...]” (*ibidem*, p. 309).

Nesse trecho Saint-Hilaire parece explicar um dos motivos para a decadência da região, que também foge à explicação climática. Muitos mineiros, mesmo os não abastados, puderam conservar por mais tempo a riqueza que galgaram com a exploração do ouro. Com essa riqueza, puderam polir seus filhos e a si mesmo. Em Goiás, a decadência aconteceu muito rápido. A indolência dos goianos era para Saint-Hilaire a principal característica que os distinguiu dos mineiros. Saint-Hilaire não quis com isso, dizer que os goianos não dispunham de inteligência, mas sim que não tinham capacidade de desenvolver sua capacidade intelectual, cuja administração, posição geográfica e elementos históricos tinham parcela considerável de culpa.

O botânico atribuiu à decadência de Goiás também aos excessos dos dízimos e de outros impostos cobrados. Por conta do endividamento e pela cobrança do pagamento desses dízimos, os colonos foram expropriados, fugindo para o deserto, perdendo, segundo ele, elementos da vida tida como “civilizada”. Saint-Hilaire escreveu que os efeitos do dízimo em Goiás foram mais danosos do que em Minas, por isso os goianos eram mais pobres.

### Considerações do capítulo

Nesse capítulo, comparei as narrativas construídas por Saint-Hilaire acerca das regiões de Minas e de Goiás. Tanto a província de Minas Gerais quanto a de Goiás tiveram suas histórias ligadas à exploração do ouro. Contudo, mesmo submetidas a circunstâncias similares,



os relatos que ele produziu sobre essas localidades apresentam distinções, sobretudo quando ele compara o grau de hospitalidade e de instrução dessas capitanias.

Além do grau de hospitalidade e de instrução, para caracterizar essas sociedades, Saint-Hilaire utiliza outros conceitos, como a ociosidade, a indolência, a imprevidência e a polidez. Entre as concepções que utilizou para entender essas regiões e construir um quadro mais completo possível com suas informações, está o determinismo climático. Em grande parte dos relatos esse ideário serviu de explicação para os costumes dessas localidades. Além disso, aliada à determinação climática, estava a história da região, pois para Saint-Hilaire, isso implicava na moralidade e nas riquezas naturais das regiões estudadas.

Por fim, Minas Gerais parece ter sido a região que serviria de modelo para as demais províncias do país, pois segundo ele era mais “civilizada” e reunia habitantes que tinham objetivos mais unificados do que em outros lugares. A polidez percebida em Minas foi explicada pelo ganho do ouro, que permitiu aos mineiros instruir-se. Já o período áureo da atividade aurífera em Goiás aconteceu tão rapidamente, que não foi possível que eles se polissem. Além disso, a distância entre o litoral e a província de Goiás, fez com que a comunicação e a interação com as pessoas “iluminadas” fossem prejudicadas e ocasionando a decadência da região.

O tema da decadência de Goiás é relativizado pela historiografia goiana. Há um consenso sobre a estagnação da produção aurífera. No entanto, a compreensão mais exata da situação social e econômica da capitania precisa levar em conta algumas especificidades que contribuíram para o esvaziamento da região com o declínio da mineração. Além da distância entre o litoral e Goiás, é preciso buscar pela conformação histórica de seu espaço físico.

## Considerações finais

Antes de analisar qualquer passagem acerca dos relatos de viagem de Saint-Hilaire, busquei entender as características específicas desse gênero literário. Ao longo do século XX esse tipo de narrativa foi encarado como um retrato fidedigno do Brasil, feito pelos viajantes e cronistas estrangeiros. No final do século passado, autoras como Lorelai Kury, Karen Lisboa e Ana Maria Belluzzo, recorreram a fontes deixadas por esses viajantes, e que se encontram em arquivos internacionais, o que permitiu com que elas revisitassem esse material, reformulando as interpretações acerca do Brasil. Os relatos deixados por esses estrangeiros passaram a ser estudados tendo em vista que se tratava de uma visão de mundo eurocêntrica.

Saint-Hilaire escolheu interlocutores para construir a sua “Voyage dans L’intérieur du Brasil”. Mesmo que tenha viajado para cá, entre o período da viagem e o da publicação da primeira parte do diário, em 1830, muitas coisas haviam acontecido. Por isso, recorreu a outras fontes sobre o país. Dessa maneira, na hora de estudarmos um relato de viagem, precisamos saber que esse tipo de escrita pode abarcar as descrições, a partir dos deslocamentos do viajante e de todas as coisas notáveis encontradas por ele, e a consulta de outros relatos.

Nos relatos de viagem percebemos que os viajantes pretendiam ser imparciais. Porém, na tentativa de fazer com que o leitor, que não esteve no lugar, pudesse conhecer com riqueza de detalhes a região descrita, os narradores utilizaram os recursos que eram possíveis na sua época, como a oratória na forma de validação de seus relatos, que muitas vezes acabavam, na falta de recursos mais objetivos, na mescla de eventos históricos, de mitos e os próprios sentimentos do autor. Isso não significa que a utilização desses recursos, faz desse gênero literário uma escrita unicamente subjetiva.

Após analisar as características dos relatos de viagem, busquei compreender o tipo de estudo realizado por outros viajantes que também estiveram no Brasil na época de Saint-Hilaire. Cabe ressaltar, que as viagens de exploração ocorridas nos séculos XVI e XVII, não propiciaram estudos organizado da natureza, com exceção dos trabalhos dos naturalistas neerlandeses. No período das viagens filosóficas, a partir do final do século XVIII, o estudo sobre a natureza passou a ser mais organizado, pois as teorias de história natural e médicas de forma geral, propagavam a ideia de que o conhecimento sistemático acerca dos recursos naturais poderia ser útil sobretudo, à economia e à saúde.

Apesar de alguns dos contemporâneos de Saint-Hilaire, como Spix, Martius, Eschwege e Pohl também realizarem estudos sobre o Brasil, em que separavam diversos assuntos referentes ao país, percebemos que eles deram maior ênfase às investigações ligadas à sua

principal função, seja a botânica, a zoologia, a mineralogia e outras. O estudo do trabalho desses contemporâneos de Saint-Hilaire para essa dissertação, se deu no intuito de enfatizar a especificidade do trabalho do francês em relação a esses escritores. Assim como em Saint-Hilaire, percebemos na explicação desses autores, que para a compreensão da sociedade e da cultura de um povo, os aspectos naturais e culturais deveriam ser estudados de forma conjunta.

Entre as concepções analisadas que me ajudaram a entender o porquê dessa fronteira tênue entre a explicação social e natural nos relatos de viagem, estava o neo-hipocratismo, que embasava as teorias de história natural e médicas dos séculos XVIII e XIX. Esse conjunto de saberes influenciou os estudos dos viajantes, pois na literatura desses estudiosos, percebemos que o conhecimento sobre o local era importante para apreender o que afetava os indivíduos. Se Saint-Hilaire viveu em meio ao revigoreamento das teorias hipocráticas, é compreensível ele ter se baseado nesse ideário, ainda que indiretamente, para o entendimento da sociedade e cultura em Minas e em Goiás.

Percebemos que além de buscar pelo modo de vida de cada sociedade visitada (que incluía seus costumes e a alimentação) e o ambiente físico (entorno), o botânico procurou saber o passado da região que poderia influenciar o presente. Em Saint-Hilaire percebemos o esforço dele explicar inúmeros processos ocorridos no Brasil no período muito anterior a sua viagem.

Em um dos subcapítulos que compõem este trabalho, abordei brevemente a questão racial, que também foi uma variável da história natural utilizada por Saint-Hilaire em suas descrições, ainda que de forma menos estruturante. No período de sua viagem ao Brasil, Saint-Hilaire estava sob o impacto da Ilustração, por isso, dialogava fortemente com os ideais civilizatórios da Europa. Objetivando que sua viagem fosse útil para o progresso do seu país de origem e do país visitado, o francês achava que a sociedade americana deveria ser incorporada à civilização aos moldes eurocêntricos.

Saint-Hilaire acreditou ser possível aos brasileiros serem instruídos com pessoas capacitadas, como as personalidades do mundo europeu, aquelas ligadas ao governo português e ainda as que possuíam ensinamentos cristãos. A distinção feita entre as etnias que observou, revela que a matriz civilizacional brasileira deveria ser europeia, pois para ele, os indígenas, eram imprevidentes e não poderiam contribuir no futuro. Já os escravizados africanos, apesar de considerá-los potentes para os serviços braçais, não apresentavam o desenvolvimento do “espírito”. Por fim, a raça caucasiana ao fundir-se com os ameríndios e africanos perdia seus valores morais. Por tudo isso, ele considerava que quem faria o Brasil rumar à civilização seriam os europeus.

Essa distinção étnica apresentada nos relatos de viagem desse período, pode ter contribuído para os estudiosos que, a partir da metade do Oitocentos, reforçaram a hierarquia racial, ajudando na discriminação e na propagação do racismo, assim como a justificativa para a exploração dessas etnias consideradas por eles inferiores. Uma das diferenças entre Saint-Hilaire e os teóricos que vieram posteriormente, como Agassiz e Gobineau, era que esses últimos não acreditavam que grupos étnicos, considerados inferiores por eles, poderiam civilizar-se, pois tratava-se de seres humanos essencialmente diferentes dos brancos. Já Saint-Hilaire achava que a civilização de indígenas e de negros fosse possível, dentro de alguns limites.

Buscamos compreender, ao longo dos capítulos a relação entre natureza e sociedade nos relatos da viagem que Saint-Hilaire fez sobre Minas e Goiás, a partir de concepções-chave presentes em seus estudos, que serviu para caracterizar Minas como um modelo para as outras províncias. Além disso, buscamos por passagens que destacassem o porquê de Goiás não ter reunido as mesmas condições de civilização da região mineira. Cabe ressaltar, que para algumas localidades em Minas como Vila Rica, atual cidade de Ouro Preto, Saint-Hilaire também construiu uma narrativa negativa.

Durante as passagens que falam sobre a viagem de Goiás, os conceitos de indolência, de ociosidade e de imprevidência apareceram de forma significativa. Para Saint-Hilaire, não só os indígenas, mas a sociedade goiana em geral, era imprevidente, característica que segundo ele, não contribuiu para que Goiás pudesse, no período do ciclo do ouro, utilizar-se dos ganhos da mineração para instruir-se. Além disso, o botânico destacou que o período áureo da mineração foi muito fugaz, e não deu tempo para que buscassem por polidez e instrução a partir desses ganhos, como muitos mineiros fizeram.

Entendo que com essa pesquisa pude encontrar outro argumento, além do que apresentei no projeto dessa pesquisa, de que as influências de teorias de história natural, como o neo-hipocratismo, fizeram com que Saint-Hilaire se valesse do determinismo climático para explicar a diferença entre essas regiões. Contudo, esse trabalho mostrou que, para o viajante, além do clima quente do sertão de Goiás favorecer ao ócio, esse deveu-se ainda à falta de ordenamento por parte do governo provincial, que, buscando apenas seus próprios interesses, não disciplinou e nem instruiu a sociedade em Goiás.

Para Saint-Hilaire era preciso buscar pela história da colonização para entender quais os reflexos que isso poderia ter na sociedade em Goiás naquele momento. Ele acreditava que os portugueses não buscavam unificar os interesses do país como um todo, e sua forma despótica, sem dar qualquer liberdade para que as pessoas desenvolvessem outras atividades econômicas

como a agricultura, por exemplo, era um fator determinante para a decadência da região. Somado a isso, não implementaram outras ações para que os habitantes pudessem contornar a vida econômica após o esgotamento das jazidas.

A falta de instrução em Goiás explicava-se ainda pela distância entre essa região e o litoral. A dificuldade de transporte, o longo trajeto impossibilitava muitas coisas, como o comércio com o centro, a compra de remédios, a circulação do conhecimento, entre outras questões. Com isso, considero que, na visão do botânico, aliada à determinação ambiental, a história da região, a conformação geográfica e a rapidez do ciclo do ouro em Goiás, foram os impedimentos principais para que essa província progredisse.

Para enfatizar o grau de civilização e de instrução dos mineiros, o viajante também utilizou conceitos, sendo que dessa vez, os de hospitalidade, de polidez e de afabilidade. Entretanto, percebi que, ao elencar essas características que agradaram o naturalista, o parâmetro que ele teve foi, sobretudo, a civilização francesa. Quando encontrava pessoas que considerava polidas, a base para saber se essas possuíam instrução, era observar se tipo de idioma, de religião e demais elementos culturais, por exemplo, lembrava os França.

As narrativas construídas por Saint-Hilaire sobre Goiás contribuíram para classificar a região como decadente, porém, a partir, sobretudo da historiografia local, esses relatos vêm sendo relativizados. A bibliografia levantada contribuiu para que eu entendesse um pouco mais sobre a mudança da historiografia da história das ciências ao longo dos últimos anos e que vem permitindo aos historiadores estudar de maneira mais crítica os relatos deixados por viajantes. Destaco que o vasto relato deixado por Saint-Hilaire sobre Minas e Goiás é um corpo documental muito longe de ter seu estudo esgotado. Esses registros ainda continuarão assumindo grande importância para o entendimento dessas localidades durante o Brasil pré-independente.

Entendemos que o discurso desse viajante está baseado em sua visão de mundo eurocêntrica. Mas, antes de ir a Goiás, por exemplo, teve padrões de comparação que provinham do próprio Brasil, tendo em vista que viajou primeiro para Minas Gerais, e essa região aparece constantemente em seu relato de viagem sobre Goiás.

Acerca da experiência com essa pesquisa, destaco o fato das obras de Saint-Hilaire terem sido traduzidas do francês para o português, o que acabou facilitando o estudo desse projeto, embora tenha cotejado em alguns momentos, trechos da versão em francês. A partir dessa pesquisa, entendi o porquê de seus relatos terem sido utilizados na historiografia ao longo dos anos. O rigor de suas narrativas, sua meticulosidade e exatidão descritiva, fazem suas obras

serem estudadas constantemente por historiadores que buscam compreender com profundidade a história do Brasil.

Entre as dificuldades para a realização dessa dissertação, está o período de vinte e quatro meses para a escrita do trabalho, que considero curto, devido aos temas correlatos que surgiram, e que me instigaram a querer buscar por eles, como: outras teorias da história natural, a discussão sobre raça ao longo do Oitocentos, as práticas de cura também desse período, a formação da literatura no Brasil, entre outros. Quando me deparei pela primeira vez com um dos relatos de Saint-Hilaire na graduação, não tinha a dimensão que para o entendimento adequado daquele tipo de escrita específica, deveria ter conhecimento, em algum grau, do contexto de sua produção. Por isso, ao longo da elaboração, outras interrogações surgiram: quem foi o personagem que escreveu; qual foi sua trajetória formativa e profissional e o seu papel social; quais as relações que uniram o agente a outros do mesmo campo. Essas perguntas foram importantes e me ajudaram a entender a relação de Saint-Hilaire com o contexto.

Outro problema por mim enfrentado foi não ter tido inicialmente a sensibilidade de entender que quando produzimos um trabalho, o que possa parecer óbvio para quem escreve, pode não ser ao leitor para quem se escreve. “A principal causa da prosa incompreensível é a dificuldade de imaginar como é, para o outro, não saber alguma coisa que você sabe” (PINKER, 2016, p. 79). Hoje, sei que devemos ser gentis com o leitor, pois “Um livro é um discurso que se dirige ao leitor para quem se publica o livro, a ele e nada mais (Gerbi Prefácio, 1967, p. X). Devo à orientação que tive durante a pesquisa o meu despertar para que meus próximos textos possam ser compreendidos por quem os consumir.

Com os resultados dessa pesquisa, espero contribuir para ampliar os estudos acerca da literatura de viagem, incentivando outros pesquisadores a estudarem de forma cada vez mais crítica. Encorajo ainda, pessoas que se encontram receosas em estudar fontes de época, pois enfatizo que enquanto lançarmos novos olhares a esses textos, eles se abrirão sempre em múltiplas possibilidades de pesquisa.

## Referências

### Fontes

CAIRUS, Henrique F. Ares, águas e lugares; Da doença sagrada. IN CAIRUS, Henrique F.; RIBEIRO JR., Wilson A. *Textos hipocráticos: o doente, o médico e a doença* [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005. História e Saúde collection. 252 p.

MARTIUS, Karl von. *Como se deve escrever a história do Brasil*. Revista de História de América nº 42 (dec. 1956). pp. 433-458. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/20137096>

MÜLLER, Daniel Pedro. *Ensaio d'um quadro estatístico da província de S. Paulo, ordenado pelas leis provinciais de 11 de abril de 1836, e 10 de março de 1837*. São Paulo: Typographia de Costa Silveira, 1838.

POHL, Johann Emanuel. *Viagem no interior do Brasil- primeira parte*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do livro, 1951 [1837].

\_\_\_\_\_. *Viagem no interior do Brasil- segunda parte*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do livro, 1951 [1837].

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelo Distrito dos Diamantes e litoral do Brasil: com um resumo histórico das revoluções do Brasil desde chegada de D. João VI à América à abdicação do Imperador D. Pedro*. Tradução de Leonam de Azeredo Pena. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941.

\_\_\_\_\_. *Resposta às críticas que a boa sociedade faz ao estudo da botânica*. LAMY, Denis; PIGNAL, Marc et al. SARTHOU, Corinne (éd.) Traduction de Jean-Yves et Claudia Gonçalvez. p. 506-537. Disponível em <https://books.openedition.org/mnhn/3246>

\_\_\_\_\_. *Viagem às nascentes do Rio São Francisco e pela província de Goiás*. Tomo primeiro. Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1944.

\_\_\_\_\_. *Viagem às nascentes do Rio S. Francisco e pela província de Goiás*. Tomo segundo. Companhia Editora Nacional: São Paulo: 1937.

\_\_\_\_\_. *Viagem pelas províncias de Rio de Janeiro e Minas Gerais*. v. 1. Tradução de Clado Ribeiro de Lessa. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.

\_\_\_\_\_. *Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. – 2. Ed.- Belo Horizonte- MG: Itatiaia, 2019. 380 p.

\_\_\_\_\_. *Segunda viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo*, 1822, Ed. Itatiaia, Belo Horizonte, 2011.

\_\_\_\_\_. Viagem ao Rio Grande do Sul. Brasília : Senado Federal, Conselho Editorial:2002, 575 p. -[Viagem ao Rio Grande do Sul \(senado.leg.br\)](http://senado.leg.br)

\_\_\_\_\_. *Voyage dans les provinces de Rio de Janeiro*. PARIS. GRIMBERT ET DOREZ, LIBRAIRES, 1830. Disponível em [Portal da Câmara dos Deputados \(camara.leg.br\)](http://camara.leg.br)

SPIX, Johann von; MARTIUS, Carl von. *Viagem pelo Brasil (1814-1820)*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2017.

## **Bibliografia**

ARNOLD, David. *La naturaleza como problema histórico: El médio, la cultura y la expansión de Europa*?. Fondo de cultura econômica, México. 2000.

AZEVEDO, Fernando de. (org.). *As Ciências no Brasil*. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994. v.1.(prefácio e introdução).

\_\_\_\_\_. (org.). *As Ciências no Brasil*. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994. v.2.(capítulo IX, X, XI e XIV).

BARBO, Lenora de Castro (organizadora). *Uma viagem pelo sertão: 200 anos de Saint-Hilaire em Goiás*. Jundiaí-SP: Paco Editorial, 2021.



BASALLA, George. *The spread of western science*. Science, v.156, n.3775, p.611-622. 5 May 1967.

BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. A propósito D'O Brasil dos viajantes. In: *O Brasil dos viajantes*. Revista USP, São Paulo (30): 8-19, junho-agosto 1996.

BOAVENTURA, Deusa Maria Rodrigues. *Urbanização em Goiás no século XVIII*. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em arquitetura e urbanismo da FAU-USP. 2007.

CASTAÑEDA, L.A: 'A natural history and eighteenth-century ideas regarding generation and heredity: Buffon and Bonnet'. História, Ciências, Saúde- Manguinhos, II (2), 33-50 jul.-Oct.1995.

CHAPPEY, Jean-Luc «*Questões sociais e políticas da “ciência popular” durante a Revolução (1780-1810)*», Annales historique de la Révolution française [Online], 338 | Outubro-dezembro de 2004, postado em 20 de fevereiro de 2006.

CHAUL, Nasr. *Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade*. Goiânia: Editora UFG, 2010, pp. 44/4.

CORRÊA, Margarida Maria da Silva. *A construção do olhar Europeu sobre o Novo Mundo ao (Re) descobrimento do reino tropical*. Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em História das Sociedades Agrárias. Goiânia, 1997.

DAMASCENO FONSECA, Claudia. Viagens pelo interior do Brasil. Observações históricas e geográficas de Auguste de Saint-Hilaire IN *Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853): Um botaniste français au Brésil [em ligne]*. Paris: publications scientifiques du Muséum, 2016 (généré le 23 septembre 2021). p. 238-269.

\_\_\_\_\_. *As viagens de Saint-Hilaire*. Disponível em <https://heritage.bnf.fr/france-brasil/pt-br/viagens-auguste-st-hilaire-artigo>

DAMASCENO FONSECA, Claudia; MELLO e SOUZA, Laura de; RIAUDEL, Michel; ROMANO, Antonella. De la présence Brésilienne dans la construction européenne du monde. IN *Le moment 1816 des sciences et des arts*. SUP, 2012.

DANTES, Maria Amélia M. *Fases da implantação da ciência no Brasil*. Quipu-Revista Latinoamericana de Historia de las ciencias y de la tecnología, v.5, n.2, p. 266-275, 1988.

DASTON, Loraine. *Historicidade e objetividade*. [Organização; Tiago Santos Almeida, tradução Derley Menezes Alves; Francine Iegelski], São Paulo: Liber Ars, 2017.

DE MACEDO MARTINS, Fátima. *Saint-Hilaire em Goiás: Ciência e Missão Civilizatória*. Brasília, 2017. 230 p. (Capítulo 4- A Viagem de Saint-Hilaire a Goiás: uma missão civilizatória ao sertão).

DIAS, Maria Odila da Silva. *O fardo do homem branco: Southey, historiador do Brasil*. Brasileira, Companhia Editora nacional: São Paulo, 1974. (Introdução, capítulos I, II, III, XI, XII).

\_\_\_\_\_. *Aspectos da ilustração no Brasil*. Revista do IHGB, Rio de Janeiro, n.278, 1969.

FERREIRA, Luiz Otávio. *O ethos positivista e a institucionalização da ciência no Brasil no início do século XIX*. Fênix. Revista de História e Estudos Culturais, v. 04, ano IV, n. 3, p. 1-10, jul-set 2007.

FETZ, Marcelo. *Dar: Encyclopédie, romanticism, and the construction of science*. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.24, n.3, jul.-set. 2017, p.645-663.

FREITAS, R. C. ; NOGUEIRA, A. L. L. . *A saúde como campo de batalha: doenças e artes de curar no Brasil, 1750-1822*. Ciência & Saúde Coletiva , 2022.

GAVROGLU, Kostas. O que é história das ciências? IN *O passado das ciências como História*. Editora Porto Editora, Portugal: 2004.

GERBI, Antonello. *La disputa del nuevo mundo*. Historia de uma polémica 1750-1900. Fondo de Cultura Económica. México. 1960. 681 p. (Prefácio, I, II, III, VII)

GOLINSKI, *British Weather and the Climate Enlightenment*. The University of Chicago Press, Ltd., London, 2007. (capítulo V e VI).

GOMES, Rafael Augusto. *Humanidade, filantropia e civilização indígena em Auguste de Saint-Hilaire*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de São João Del –Rei, PGHIS, 2018.

GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. *Nação e Civilização nos Trópicos: O IHGB e Projeto de uma História Nacional*. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, n. 1, 1998. pp. 5-27.

HARDMAN, Francisco Foot; KURY, Lorelai. *Nos confins da civilização: Algumas histórias de Hercule Florence*, História, Ciências, Saúde- Manguinhos. Rio de Janeiro, v.11, n.2, p.385-409, maio-ago. 2004.

HEIZER, Alda; AUGUSTO, Antonio; VIDEIRA, Passos. *Ciência, Civilização e Império nos Trópicos*. Access editora, 2001.

HERTER, Wilhelm. *Auf den Superen der Natuforscher Sellow und Saint-Hilaire*. Botanische Jahrbücher für Systematik, Leipzig, v.74, p.119-149, 1945. Disponível em [Saint-Hilaire - Herbário Virtual \(cria.org.br\)](http://www.cria.org.br)

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_. *Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. 2000[1958]. São Paulo: Brasiliense.

\_\_\_\_\_. (organizador). *O Brasil Monárquico*, tomo II: o processo de emancipação. BARRETO, Célia de Barros [et al.]. História Geral da Civilização Brasileira- 9ª ed.-Rio de Janeiro: Bertrand Brasil Ltda, 2003.478p.:il

JORDANOVA, Ludmilla. Earth science and environmental medicine: the synthesis of the late Enlightenment. *Images of the earth: essays in the history of the environmental sciences*. JORDANOVA, Ludmilla; PORTER, Roy (edited). BRITISH SOCIETY FOR THE HISTORY OF SCIENCE. 1995.

JUNGHANS, Maria Elvira. *Ordenar o mundo e sondar a natureza*”: O projeto humboldtiano de Friedrich Sellow (1789-1831). Tese de doutorado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz, 2017.

JUNQUEIRA, Mary Anne. Elementos para uma discussão metodológica dos relatos de viagem como fonte para o historiador. In: JUNQUEIRA, Mary Anne; FRANCO, Stella Maris Scatena (org.). *Cadernos de seminários de pesquisa*. V. 2. São Paulo: Humanitas, 2011, p.44-61.

KURY, Lorelai Brilhante. *O império dos Miasmas*. A Academia Imperial de medicina (1830-1850). Dissertação de Mestrado. Universidade Federal Fluminense, 1990.

\_\_\_\_\_. *Viajantes naturalistas no Brasil oitocentistas: experiência, relato e imagem*. In História, Ciências e Saúde- Manguinhos- Rio de Janeiro. 8 (sup.), p. 863-880, 2001.

\_\_\_\_\_. *Auguste de Saint-Hilaire, viajante exemplar*. p.1-11. 2003. Disponível em <http://www.arca.fiocruz.br>.

\_\_\_\_\_. *Homens de ciência no Brasil: impérios coloniais e circulação de informações (1780-1810)*. História, Ciências, saúde- Manguinhos, v. 11, supl. 1, p. 109-129, 2004.

\_\_\_\_\_. O naturalista Veloso. Rev. Hist (São Paulo), nº.172, p.243-277, jan.jun, 2015. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.rh.2015.98752>

\_\_\_\_\_. *No calor da pátria*. Revista USP, São Paulo, n. 72, p. 80-89, dez. / fev. 2006-2007. Disponível em [https:// www.arca.fiocruz.br/handle/iciict/25487](https://www.arca.fiocruz.br/handle/iciict/25487).

\_\_\_\_\_(org.). *Iluminismo e império no Brasil: O Patriota (1813-1814)*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2007. 200 p. (Coleção História e Saúde).

\_\_\_\_\_. *A ciência útil em O Patriota* (Rio de Janeiro, 1813-1814). *Revista Brasileira da Ciência*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 115-124.2011.

\_\_\_\_\_. Rio de Janeiro Joanino: entre o mar e o mangue. IN: KURY, Lorelai; Gesteira, Heloisa (orgs.). *Ensaio de Histórias das Ciências no Brasil*. Das Luzes à nação independente. EDUERJ, 2012a. p. 85-111.

KURY, Lorelai. SÁ, Magali Romero. As caatingas o império do Brasil. IN: KURY, Lorelai *et al.* *Sertões adentro: viagens nas caatingas séculos XVI a XIX*. Rio de Janeiro: Andrea Jakobson, p. 258-301, 2012 b.

KURY, Lorelai. As mil vozes da natureza. In: KURY, Lorelai (org.). *Representações da fauna no Brasil: séculos XVI-XX*. Rio de Janeiro, A. Jakobsson, 2014. CANALES, Jimena. “Recording Devices”, in: LIGHTMAN, Bernard (ed.). *A Companion to the History of Science*. John Wiley & Sons Incorporated, 2016, p. 500-514

\_\_\_\_\_. Saint-Hilaire: viagem e botânica filosófica. In: GESTEIRA, Heloisa; CAROLINO, Luiz Miguel; MARINHO, Pedro (orgs.). *Formas do Império*, Ciência, tecnologia e política em Portugal e no Brasil. Séculos XVI ao XIX. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2014b.

\_\_\_\_\_. *Botany in war and peace: France and the circulation of plants in Brazil (late eighteenth and early nineteenth century)*. *Portuguese Journal of Social Science*, v. 16, n. 1, p. 7-19, 2017.

\_\_\_\_\_. Traços biográficos. IN BARBO, Lenora de Castro (organizadora). *Uma viagem pelo sertão: 200 anos de Saint-Hilaire em Goiás*. Jundiaí-SP: Paco Editorial, 2021.

\_\_\_\_\_. Auguste de Saint-Hilaire: La Botanique et L’ expérience du Voyage. 2022. IN *Le moment 1816 des sciences et des arts*. SUP, 2012.

LAMIM-GUEDES, Valdir; COSTA JÚNIOR, José. *As Vilas de Minas na visão dos viajantes naturalistas: interfaces entre história, biologia e educação ambiental*. *Ambiente & Educação/ Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Universidade Federal do Rio Grande*.- Vol. 18, n. 1(Jan/Jun.2013)- Rio Grande, v.;22cm.

LATOURE, Bruno. *Reagregando o social*. Uma Introdução à teoria do ator-rede. Salvador, Bauru: Edufba, edusc, 2012 (Introdução: Como retomar a tarefa de descobrir associações- p. 17-38.

LEÃO, Andréa Borges. *Vamos ao Brasil com Jules Verne?* Processos editoriais e civilização nas Voyages Extraordinaires. Revista Sociedade e Estado- Volume 27, número 9- Setembro/Dezembro 2012.

LISBOA, Karen Macknow. *A nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na Viagem pelo Brasil (1817-1820)*. Editora HUCITEC: São Paulo, 1997.

MARC DROUIN, Jean- Aspecto de uma notoriedade. In Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853) um botaniste francês au Brésil. IN *Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853): Um botaniste francês au Brésil* [em ligne]. Paris: publications scientifiques du Muséum, 2016 (généré le 23 septembre 2021)

MARQUESE, Rafael de Bivar. *A Ilustração luso-brasileira e a circulação dos saberes escravistas caribenhos: a montagem da cafeicultura brasileira em perspectiva comparada*. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.16, n.4, out.-dez.2009, p.855-880.

MARTINS, Fátima de Macedo. *Saint-Hilaire em Goiás: Ciência e Missão Civilizatória*. Brasília, 2017. 252 f., tese de doutorado em Arquitetura e Urbanismo - Universidade de Brasília.

MELLO LEITÃO, Cândido de. *História das expedições científicas no Brasil*. Companhia Editora nacional. São Paulo, 1941.

MENEZES, Marcos Antonio de; OLIVEIRA, Rodrigo Martins. Narrativas de Saint-Hilaire sobre as cidades de Goyaz no século XIX. IN BARBO, Lenora de Castro (organizadora). *Uma viagem pelo sertão: 200 anos de Saint-Hilaire em Goiás*. Jundiaí-SP: Paco Editorial, 2021.

NOGUEIRA, André. *Universos coloniais e 'enfermidades dos negros' pelos cirurgiões régios Dazille e Vieira de Carvalho*. História, Ciências, Saúde- Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 19, supl., dez. 2012, p. 179-196.

PAIVA, Melquíades Pinto. *Os naturalistas do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro: II Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853)*. Revista IHGB, Rio de Janeiro, a. 17394550: 227-242, abr/jun. 2012.

PINTO, Olivério Mário de. *Súmula histórica e sistemática da ornitologia de Minas Gerais*. Arq. Zool. Est. S. Paulo, volume VIII (1), Melhoramentos, 1952.

PINKER, Steven. A maldição do conhecimento. IN *Guia de escrita: como conceber um texto com clareza, precisão e elegância*. Tradução de Rodolfo Ilari. São Paulo: Editora Contexto. 2016. 252 p. (79-101)

POLANYI, Karl. *A grande transformação*. As origens da nossa época. 2. ed.- Rio de Janeiro: Campus, 2000 [1944].p. 134.

RAJ, Kapil. *Thinking Without the Scientific Revolution: Global Interactions and the Construction of Knowledge*, Journal of Early Modern History, v. 21, 2017, p. 445-458.

RIAUDEL, Michel. Ferdinand Denis et le Brésil: le partage des savoirs IN *Le moment 1816 des sciences et des arts*. SUP, 2012.

ROSENBERG, Charles. Tyranny of Diagnosis: Specific Enties and Individual Experience In: ROSENBERG, Charles. *Our Present Complaint: American Medicine, then and now*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2007.

ROSENTHAL, Frederico de Oliveira. *Um olhar sobre o Sertão Brasileiro: Johann Emanuel Pohl, a sua descrição da capitania de Goiás e a sua construção do imaginário*. Dissertação de Mestrado. PUC, Goiânia, 2010.

ROUANET, Maria Helena. *Eternamente em berço esplêndido: A Fundação de uma Literatura Nacional*. Editora Siciliano, 1991.

SÁ, Magali Romero. Coleções zoológicas brasileiras em museus de história natural europeus e norte-americanos. In: KURY, Lorelai (org.). *Representações da fauna no Brasil: séculos XVI-XX*. Rio de Janeiro, A. Jakobsson, 2014. CANALES, Jimena. “Recording Devices”, in: LIGHTMAN, Bernard (ed.). *A Companion to the History of Science*. John Wiley & Sons Incorporated, 2016, p.160

SANTOS JR., Amador dos (Org.). *Minas Gerais e Orleans: olhares no Caminho Saint-Hilaire*. Belo Horizonte: Ramallete, 2021. 215 p.: il, p&b. color.

SANTOS, Laura Carvalho dos. *Antônio Moniz de Souza, o ‘Homem da Natureza Brasileira’*: ciência e plantas medicinais no início do século XIX. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.15, n.4, out.-dez. 2008, p.1025-1038.

SANTOS, Rodrigo Martins dos Santos. Indígenas de Goiás na visão de Saint-Hilaire. IN BARBO, Lenora de Castro (organizadora). *Uma viagem pelo sertão: 200 anos de Saint-Hilaire em Goiás*. Jundiaí-SP: Paco Editorial, 2021.

SARTHOU, Corinne; PIGNAL, Sergio Romaniuc-Neto & LARRY, Denis. Auguste de Saint-Hilaire, o botânico através de sua correspondência. IN : *Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853): Um botaniste français au Brésil [em ligne]*. Paris: publications scientifiques du Muséum, 2016 (généré le 23 septembre 2021).

SEYFERTH, Giralda. *A invenção da raça e o poder discricionário dos estereótipos*. Anuário antropológico/93 Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1995.

SOUSA, Ricardo Alexandre Santos de. *Agassiz e Gobineau: As ciências contra o Brasil mestiço*. 2008. 163 f. Dissertação (mestrado em História das Ciências e da Saúde)- Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2008.

SILVA, Simone S. de Almeida; FACCHINETTI, Cristiana; KURY, Lorelai Brilhante. *Os êxtases da irmã Germana: diferentes interpretações em torno das doenças nervosas no Brasil*. *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.*, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 329-345, junho 2011.



SILVA, Rogério Chaves da Revista Expedições, Morrinhos/GO, v. 11, Fluxo Contínuo, jan./dez. 2020 – ISSN 2179-6386. p. 1-22.

STEPAN, Nancy. *Gênese e evolução da ciência brasileira: Oswaldo Cruz e a política de investigação científica e médica*. Rio de Janeiro: Arte Nova, 1976. (introdução p. 15-24; capítulo 6 p. 101-125).

SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. (“A ciência na viagem”- tópico 3 do capítulo 1; “História, região”- tópico 2 do capítulo 3).

\_\_\_\_\_. Palavras loucas, orelhas moucas: Os relatos de viagem dos românticos brasileiros. In: *O Brasil dos viajantes*. Revista USP n. 30. 94-107, junho-agosto, 1996.

WEHLING, Arno. *Estado, História, memória*. Varnhagen e a construção da identidade nacional (155-193), Rio de Janeiro: nova Fronteira, 1999.

#### **Sites consultados:**

Herbário Virtual A. de Saint-Hilaire- [hvsh.cria.org.br](http://hvsh.cria.org.br)

Biblioteca Brasileira- <https://www.digital.bbm.usp.br>

Biblioteca Nacional- [www.bn.gov.br](http://www.bn.gov.br);

<http://memoria.bn.br/>

Banco de teses e dissertações Capes - <https://catalogodeteses.capes.gov.br>

Site Scielo – <https://www.scielo.br>

Biblioteca do Senado Federal – <https://www2.senado.leg.br>

Biblioteca de obras raras da UFRJ- <https://bdor.sibi.ufrj.br>

**Anexo 1- Agradecimento de St. Hilaire pelo Diploma de Membro Honorário da Sociedade das Ciências Médicas do Rio de Janeiro.**

(Semanário de Saúde Pública, Rio de Janeiro, ano de 1832, n.98, p.326, 21 de abril de 1832).

326

## SEMANARIO DE SAUDE PUBLICA.

These sustentada em Paris, sobre o uso do fructo do *Anacardium occidentale* ou castanha de caju. Forão recebidos com agrado.

O Sr. Jobim como Membro da Commissão de Salubridade Geral, expoz á Sociedade que tendo examinado a requisição do Sr. Dr. Gausard á Camara Municipal para abrir huma Casa de Saude na rua da Lapa do Desterro, e os documentos annexos, não achava inconveniente algum em a Camara acceder ao pedido, tanto pelo que respeita a hygiene publica, como a authenticidade dos documentos. Este parecer foi approvedo.

*Sr. Presidente.*

Recebi com a carta que me fizestes a honra de me escrever, o Diploma de Membro Honorario da Sociedade das Sciencias Medicas do Rio de Janeiro. Se eu tivesse sabido como poder-vos enviar minha resposta, não teria certamente tardado tão longo tempo para fazer chegar á Sociedade a expressão do meu vivo reconhecimento. Huma occasião segura em que se offerece, e d'ella me apresso a aproveitar-me para vos pedir que sejais meu interprete para com os vossos sabios Collegas. He huma feliz lembrança a de ter formado huma Sociedade scientifica no seio de hum paiz onde hum campo mui vasto se offerece ás indagações dos observadores; e tenho applaudido a ella com a dose satisfação que sempre experimentarei, vendo fazer alguma coisa util em hum paiz que a sympathia, e o reconhecimento me fazem amar quasi igualmente como o em que nasci.

Apenas de volta á Europa eu já tinha prevenido d'ante-mão as intenções da Sociedade diligenciando de lançar no meu livro das Plantas usuaes do Brasileiro os primeiros fundamentos de huma materia Medica dos vegetaes do Brasil. Sou muito affeiçãoado a esta obra porque a julgo util, e senti mais do que o posso dizer, que a minha má saude me tenha obrigado a interrompela. Achando-me agora muito melhor espero pôr novamente mão a esta obra na proxima primavera, se o critico estado do commercio dos livros a isto não se oppozer, e se alguns encorajamentos me permittirem de não fazer sacrificios demasiadamente consideraveis. Dar-me hei por feliz de pôder com isso pagar aos Brasileiros hum pequeno tributo da minha gratidão.

Os Membros da Sociedade Medica derão, unindo-se, hum bello exemplo, e eu espero para o bem do Brasil que será seguido por aquelles que se occupão de alguns outros ramos dos conhecimentos humanos. Desde muito tempo, por exemplo, eu faço ardentes votos para que se forme no Brasil huma Sociedade de Agricultura, d'esta arte que infelizmente he tão descuidada pelos

Brasileiros do interior, e que poderia ser para elles a fonte de infinitas riquezas. Se, como eu o desejo ardentemente, outras Sociedades se formarem no Brasil sobre o modelo da de Medecina, será esta que terá tido a gloria de ser a primeira.

Dar-me-hei sempre por feliz em concorrer para seus uteis trabalhos, e se ella precisa de alguém que concorra para espalliar na Europa o resultado de seus trabalhos, se precisa de alguém em Paris para a ajudar nas suas indagações, espero que se dignará fazer-me a honra de não se dirigir a outrem se não a mim. Certificando-lhe meu reconhecimento, dignai-vos aceitar a certeza dos sentimentos distinctos com que tenho a honra de ser; Sr. e querido Collega, muito humilde, e muito obediente criado. — *Augusto de St. Hilaire.*

Paris 5 de Dezembro de 1831.

*Ill.ª Sr. Presidente.*

No momento em que a epidemia Cholera-Morbus tem feito grandes estragos em algumas partes da Europa, eu julgo fazer hum pequeno serviço ao meu paiz, transmittindo á Sociedade de Medecina d'elle o Relatorio lido na Academia Real de Medecina d'esta Capital acerca de tal epidemia, assim como as duas obras escriptas por A. Briere de Boismont, e pela Ambaixada Francesa na Russia, que aqui tem merecido todo o conceito; rogo pois a V. S. queira dignar-se de fazer presente á dita Sociedade este meu fraco offerecimento, e dispor de quem he. — *Ill.ª Sr. Presidente da Sociedade de Medecina do Rio de Janeiro. — De V. Patrio e criado. — José Joaquim da Rocha.*

Paris 9 de Dezembro de 1831.

*Ill.ª Sr. Presidente.*

Julgando que interessará á Sociedade de Medecina hum novo Jornal aqui publicado que tem por objecto a saude publica, eu me abonei com o fim de offerecer a essa Sociedade, e n'esta occasião lhe envio os 3 primeiros numeros até agora dados á luz, e continuarei a remetter os que se forem publicando; e eu me lisongeari muito de que esta minha pequena mas filha do meu zelo, por tudo o que interessa á minha Patria possa servir de qualquer auxilio aos patrióticos esforços da dita Sociedade, todos tendentes ao bem da mesma. Deos Guarde a V. S. Paris 30 de Dezembro de 1831. — *Ill.ª Sr. Presidente da Sociedade de Medecina do Rio de Janeiro. — José Joaquim da Rocha.*